

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

A Arte do Português e o Português como Arte

A heterogeneidade e a transversalidade

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Março de 2014

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

A Arte do Português e o Português como Arte

A heterogeneidade e a transversalidade

Orientadora: Professora Doutora Luísa Araújo

Coorientadora: Mestre Joana Cortes Figueira

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Março de 2014

Agradecimentos

A todos aqueles, que sabem quem são, e que me ajudaram a construir e a ilustrar mais um pedaço da minha história.

Um muito especial e um muito obrigada à minha Mãe, que me incentivou a nunca desistir e que sempre me apoiou.

Ao meu filho, que tanto amo, que apesar de não me ter sempre presente física e emocionalmente, demonstrou uma paciência, uma dedicação, um apoio e um orgulho sem limites.

A mim, por nunca ter desistido de um dos meus sonhos.

Resumo

Muito se debate sobre a existência de grupos heterogêneos em contexto de sala de aula. Estes grupos, heterogêneos respetivamente às faixas etárias, e consequentemente não só, são um desafio tanto para os Educadores do Pré-Escolar como para os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Cabe aos docentes gerir e aproveitar os saberes e características das diferentes idades no contexto e levar as crianças a uma maior motivação, a um maior envolvimento em sala de aula, tornando o grupo homogêneo ao nível das motivações para a própria aprendizagem.

A linguagem oral e a escrita, como meios supremos de comunicação e de expressão que transversalizam idades, consideram-se promotoras dessa motivação que promove aprendizagens e um vínculo aos saberes e competências deles decorrentes.

Neste sentido, o presente relatório relata e reflete as experiências nos contextos de Educação Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico, evidenciando-se aspetos considerados fulcrais em cada nível de ensino e outros considerados transversais aos dois contextos. Assim, são focadas especificidades como transversalidade, continuidade educativa, intencionalidade, interdisciplinaridade, ambientação das salas e motivação.

Para a construção deste Relatório Final foi imperativa a consulta de teoria que sustentou as opções tomadas durante todo o percurso de estágio nos dois contextos, assim como a construção de variadíssimos instrumentos de observação e de avaliação que permitiram uma maior perceção e apropriação da realidade dos contextos numa perspetiva global, permitindo várias reflexões sobre a prática construída.

Palavras-chave: Heterogeneidade; Intencionalidade Educativa; Transversalidade; Motivação; Português; Continuidade Educativa; Ambientação das salas.

Abstract

Much has been debated about the existence of heterogenous groups in classroom context. In these groups, heterogenous respectfully to the age, and therefore not only, are challenging both to the Preschool teachers, as well for 1st cycle of Basic Education teachers. It is up to the teachers to manage and leverage the knowledge and characteristics of different ages in the context and take the children to a higher motivation, a greater involvement in the classroom, making the group homogeneous in terms of the motivation to their own learning.

The spoken and written language, as supreme means of communication and expression that cross ages, are considered promoters of that motivation that leads to learning and a link to the knowledge and skills resulting therefrom.

In this way, this report describes and reflects the experiences in the context of Preschool and 1st cycle of basic education, evidencing key aspects considered in each grade level and others considered transversal to both levels. This way, specificities as transversality, educational continuity, intentionality, interdisciplinarity, room environment and motivation.

To elaborate this Final Report was imperative to consult theory resulted from the options taken thorough the internship course on both contexts, as well as the construction of numerous different instruments of observation and evaluation that allowed a greater perception and appropriation of the reality of context in a global perspective, allowing several reflections about the constructed practice.

Key-words: Heterogeneity; Educational Intencionality; Transvesatility; Motivation; Portuguese; Educational Continuity; Room environment.

Índice

Índice de anexos	IX
Lista de abreviaturas/siglas.....	XI
Introdução	1
1 – Contextualização (Valência Pré-escolar e 1.º Ciclo).....	3
1.1. Caracterização do Meio envolvente e ligação à prática	3
1.2. Caracterização da Instituição.....	4
2 - Contextualização da intervenção em valência Pré-escolar	8
2.1.Caracterização da sala - Estrutura e Dinâmica	8
2.2.Caracterização do Grupo	11
2.2.1. Período de observação	11
2.2.2. Caracterização individual	12
2.2.3. Caracterização do grupo após período de observação.....	13
2.3.Perspetivas educacionais	14
2.4.Intervenção	17
2.4.1.Problemática	17
2.4.1.1. <i>Análise e formulação do problema</i>	17
2.4.1.2. <i>Definição de prioridades e motivações</i>	18
2.4.1.3. <i>Temática</i>	20
2.4.1.4. <i>Enquadramento Teórico</i>	21
2.4.2.Prática desenvolvida	22
2.4.3. Atividades mais significativas em contexto de estágio	26
2.4.4. Avaliação Final do Grupo	32
2.4.4.1. <i>Fundamentação Teórica das Avaliações</i>	32
2.4.4.2. <i>Fundamentação Teórica das Avaliações para Encarregados de Educação</i>	34
2.4.4.3. <i>Fundamentação Teórica das Avaliações para Técnicos</i>	34
2.4.4.4. <i>Fundamentação Teórica das Avaliações para Professor do 1.º ano do 1.ºCiclo do Ensino Básico</i>	35

2.4.4.5. Caracterização/avaliação final do grupo	36
2.5. Reflexão crítica.....	38
3. Contextualização da Intervenção em valência de 1.º Ciclo.....	45
3.1. Caracterização da sala - Estrutura e Dinâmica	45
3.2. Caracterização do Grupo	47
3.2.1. Período de Observação	47
3.2.2. Caracterização Individual	48
3.2.3. Caracterização do Grupo após Período de Observação.....	49
3.3. Perspetivas Educacionais.....	50
3.4. Intervenção	52
3.4.1. Problemática/Área de intervenção	52
3.4.1.1. <i>Análise e Formulação do Problema</i>	52
3.4.1.2. Definição de prioridades e motivações	53
3.4.1.3. <i>Temática</i>	56
3.4.1.4. <i>Enquadramento Teórico</i>	56
3.4.2. Prática desenvolvida	59
3.4.3. Atividades mais significativas em contexto de estágio	60
3.4.4. Avaliação Final do Grupo.....	65
3.4.4.1. <i>Fundamentação Teórica das Avaliações</i>	65
3.4.4.2. <i>Fundamentação Teórica das Avaliações para Encarregados de Educação</i>	67
3.4.4.3. <i>Fundamentação Teórica das Avaliações para Técnicos</i>	68
3.4.4.4. <i>Caracterização/Final do Grupo</i>	68
3.5. Reflexão Crítica.....	71
Considerações Finais	77
Referências Bibliográficas.....	83
Anexos.....	86

Índice de anexos

Anexo I – Horário da Sala do Pré-Escolar	87
Anexo II – Planta da Sala do Pré-Escolar.....	87
Anexo III – Dia de Observação (Relatório Diário + Observação Naturalista).....	88
Anexo IV – Características dos parâmetros de referência da avaliação segundo o Programa SAC.....	90
Anexo V – Exemplo de Ficha de Avaliação/Caracterização Individual da Criança	91
Anexo VI – Exemplos de instrumentos de registo/avaliação	92
Anexo VII – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP25 e IP25A de 12 de março de 2013	94
Anexo VIII – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP26 e IP26A de 13 de março de 2013	99
Anexo IX – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP27 e IP27A de 19 de março de 2013	105
Anexo X – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP41 e IP41A de 21 de maio de 2013	109
Anexo XI – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP42 e IP42A de 22 de maio de 2013	114
Anexo XII – Exemplo de um Relatório Individual das crianças para Encarregados de Educação.....	118
Anexo XIII – Exemplo de uma carta destinada a Técnicos especializados (Terapeuta da Fala) por forma a ser realizado um diagnóstico	121
Anexo XIV – Exemplo de uma carta destinada ao Professor do 1.º Ciclo que deverá acompanhar o portefólio/processo da criança na transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico	122
XV – Horário das turmas do 1.º e 2.º anos de escolaridade	123
XVI – Dia de Observação (Relatório Diário + Observação Naturalista)	124
XVII – Exemplo de Ficha de Caracterização Individual.....	125
XVIII – Exemplos de instrumentos de registo/avaliação	126

Anexo XIX – Planificação/Anexos 11 e 11A de 27 de novembro de 2013	128
Anexo XX – Planificação/Anexos 21 e 21A de 6 de janeiro de 2014.....	133
Anexo XXI – Planificação/Anexos 28A de 16 de janeiro de 2014.....	140
Anexo XXII – Exemplo de um Relatório de Avaliação Individual da Criança para Encarregados de Educação	142
Anexo XXIII – Exemplo de uma carta destinada a Técnicos Especializados por forma a ser realizado um diagnóstico	144

Lista de abreviaturas/siglas

ISEC – Instituto Superior de Educação e Ciências

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PAA – Plano Anual de Atividades

PAT – Plano Anual de Turma

PCA – Plano Curricular Anual

PCE – Projeto Curricular de Escola

PCT – Projeto Curricular de Turma

PEI – Plano de Ensino Individualizado

SAC – Sistema de Acompanhamento de Crianças

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

O Relatório Final apresentado tem por título “A Arte do Português e o Português como Arte: a heterogeneidade e a transversalidade” e insere-se no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada do 3.º semestre do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC). O título apresentado para este relatório levanta a base construtiva implementada nos estágios nas duas valências e a intencionalidade de todo um trabalho realizado numa perspetiva de pesquisa, ação e reflexão, durante o que consideramos ter sido um processo de aprendizagem e um tempo de instrução. Assim, no decorrer do Relatório Final podemos verificar a pertinência das intervenções nestes dois contextos, primeiramente com um caráter de observação e, num segundo momento, num caráter de intervenção. Dentro de cada valência, vemos consagrada toda uma contextualização da prática profissional, assim como reflexões sobre a mesma.

Os estágios respetivos decorreram na mesma instituição, Externato “O Nial”, que alberga as duas valências, nos anos letivos 2012/2013 e 2013/2014. O estágio em Pré-Escolar foi realizado com um grupo de 4/5 anos e o que teve ocorrência no 1.º Ciclo, com uma turma heterogénea de 1.º e 2.º anos de escolaridade.

Ao longo deste percurso, decorrente em dois anos letivos, foram construídos dois Portfólios, um para cada valência, resultantes da prática educativa e que para a mesma contribuíram, tendo-se os mesmos revelado reflexivos relativamente ao ensino-aprendizagem. Assim, e através destes Portfólios, foi possível a realização deste Relatório Final que representa todo um percurso num determinado tempo e que se apresenta estruturado em quatro partes, referindo-se a primeira à Caracterização do Meio envolvente e respetiva ligação à prática e à Caracterização da Instituição onde se realizaram os estágios nas duas valências. Na segunda parte apresenta-se a Contextualização da Intervenção em Educação Pré-Escolar e na terceira parte a Contextualização da Intervenção no 1.º Ciclo do Ensino Básico. A segunda e a terceira parte dividem-se em subpontos, nomeadamente abordando temas como Caracterização das Salas, dos Grupos e das Crianças, Perspetivas Educacionais da Estagiária, Áreas de Intervenção/Problemáticas, Práticas Desenvolvidas e Atividades mais Significativas, Avaliações Finais dos Grupos e respetivas Avaliações para Encarregados de Educação e para Técnicos e Reflexões Críticas (finais) dos estágios nas duas valências.

Com as Perspetivas Educacionais damos a conhecer as intenções da Estagiária para com os grupos em concreto e, numa perspetiva de futura profissional de educação, as convicções da mesma.

Através das Problemáticas, revelando estas as áreas de intervenção prioritárias, abordámos os interesses e fragilidades das crianças e dos grupos, definimos prioridades e motivações, as temáticas e os enquadramentos teóricos de suporte ao problema detetado assim como as metodologias aplicadas, sendo a Metodologia de Projeto a considerada de eleição, nomeadamente pelo significado que a mesma tem quando aplicada no contexto educativo.

Pelos subpontos referentes às Práticas Desenvolvidas, revelamos como decorreram as mesmas nas duas valências e apresentamos, seguidamente, algumas das atividades que, perante o tema do Relatório Final, se tornaram mais significativas em ambos os contextos de estágio.

No subponto dedicado às Avaliações apresentamos, antes das mesmas, as respetivas fundamentações teóricas que suportam a intencionalidade e os instrumentos que foram utilizados para a realização destas. Assim, exibimos, reportando para anexo, as avaliações para Encarregados de Educação e outras direcionadas para Técnicos, assim como, para o contexto Pré-Escolar, a que foi elaborada com vista a acompanhar o processo da criança numa articulação com o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A quarta parte apresenta as Considerações Finais, onde é explicitado todo o processo percorrido nas duas valências, numa perspetiva de articulação, de continuidade e intencionalidade educativa.

No final do Relatório apresenta-se a Bibliografia consultada para a realização deste trabalho, obras que se revelaram de extrema importância teórica para sustentar e fundamentar a nossa prática e refletir sobre a mesma.

1 – Contextualização (Valência Pré-escolar e 1.º Ciclo)

1.1. Caracterização do Meio envolvente e ligação à prática

O Externato “O Nial” situa-se na vila do Algueirão, freguesia de Algueirão-Mem Martins, sensivelmente na zona central do Concelho de Sintra, distrito de Lisboa. Esta freguesia, com área aproximadamente de 1.596 ha, caracteriza-se por duas zonas distintas, uma urbana onde se encontra a vila de Algueirão, e outra com características ainda rurais, nos limites da freguesia. Existe ainda uma demarcada zona industrial situada no Bairro de S. Carlos, em Mem Martins.

Os acessos à freguesia são garantidos por estações ferroviárias (linha Lisboa-Sintra) e uma boa via rodoviária, assegurando um acesso fácil e rápido à freguesia (IC19, A16). Possui ainda uma estação ferroviária em Telhal, servida pela designada Linha do Oeste, assim como, carreiras regulares de autocarros que ligam entre si todas as povoações da freguesia.

A vila de Algueirão é uma zona predominantemente urbana, com habitações tipo prédio mas com grandes zonas de vivendas. Nesta freguesia existem também zonas de habitação económica onde estão realojados os habitantes dos bairros degradados de Lisboa.

No que diz respeito ao Externato, este encontra-se numa zona onde predominam vivendas (habitações privadas) e onde existem algumas zonas verdes. Esta zona de vivendas é, na sua maior parte, habitada por uma população cuja faixa etária é predominantemente idosa, embora se constate que há uma população mais jovem a reabitar esta zona.

Relativamente aos equipamentos escolares, na freguesia existem vários estabelecimentos de ensino oficial (nas valências de Pré-Escolar até ao 3º Ciclo) e alguns estabelecimentos de ensino particular, também nas valências de Pré-Escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos.

A freguesia dispõe ainda de vários recursos de diferentes níveis: desportivos, culturais e recreativos, ao nível da saúde e também ao nível da ação social.

Situada muito próxima da Vila de Sintra, vila emblemática com enorme riqueza cultural e estética, dispõe por isso de outros recursos, particularmente de nível histórico-cultural, muito aproveitados pelos estabelecimentos de ensino da zona, incluindo nestes, o Externato “O Nial”: locais propícios à realização de atividades motoras, locais que poderão servir de inspiração a exercícios de leitura e escrita, locais ideais para desenhar

e fotografar, locais e monumentos relacionados com a História e locais diversos para efetuar percursos pedestres. Poderão ser realizados passeios, visitas de estudo e, paralelamente, pesquisas sobre a região e visitas aos monumentos históricos, museus, parques naturais e tantas outras ofertas que a região propicia.

No decorrer destes dois anos letivos, o Externato “O Nial” deu continuidade ao Projeto Curricular de Escola “Era uma vez...a História de Portugal”. Algumas visitas de estudo foram realizadas na região, atendendo ao tema do projeto e à potencialidade em recursos que a própria região oferece.

Existem também, perto do Externato, várias escolas com várias valências de ensino, um mercado, uma igreja, uma Esquadra da PSP, uma Estação dos Correios que poderão, eventualmente, ser aproveitados como recursos ao nível das aprendizagens, sendo que, no decorrer deste período de tempo, o mercado, a Esquadra da PSP e a Estação dos Correios foram locais visitados onde foram promovidas atividades.

1.2. Caracterização da Instituição

No contexto da caracterização da Instituição, a metodologia associada foi assente em observações várias (para o preenchimento de diversas fichas), em pesquisas (para elaborar o corpo do trabalho) e nas entrevistas realizadas à Diretora Pedagógica do Externato e à Educadora e Professora Cooperantes.

A Diretora Pedagógica facultou-nos ainda o Projeto Educativo de Escola, o Projeto Curricular de Escola, os Planos Anuais de Atividades, o Regulamento Interno e também uma planta do edifício, a qual nos deu uma visão mais concreta da estrutura física da Instituição e nos permitiu elaborar as plantas de salas de aulas com maior minúcia e precisão. Toda a informação recolhida foi alvo de análise e de estudo para a concretização das caracterizações.

O Externato “O Nial” é uma instituição com Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo (Decreto-Lei nº 553/80, de 21 de novembro de 1980), que se rege pela Legislação da Lei nº 9/79, de 19 de março- Bases do Ensino Particular e Cooperativo, com 43 anos de existência; é uma instituição privada, sita na Vila de Algueirão, na Freguesia de Algueirão- Mem Martins, concelho de Sintra, distrito de Lisboa. Suporta a valência de Pré-escolar e o nível de 1º Ciclo do Ensino Básico.

O Externato é composto por uma vivenda de dois andares (adaptada ao funcionamento da instituição) e por um outro bloco, rodeados por um espaço exterior de dimensões adequadas às características da valência e nível de ensino que suporta.

Na vivenda, bloco central da Instituição, decorrem as aulas do 1.º Ciclo e outras ações curriculares, complementares e gerais, cujas instalações passamos a caracterizar:

- No rés-do-chão situam-se o hall de entrada/receção que dá acesso ao 1.º andar através de uma escada com os devidos corrimãos adaptados às crianças e a um outro hall do qual sai a distribuição de outras instalações: cozinha, dispensa, refeitório/sala polivalente, duas casas de banho para alunos (feminina e masculina) e uma casa de banho para funcionários, um corredor de acesso à Biblioteca, acesso ao pátio exterior com uma área coberta, acesso ao bloco onde ocorrem as aulas do pré-escolar;

- No 1.º andar situam-se as salas onde decorrem as aulas do 1.º Ciclo. Assim que subimos as escadas de acesso, deparamo-nos com um hall, onde estão dispostos alguns dos bengaleiros de serventia aos alunos; desse hall, dá-se a distribuição das salas: uma onde são lecionados o 1.º e 2.º anos, uma outra onde são lecionados o 3.º e 4.º anos, uma sala de Expressões, duas casas de banho (feminina e masculina) e uma outra para funcionários, uma sala de professores/escritório que dá acesso a uma outra de arrumos de materiais e vestiário dos funcionários.

No outro bloco ocorrem as aulas do pré-escolar. O bloco, de construção recente, é composto por um corredor largo que dá acesso a duas grandes salas, uma casa de banho mista (com as devidas características) e a uma outra casa de banho devidamente equipada, para deficientes.

Toda a escola é dotada de grandes janelas e, em todas as paredes, encontram-se placares onde se vêm trabalhos de todas as crianças (muito valorizado pela instituição). Todas as paredes estão pintadas com tinta apropriada, lavável, o chão é forrado com material também apropriado, antiderrapante e o mobiliário adequado às faixas etárias do estabelecimento.

Relativamente ao espaço exterior, é um espaço grande, respeitando as normas estabelecidas pelo Ministério de Educação, e rodeia todo o edifício do Externato. Está dividido em duas áreas: uma na frente do edifício e uma outra nas traseiras do mesmo, sendo esta a mais utilizada. Nesse espaço, o das traseiras do edifício, uma parte está coberta com um telheiro para proteger as crianças e uma das áreas de brincadeiras está protegida com pavimento anti queda. O acesso ao edifício central (no lado do pátio das traseiras) é feito através de uma rampa com a inclinação por lei exigida.

No que diz respeito às condições de segurança na Instituição, o edifício dispõe de algumas barreiras ao nível da estrutura, as quais são devidas à sua antiguidade (é um edifício da década de 40) mas que, ao longo dos anos, vão sendo superadas através de

obras e remodelações feitas pelos proprietários e segundo as normas exigidas pelo Ministério de Educação e por outras entidades competentes (Centro de Saúde, Bombeiros, e outras).

O edifício possui muros a toda a volta protegidos e alteados com chapas, e portões vigiados. No interior, as paredes e o chão estão revestidos com materiais adequados; os corrimãos existentes nas escadas e rampas estão colocados segundo as medidas exigidas; as escadas têm nos degraus barras antiderrapantes; o edifício dispõe de alarme contra incêndios e respetivos extintores, assim como toda a sinalização de segurança exigida por lei.

A escola, sendo um estabelecimento de educação pequeno, funciona num contexto quase familiar. O pessoal docente e não docente promove uma boa articulação de funções, promovendo assim, o bem-estar das crianças e de toda a comunidade educativa, conforme pudemos também constatar através da consulta do Regulamento Interno da Instituição. Pela consulta do mesmo, verificámos que o horário e os dias de funcionamento da Instituição estão de acordo com o seu próprio regulamento; o externato está aberto todos os dias da semana, das 7:30 às 20:00 horas, exceto sábados, domingos e feriados, véspera de Natal e de Ano Novo. O externato está aberto todo o ano, fazendo, durante o mês de julho, idas à praia.

As crianças do 1.º Ciclo iniciam as aulas às 9:00 horas e as do Pré-escolar às 9:30 horas, tendo por término horários diferentes.

É ainda de referir que o externato promove atividades extracurriculares: Natação, Equitação e Música (Projeto Pantomina), as quais estão sujeitas a pagamento, não estando incluídas no valor da mensalidade. A Informática, o Inglês e a Expressão Plástica estão incluídas na mensalidade e são lecionadas ao nível do 1.º ciclo.

A Instituição tem vários equipamentos que respeitam as orientações específicas dadas pelos órgãos competentes, como é o caso de mobiliário variado e adequado ergonomicamente e antropometricamente, equipamento esse que encontramos nas salas, refeitório, casas de banho e demais instalações. Dispõe ainda de diversos recursos educativos (televisão, vídeo, DVD, máquina fotográfica, fotocopadora, computadores com impressoras, aparelhagem/gravador, retroprojektor, material de ginástica e musical, e também lúdico-recreativos.

As duas salas do Pré-escolar são dotadas de material didático, de apoio e de consumo, como livros infantis, jogos vários, materiais de desenho e pintura, jogos de

construção e de mesa, e muitos outros materiais lúdico recreativos visto as duas salas terem várias “ Áreas Lúdicas”, com os respectivos acessórios necessários.

Ao nível das salas do 1.º Ciclo existem também muitos materiais didáticos, existindo também a Biblioteca da Escola onde se encontram a maior parte dos livros, sempre disponíveis para as crianças de todas as faixas etárias consultarem, além de jogos, filmes, entre outros.

A sala onde é lecionado o 1.º e 2.º anos, é uma sala ampla, com uma área dedicada à matemática e outra à leitura. Na sala do 3.º e 4.º anos, existe a Área das Ciências com os respetivos materiais para que as crianças possam realizar várias atividades experimentais. A referida área pode ser utilizada por outros anos de escolaridade e até pela valência de Pré-Escolar.

Na sala onde é lecionada a Expressão Plástica, as crianças dispõem dos mais variados materiais de consumo/desgaste, muitos deles promovendo a reciclagem, onde a criatividade é a ordem do dia.

É preocupação da Instituição proporcionar aos alunos oportunidades de viverem diversas experiências que enriqueçam e completem os currículos próprios de cada ano de escolaridade e da valência de Pré-Escolar. A escola tem também grande responsabilidade e margem de decisão, relativamente ao desenvolvimento e gestão das diversas componentes do currículo e a articulação entre eles o que, por sua vez, requer o reforço do trabalho colaborativo entre pessoal docente, alunos e encarregados de educação.

2 - Contextualização da intervenção em valência Pré-escolar

2.1.Caracterização da sala - Estrutura e Dinâmica

Por forma a caracterizar a sala, numa perspetiva da estrutura e da dinâmica, procedeu-se à recolha de vários dados obtidos através da observação direta (constatações e inferências do observador), da perspetiva de observador participante (visto ter havido participação em algumas atividades com o grupo de crianças) e a partir de informações facultadas pela Educadora Cooperante através de Entrevista, de preenchimento de fichas de Organização de Espaço-Materiais e de Organização de Tempo, que se tornaram valiosas para uma melhor compreensão dos dados obtidos e posterior construção do texto que se apresenta.

Em conversa/entrevista com a Educadora Cooperante inteiramo-nos, um pouco mais, sobre os projetos inerentes à Instituição e ficámos inteiramente elucidados da dinâmica de trabalho da Educadora e, consequentemente, da sala/grupo, e da sua intencionalidade educativa, sendo que esta “decorre do processo reflexivo de observação, planeamento, ação e avaliação desenvolvidos pelo educador de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças” (Bertram & Pascal, 2009, p. 48). A Educadora não é seguidora de nenhum “Método” mas sim de muitos métodos, e de todas as “partes” dos mesmos que funcionem com o seu grupo de crianças. A sua metodologia e intervenção pedagógica baseiam-se pois, num método eclético, com uma base na Metodologia de Projeto, de acordo com as necessidades das crianças do momento e assente numa continuidade educativa, sendo esta entendida como “um processo que parte do que as crianças já sabem e aprenderam, criando condições para o sucesso nas aprendizagens seguintes” (Bertram & Pascal, 2009, p. 47).

No que diz respeito à planificação das atividades desenvolvidas com o grupo, a Educadora faz uma planificação mensal, onde são abordados os conteúdos a implementar e as competências a adquirir, e uma planificação diária das atividades a realizar tendo como suporte, a mensal. Toda a planificação é apoiada no Plano Anual de Atividades e nos projetos vários da Instituição, tendo por base as Metas de Aprendizagem e as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Verificou-se que a maioria das famílias colabora em atividades proporcionadas pela Educadora/escola e acompanham os seus educandos nas atividades levadas para casa e que pedem a sua colaboração, como por exemplo pesquisas várias, sendo esta uma forma de motivar os pais e envolver os mesmos nas aprendizagens dos filhos.

As atividades em grupo são muito promovidas pela Educadora, levando estas a formas de partilhas de opiniões e formas de pensar diferentes, conseguindo assim boas estratégias para trabalhar os valores. Este tipo de trabalho é uma forma adequada para a compreensão e aceitação de regras. As crianças, por sua vez, preferem desenvolver atividades relacionadas com experiências, trabalhos de expressão plástica e de ouvir contar histórias, o que muito apreciam, confirmando-se o mesmo pelas avaliações diagnósticas que foram realizadas e anexadas no Portfólio de Estágio.

A Educadora define o seu grupo, como um grupo heterogéneo em termos de idades, de interesses e de aprendizagens. Há a realçar o facto do grupo incluir duas crianças (gémeas) diagnosticadas com NEE (Necessidades Educativas Especiais) mas que “beneficiam das oportunidades educativas que são proporcionadas a todos” (Ministério de Educação, 1997, p. 135) além do suporte de serviços e de educadoras especializadas. Outro facto a realçar respeitante a essas duas crianças é que as mesmas são praticantes de outra religião que não a Católica, o que as impede de participar em algumas atividades promovidas pela Educadora e pela escola. É um grupo que apresenta bom comportamento (embora faladores) e bastante interessado em novas aprendizagens e em desenvolver trabalhos/ atividades, o que é facilitador para uma abordagem de trabalho por projetos.

A Educadora estimula bastante as crianças, verificando as suas necessidades e curiosidades, dando às crianças inúmeros materiais para que estas possam explorar e com essa exploração vão fazendo novas aprendizagens e realizando tarefas cada vez mais complexas, o que está de acordo com a perspetiva que “Um dos principais objetivos da educação é melhorar a compreensão dos alunos em relação ao mundo que os rodeia e fortalecer a sua vontade de continuarem a aprender” (Katz & Chard, 1997, p. 10).

Relativamente aos objetivos a atingir na etapa do Pré-Escolar, são os contemplados nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e enunciados na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº 5/97, 10 de fevereiro) e nas Metas de Aprendizagem para a mesma valência. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar,

A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão (...) (Ministério da Educação, 1997, p. 40).

O horário da sala dos 4/5 anos (anexo I) divide-se entre a manhã e a tarde. As aulas

têm início às 9:30 horas e às 10:45 horas, as crianças têm um intervalo de 15 minutos. Às 11:00 horas, as atividades são retomadas para serem interrompidas novamente às 12:00 horas para o almoço. O horário da tarde tem início às 14:00 horas e termina às 16:30 horas para o lanche.

Quando se trata de crianças nesta faixa etária, as rotinas exercem um papel fundamental para lhes dar segurança e para as fazer sentir tranquilas. Uma vez que se adaptem a essas rotinas sentem-se mais seguros e donos do seu tempo, criando autonomia própria. A rotina desempenha também um papel facilitador na captação do tempo e dos processos temporais, proporcionando à criança uma sequência de acontecimentos que ela própria segue e compreende, oferecendo-lhe assim, uma estrutura dos acontecimentos do dia.

O grupo funciona numa sala (anexo II), que usufrui de bastante luz natural, na qual o respetivo material (mesas, cadeiras e restante mobiliário) está adaptado à faixa etária predominante na mesma. Além da luz natural, a sala é apetrechada com luz artificial através de grandes lâmpadas fluorescentes. As paredes e o chão estão revestidos com materiais apropriados, tal como já referido na caracterização da Instituição.

As crianças distribuem-se por mesas individuais, de madeira e fórmica, colocadas em grupos para as diferentes faixas etárias mas, sempre que se torne pertinente, os grupos de crianças rodam pelos grupos de mesas, permitindo “o encontro dos elementos de diferentes grupos e favorecer o trabalho individual” (Brito, Sousa, Ribeiro, & Araújo, pp. 23-24). As cadeiras são de madeira e muito resistentes.

Existem prateleiras de baixa estatura, onde se guardam diversos livros, para que possam facilmente ser manuseados e retirados pelas crianças, sempre que tal se justifique. A sala dispõe de um quadro preto (onde ainda se trabalha com giz, apelando à imaginação). Na maioria das paredes estão colocados placares onde são expostos os vários trabalhos das crianças ao longo do ano letivo: trabalhos de pesquisa, trabalhos de expressão plástica e outros que vão surgindo no decorrer das aulas/atividades. Esses trabalhos vão sendo substituídos com a regularidade que assim o justifique, consoante os temas abordados e as expectativas e desejos das crianças.

O espaço tem várias áreas lúdicas apetrechadas com o material didático/lúdico adequado a essas áreas, sendo que “Os objetivos e a natureza de cada área ditam o tipo de atividades que nela devem ser realizadas, se a brincadeira é livre ou orientada pelo(a) educador (a)” (Brito, Sousa, Ribeiro, & Araújo, p. 25). Assim sendo, temos a Área da Casinha, Área do Tapete, Área de Jogos, Área da Garagem, Área temática, Área da

Leitura e Escrita e da Matemática, Área da Música e Área das Ciências. Estas áreas poderão não estar permanentemente a funcionar no contexto de sala de aula durante todo o ano letivo. Consoante as temáticas abordadas ou a abordar, as áreas vão surgindo e outras desaparecendo, caso necessário a nível de espaço e de interesses das crianças. O facto da sala ser uma sala que ao longo do ano sofre alterações ao nível da organização do espaço faz com que esta não se torne estática, sem vida e sem movimento. Conforme os temas a tratar assim o exigirem, a sala muda, não só ao nível das áreas, como já foi referido, mas todo o contexto espacial da sala, o que se torna bastante motivador para as crianças. Na mesma, há muito material de desgaste e muito material reciclado/reciclável, apelando à criatividade das crianças.

É de frisar que a sala (assim como toda a escola) se encontra equipada de acordo com as normas de segurança exigidas pela lei.

2.2.Caracterização do Grupo

2.2.1. Período de observação

A observação e o saber observar foram essenciais para passar ao patamar seguinte, o saber problematizar para saber intervir e avaliar. É esta atitude experimental que os educadores/professores devem adotar para que possam, da melhor forma, interagir no contexto e foi esta também por nós a atitude adotada. Não se pode passar à prática, à intervenção no real, sem previamente passar por toda uma fase de observação: isto não é mais do que a aplicação do método científico à pedagogia da educação. Tal como referido por Estrela (1994) “Só através de uma prática pedagógica de carácter científico se tornará possível ultrapassar o empirismo e fazer infletir definitivamente a atitude tradicional que reduz a Pedagogia a uma arte” (p. 43).

Para observarmos o grupo de crianças e cada criança no grupo, além dos objetivos gerais e específicos previamente concretizados, delimitou-se o campo de observação assim como se definiu a unidade da mesma, no caso, as crianças/grupo. Para tal, foi relevante, numa primeira etapa, observarmos diversas situações pedagógicas “(...) partindo de um princípio e utilizando uma metodologia(...) significação intrínseca (...) observação naturalista” (Estrela, 1994, pp. 17-18). Segundo o mesmo autor, “A observação naturalista (...) permite o levantamento de uma informação muito diferente da que normalmente se obtém através de outras técnicas” (Estrela, 1994, p. 18), sendo esta caracterizada por um “trabalho em profundidade, mas limitado a uma situação (...) e a um tempo de recolha de dados” (Estrela, 1994, p. 18). Sequencialmente, foi definida a

estratégia a seguir, a qual implicou uma série de decisões e de ações: formas e meios de observação (escolha dos processos, métodos, técnicas e instrumentos); critérios e unidades de registo dos dados (escolha de critérios de ordem funcional ou temporal, entre outros); métodos e técnicas de análise e tratamento dos dados recolhidos. Assim sendo, neste primeiro período de observação, foram realizados relatórios diários (com parte descritiva e parte reflexiva) e respetivos registos de observação naturalista, cujos exemplos relativos a um dia de observação podem ser encontrados em anexo (anexo III).

2.2.2. Caracterização individual

Paralelamente, e para uma melhor avaliação das características, aprendizagens e competências individuais das crianças e, conseqüentemente, das crianças no espaço e no grupo, foram elaboradas fichas de caracterização, individuais, apoiadas no Programa SAC (Sistema de Acompanhamento de Crianças) (Portugal & Laevers, 2010), nas fichas biográficas dos alunos, em fichas de avaliação diagnóstica e nas informações prestadas pela Educadora Cooperante. Em anexo (anexo IV), referem-se as características dos parâmetros de referência da avaliação segundo o Programa SAC para que se compreenda o resumo/caraterização das referidas fichas de caracterização (exemplo apresentado em anexo V). Sabemos que,

O bem-estar e a segurança dependem também do ambiente educativo em que a criança se sente acolhida, escutada e valorizada, o que contribui para a sua auto-estima e desejo de aprender. Um ambiente onde se sente bem porque são atendidas as suas necessidades psicológicas e físicas. O bem-estar relacionado com a saúde individual e coletiva é também ocasião de uma educação para a saúde que faz parte da formação do cidadão (Ministério de Educação, 1997, p. 136).

Segundo Bertram e Pascal (2009), “As aprendizagens das crianças podem ser avaliadas através do bem- estar emocional, do envolvimento nas atividades e projetos, do respeito por si e pelos outros, das disposições para aprender e do sucesso escolar” (p. 51). Através da avaliação realizada e posterior caracterização das crianças, é também determinado o que o próprio contexto de sala de aula e da escola provoca nestas, demonstrando assim, a qualidade e importância dos mesmos.

2.2.3. Caracterização do grupo após período de observação

O contexto da caracterização da classe/grupo e da caracterização dos alunos foi apoiado por uma metodologia de observação. Bem observar para bem saber agir deve ser lema de qualquer educador.

É confortante para uma criança descobrir e sentir que não é a única e que o grupo de pares lhe abre novas perspectivas e novas maneiras de estar. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2001),

Fazer coisas com os pares beneficia as crianças de múltiplas maneiras. Desenvolvem competências necessárias para a sociabilidade e para a intimidade, intensificam relações sociais e adquirem um sentimento de pertença. Estão motivadas para a realização e atingem um sentido de identidade. Aprendem competências de liderança, comunicação, cooperação, papéis e regras (p. 484).

O grupo observado nesta sala do pré-escolar, foi um grupo heterogêneo composto por 10 crianças, 4 do género feminino e 6 do género masculino. Cinco crianças estavam no grupo dos 4 anos e cinco crianças estavam no grupo dos 5 anos. Duas crianças no grupo dos 5 anos estavam referenciadas com NEE, já com 6 anos de idade, e uma das crianças do grupo dos 4 anos estava em avaliação num contexto exterior à Instituição, para ser feito um diagnóstico e posterior avaliação e intervenção específica, se necessária. Seis crianças eram de origem portuguesa e uma criança de nacionalidade belga.

No geral, era um grupo assíduo, salvo situações de doença e/ou idas ao médico. Há a salientar que as duas crianças que revelavam mais dificuldades e necessidades educativas eram aquelas que mais faltas deram e que chegaram várias vezes com atrasos significativos.

No que respeita ao comportamento, tratava-se de um grupo, de uma maneira geral, bem comportado, não revelando problemas de indisciplina. Eram faladores e inquietos, características da própria idade. Eram crianças dóceis, sempre com boa disposição, prontas para trabalhar e aceitar novos desafios, que gostavam de se ajudarem uns aos outros. É de salientar também, a boa relação existente entre a Educadora Cooperante e os seus alunos: uma relação que proporcionava um ambiente onde as crianças se sentiam à vontade, sem receio de colocarem questões e dúvidas, sabendo de antemão, que eram ouvidas. Quanto à relação da Estagiária com as crianças, enquanto observadora e interveniente, só há a referir bons momentos, tanto ao nível da intervenção no contexto como ao nível das relações estabelecidas.

Este grupo de crianças era bastante ativo e com muita vontade de aprender; no

geral, eram muito curiosos, questionando tudo aquilo de que se apercebiam. Os seus interesses eram variados mas gostavam muito de trabalhar em expressões. A área mais concorrida da sala era a Área da Casinha onde reinava o faz-de-conta.

As crianças interagiam positivamente, não havendo a registar atritos significativos entre elas. Todas brincavam umas com as outras havendo, naturalmente, algumas relações mais afetuosas que outras. Na sala reinava um clima de confiança entre as crianças e, geralmente, conseguiam resolver problemas do dia-a-dia entre eles, não sendo necessária a intervenção de adultos. Só as crianças referenciadas com NEE precisavam de mais apoio a esse nível e nesse sentido estando, contudo, integradas e incluídas no grupo.

Eram crianças geralmente muito bem-dispostas, muito enérgicas e muito curiosas. Conheciam limites e responsabilidades. A sua relação com os adultos era aberta, muito comunicativa, afetiva, onde se notava uma boa interação entre criança/adulto e vice-versa.

Uma boa observação gera uma boa problematização. Saber planejar, agir, avaliar, comunicar e articular são os benefícios duma boa primeira etapa. Conhecer as características de cada criança e do grupo foi fundamental para que se pudessem planejar intervenções capazes de dar respostas às necessidades educativas e às expectativas das crianças pois,

Planejar o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diferenciadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades (Ministério de Educação, 1997, p. 139).

2.3.Perspetivas educacionais

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a criança, e todo o ser humano, vai -se construindo pela interação social que tem com o meio que a rodeia: umas vezes por influência do meio e outras pela influência que gera no meio (Ministério da Educação, 1997). Sendo assim, a criança vai construindo e interiorizando referências que lhe vão dar abertura a uma compreensão dos valores, das regras, das leis, e de outras que a vão ajudar a crescer e a tornar-se um cidadão responsável e apto para viver numa cidadania que se espera democrática e saudável.

Para as crianças, o educador é visto como um modelo, exercendo assim uma forte influência no desenvolvimento pessoal e social das mesmas. Por tal e por tanto, o educador deve colocar-se ao serviço da criança, dispondo de conhecimentos,

experiências e capacidades que possam dar resposta adequada ao grupo que tem a seu cargo, e a cada criança especificamente. A postura do educador é pois, deveras importante, devendo este agir com ética pessoal e profissional, mediante uma boa formação da sua consciência. É assim que deve ser um educador de excelência e é assim que esperamos ser, estar e agir em educação, como futuras educadoras e professoras.

Foi pela importância da Área da Formação Pessoal e Social que perspectivámos não só a nossa intervenção neste contexto educativo mas também as nossas intervenções num futuro que se espera próximo. A importância que esta área tem no âmbito do saber e pela pertinência social e cultural que tem no contexto escolar das crianças é pois uma área de primazia, a ser trabalhada transversalmente com as demais áreas, sempre que haja uma oportunidade para tal. Na atuação com o grupo em que estivemos inseridas, foi uma área que esteve permanentemente a ser abordada, pois houve sempre algo que pudemos transmitir e algo que pudemos ensinar, numa perspectiva de formação da socialização e de educação para os valores. O grupo de crianças, embora pequeno e abrangendo duas faixas etárias, valorizou regras, ações e valores, numa harmonia construída e, há exceção de duas crianças com NEE, todas as crianças agiram com autonomia e independência e demonstraram espírito crítico, adequadamente à sua faixa etária. Referindo as Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar, “a educação pré-escolar deve fornecer a formação da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (Ministério da Educação, 1997, p. 20).

Numa boa prática educativa, na qual estivemos e estamos inseridas e ajudamos na sua promoção, a motivação é fonte de inspiração para adultos e crianças, sendo esta uma arte, tal como referiu Albert Einstein: “A arte mais importante do professor consiste em despertar a motivação para a criatividade e para o conhecimento”. Tomando pretensiosamente por nossas as palavras de Einstein, é a nossa grande força, a nossa grande valia, estarmos motivadas e sabermos motivar. E foi com esta atitude que enfrentámos as crianças e que lhes transmitimos esta postura perante as aprendizagens, perante os desejos e as vontades. Todas as crianças são diferentes e temos que lhes despertar a motivação, através de boas práticas, para que estas conquistem sucessos, por pequenos que sejam, mas que se irão tornar reforço na própria motivação. Concordamos com Estanqueiro (2010) quando diz “Não basta a diferenciação Pedagógica para resolver todos os problemas cognitivos, emocionais, familiares e sociais (...). Mas valorizar a diversidade de aptidões dos alunos é um caminho para a motivação e o sucesso” (p. 14).

Quando falamos em motivação, falamos de uma série de práticas e de atitudes que, tomadas no contexto de sala e de grupo, funcionam eficazmente. Na nossa prática, e tal como perspectivámos inicialmente, utilizámos muito a surpresa como estímulo motivador; os conteúdos foram abordados, transdisciplinarmente pelas diferentes áreas, em pequenos projetos, considerando que as mesmas “incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber fazer” (Ministério da Educação, 1997, p. 47). Tudo se movimentou para esse ou esses projetos em curso; o próprio espaço da sala e os materiais constantes da mesma modificaram-se, alteraram-se, transformaram-se. A ambientação da sala foi, ela própria, geradora de aprendizagens. Tudo girou para fazer girar a motivação-sucessos-motivação.

A Diferenciação Pedagógica...para tantos, uma utopia. Para nós, essencial. Não vemos como estar em educação e não ser praticante de diferenciação pedagógica, num seguimento de uma perspetiva inclusiva. Diferenciar é agir segundo uma estratégia individualizada ou também, uma estratégia para um grupo. Conhecer as crianças com as quais estivemos, foi fundamental para sabermos planificar e atuar no contexto da sala e do grupo. Saber como e porquê, saber para quem, estimulando, como já referido, a motivação através de um discurso e de reforços positivos, foi e vai ser sempre a nossa maneira de estar com as crianças, independentemente das faixas etárias que estas representem.

Pela observação individual e do grupo de crianças, feita inicialmente e ao longo deste período de tempo, detetámos interesses e gostos das crianças, o que nos ajudou na planificação e na abordagem a ter com as mesmas. Uma das áreas que privilegiámos, porque sentimos da parte do grupo entusiasmo com a mesma, foi a Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Tanto se pode fazer com esta área e através dela. Por isso, e geralmente, todos os conteúdos de aprendizagens se iniciaram através desta área. Houve sempre uma conversa, uma ideia, um sentimento, uma história, uma notícia, um acontecimento...houve sempre tanto que explorar: os livros, os sons, as sílabas, as palavras e os seus significados, as frases, os textos. É função do educador, “alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos ou intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como recetores” (Ministério da Educação, 1997, p. 68). É pois através desta área que, quase sempre, começaram e começarão as nossas intervenções: porque é de todo construtiva, porque é de todo do agrado das crianças.

Todas as áreas de conteúdos são promotoras de desenvolvimento e de aprendizagens. Transversalizando-as, as aprendizagens tornaram-se mais significativas pois a criança compreendeu e tirou ilações das próprias ações decorrentes das atividades proporcionadas. As atividades foram contextualizadas com os conteúdos, o que muito defendemos e praticamos.

No decorrer deste estágio curricular, muito aprendemos e muito ainda teremos para aprender. Não só agora, mas ao longo de toda uma vida que esperamos dedicar à educação, com a dedicação e responsabilidade que esta merece por excelência. Segundo Rigolet (2009),

Ser verdadeiro corresponde a ser autenticamente criativo, original, o que permite sempre fazer crescer um pouco este nosso mundo. E, para isso, não é preciso ser-se um génio: a nossa pretensão não é ficar para a História como os grandes artistas, mas permanecer, como uma âncora afetiva, no coração da história de cada um dos nossos educandos (p. 119).

Nunca há respostas nem simples, nem para tudo e todos...há pessoas que gostam daquilo que fazem. Ser feliz com o que fazemos...para fazer feliz a quem fazemos. E só assim um dia, as crianças que connosco caminham, quem sabe, escreverão narrativas de uma infância feliz, uma infância com amor, cuidado, dedicação...sempre com um sorriso no rosto e uma luz no coração.

2.4.Intervenção

2.4.1.Problemática

2.4.1.1. Análise e formulação do problema.

Para conhecer as características individuais das crianças e adaptar a pedagogia às suas necessidades, procedeu-se, numa primeira fase e tal como já referido, à observação de cada criança e do grupo tendo por finalidade compreender as suas necessidades, interesses e dificuldades. Numa segunda fase, e após o diagnóstico formulado com a colaboração da Educadora Cooperante, deram-se início às intervenções programadas curricularmente, através de planificações adequadas às crianças, baseadas na metodologia praticada pela docente e pela própria Instituição, a qual apoiamos incondicionalmente. De acordo com a nossa formação educativa e os nossos ideais, adaptámos a prática às crianças e às situações que iam surgindo no decorrer da vivência diária. A Educadora Cooperante deu autonomia e poder de decisão sobre o conteúdo do trabalho a desenvolver com o grupo. Assim, foi mais fácil analisar e questionar as nossas práticas, por forma a fazer uma avaliação das mesmas e eventuais reformulações.

Perante o grupo, heterogéneo, atendendo às características individuais das crianças, depois de conversar com a Educadora Cooperante, e perante a nossa prática e intervenções decorridas, verificámos que não existe nenhuma problemática que abranja o grupo em geral. Nem todas as crianças estão no mesmo nível de desenvolvimento, tal como já foi referido nas caracterizações individuais e do grupo, tendo-se promovido uma diferenciação pedagógica, diferenciação essa que abrangeu todas as crianças, porque, todos são diferentes uns dos outros. No entanto, e em conversa com a Educadora, esta falou no gosto que as crianças transmitiam pela Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e aprendizagens dela decorrentes, manifestando-se mais efusivamente a partir do momento que começaram as nossas intervenções. Chegámos à conclusão que tal era devido à maneira como se abordava aquela área e como se transversalizava com as demais. A motivação das crianças era pois de todo evidente, um aspeto positivo que deveria ser considerado muito importante e valorizador de todas e em todas as aprendizagens.

Falámos também do Projeto Curricular de Turma (PCT), que está de acordo com o Projeto Curricular de Escola (PCE) e que tem por título, “Era uma vez...a História de Portugal”. Este projeto estava dividido em três subtemas, a implementar nos três períodos letivos: “A formação de Portugal/os castelos”, “Os descobrimentos/os piratas” e “Da monarquia à República/ príncipes e princesas”.

Perante estas conversas de carácter informal e o conhecimento prévio das crianças, surgiu o problema/problemática, de uma forma positiva e abordada positivamente: a articulação da Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com todas as outras áreas, tendo como temática geral os temas do PCE e do PCT, intencionalmente adequando contextos, abordagens de conteúdos, atividades e competências a atingir a um grupo considerado heterogéneo.

2.4.1.2. Definição de prioridades e motivações

Como já referido anteriormente, a escolha da temática esteve relacionada com a atitude positiva demonstrada pelas crianças em relação à Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

As crianças devem descobrir o prazer de comunicar; agimos como promotores dessa comunicação. Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008),

A interação diária com o educador de infância é uma fonte inesgotável de estímulos para a criança. É muito importante que o educador tenha consciência de que é um

modelo, de que há muitas palavras que são ouvidas pela primeira vez ditas pelo educador, que há regras de estrutura e uso da língua que são sedimentadas na sala de jardim-de-infância. Nesse sentido é importante que a atitude conversacional/ adulto-criança se paute por parâmetros que facilitem o processo de desenvolvimento da linguagem (p. 26).

Para a criança aprender a comunicar é essencial a vivência de experiências sociais e cognitivas de interesse e significado para a mesma. O uso da comunicação verbal em diferentes contextos e em diversas situações é fundamental. É através da interação verbal que as crianças se tornam comunicadores competentes e, assim, desenvolvem os vários domínios da língua (fonológico, semântico, sintático, pragmático).

Segundo as autoras já referidas, o ambiente onde se encontram as crianças desempenha um papel importante na estimulação do desenvolvimento da capacidade de comunicar; é fundamental criar oportunidades onde as crianças possam ouvir, falar, descrever, discutir, formular hipóteses, das suas vivências, do seu dia-a-dia (Sim-Sim, Silva, & Nunes, 2008). Esta foi uma das nossas grandes prioridades e, a partir dela mesma, abordaram-se os conteúdos previstos, tanto pela Planificação Mensal da Educadora como pelo PAA, de forma transversal com todas as outras áreas e com o PCE e do PCT, apoiada numa Metodologia de Projeto, aplicada através de mini – projetos.

No 2.º período letivo, o tema foi “À descoberta com os piratas”. Através deste tema, foram abordados os Descobrimentos. Foram perspectivadas e implementadas várias atividades, sempre motivadoras, com base em miniprojetos de aprendizagem: “ O mundo dos piratas”, “Sou um pirata”, entre outros por nós sugeridos ou partindo de sugestões das crianças. Outros conteúdos e temas foram abordados, consoante, como já referido, a planificação mensal da Educadora (como o inverno, os polos do planeta).

No 3.º período letivo, o tema previsto era “Somos príncipes e princesas”, onde a Monarquia seria o mote do período. Estavam previstos outros miniprojetos, sempre com atividades motivadoras e promovendo competências nas várias áreas: “O nosso palácio”, “O nosso guarda- roupa”. Este subtema não foi abordado pois o tema do 2.º período “Os Descobrimentos”, revelou-se de grande impacto nos interesses das crianças e foi contemplado também no 3.º período letivo.

Como base motivadora de toda esta abordagem esteve sempre a linguagem, oral e escrita, promovendo competências linguísticas nas crianças: ouvir e contar histórias, fazer ilustrações, fazer histórias através de personagens temáticas, fazer dicionários temáticos, pesquisas, entre outros.

Segundo Mata (2008), podemos considerar cinco competências essenciais a contemplar em educação Pré-Escolar, no que se refere à linguagem escrita e, como implementámos e praticámos as mesmas, passamos a referi-las: Mobilizar diferentes funções da linguagem escrita, tanto na resolução de situações reais como em situações de jogo e brincadeira; Distinguir o código escrito de outros códigos (por exemplo icónico), identificando algumas das suas características e utilizando-os de modo adequado e contextualizado; Nas suas brincadeiras ou na resolução de situações concretas, envolver-se com a escrita (brincando com ela e tentando escrever), podendo recorrer a formas de registo diferenciadas, mais ou menos convencionais; No seu dia-a-dia, estar atenta à escrita envolvente, procurando ativamente atribuir-lhe significado e reconhecendo algumas palavras em contexto (nome próprio, nomes ou outras palavras familiares); Ouvir atentamente e com prazer histórias, rimas, poesias e outros textos, extraindo as suas ideias principais, fazendo comentários e/ou levantando questões em relação ao que ouviu.

2.4.1.3. *Temática*

Os temas inicialmente nomeados para a intervenção foram dois, a implementar nos dois últimos períodos. Mas, tal como já referido anteriormente, os “Descobrimentos” tornaram-se o mote motivador das crianças e este tema acabou por abranger os ditos períodos letivos. Foi um tema que cativou as crianças e revelou-se facilitador de implementação de atividades, motivadoras e, conseqüentemente, promotor de aprendizagens interessantes e significativas além do inerente entretenimento que promoveu.

Segundo Rigolet (2009)

Avaliar a pertinência de um tema constitui sempre uma decisão delicada. De qualquer modo, podemos afirmar que, quando se trata de uma obra de qualidade, os perigos de a entregar à população-alvo são reduzidos. O adulto deve gostar, espontaneamente, da obra e, se possível, ainda gostar mais dela depois de ter procedido à sua análise, mesmo que rudimentar (p. 31).

Vem de Piaget a ideia de que a aprendizagem é construída pela criança. Educar, para Piaget, é “provocar a atividade” isto é, estimular a procura de conhecimento. Segundo esta linha de pensamento e porque acreditámos e acreditamos no sentido da mesma, este tema proporcionou aprendizagens ativas, com oportunidades de vivências estimulantes. Foi um tema que apaixonou as crianças e que deu oportunidade ao educador de realizar atividades enriquecedoras em que todas as áreas foram trabalhadas,

como foi, por exemplo, a Área da Formação Pessoal e Social com o tema dos piratas, assim como a Expressão Plástica e todas as outras, não considerando as áreas como “ (...) compartimentos estanques, acentua-se a importância de interligar as diferentes áreas de conteúdo e de as contextualizar num determinado contexto educativo” (Ministério da Educação, 1997, p. 137).

Fomentar interesses, estimular a motivação, promover aprendizagens e competências, foi o grande desafio perspectivado, atingido e concretizado. Sempre com miniprojetos, trabalhando numa base de Metodologia de Projeto, num método eclético, com um grupo heterogéneo, sempre pensando e partindo do que as crianças já sabem e daquilo que querem saber.

2.4.1.4. Enquadramento Teórico

A aprendizagem por descoberta é, desde logo, uma mais-valia em educação pelo estímulo e significado que propicia à criança. Grande mentor dessa aprendizagem por descoberta é o “Trabalho de Projeto”, ou melhor ainda, “A Aprendizagem baseada em Projetos”, pois envolve as crianças e leva-as a pensar.

O projeto “é uma atividade prática significativa, de valor educativo, visando um ou mais objetivos (...). O Trabalho de Projeto promove aprendizagens portadoras de significado, globais e integradas, de diferentes dimensões: cognitiva, social e metacognitiva” (Santos, Fonseca, & Matos, 2009, p. 26). Como consta na revista acima referida e referido pelos mesmos autores, costuma-se fundamentar o trabalho de projeto nas teorias construtivistas de Piaget e Vigotsky e nas teorias e práticas pedagógicas de Dewey, Kilpatrick e Freinet. Segundo Dewey, as crianças devem ser ativas para aprenderem, devem aprender a pensar e aprender a viver em sociedade.

Perante esta perspetiva e pensando no grupo de crianças no qual estivemos integradas, tivemos como finalidade oferecer situações desafiadoras que motivassem diferentes aprendizagens e diferentes respostas, estimulando a criatividade e a (re)descoberta, levando as crianças à compreensão e transformação da realidade que as rodeia. Partimos de um ponto de partida/problema, tanto quanto possível relacionado com uma situação concreta e viajámos por todo um processo de aprendizagem onde foram desenvolvidas competências transversais.

Coube-nos a nós, planear previamente todo esse processo, definir de forma clara os objetivos de aprendizagem, prever que assuntos teriam que dominar as crianças para a concretização dos objetivos propostos, criar recursos físicos para disponibilizar às

crianças, gerir todo o processo de aprendizagem e os conteúdos a abordar transversalmente, e avaliar (em conjunto com as crianças) o próprio projeto com vista a eventuais reformulações.

Muitas vezes confunde-se projeto com atividade, mas atividade não é projeto. Defendemos que um projeto é uma construção pensada para o futuro, mais ou menos próximo. Tem por finalidade a resolução de um problema ou de vários. Muitas das vezes os projetos “perdem-se” no seu próprio processo. Sendo assim, devemos partir o projeto em pedaços menores, em miniprojetos que, por sua vez, se desenrolarão em atividades específicas, que permitem uma mais rápida construção, sem desmotivação das crianças. Esses miniprojetos participarão na construção de projetos maiores e, todos eles, contribuirão para o grande projeto final: as crianças aprenderam e gostaram de aprender. Foi assim que delineámos a nossa prática, baseada em miniprojetos virados para a ação e, tal como referem Pacheco e Morgado (2002) referindo-se à construção de um Projeto Curricular de Turma virado para a ação, “ (...) resulta de uma dinâmica própria e expressa um conjunto de linhas de ação definidas no sentido de consensualizar e estruturar as práticas curriculares em cada escola” (p. 42).

2.4.2.Prática desenvolvida

Para que todo o percurso neste tempo de estágio tivesse significado não só para as crianças como para nós que as acompanhámos, foi essencial uma atuação com ética pessoal e profissional para que todos, crianças e adultos, nos sentíssemos empenhados nas ações decorrentes no contexto educativo.

Antes de qualquer planeamento para intervenção por forma a desenvolver uma prática de ação, é importante que se adote uma “atitude investigativa face a situações problemáticas e então agir, planear atividades que se apresentem como adequadas ao problema em questão” (Cortesão, Leite, & Pacheco, 2002, p. 42).

Tal como já referido no Enquadramento Teórico da Problemática, foi nossa intenção e intencionalidade intervir no contexto através de miniprojetos, apoiados na própria Metodologia de Trabalho por Projetos, em educação. Trabalhar em projeto, neste preciso caso em miniprojetos, “consiste em começar por escolher uma atividade, um tema ou um problema a enfrentar (...) e tomá-lo como pretexto e/ou meta de atividades a desenvolver” (Cortesão, Leite, & Pacheco, 2002, p. 41).

A área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi, como já referido, uma área

privilegiada na medida em que se transversaliza de forma constante e enriquecedora com as demais áreas, enriquecendo a comunicação como forma suprema da mesma.

O tema dos Descobrimentos foi motivador, tanto para as crianças como para nós, adultos que com elas lidamos. As conversas multiplicaram-se, a descoberta de novas palavras foi enriquecedora, o interesse e motivação demonstrado foi grande.

Muitas das intervenções na área acima referida, e sobre a temática dos Descobrimentos Portugueses, deram-se partindo da leitura de histórias sobre o tema. Sabemos que a leitura de histórias é extremamente importante, e tal como refere Mata (2008), para o desenvolvimento das concepções emergentes de literacia, como também para a aprendizagem e desenvolvimento de competências de leitura. Segundo ainda a mesma autora, “o que se lê nos livros, para além de ser uma importante fonte de conhecimento, pode servir de ponto de partida para explorações e pesquisas, para se saber mais sobre determinado assunto, para se compararem vivências e conhecimentos” (Mata, 2008, p. 79).

Os livros da coleção “A Aventura dos Descobrimentos”, do Expresso, foram enriquecedores para esta abordagem. Com textos de Ana Oom e ilustrações de André Letria, levaram as crianças pelas aventuras dos grandes descobridores/navegadores. Esta coleção de livros adotada para a abordagem desta temática, vem acompanhada de CD’s, que narram e cantam as diversas histórias. Foram também de extrema importância para a motivação das crianças e respetivas aprendizagens e permitiram mais interdisciplinaridade com as Expressões, como a Expressão Musical e a Expressão Dramática e a própria Dança.

A partir da narração das histórias, sempre acompanhadas de atividades de pré-leitura, de diversos comportamentos durante a leitura e de atividades pós-leitura, acontecimentos importantes foram dados a conhecer às crianças, de forma contextualizada e significativa. Ler histórias e conversar sobre as mesmas, colocando questões às crianças, promovendo ambientes de debate, fomentando o reconto, foi um estímulo do desenvolvimento da comunicação verbal, do aprender a saber ouvir, e do saber expressar-se oralmente. É assim vista e tida como atividade promotora de inúmeras reflexões e partilhas, e como “elemento central na formação de pequenos leitores envolvidos” (Mata, 2008, p. 80).

Promover ambientes de leitura, em que nós, educadores, nos sentíssemos e nos mostrássemos envolvidos perante as crianças e aquilo que estamos a ler, foi essencial para que as mesmas se sentissem envolvidas também. Para isso, que é tanto, tivemos de

ser modelos de leitores para que conseguíssemos promover “leitores envolvidos”. Houve que explorar histórias, não só pela sua leitura que é de todo importante, mas mostrar às crianças que os livros e as histórias que eles contam nos podem levar por outros caminhos que não só aqueles que mostram à partida: pudemos investigar, pesquisar, desenhar, pintar, cantar, tudo aquilo que uma pequena história nos pôde mostrar e falar...pudemos ir ao passado sem precisar de uma máquina do tempo, pudemos caminhar no presente sem precisar de nenhum transporte conhecido e pudemos viajar até ao futuro sem necessitar de uma nave espacial. Pudemos fazer tudo isto, através dos livros. Fomos e mostrámo-nos leitores para conseguirmos leitores.

Foram construídos vários miniprojetos, segundo cada livro, cada subtema, segundo cada descoberta: viajámos por caminhos marítimos já dantes percorridos pelos navegadores; conhecemos quem os percorreu e porquê; “descobrimos” o que descobriram e descobrimos mais além com as nossas próprias descobertas e com as diversas atividades de aprendizagem proporcionadas e transversais a todas as áreas de conteúdo.

Na Educação Pré-Escolar, as áreas de conteúdo designam formas de pensar e organizar a intervenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças, as quais se pretendem diversificadas, significativas e equilibradas. Todas as áreas curriculares e diversos conteúdos foram abordados ao longo do ano letivo. Muitas atividades foram realizadas e muitas aprendizagens esperamos ter conseguido.

Ao nível das estratégias de ensino e aprendizagem, questões essenciais e pertinentes foram sempre tomadas em consideração: as interações, as regras, a independência e a autonomia das crianças e a participação da comunidade educativa no contexto. Neste nível, “é importante ter em conta as competências que as crianças demonstram no desenrolar da ação e as oportunidades para a aprendizagem ativa e auto iniciada” (Bertram & Pascal, 2009, p. 38).

Planear, agir, avaliar e registar...essencial. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “Planear implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização” (p. 26). Pensamos ter planeado as ações para este contexto educativo segundo esta postura referida, apostando em situações de aprendizagem contextualizadas, interessantes, significativas, desafiadoras, equilibradas e motivadoras para as crianças. Haverá sempre, na concretização das ações, situações imprevistas mas

cabe ao educador fazer face às próprias e aproveitá-las em benefício das crianças e do grupo. As planificações foram sempre realizadas pensando nos temas e conteúdos a abordar, atendendo aos interesses das crianças e do grupo, heterogéneo, baseando objetivos e competências a adquirir nos referidos pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e operacionalizados pelas Metas de Aprendizagem para a mesma valência. Foram sempre criados recursos físicos e materiais adequados e apelativos para a concretização das atividades propostas e consequentes aprendizagens delas decorrentes.

A avaliação foi considerada no próprio processo e no produto, ou melhor, nos produtos finais, referindo-se os mesmos às aprendizagens decorrentes do ensino-aprendizagem. A avaliação do processo, numa perspetiva de “antes” e “durante” e, necessariamente, dos efeitos desse processo, “implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (Ministério da Educação, 1997, p. 27). Para planificar houve que tomar em consideração toda uma avaliação diagnóstica das crianças e do contexto para que, o planeado, fosse adequado aos mesmos. Através de relatórios diários, onde foram feitas descrições da ação educativa e respetivas reflexões sobre a mesma, pudemos aferir ilações sobre o planeado e o concretizado, por forma a realizar eventuais reformulações. Segundo Bertram e Pascal (2009), “As aprendizagens das crianças podem ser avaliadas através do bem-estar emocional, do envolvimento nas atividades e projetos, do respeito por si e pelos outros, das disposições para aprender e do sucesso escolar” (p. 51). Na nossa prática educativa, a observação, os trabalhos das crianças e o preenchimento de vários instrumentos de registo/avaliação (auto e heteroavaliação), de que damos conhecimento de alguns em anexo (anexo VI), estiveram sempre presentes por forma a um melhor conhecimento das crianças e do modo como as mesmas evoluíram. Este conhecimento foi fulcral para as educadoras, para as próprias crianças, eventualmente para outros agentes educativos, caso necessário e pertinente, e para os pais/encarregados de educação.

Não podíamos deixar de referir o quão importante foi a ambientação da sala de aula. A criação de diferentes ambientes para as diferentes temáticas e diferentes atividades tornou-se um estímulo para as crianças e para as suas aprendizagens, porque sabemos que “o espaço é um dos aspetos mais importantes para desencadear boas aprendizagens” (Sanches, 2001, p. 76). Também referimos a importância, na prática

educativa, do clima gerado em contexto de sala de aula, o qual permitiu partilha de saberes, de afetos, de atenção, o que tornou a sala de aula num local onde apetecia estar.

Por fim, mas não menos importante, há a mencionar os desafios criados, o estímulo-surpresa e o humor que estiveram sempre presentes nas intervenções. As crianças envolveram-se nas atividades e, ao sentirmos que as mesmas se envolveram, nós Educadores, envolvemo-nos também. Segundo Rigolet (2009) muito bem afirma relativamente ao envolvimento das crianças e adultos,

(...) um tema tratado com humor e verdade é garantia de motivação. De facto, as crianças são observadoras implacáveis, animadoras natas, críticas acérrimas com profundo sentido de justiça e constantemente animadas de um espírito lúdico, sempre prontas para novas aventuras e desafiantes descobertas (p. 32).

A diversidade de situações, de atividades e de aprendizagens foi o suporte de uma prática considerada criativa e significativa para todos que nela participaram. Ser original em todo o processo redimensionou a vida na sala de aula. Tal como Sanches (2001) refere “Muitas vezes é difícil termos tempo e criatividade para mudar a forma tradicional de abordagem do saber, mas muitos professores conseguem-no fazer com muito sucesso e muito entusiasmo” (p. 55). Queremos ser assim e esperamos tê-lo conseguido.

2.4.3. Atividades mais significativas em contexto de estágio

Muitas foram as atividades promovidas e, todas elas, importantes na perspetiva da problemática e dos interesses das crianças. Devido à temática abordada nos dois últimos períodos escolares, os “Descobrimientos Portugueses”, a grande maioria das atividades implementadas no contexto transversalizaram-se não só pelas diferentes áreas de conteúdos mas, também, no contexto temporal visto que não se reportaram só a um dia letivo. Assim, achámos mais pertinente, demonstrar como dois subtemas foram abordados e que atividades foram promovidas para os mesmos e através deles próprios, salientando a transversalidade, a comunicação e a linguagem e o contexto de grupo heterogéneo, demonstrando assim a nossa base estratégica.

1.º subtema: Os barcos do Infante D. Henrique/ A flutuabilidade/ A descoberta da Ilha da Madeira

Planificações das Atividades: As planificações das atividades decorrentes deste subtema vão ser apresentadas em três anexos seguidas pelos respetivos relatórios diários

(descritivo e reflexão) e anexos diários, apresentados com as siglas IP (intervenção planeada). Os anexos apresentados com as siglas IP25, IP26 e IP27 são representativos das estratégias utilizadas na própria planificação. Os anexos IP25a, IP26a e IP27a são representativos das avaliações realizadas das atividades decorrentes do planeado. Nas planificações apresentadas, e que se reportam a três manhãs letivas, estão realçadas as atividades que queremos evidenciar para este propósito.

Assim, teremos os seguintes documentos nos seguintes anexos:

- Anexo VII - Planificação diária de 12 de março de 2013 + Relatório Diário + Anexos IP25 e IP25a;
- Anexo VIII - Planificação diária de 13 de março de 2013 + Relatório Diário + Anexos IP26 e IP26a;
- Anexo IX - Planificação diária de 19 de março de 2013 + Relatório Diário + Anexos IP27 e IP27a.

Descrição das motivações/concretizações:

Em sequência da temática que vinha sendo abordada, os “Descobrimentos Portugueses”, foi promovida uma conversa sobre os barcos usados na época referida, mais propriamente, sobre as naus usadas pelo Infante D. Henrique aquando a conquista de Ceuta, assim como, os barcos dos piratas (temas que vinham sendo tratados). A partir dessa conversa, a qual foi conduzida intencionalmente para o tema que se queria ver abordado, as crianças foram confrontadas com questões sobre o que era “flutuar” e o que era “afundar”.

Partiu-se então para a realização de atividades experimentais (duas experiências de verificação/ilustração e outras duas experiências de investigação), tratando todas elas a questão da flutuabilidade e do afundamento. As crianças chamaram a estas manhãs, “Manhãs de Cientistas”.

Como sequela da temática e das atividades experimentais, foi promovida a leitura do livro “Madeira, terra à vista”, para que as crianças tomassem conhecimento de como se processou essa descoberta.

Assim, neste subtema, foram transversalizadas áreas de conteúdo promovendo a interdisciplinaridade e novas aprendizagens por parte das crianças.

Atividade 1: Experiência de verificação/ilustração – Flutua ou afunda?/1

Justificação da Seleção: Sabemos da importância de pôr os conteúdos ao serviço da atividade ou atividades, pois só assim são estudados para dar cumprimento a algo, a objetivos delineados. Sabemos também que a Área do Conhecimento do Mundo é uma área privilegiada que promove interações com o mundo que nos rodeia e que permite uma interdisciplinaridade construtiva e deveras abrangente ao nível das aprendizagens. Foi com este propósito que planeámos esta atividade, com a certeza de que a mesma iria promover nas crianças a antecipação de conteúdos já abordados, a interação com outros novos e também, iria proporcionar abordagens posteriores a outros temas, a outras matérias.

Através dos documentos encontrados em anexo VII, teremos oportunidade de verificar com que pertinência se planeou e se realizou a dita atividade, que áreas se transversalizaram, que inferências e reflexões foram feitas e que tipo de avaliações foram concretizadas.

Atividades 2: Experiências de investigação – Flutua ou afunda?/2

Flutua ou afunda?/3

Flutua ou afunda?/4

Justificação da Seleção: Numa continuidade e seguimento da atividade promovida no dia anterior, “Flutua ou afunda?/1”, justificamos a escolha das mesmas. Através destas três atividades, as crianças tomaram conhecimento de três conceitos novos: massa/peso, volume e densidade. Podemos pensar que, devido às faixas etárias que compunham o grupo, as crianças não tinham capacidade para interiorizar este tipo de aprendizagens que foram promovidas pelas atividades, mas verificámos o contrário. É de salientar também que estas atividades foram criteriosamente selecionadas para que os objetivos delineados pela planificação ao nível dos conteúdos fossem concretizados, e para que novas competências fossem geradas nas crianças.

Sugerimos a consulta dos documentos encontrados em anexo VIII, para que se verifique como tudo se processou, como se transversalizou com outras áreas curriculares e que avaliações foram realizadas. É também de todo importante, a leitura do Relatório Diário onde se salienta a análise crítica/reflexiva assim como, a autorreflexão da Estagiária.

Atividade 3: Leitura da história “Madeira, terra à vista”

Justificação da Seleção: A leitura de histórias e aprendizagens decorrentes das mesmas é uma das nossas bases para intervenção, fazendo a mesma parte da nossa problemática. Num seguimento da temática que vem sendo abordada, esta história deu a conhecer às crianças uma nova descoberta dos nossos navegadores.

O livro foi apresentado e, como sempre foi habitual, foi identificada a capa, a contracapa, a lombada e outros elementos exteriores à narrativa, como forma de consolidar conhecimentos e de captar a atenção das crianças para a leitura do livro. A partir da ilustração da capa foi lembrado o que era uma ilha, que tipo de embarcação é vista na capa e foram respondidas diversas questões colocadas pelas crianças, por forma a expandir alguns dos comentários. Foram relacionadas aprendizagens anteriores, respetivamente as promovidas pelas atividades experimentais sobre a flutuabilidade, numa perspetiva de interdisciplinaridade de conteúdos.

Foi iniciada a leitura do livro, com entoação, fazendo vozes diferentes para personagens diferentes, destacando e explicando algum vocabulário ainda não conhecido das crianças (não deixando de, primeiro, abordar as palavras/frases, como originalmente na narrativa). Foi chamada a atenção das crianças para as ilustrações que iam surgindo, fazendo com que as crianças fossem traçando alguns comentários e fossem relacionando as imagens com outras e respetivos conteúdos.

No final da narração, as crianças foram questionadas sobre o seu interesse pela história acabada de ouvir: qual a parte de que mais gostaram, se houve alguma personagem da sua preferência, que palavras é que ouviram e que não conheciam, entre outros pontos. Foi pedido um voluntário ou voluntários para o reconto. Durante o reconto, que foi sendo auxiliado sempre que necessário como forma de consolidar a sequência apresentada pela criança, foram sendo avaliadas as diversas competências dessa criança perante esta meta de aprendizagem. No final do reconto, o livro passou de mão em mão, para que pudesse ser visto, “lido” e sentido.

Foram promovidos comentários, por forma a que as crianças se expressassem sobre a direcionalidade da escrita, identificação de letras já delas conhecidas, sobre alguma das ilustrações. Seguidamente, as crianças desenharam a parte da história que mais gostaram ou que acharam mais importante. Antes de iniciarem o desenho, cada criança pronunciou-se sobre aquilo que iria desenhar, consciencializando-se de que o desenho transmite informação. Enquanto realizaram o trabalho, a Estagiária foi-se deslocando

pelas mesas e falando com cada uma das crianças para que as mesmas, oralmente, se pronunciassem sobre o que estavam a desenhar. No final, foi escrito no desenho de cada criança o título da história e aquilo que cada uma representou, atendendo ao que foi ditado por cada qual.

No decorrer da atividade de desenho, as crianças puderam ouvir o CD que acompanha o livro, o qual apresenta a narração da história e, no final, há uma canção alusiva ao tema, intitulada também “Madeira, terra à vista”.

Através dos documentos apresentados em anexo IX, podemos inteirar-nos do que foi planeado, concretizado, refletido e avaliado nesta manhã letiva.

2.º subtema: A descoberta da Índia / Vasco da Gama / As especiarias

Planificações das Atividades: Tal como no 1.º subtema, as planificações das atividades decorrentes deste subtema vão ser apresentadas em dois anexos seguidas pelos respetivos relatórios diários (descritivo e reflexão) e anexos diários, apresentados com as siglas IP (intervenção planeada). Os anexos apresentados com as siglas IP41, e IP42 são representativos das estratégias e dos documentos/imagens de apoio utilizadas na própria planificação. Os anexos IP41a, e IP42a são representativos das avaliações realizadas das atividades decorrentes do planeado. Nas planificações apresentadas, e que se reportam a duas manhãs letivas, estão apenas identificadas as atividades que queremos evidenciar para este propósito.

Assim, teremos os seguintes documentos nos seguintes anexos:

- Anexo X - Planificação diária de 21 de maio de 2013 + Relatório Diário + Anexos IP41 e IP41a;

- Anexo XI - Planificação diária de 22 de maio de 2013 + Relatório Diário + Anexos IP42 e IP42a.

Descrição das motivações/concretizações:

Contextualizando a temática até agora abordada, os “Descobrimentos Portugueses”, e em sequência de uma visita de estudo que as crianças realizaram ao Mosteiro dos Jerónimos e à Torre de Belém, Vasco da Gama e a viagem marítima para a Índia foram o mote para as diversas atividades promovidas. Através de livros, de imagens, do globo terrestre, as crianças tomaram consciência do percurso dos navegadores na sua viagem aquando da descoberta da Índia e do porquê de tão desejada descoberta. Através de uma

ambientação da sala, foi criado um “Mercado de Especiarias” onde as crianças tomaram contacto com diversas delas: viram, mexeram, provaram, levaram para casa...assim se torna uma atividade significativa. Após esta abordagem, foram realizados diversos trabalhos (desenhos, pinturas, colagens, montagens, decorações da sala), onde a criatividade foi motivação e a motivação foi criatividade.

Atividade 1: A descoberta do caminho marítimo para a Índia

Justificação da Seleção: Foram apresentados vários livros às crianças e foi promovida uma conversa sobre a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Os livros serviram de apoio à conversa, através da visualização das imagens e da leitura de excertos, previamente estudados e organizados pela Estagiária, para que as crianças se motivassem e realizassem diferentes e significativas aprendizagens. Foram também visualizadas imagens, ampliadas e plastificadas, que mostravam personagens e ações das mesmas nessa viagem e nessa conquista. O globo terrestre, que tem acompanhado diversas atividades, tomou o seu papel também nesta, onde as crianças traçaram, com os dedos, o percurso de Vasco da Gama. Através desta primeira abordagem, as crianças tiveram oportunidade de desenhar, à vista, e depois pintar com lápis de cor, a figura de Vasco da Gama. Pintaram também e decoraram com diversos materiais, um elefante que depois foi exposto, assim como o desenho de Vasco da Gama, no placar da sala dedicado aos Descobrimentos Portugueses.

Através dos documentos encontrados em anexo X, podemos verificar qual a pertinência da planificação desta atividade, que áreas se transversalizaram, que inferências e reflexões foram feitas e que tipo de avaliações foram realizadas.

Atividade 2: Mercado de Especiarias

Justificação da Seleção: A ambientação da sala foi essencial e inspiradora da atividade, servindo de motivação para as aprendizagens: havia uma tenda, panos de seda e de algodão pelo chão, livros e imagens sobre especiarias, pratos e cestos com muitas e de muitas cores (e sabores) ... as crianças tiveram de se descalçar para poder pisar os panos que se encontravam pelo chão...puderam mexer e provar as especiarias... puderam “comprar” para levar para casa...tudo foi motivador e tudo serviu de motivação. Como complemento a esta atividade, as crianças coloriram ilustrações representativas de quatro plantas que dão origem a especiarias e colaram nessas

ilustrações as especiarias reais relativas às mesmas. Não nos esqueçamos que muitos conteúdos foram abordados nesta atividade, onde as crianças transversalizaram muitas das aprendizagens e competências já adquiridas. Mais uma vez salientamos a importância que a linguagem oral teve como própria motivação para a atividade e sua concretização.

Remetemos, para uma melhor percepção de como esta atividade foi planeada e concretizada, para consulta do anexo XI, onde estão presentes a planificação, o relatório diário onde consta a descrição, análise/reflexão e autorreflexão e os anexos, de apoio à prática e de avaliação.

2.4.4. Avaliação Final do Grupo

2.4.4.1. Fundamentação Teórica das Avaliações

A avaliação na Educação Pré-Escolar só faz total sentido, caso a prática pedagógica se fundamente numa educação inclusiva. Portugal e Laevers (2010) referem que “Uma educação inclusiva é aquela em que o educador cria um contexto educativo onde cada criança encontra a estimulação de que necessita para progredir, não perdendo de vista nenhuma criança e respondendo bem a todas elas” (p. 17). Os mesmos defendem que as variáveis “implicação” e “bem-estar” fornecem ao educador dados sobre o desenvolvimento das crianças, permitindo ao mesmo, uma organização da sua prática com vista a satisfazer as necessidades de cada criança, por forma a promover o seu desenvolvimento (Portugal & Laevers, 2010).

Sabemos que cabe ao educador a organização do ambiente educativo e respetiva avaliação, como base de todo o trabalho curricular e intencionalidade: compreender a organização do grupo, do espaço e do tempo e a relação com a comunidade educativa.

Importa também, e seguindo os autores referidos, “atender ao desenvolvimento das crianças enquadrado nas finalidades da intervenção educativa”, pressupondo desenvolvimento de competências e seu domínio, de forma articulada e integrada.

A criança deve, progressivamente, tomar consciência do que já conseguiu, das suas dificuldades e de como as ultrapassar. Cabe ao educador, e atendendo às características individuais de cada criança, auxiliá-la nesse percurso, fornecendo-lhe as ferramentas necessárias para o seu sucesso.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), e referido por Portugal e Laevers (2010), o desenvolvimento pessoal e social nesta etapa educativa e as competências desenvolvidas a esses níveis, decorrem “de 3 tipos de condições

favoráveis (...): as que dizem respeito ao comportamento da criança no grupo, as que implicam determinadas aquisições indispensáveis para a aprendizagem formal da leitura, escrita e matemática e as que se relacionam com atitudes” (p. 37).

A avaliação é um processo contínuo de registo dos progressos realizados pela criança ao longo de determinado tempo. Sendo a avaliação da responsabilidade do educador titular do grupo, compete ao mesmo, definir uma metodologia de avaliação de acordo com as suas conceções e opções pedagógicas.

Como documentos de referência e consulta, fundamentais para uma capaz avaliação formativa, há a referir os que foram utilizados, como as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, as Metas de Aprendizagem e o livro “Avaliação em Educação Pré-Escolar-Sistema de Acompanhamento de Crianças” de Gabriela Portugal e Ferre Laevers, que foram magníficos auxiliares para a fundamentação da avaliação e da construção de registos diversificados.

Foram utilizados diversos instrumentos de observação e registo, construídos com base numa prática pedagógica baseada num método eclético e numa educação inclusiva, tais como, passamos a referir: de observação; abordagens narrativas (com base, por exemplo, em incidentes críticos); fotografias das crianças em diversas atividades; fotografias dos trabalhos das crianças; registos de autoavaliação; registos de heteroavaliação, entre outros.

Esta diversidade de técnicas e de registos, permitiu que cada criança fosse observada, analisada e “refletida”, por forma a um melhor acompanhamento das suas aprendizagens e também, e atendendo à perspetiva do educador, permitir uma reformulação, caso necessário, da sua própria intencionalidade educativa.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo” (p. 27) e ainda “A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento” (p. 27).

A recolha de dados ao longo do ano letivo (neste caso), e através de vários registos e tipos de registos, foi realizada segundo abordagens a diversas estratégias e promoção de diversas atividades, com objetivos claros e precisos, formulados antecipadamente (ou não), visando como fim, a apropriação pela Educadora Titular e Estagiária do nível de

desenvolvimento das crianças a vários níveis.

Todos os instrumentos referenciados foram aplicados em contexto de sala de aula, em pequeno ou grande grupo e outros, individualmente.

2.4.4.2. Fundamentação Teórica das Avaliações para Encarregados de Educação

A avaliação tem, necessariamente, de ser construída e refletida num processo de partilha, que tem como fio condutor, a observação, o diálogo e a comunicação de processos e de resultados. Faz parte integrante do processo de aprendizagem baseado numa educação inclusiva.

Por forma a uma mais estreita relação com a família e fazendo com que esta esteja atenta e envolvida no desenvolvimento da criança/educando, é fundamental que haja partilha de informação entre os intervenientes (criança/ escola/ família) e respetiva reflexão. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “O conhecimento que o educador adquire da criança e do modo como esta evolui é enriquecido pela partilha com outros adultos que também têm responsabilidades na sua educação (...) ” (p. 27). Assim, pressupõe-se que uma avaliação final/ relatório final (final do ano letivo), seja o cumular de todo um processo de observações/ ações/ registos ao longo do ano e que seja o resultado desse mesmo processo.

Cabe ao educador facultar aos pais, o mais fidedignamente possível, o resultado do processo de aprendizagem do seu educando e respetivos níveis de desenvolvimento.

Apresenta-se em anexo (anexo XII), um exemplo de um Relatório de Avaliação Individual das Crianças para Encarregados de Educação.

2.4.4.3. Fundamentação Teórica das Avaliações para Técnicos

É de fulcral importância que, tal como já referido anteriormente, encarregados de educação e profissionais de educação articulem papéis para que se veja promovido o desenvolvimento das crianças. Cabe aos educadores/professores titulares, visto serem os mesmos que interagem diariamente com as crianças, detetar presumíveis dificuldades de aprendizagem ou dificuldades de aprendizagem específicas, ou de outro cariz, nas crianças que têm a seu cargo. Cabe aos mesmos, elucidar os pais/encarregados de educação, sobre o eventual problema detetado com vista a ser realizado um diagnóstico por técnicos especializados nas mais diversas áreas.

Um educador/professor competente é responsável por elaborar um relatório, com o máximo de detalhes relativamente à criança e ao eventual problema detetado,

direcionado a um técnico especializado que, posteriormente, fará uma avaliação diagnóstica. Só perante essa avaliação o educador/professor poderá atuar, através de uma intervenção adequada e específica, com vista a melhorar as condições de aprendizagem e, conseqüentemente, os resultados dessa aprendizagem tendo por meta a superação das dificuldades detectadas.

Apresenta-se em anexo (anexo XIII) uma carta destinada a técnicos especializados, mais propriamente, no caso, a um Terapeuta da Fala, com vista a elucidar o mesmo acerca do observado numa criança e por forma a ser elaborado um diagnóstico. Esta carta deverá acompanhar todas e quaisquer informações/avaliações que se considerem pertinentes para a elaboração desse mesmo diagnóstico por parte dos técnicos.

2.4.4.4. Fundamentação Teórica das Avaliações para Professor do 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Focando as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar “Cabe ao educador promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória (...). É também função do educador proporcionar as condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1º ciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória” (1997, p. 28).

Sabemos que a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico têm objetivos diferentes no que respeita a currículo, tendo a primeira como objetivo primordial, a educação e, o segundo, o ensino. Sabemos também que, cada vez mais, se promove para uma continuidade educativa, uma articulação curricular. Segundo Serra (2004), e referindo-se a essa mesma articulação como processo “(...) a importância de o ensino básico se apoiar nos conhecimentos e vivências que as crianças têm, quando entram na escolaridade obrigatória, sendo necessária uma articulação que possibilite um crescimento apoiado, desde as atividades lúdicas e criativas da educação pré-escolar até às aprendizagens mais sistematizadas do ensino básico” (p. 76). É pois, através da articulação curricular, que se poderá estabelecer uma ligação entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico e, para que tal aconteça, “Quanto mais os docentes se inteirarem das especificidades e das similitudes entre Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, mais se enriquece o universo pedagógico dos professores e educadores e maiores serão as oportunidades de sucesso para as crianças” (Serra, 2004, p. 78).

As Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar foram formuladas para um maior favorecimento ao nível da articulação entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, por forma a facilitar a comunicação entre educadores e professores. Aachamos que mais um passo nesse sentido será o de facultar por parte do educador, ao professor do nível seguinte, toda a informação possível respeitante a cada criança. Sendo assim, é fundamental existir um portfólio da criança, com todo o tipo de registos válidos decorrentes de todo um percurso, e que acompanhe a criança no seu caminho/etapas escolares.

É de todo importante, além do que já foi referido e sabendo de antemão que muito ainda ficou por referir, que o educador, no final da valência do Pré-Escolar, elabore um relatório final, mais detalhado do que aquele a ser entregue aos pais/encarregados de educação, para ser entregue ao professor que for acompanhar a criança na etapa seguinte. Esse relatório deverá conter todo o tipo de informação e avaliações da criança e do seu desenvolvimento e respetivas competências, tendo em vista um melhor conhecimento da criança por parte do professor do 1.º Ciclo. Assim, o professor terá oportunidade de se apoiar nos conhecimentos e vivências prévias da criança, assim como nas competências adquiridas pela mesma para, também ele, planificar a sua prática com intencionalidade educativa.

Apresenta-se em anexo (anexo XIV), um exemplo de uma carta destinada ao Professor do 1.º Ciclo, que deverá acompanhar o portfólio/processo da criança na transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

2.4.4.5. Caracterização/avaliação final do grupo

A sala revelou-se uma mais-valia nas aprendizagens das crianças. Todas elas se sentiram motivadas pelos ambientes criados na mesma, contextualizados com as temáticas e com as atividades daí decorrentes. A ambientação da sala foi estimuladora da motivação das crianças e foi notório, ao longo do ano letivo, o envolvimento de qualquer uma das crianças com essa mesma ambientação. O prazer demonstrado pelas crianças em vir para a escola e em estar em contexto de sala de aula, quer a realizar atividades dirigidas, tanto pela Educadora Cooperante como pela Estagiária, quer simplesmente a brincar ao faz de conta, foi demonstrativo do contentamento das crianças e da empatia criada entre crianças- educadoras- sala- escola. A sala e todos os ambientes que a envolveram foram extremamente ricos em estímulos promotores de aprendizagens significativas.

Este grupo de crianças foi, desde o início, um grupo muito ativo ao nível de qualquer aprendizagem, revelando-se muito curioso, muito interessado e muito participativo. São crianças que se socializaram de forma positiva e correta, muito atentos a regras, procedimentos e responsabilidades a ter nas diversas situações com que se depararam, muito unidos e bem-dispostos. Somente as crianças referenciadas com NEE continuaram a apresentar comportamentos que revelaram muita imaturidade para a sua faixa etária, muito ao nível da autonomia. Eram crianças muito inseguras, o que se refletiu muito no nível das aprendizagens adquiridas.

Desde o início do ano letivo, foi notória uma maior cumplicidade emocional nas relações entre as crianças. Foram crianças que se ajudaram mutuamente em diversas situações, quer nas decorrentes das atividades de sala quer em contexto de brincadeira e de recreio. Os gémeos referenciados com NEE tiveram a atenção de todas as restantes crianças do grupo, as quais estiveram constantemente a ajudá-los e a chamá-los para as brincadeiras. Sendo estas crianças “praticantes” de outra religião que não a Católica, não participaram nas festividades que se celebraram no decorrer do ano letivo, o que foi compreendido por todos os elementos do grupo.

Ao nível da aprendizagem da leitura e da escrita, e ao longo do ano letivo, foi notório o envolvimento das crianças em todas as abordagens realizadas. Através das atividades propostas, o grupo, em geral, adquiriu um nível de consciência fonológica (mais ao nível da consciência silábica) bastante elevado. Mesmo as crianças com mais dificuldades conseguem já segmentar palavras e fazer jogos variados com as sílabas das palavras.

Os Descobrimentos Portugueses e a sua abordagem em sala de aula, através de histórias, desenhos, trabalhos manuais, e muitas outras atividades, elevaram os conhecimentos de todas as crianças do grupo, em todas as áreas de conteúdo. O grupo esteve unido nas descobertas, esteve unido na realização das atividades propostas, esteve unido na própria aprendizagem. O grupo “cresceu” e revelou-se mais maduro na consciência e perceção do mundo que nos rodeia...sem contudo deixar de lado o prazer de brincar.

Na área da Expressão Plástica, mais concretamente no desenho, notou-se uma grande evolução no que respeita à generalidade das crianças do grupo: no traço, na utilização dos materiais, na utilização das cores, nos cuidados a ter quando desenhamos, na autonomia e na criatividade.

As crianças ganharam a noção do trabalho, do tempo, do espaço, da cooperação, da

autonomia, e de tantas outras noções tão importantes para o crescimento de cada ser individual e do grupo como conjunto de todos esses seres.

As crianças são aquilo que observam, aquilo que presenciam, aquilo que sentem porque já viram sentir assim...as crianças são aquilo que o meio as influenciou através da transversalidade das próprias relações com o mesmo...e também são aquilo que o seu temperamento lhes impôs e o que a sua personalidade lhes dita. Segundo Ferland (2006), “ À nascença todas as crianças são diferentes quanto à sua maneira de reagir às pessoas e às situações. Cada qual tem um temperamento que lhe é próprio e que é observável desde os primeiros meses de vida. O temperamento é, de certa forma, a matéria-prima a partir da qual se constrói a personalidade da criança” (p. 171). Todas as crianças revelaram personalidades diferentes...a mais valia foi aprenderem a usar a sua personalidade própria em contexto de grupo. Assim, todos cresceram e o grupo, como grupo, “cresceu” também.

2.5. Reflexão crítica

Qualquer reflexão na área da educação, mais propriamente na área da educação Pré-Escolar, deve começar por falar de crianças, de falar de ser criança e de ter uma infância repleta de felicidade. Todos os Educadores, e também Professores, e segundo refere Serra (2004) “(...) têm o mesmo público alvo – a infância – e ambicionam o mesmo: ajudar as crianças a crescer harmoniosamente, a serem cidadãos responsáveis, a terem igualdade de oportunidades na sociedade onde estão inseridos e a aprenderem a ser felizes” (p. 14). Ser CRIANÇA é ter alegria, felicidade, amor e amizade, criatividade, confiança, risos e choros, um brilho nos olhos e um sorriso nos lábios...e muito mais. Mas, ser criança é por vezes ter ansiedade, tristeza, depressão até.

A Educação Pré-Escolar é, para as crianças, o primeiro contacto e familiarização com contextos que despertam a curiosidade, o desejo de saber, e a vontade de aprender. Deve ser entendida e assumida como um meio de socialização onde ocorrem um sem número de aprendizagens e, por tal, deverá ser considerado desde logo, um alargamento do meio social imediato da criança. É a primeira e mais importante preparação para a educação e para a vida e, por isso, cabe ao educador promover e garantir condições de aprendizagem significativas e com sucesso para que, ao longo de toda esta etapa as crianças “aprendam a aprender” pois é esse o lema que deverão seguir ao longo da vida.

A organização do ambiente educativo depende do próprio contexto educativo e das opções metodológicas do educador, sendo que a mesma, e tal como tão referido ao

longo deste trabalho, vai desempenhar um papel crucial em todo o processo educativo.

Sabemos, por antecipação, que não há soluções válidas que contemplem todas as situações. Há pois, que conhecer as características individuais das crianças e adaptar a pedagogia a aplicar em contexto de sala de aula às suas necessidades, interesses e dificuldades, promovendo e atuando com diferenciação pedagógica. Segundo Estanqueiro (2010) não é a Diferenciação Pedagógica que resolve todos os problemas cognitivos, emocionais, familiares e sociais mas um passo para a mesma é valorizar a diversidade de aptidões dos alunos sendo este um pequeno mas grande passo para um caminho para a motivação e o sucesso. Falar em motivação é falar de uma série de práticas e de atitudes que, tomadas no contexto de sala e de grupo, funcionam eficazmente.

O estágio no Externato “O Nial”, realizado ao longo do ano letivo, permitiu que pudéssemos, numa primeira fase, a fase de observação, conhecer as crianças e os seus gostos e necessidades (nível afetivo, intelectual, social, psicomotor e moral). Permitiu, também, um maior contacto com a sala, quer ao nível de espaço físico e ambientação do mesmo, quer ao nível da sua própria dinâmica. A metodologia aplicada pela Educadora Cooperante foi também observada neste período de tempo para que a etapa seguinte, a de planeamento da ação educativa e intervenção, se tornasse parte integrante da já dinâmica existente, contextualizada com a pedagogia e metodologia já aplicadas.

O trabalho desenvolvido ao longo da prática educativa foi assente no PCE e no PCT, tendo os mesmos como tema “Era uma vez...a História de Portugal”, assim como no Plano Curricular Anual (PCA), PAA e nos temas propostos pela Educadora Cooperante. Foram tidas em consideração as preferências, ideias e opiniões das crianças para os planeamentos e as planificações foram realizadas em concordância com a Educadora Cooperante, tendo em atenção o espaço/ambientação, o tempo, os materiais. Foram planificadas variadíssimas atividades que foram sendo propostas ao longo do ano letivo, todas elas assentes nas Perspetivas Educacionais da Estagiária, assim como na Problemática equacionada, e também nos interesses pelas crianças demonstrados.

Na prática desenvolvida, utilizámos muito a surpresa como estímulo motivador; os conteúdos foram abordados, transversalmente pelas diferentes áreas, em pequenos projetos ou miniprojetos. Tudo se movimentou para esse ou esses projetos em curso; o próprio espaço da sala e os materiais da mesma modificaram-se, alteraram-se, transformaram-se. A ambientação da sala foi, ela própria, geradora de aprendizagens. Tudo girou para fazer girar a motivação-sucessos-motivação.

Para que assim tenha sido, houve que observar para diagnosticar para depois poder viajar por todo um processo de aprendizagem onde foram desenvolvidas competências transversais, com objetivos definidos de forma clara, prevendo que assuntos teriam de dominar as crianças para a concretização dos objetivos propostos.

A área da Formação Pessoal e Social foi, tal como perspectivado, o “casco do barco” onde todos nós, crianças e adultos, navegámos por águas já dantes navegadas. Valores e regras foram incutidas e respeitadas sempre numa visão de interdisciplinaridade e de transdisciplinaridade. A interação entre crianças de um grupo heterogéneo foi facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem, em momentos diferentes desse mesmo desenvolvimento e valorizando sempre os saberes diversificados de cada criança. Assim sendo, esta etapa da vida do grupo de crianças foi promotora e contribuiu para uma aprendizagem da vida democrática, através da interação social e de tarefas concretas, muitas delas promovendo valores.

A Área da Matemática foi também uma área bastante trabalhada. A Matemática faz parte do quotidiano das crianças e cabe ao educador aproveitar as situações/experiências que ocorrem nesse mesmo quotidiano e promover outras, mais formais, contextualizadas com as temáticas em curso, utilizando uma linguagem matemática. Assim, as crianças familiarizaram-se com essa mesma linguagem e aprenderam a identificar e a solucionar vários problemas/situações problema, tornando a matemática não numa linguagem mas sim num conhecimento. Muitas das vezes, não é necessário fazer “fichas” para aprender matemática; cabe ao educador promover atividades matemáticas, integradas e transversalizadas com outras atividades de outras áreas, muito através da linguagem oral: proporcionar experiências, situações, descobertas que levem ao questionamento, à interrogação...tornar as crianças matematicamente competentes, com um nível de literacia matemática satisfatório, isto é, saber utilizar os conhecimentos matemáticos no dia-a-dia, foi uma intencionalidade educativa da Estagiária. Segundo as Metas de Aprendizagem, “É na Educação Pré-Escolar que as crianças começam a construir a sua relação com a Matemática” (s.d).

A Área das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), não foi uma área muito trabalhada em contexto de sala de aula. De qualquer forma, as crianças tiveram variadas oportunidades para lidar com computadores, portáteis, por forma a pesquisar (orientados pela Estagiária e/ou Educadora) diversos temas que foram sendo abordados, especialmente, a pesquisar imagens sobre os mesmos. Hoje em dia, as crianças estão familiarizadas com este tipo de tecnologia, sendo as TIC uma área de exploração natural

com inúmeros benefícios.

A Área do Conhecimento do Mundo...um mundo a explorar pelas crianças. Esta área foi uma das áreas mais presentes e trabalhadas nas atividades temáticas, sendo ela, por si só, uma aprendizagem do mundo que nos rodeia, quer ao nível das ciências humanas quer ao nível das ciências naturais. Segundo as Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar (s.d), esta área “abarca o início das aprendizagens das diferentes ciências naturais e humanas, no sentido do desenvolvimento de competências essenciais para a estruturação de um pensamento científico cada vez mais elaborado, que permita à criança compreender, interpretar, orientar-se e integrar-se no mundo que a rodeia” (Ministério de Educação, s.d). É uma área que se enraiza na curiosidade natural das crianças e no seu grande desejo de saber e perceber o porquê de tudo...foi uma área bastante trabalhada através de várias e diferentes oportunidades dadas às crianças para que estas contactassem com novas situações, com novas descobertas, com novas experiências, com novas explorações do mundo que as rodeia.

As Expressões são a linguagem das artes: Plástica, Motora, Musical e Dramática...e com as artes aprendemos novas formas de expressão e de comunicação. Foram determinantes para a promoção da literacia das artes nas crianças a criação de contextos artísticos, não só como atividades lúdicas (mais funcionais) mas como atividades de desenvolvimento cultural das crianças (fruição artística e cultural). Sendo assim, as expressões (mais a Expressão Plástica) estiveram presentes e cruzaram diferentes áreas e saberes de forma bastante abrangente, numa articulação com as restantes áreas do currículo da Educação Pré-Escolar: experiências em torno da exploração e descoberta (criação), da utilização de diferentes técnicas (execução) e do contacto com diferentes formas de manifestação artística (apreciação). Concordamos com Godinho e Brito (2010) quando dizem “É, por conseguinte, importante que as crianças, em ambiente de Jardim de Infância, possam experimentar estes distintos papéis de executante, criador e apreciador, já que na vivência desta tripla experiência artística, diferentes significados e competências serão desenvolvidos” (p. 11).

A Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita é, na definição das Metas de Aprendizagem (s.d.), uma área autónoma que terá correspondência com a área de Português do 1.º Ciclo. Sabe-se hoje que a aprendizagem da linguagem escrita é um processo social influenciado por uma procura de sentido, contínuo e com um início muito precoce. É pois muito importante desenvolver nas crianças o interesse em comunicar e a capacidade de interação verbal; elas devem descobrir o prazer de

comunicar. Para a criança aprender a comunicar é essencial a vivência de experiências sociais e cognitivas de interesse para a mesma, que tenham significado. O uso da comunicação verbal em diferentes contextos e em diversas situações, é fundamental. É através da interação verbal que as crianças se tornam comunicadores competentes e, assim, desenvolvem os vários domínios da língua (fonológico, semântico, sintático e pragmático).

Foi perante a perspectiva de formar crianças competentes na linguagem, sendo esta o pilar de todas as aprendizagens em todas as áreas de conteúdo, que orientámos as intervenções com este grupo de crianças, tendo sempre em vista que “A interação diária com o educador de infância é uma fonte inesgotável de estímulos para a criança. É muito importante que o educador tenha consciência de que é um modelo, de que há muitas palavras que são ouvidas pela primeira vez ditas pelo educador, que há regras de estrutura e uso da língua que são sedimentadas na sala de Jardim de Infância. Nesse sentido, é importante que a atitude conversacional adulto/criança se pautar por parâmetros que facilitem o processo de desenvolvimento da linguagem (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008). Segundo as autoras, o ambiente onde se encontram as crianças desempenha um papel importante na estimulação do desenvolvimento da capacidade de comunicar; é fundamental criar oportunidades onde as crianças possam ouvir, falar, descrever, discutir, formular hipóteses das suas vivências, do seu dia-a-dia.

A Linguagem e a Comunicação foram e serão uma das nossas grandes prioridades em contexto de sala de aula e, a partir destas e desta área, foram abordados os conteúdos previstos, tanto pela Planificação Mensal da Educadora como pelo PAA, de forma transversal com todas as outras áreas e com o PCE e do PCT. Tanto se pode fazer com esta área e através dela. Por isso, geralmente, e tal como perspectivámos, todos os conteúdos de aprendizagens se iniciaram através dela, muitos deles através da oralidade.

Foram por nós criados ambientes de aprendizagem promotores da apropriação da escrita por parte das crianças. Estes ambientes não foram somente estimulantes mas também, intencionalmente criados para fins específicos, para que as crianças tivessem contactos vários com a escrita e pudessem realizar explorações várias com e através de material escrito. Segundo Mata (2008), o educador deverá promover situações de exploração várias, tais como: proporcionar oportunidades para escrever; integrar a escrita nas vivências e rotinas do Jardim de Infância; servir de modelo às crianças; fazer registos por escrito; proporcionar oportunidades para as crianças partilharem escrita com os colegas; envolver as famílias; desenvolver atividades de escrita interativa;

produzir livros diversos; facilitar processos de reflexão sobre o oral e estabelecer elementos de ligação com a escrita (pp. 56-58); e muitos outros haverão... temos a consciência de que trabalhamos nesta perspetiva e alcançámos muitos destes objetivos aqui dados a conhecer.

A leitura de histórias foi, por nós, bastante fomentada, proporcionando às crianças “(...)oportunidades para observarem a mobilização de estratégias diferentes, por parte dos adultos com quem contactam” (Mata, 2008, p. 72).

Também foram intencionalmente desenvolvidas competências fonológicas, promovendo as mesmas um nível de desenvolvimento precoce da consciência fonológica, sendo este “ (...) um bom preditor do sucesso posterior na aprendizagem da leitura” (Mata, 2008, p. 44).

Todas as áreas de conteúdos são promotoras de desenvolvimento e de aprendizagens. Transversalizando-as, numa perspetiva de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, e promovendo atividades contextualizadas com os conteúdos, as aprendizagens tornam-se mais significativas para a criança, o que muito defendemos e praticámos.

Os temas nomeados para as intervenções foram variados, segundo a planificação da Educadora e os projetos da instituição. Mas a grande temática foram os Descobrimentos Portugueses, tornando-se o mesmo um tema motivador e promotor de aprendizagens interessantes e significativas...foi um tema que apaixonou as crianças.

Numa perspetiva de autoavaliação, considera-se uma mais valia em todo o percurso ao longo do estágio, a realização de um Portfólio, reflexivo, instrumento fundamental para a prática da reflexão e da autoavaliação de toda uma atuação no processo de ensino-aprendizagem em que estivemos envolvidos. Este instrumento tornou-se essencial para o presente e para o futuro que se avizinha, “ (...) Este é um documento reflexivo do professor, uma produção apoiada na prática diária. É um lugar de reflexões, um espaço onde o professor conversa consigo mesmo, anota leituras, revê percursos, avalia atividades realizadas, documenta o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas suas turmas” (Bernardes & Miranda, 2003, p. 85). Sendo assim, o mesmo foi realizado com intuítos formativos, como forma de consciencializar o percurso de formação, os meios que se consideraram importantes e as principais linhas de atuação. Através da sua consulta/análise, sempre que foi pertinente (análise/avaliação contínua ou pontual) avaliaram-se produtos e processos, as práticas e as competências individuais...refletiu-se sobre o observado e o avaliado e procedeu-se a reformulações.

O sucesso do futuro, próximo ou longínquo de todos nós Educadores/Professores, depende da prática reflexiva de todos nós.

3. Contextualização da Intervenção em valência de 1.º Ciclo

3.1. Caracterização da sala - Estrutura e Dinâmica

Segundo as orientações dadas pelo Ministério de Educação

A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão (...) (Ministério da Educação, 1997, p. 40).

Embora as crianças em causa estejam numa valência que não o Pré-Escolar, continua deveras importante a questão dos horários, das rotinas. Estas exercem um papel fundamental para lhes dar segurança e para as fazer sentir tranquilas. Uma vez que saibam como se vai processar o seu dia sentem-se mais seguros e donos do seu tempo, criando autonomia própria.

O horário da sala do 1.º e 2.º anos (anexo XV) divide-se entre a manhã e a tarde. As aulas iniciam-se às 9:00 horas e às 11:00 horas, as crianças têm um intervalo de 30 minutos. Às 11:30 horas, as atividades são retomadas para serem interrompidas novamente às 12:45 horas para o almoço, exceto às terças- feiras e às quintas- feiras que têm aulas de Inglês, das 12:30 horas às 13:15 horas. O horário da tarde tem início às 14:30 horas e termina às 16:00 ou 17:00 horas (conforme os dias da semana).

O grupo funciona numa sala que usufrui de bastante luz natural (e /ou com luz artificial através de grandes lâmpadas fluorescentes), em que o respetivo material (mesas, cadeiras e restante mobiliário) está adaptado às faixas etárias predominantes. As paredes encontram-se pintadas com tintas laváveis e o chão é de vinil (próprio para estas instituições).

As crianças distribuem-se por mesas individuais ou duplas, de madeira e fórmica. No caso do 1.º ano, as mesas estão dispostas em grupo; no 2.º ano, as mesas estão viradas para o quadro, sentando-se duas crianças em cada mesa (mesas duplas).

Existem prateleiras de baixa estatura, onde se guardam os livros de estudo, de consulta, os *dossiers* de arquivos vários construídos pelas crianças, para que possam facilmente ser manuseados e retirados por estas, sempre que tal se justifique.

A sala dispõe de dois quadros pretos (quadros de giz), um na zona do 1.º ano, outro na zona do 2.º ano.

Nas paredes estão colocados placares (em quase todas as paredes da sala) onde são expostos os vários trabalhos das crianças ao longo do ano letivo: trabalhos de pesquisa, trabalhos de Expressão Plástica, de Estudo do Meio, de Matemática e outros que vão

surgindo no decorrer das aulas/atividades. Esses trabalhos vão sendo substituídos com a regularidade que assim o justifique, consoante os temas abordados e as expectativas e desejos das crianças.

O espaço tem uma pequena “Biblioteca” onde constam os livros que estão a ser trabalhados em contexto de sala de aula e alguns para animar os tempos livres. Sempre que haja necessidade ou interesse, as crianças deslocam-se à Biblioteca da escola.

Na sala, existe um bengaleiro, com os cabides devidamente identificados, onde as crianças penduram os seus casacos, colocam as suas mochilas e onde têm também, as suas caixas de material escolar.

É de frisar que a sala (assim como toda a escola) se encontra equipada de acordo com as normas de segurança exigidas pela lei.

Os dados de dinâmica que se seguem foram obtidos a partir da observação direta e também numa perspetiva de observador participante, visto termos participado, desde o início, em algumas atividades com o grupo de crianças. A partir de informações facultadas pela Professora Cooperante, foram também recolhidos alguns dados que se revelaram importantes para a construção deste relatório apresentado.

Em conversa com a Professora Cooperante, pudemos inteirar-nos um pouco mais, sobre o PEE, o PCE e o Plano Anual de Turma (PAT) e, através deste último, ficámos inteiramente elucidadas da dinâmica de trabalho da professora e, conseqüentemente, da sala/grupo. A turma que leciona é uma turma heterogénea, de reduzidas dimensões, o que se torna motivador para abordagens a fazer ao nível dos conteúdos a desenvolver, conseguindo-se uma maior transversalidade dos mesmos e numa perspetiva de abordagem heterogénea.

No que diz respeito à planificação das atividades desenvolvidas com os grupos, a Professora faz uma planificação semanal para cada um dos anos, onde são abordados os conteúdos diários e as atividades a desenvolver, tendo sempre em conta as planificações mensais e anual, em sintonia com as do Agrupamento a que o Externato pertence.

Verificou-se que a maioria das famílias colabora em atividades proporcionadas pela professora/escola e acompanham os seus educandos nas atividades levadas para casa e que pedem a sua colaboração. A questão dos trabalhos de casa de matemática para o 2.º ano tem levantado alguma polémica com alguns pais, mas depois de devidamente explicado aos mesmos (a questão do programa ser extenso e de revelar alguma dificuldade), é entendido e “apoiado”.

A Professora trabalhou e trabalha também em atividades de grupo, para que possam haver partilhas de opiniões e formas de pensar diferentes, conseguindo assim boas estratégias para trabalhar os valores, o que muito se proporciona com grupos heterogêneos. Este tipo de trabalho é uma forma adequada para a compreensão e aceitação de regras. As crianças, por sua vez, preferem desenvolver atividades relacionadas com Estudo do Meio, com Expressão Plástica e de ouvir contar histórias e trabalhar as mesmas.

Relativamente aos objetivos a atingir no 1.º e 2.º anos, são os exigidos pelos Objetivos Gerais do Ensino Básico (Ministério de Educação, 2006, pp. 11-16) e presentes nas Metas Curriculares do 1.º Ciclo.

A Professora Cooperante definiu o seu grupo de crianças, como um grupo heterogêneo em termos de aprendizagens e interesses, salvo os casos referenciados com NEE e as crianças sinalizadas, mas que, mesmo assim, acompanham o grupo. É um grupo que apresentou bom comportamento (embora faladores) e se revelou bastante interessado em novas aprendizagens e em desenvolver trabalhos e atividades. Por sua vez, a Professora Cooperante e a Estagiária estimularam bastante as crianças, verificando as suas necessidades e curiosidades, pois “ Um dos principais objetivos da educação é melhorar a compreensão dos alunos em relação ao mundo que os rodeia e fortalecer a sua vontade de continuarem a aprender.” (Katz & Chard, 1997, p. 10).

Uma turma motivada para a aprendizagem é uma turma com prazer de aprender. Segundo a Organização Curricular e Programas (2006) e referindo os Princípios Orientadores da Ação Pedagógica no 1.º Ciclo,

Os programas propostos para o 1.º Ciclo implicam que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam, efetivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno” (Ministério de Educação, p. 23).

3.2. Caracterização do Grupo

3.2.1. Período de Observação

Segundo a mesma linha orientadora que foi referida aquando o Período de Observação na valência de Pré-Escolar, a observação e o observar revelam-se de igual importância num nível de 1.º Ciclo e fundamentam-se as mesmas segundo idênticos pressupostos. Segundo Estrela (1994)

Uma turma é um grupo formal que obedece a características especiais: (...).Na vida de uma turma há, portanto, um fervilhar de fenómenos relacionais que poderão

explicar a disciplina ou a indisciplina na aula. Se a moral e a produtividade do grupo dependem do interesse suscitado pela persecução dos fins estipulados, a inadequação dos fins propostos ou a falta de motivação dos alunos em os atingir podem originar situações de frustração e de descontentamento que se expressam através da agressividade, da fuga ao trabalho ou da apatia (Estrela,1994).

O grupo observado foi, portanto, um grupo do 1.º e 2.º anos, de estrutura regular, embora com algumas crianças que revelam necessidades educativas especiais e consequentes adequações de currículo.

No geral, foi um grupo assíduo, salvo situações de doença e/idas ao médico. Há a salientar que, tal como constatado na valência de Pré-Escolar, as crianças que revelavam mais dificuldades foram aquelas que mais faltas deram e que chegaram várias vezes com atrasos significativos.

No que respeita ao comportamento, tratou-se de um grupo, de uma maneira geral, bem comportado, não revelando problemas de indisciplina. Eram faladores e irrequietos, características derivadas da imaturidade revelada pela grande maioria dos elementos do grupo. Revelaram-se sempre com boa disposição, prontas para trabalhar e aceitar novos desafios, que gostavam de se auxiliarem mutuamente.

É de salientar também, a boa relação existente entre a Professora Cooperante e os seus alunos. Quanto à relação da Professora Estagiária com o grupo de crianças, a mesma já delas conhecida, enquanto observadora participante/interveniente, só há a referir bons momentos, tanto ao nível do próprio trabalho como ao nível das relações, o que facilitou as interações e reforçou as ligações afetivas que, de todo, são extremamente compensadoras.

Assim sendo, neste primeiro período de observação, foram realizados relatórios diários (com parte descritiva e parte reflexiva), registos de observação naturalista e foram preenchidas *checklist's* de comportamentos, cujos exemplos relativos a um dia de observação podem ser encontrados em anexo (anexo XVI).

3.2.2. Caracterização Individual

Tal como realizado no contexto Pré-Escolar, como pode ser verificado através da consulta da Caracterização Individual nessa valência e constante neste relatório, contextualizou-se a caracterização individual das crianças, numa fase primária, também mediante uma perspetiva de avaliar o bem-estar emocional e a implicação, como meio de avaliar o que representa para as crianças o contexto educativo. Foram também, nesta perspetiva, elaboradas fichas de caracterização, individuais, apoiadas no Programa SAC

(Sistema de Acompanhamento de Crianças) (Portugal & Laevers, 2010). Foram consultadas as fichas biográficas das crianças, foram realizadas fichas de avaliação diagnóstica de competências várias e foram promovidas conversas de caráter informal com a Professora Cooperante. Após toda esta recolha de dados, conseguimos organizar fichas de caracterização individuais, que revelam uma série de informações relativas a cada criança, dando-nos a conhecer características, nível de aprendizagem e competências individuais das crianças e das mesmas no contexto educativo onde se encontram.

Em anexo (anexo IV), referem-se as características dos parâmetros de referência da avaliação segundo o Programa SAC para que se compreenda o resumo/caraterização das referidas fichas de caracterização (exemplo apresentado em anexo XVII).

3.2.3. Caracterização do Grupo após Período de Observação

Este grupo heterogéneo, constituído pelos alunos do 1.º e do 2.º anos de escolaridade, é composto por 15 crianças, 9 do género feminino e 6 do género masculino. Quatro crianças estão no 1.º ano e 11 crianças estão no 2.º ano.

Uma das crianças que ingressou no 1.º ano, do sexo masculino, veio de outra instituição e não verbaliza, na escola, nem com adultos nem com as outras crianças, embora interaja de outras formas. Já foi avaliada e foi-lhe diagnosticado “Mutismo Seletivo”, estando a ser acompanhada por uma Psicóloga.

No 2.º ano ingressaram três novas crianças, duas delas vindas de uma mesma turma, sendo que uma ficou retida no 2.º ano. São crianças que apresentavam algumas dificuldades, mas que, como à data em que foi realizada esta caracterização inicial do grupo, não tinham chegado à Instituição os Processos Pedagógicos e não havia referências anteriores, as crianças não tiveram desde logo apoio específico e devidamente adequado a possíveis necessidades consideradas especiais.

Outra das crianças do 2.º ano, do sexo feminino, de 9 anos de idade, estava referenciada com NEE, apresentando muitas dificuldades, principalmente ao nível do raciocínio matemático e da interpretação. Sabia ler e escrever, embora apresentasse muitas dificuldades, quer caligráficas quer ortográficas. Ao nível social, tanto com os adultos como com os colegas, apresentava um comportamento de euforia excessiva nas reações e nas atitudes. Tinha a autoestima bastante elevada mas desistia facilmente das atividades. Tinha um ritmo de trabalho muito inferior ao ritmo da turma.

Havia mais duas crianças sinalizadas e que estavam a ser avaliadas num contexto exterior à instituição, por forma a ser elaborado um diagnóstico e posterior avaliação e intervenção específica, se necessário.

Eram todos de origem portuguesa.

Este grupo de crianças revelou-se um grupo bastante ativo e com muita vontade de aprender, onde a curiosidade se transformava em questões, muitas delas pertinentes. Os seus interesses eram variados mas gostavam muito de trabalhar em Expressões.

Todas as crianças interagiam muito bem, não havendo atritos significativos entre elas. A menina de 9 anos destabilizava a turma muitas vezes, com os mais variados comentários inadequados às diversas situações. Havia três crianças do sexo masculino, no 2.º ano, que interrompiam muitas vezes a Professora, também com comentários muitas das vezes desapropriados ao contexto.

Na sala reinou um clima de confiança entre as crianças, levando-as muitas das vezes a agirem com autonomia em diversas e diferentes situações no contexto. Foi notória a boa disposição, a energia e a curiosidade permanentes. Conheciam limites e responsabilidades mas, algumas delas, ultrapassaram-nos muitas vezes.

A sua relação com os adultos considerou-se saudável, muito comunicativa, afetiva, onde foi notória uma boa interação entre criança/adulto e vice-versa.

3.3. Perspetivas Educacionais

Tomemos como presentes as Perspetivas Educacionais apresentadas para a valência de Pré-Escolar, as quais se tornam igualmente pertinentes para este nível de ensino e às quais fazemos, de seguida, breves referências numa perspetiva de transversalização das mesmas numa continuidade educativa:

... e porque, quando falamos de postura do Educador, falamos de postura do Professor, como modelo e exemplo a dar a conhecer às crianças;

... e porque, quando falamos de motivação e de saber motivar, falamos numa perspetiva de ensino global e transversal a todos os níveis do mesmo;

... e porque, quando falamos de Diferenciação Pedagógica, falamos da e na infância, abrangendo esta uma grande faixa etária, onde a tomada de atitudes e práticas por parte do Educador/Professor faz a diferenciação perspectivando-a na ação promovida;

... e porque, quando falamos em transversalidade de áreas de conteúdos podemos falar também em áreas curriculares;

... e porque, quando falamos em ambientação da sala devemos, e porque não

obrigatoriamente, referir-nos também às salas do 1.º Ciclo do Ensino Básico; ... e porque, quando falamos na área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, falamos na continuidade da mesma através da área do Português no 1.º Ciclo. E continuamos a dizer: tanto se pode fazer com esta área e através dela.

Pela observação individual das crianças e do grupo de crianças, feita inicialmente e ao longo de um período de tempo, detetámos nas mesmas, interesses, gostos, aptidões, dificuldades, ritmos de trabalho, o que nos ajudou na planificação e na abordagem a ter com estas. Uma das áreas curriculares que privilegiamos, pela importância que a mesma tem e porque sentimos da parte do grupo entusiasmo com a própria, é o Português. Tal como já referido anteriormente, tanto se pode fazer com esta área e através dela. Por isso, e geralmente, todos os conteúdos de aprendizagens se iniciaram através desta área. Houve sempre tanto que explorar: os livros, as palavras e os seus significados, as frases, os textos, as imagens, tal como já aconteceu na valência do Pré-Escolar. Muitas vezes é difícil arranjar tempo para ser criativo e, ao mesmo tempo, cumprir o currículo mas há, acima de tudo, que tornar a aprendizagem funcional. Segundo Sanches (2001), “Os alunos terão de ser os principais atores na construção do seu saber, interagindo com o próprio saber e com os outros intervenientes da situação em estudo” (p. 56). Não fizemos da sala de aula um palco para teatro mas fomos atores da vida passada dentro da mesma, ensinando, aprendendo, criando, equilibrando as tarefas, elogiando, criticando... numa perspetiva de aprendizagem construtiva, enaltecendo sempre a motivação. Saber motivar é uma arte mas, para que tal aconteça, o professor tem de estar motivado: é imprescindível e essencial. É fundamental acreditar naquilo que se faz e fazê-lo por gosto, dando o nosso melhor às crianças, ao ensino. Foi assim que fomos e fizemos e é assim que somos e fazemos.

Não há crianças/ alunos padrões, sendo todas elas diferentes umas das outras, quer ao nível de aptidões, quer ao nível de ritmo de trabalho. Referindo Estanqueiro (2010), “Os professores competentes respeitam a diferença de aptidões dos alunos, diversificando as metodologias de ensino, os recursos utilizados e os instrumentos de avaliação das aprendizagens” (p. 12). Quando falamos em motivação, falamos de uma série de práticas e de atitudes que, tomadas no contexto de sala e de grupo, funcionam eficazmente. As atitudes...o prazer de ensinar... “ (...) postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contacto visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor” (Estanqueiro, 2010, p. 32). Acrescentamos ainda, sinceridade na comunicação e diálogo como estratégia da própria comunicação e, consequentemente,

motivação. Na prática desenvolvida, utilizámos muito a surpresa como estímulo motivador e os conteúdos foram abordados, transversalmente e interdisciplinarmente. A diferenciação pedagógica e concordando com a perspetiva de Sanches (2001), deve ser promovida no dia-a-dia

fazendo a gestão da heterogeneidade dentro de um grupo e para esse mesmo grupo, realizando práticas pedagógicas centradas na ação, no trabalho da turma como um grupo e em atividades que possibilitem a alunos com diferentes capacidades participarem a níveis diferenciados e com objetivos diferentes (p. 72).

É assim que sempre agiremos e foi assim que agimos neste contexto. Saber como e porquê, saber para quem, estimulando, como já referido, a motivação, através de um discurso e de reforços positivos, tem sido e vai ser sempre a nossa maneira de estar com as crianças.

Todas as áreas curriculares, de conteúdos, são promotoras de desenvolvimento e de aprendizagens. Transversalizando-as, as aprendizagens tornam-se mais significativas pois a criança compreende e tira ilações das próprias ações decorrentes das atividades proporcionadas. As atividades deverão ser contextualizadas com os conteúdos, o que muito defendemos e praticamos.

Perspetivámos todo um processo contínuo de avaliação, diagnóstica e formativa, indo o mesmo ao encontro de avaliações sumativas realizadas pela Professora Cooperante. Assim, foram realizadas avaliações diagnósticas iniciais e sempre que as mesmas se tornaram pertinentes para aferir pré-requisitos em diferentes aprendizagens pois, segundo Marques (2001) “A avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e as aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, tendo em vista evitar dificuldades futuras” (p. 76). Também a avaliação formativa teve um papel fundamental, na medida em que a mesma pretendeu “determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução” (Marques, 2001, p. 76).

3.4. Intervenção

3.4.1. Problemática/Área de intervenção

3.4.1.1. *Análise e Formulação do Problema*

Para analisar o contexto e equacionar o problema a formular, baseámo-nos na postura e pressupostos do já referido no contexto de Pré-Escolar, relativamente a este item da Problemática/Área de Intervenção.

Atendendo às características individuais das crianças e às características do grupo no

geral, depois de conversar com a Professora Cooperante, e perante a prática/intervenções decorridas até ao momento, verificámos que não existe nenhuma problemática específica e abrangente relativamente ao grupo. Nem todas as crianças estavam no mesmo nível de desenvolvimento, nem todas revelaram o mesmo comportamento, tal como já foi referido nas caracterizações individuais e do grupo, havendo duas crianças com NEE e outras duas sinalizadas para diagnóstico; as mesmas encontravam-se integradas no grupo (uma no 1.º ano e outra no 2.º ano) e devidamente acompanhadas pela Professora Titular/Cooperante. Promoveu-se uma diferenciação pedagógica, diferenciação essa que, num contexto de sala de aula, abrangeu todas as crianças porque, todos são diferentes uns dos outros.

Em conversa com a Professora Cooperante, falámos-lhe da nossa postura perante a linguagem e a área do Português e esta mostrou-se receptiva a uma abordagem mais sólida nessa área, numa perspetiva de transversalidade com as demais. Falámos também, e porque considerámos deveras importante, na motivação e empenho demonstrado pelas crianças de ambos os anos de escolaridade quando essa área era abordada, através das mais variadas atividades e abrangendo o grupo na sua heterogeneidade. A motivação das crianças era de todo evidente, sendo a mesma considerada um aspeto positivo e valorizador de aprendizagens futuras, nas diversas áreas e respetivos conteúdos.

Falámos também do PAT, do PAA e no PCE que tem por título, «Era uma vez...a História de Portugal»: no 1º período foi abordado o subtema “Da Monarquia à República”; no 2º período o subtema é “Da República ao Estado Novo” e no 3º período, “Do Estado Novo à Democracia”.

Assim, e perante tudo o que foi dito, surgiu o problema/problemática numa perspetiva positiva: a articulação do Português com todas as outras áreas curriculares, num grupo heterogéneo, tendo como temática geral os temas do PAA e do PCE.

3.4.1.2. Definição de prioridades e motivações

Como já referido anteriormente, a escolha da temática está relacionada com a atitude positiva demonstrada pelas crianças e pelas Professoras em relação à Área Curricular do Português.

Como promotores da comunicação nas suas mais variadas e adequadas vertentes, através de estratégias pensadas e selecionadas que cativem a atenção das crianças e que lhes proporcionem desafios construtivos, estamos totalmente de acordo quando Sanches

(2001) diz “Não esqueçamos que os professores que nós recordamos são aqueles que nos propuseram os maiores desafios, que souberam sair da rotina e nos proporcionaram uma outra visão do mundo, ainda que parcelar” (p. 54). Sair da rotina pode começar pela própria sala de aula, pelo próprio contexto. Não é preciso sair do espaço físico da sala para se modificar o seu ambiente de interação. Segundo Sanches (2001), o espaço físico pode ser limitador mas, se o relacionamento humano for potencializado e potencializador de experiências e de aprendizagens significativas, a sala de aula é um lugar onde a todos nos apetece estar, que a todos nos envolve.

Saber ensinar é saber comunicar e saber comunicar é saber ensinar. O professor é sempre um modelo para a criança e é bom que o mesmo tenha consciência disso. Por tal, e para tal, é necessário que o professor se muna de boas técnicas de comunicação verbal e não-verbal, utilizando recursos variados e uma linguagem “rigorosa, tecnicamente adequada à matéria, clara e acessível aos alunos” (Estanqueiro, 2010, p. 36). Ser competente cientificamente é condição e dever do professor. Como se costuma dizer “Saber não ocupa lugar”...mas saber faz-nos ocupar um lugar, um lugar onde o conhecimento é privilégio e é lá que gostámos de estar, sendo esta a postura que queremos para o futuro.

O uso da comunicação verbal em diferentes contextos e em diversas situações, é fundamental. É através da interação verbal que as crianças se tornam comunicadores competentes e, assim, desenvolvem os vários domínios da língua (fonológico, semântico, sintático, pragmático); foi fundamental criar oportunidades onde as crianças puderam ouvir, falar, descrever, discutir, formular hipóteses, das suas vivências, do seu dia-a-dia, dos seus conhecimentos, das suas aprendizagens. Esta é uma das nossas grandes prioridades e, a partir dela mesma, abordar os conteúdos previstos, tanto pela Planificação Mensal e Semanal da Professora Cooperante como pelo PAA, de forma transversal com todas as outras áreas e com o PCE e PAT.

Como base motivadora de todas as abordagens esteve sempre a linguagem, oral e escrita. Pelo seu carácter transversal, o Português valida as aprendizagens em todas as áreas curriculares e desempenha um papel crucial na aquisição e no desenvolvimento de saberes. Além do mais, o Português, além de transversalizar áreas curriculares, transversaliza também ciclos de ensino. Sabemos que o ensino básico está operacionalizado por ciclos e, embora o 1.º Ciclo esteja institucionalizado como um ciclo único, podemos entender que o mesmo pode compreender dois momentos devido às suas características: 1.º e 2.º anos de escolaridade e 3.º e 4.º anos de escolaridade. De

qualquer forma, estão definidas metas por ano de escolaridade (Português e Matemática) e essa definição “teve em vista a clarificação dos conteúdos de aprendizagem em cada ano, a responsabilização pelo seu ensino em um momento determinado do percurso escolar (...), e a opção por formas de continuidade e de progressão entre os diferentes anos de um ciclo e também entre os vários ciclos” (Ministério de Educação, 2012, p. 5).

Segundo a Organização Curricular e Programas (2006) há 14 objetivos gerais traçados para o Português e os quais passamos a citar pois achamos: Expressar-se oralmente, com progressiva autonomia e clareza, em função de objetivos diversificados; Comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação; Utilizar a Língua como instrumento de aprendizagem e de planificação de atividades (discussões, debates, leituras, notas, resumos, esquemas); Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral; Experimentar percursos individuais ou em grupo que proporcionem o prazer da escrita; Praticar a escrita como meio de desenvolver a compreensão na leitura; Promover a divulgação dos escritos como meio de os enriquecer e de encontrar sentidos para a sua produção; Produzir textos escritos com intenções comunicativas diversificadas; Aperfeiçoar a competência de escrita pela utilização de técnicas de auto e de heterocorreção; Utilizar a leitura com finalidades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e enriquecimento da Língua); Apropriar-se do texto lido, recriando-o em diversas linguagens; Desenvolver a competência de leitura relacionando os textos lidos com as suas experiências e conhecimento do mundo; Utilizar diferentes recursos expressivos com uma determinada intenção comunicativa (dramatizações, banda desenhada, cartazes publicitários); Descobrir aspetos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua, a partir de situações de uso (pp. 137-138).

Outra das prioridades definidas para esta problemática, é a não menos importante, “trabalhar com grupos heterogéneos”, sendo estes, no caso, o grupo do 1.º ano e o grupo do 2.º ano, num contexto de uma mesma sala de aula. Sabemos o quão difícil é, por vezes, trabalhar com um só grupo. Quando temos dois grupos distintos, essa dificuldade torna-se acrescida. Há que gerir diferenças ao nível dos conteúdos, das aprendizagens, das atitudes, dos comportamentos, dos momentos de trabalho...mas é um desafio e, porque não, uma grande motivação para o professor que deverá ser transmitida para as crianças.

A turma, num contexto do conjunto dos dois anos de escolaridade, era uma turma

pequena o que possibilitou muitas interações conjuntas, com objetivos e propostas por vezes iguais mas com níveis de concretização diferentes. Foi nosso propósito promover ações de interação entre os dois anos de escolaridade como forma de fomentar a comunicação, a colaboração, o companheirismo, a interajuda. Foi sempre assegurada a participação de todos os elementos, sem preconceitos nem críticas, sem estereotipar papéis. Tivemos um lugar importante neste aspeto, na medida em que agimos como autoridade, como mediadores de comportamentos, servindo também para estimular e/ou também para limitar, por forma a desenvolver a autonomia e a responsabilidade nas crianças. Segundo Estanqueiro (2010), “Em educação, a rigidez não funciona. É indispensável equilíbrio entre o controlo e a liberdade, a razão e a emoção, a distância e a proximidade, a firmeza e o afeto” (p. 81).

3.4.1.3. *Temática*

Os temas nomeados para a intervenção não estavam, à partida, definidos. De qualquer forma, as temáticas presentes no PAA foram algumas das que serviram de apoio às atividades propostas para o grupo heterogéneo (1.º e 2.º anos). O Halloween, o Natal, o Dia de Reis, foram alguns a considerar para a planificação de atividades e aprendizagens, na medida em que cativam e motivam as crianças, sendo os mesmos, facilitadores de implementação de atividades e promotores de aprendizagens várias e significativas, além do inerente entretenimento que promovem.

Como temática para o desenvolvimento destes temas acima referidos propôs-se uma abordagem à Tipologia Textual.

Fomentar interesses, estimular a motivação, promover aprendizagens e fundamentar competências, foi o grande desafio.

3.4.1.4. *Enquadramento Teórico*

Oferecendo situações desafiadoras que motivassem diferentes aprendizagens e diferentes respostas, partimos de vários tipos de textos e viajámos por todo um processo de aprendizagem onde foram desenvolvidos conteúdos/competências transversais, visto estes não se poderem dissociar “ (...) a distinção entre conteúdos e competências é destituída de sentido. As competências permitem criar e aplicar os conteúdos tanto em situações vulgares como em situações novas. (...) Os conteúdos dão significado às competências e permitem a crítica fundamentada da tradição e a criação de novas tradições” (Marques, 2001, p. 137).

Cabe-nos a nós, professores, planejar previamente todo esse processo, todas essas aprendizagens, definir de forma clara os objetivos de aprendizagem, prever que assuntos terão que dominar as crianças para a concretização dos objetivos propostos, criar recursos físicos para disponibilizar às crianças, gerir todo o processo de aprendizagem e os conteúdos a abordar transversalmente e avaliar (também em conjunto com as crianças), com vista a eventuais reformulações.

Segundo Sim-Sim (2008),

(...) a utilização da linguagem escrita é imprescindível na vida quotidiana. Torna-se, por isso, indispensável saber ler fluentemente e escrever de forma eficiente para a realização de muitas das atividades diárias, como ler um jornal ou verificar a bula de um medicamento, consultar um extrato bancário ou um horário de comboios, enviar uma mensagem escrita pelo telemóvel (...), usufruir do prazer de ler um romance ou estudar para um exame (p. 7).

É esperado que a escola assuma um papel supremo na aprendizagem da linguagem escrita. Para tal, os professores devem propiciar encontros adequados entre as crianças e os textos. Sabemos que as crianças descobrem a linguagem escrita antes de formalmente ensinada mas, quando nos referimos a estas terem o domínio dessa mesma linguagem, aferimos que, e tal como Sim-Sim (2008) refere, “ A essência da leitura é a construção do significado de um texto escrito e aprender a compreender textos é o grande objetivo do ensino da leitura” (p. 7). É pois essencial que o professor crie, para as crianças, situações de contacto, de exploração e de reflexão sobre a produção de textos...só assim, o professor aproveita e otimiza as possibilidades do contexto e das crianças e promove nas mesmas competências para que se possam valer da escrita com adequação e autonomia, num futuro próximo e num futuro longínquo.

Ainda referindo Sim-Sim (2008),

Ensinar a ler é, acima de tudo, ensinar explicitamente a extrair informação contida num texto escrito, ou seja, dar às crianças as ferramentas de que precisam para estratégica e eficazmente abordarem os textos, compreenderem o que está escrito e assim se tornarem leitores fluentes (pp. 7-8).

Sabemos que a aprendizagem da leitura passa por todo um processo de decifração e pela compreensão de textos, isto é, da apreensão do significado da mensagem do que se lê. Antes de saber decifrar a criança já compreende muitas das mensagens que os textos que ouve lhe transmitem. Quando aprende a decifrar, a compreensão acompanha essa mesma aprendizagem e pressupõem-se que este duo de aprendizagens/competências acompanhe a criança numa aprendizagem construtiva de saberes. Segundo Sim-Sim (2008) “o ensino de estratégias de compreensão de textos deve permitir que, no final do

1.º Ciclo do Ensino Básico, a criança seja capaz de: Apreender o sentido global de um texto; Identificar o tema central e aspetos acessórios; Distinguir entre ficção/não ficção; causa/efeito; facto/opinião; Localizar informações específicas e usá-las para cumprir instruções; Sintetizar partes do texto; Reconhecer os objetivos do escritor; Compreender inferências, mobilizando informações textuais implícitas e explícitas e conhecimentos exteriores ao texto; Relacionar a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto; Extrair conclusões do que foi lido; Seguir instruções escritas para realizar uma ação; Inferir o significado de uma palavra desconhecida com base na estrutura interna e no contexto; Utilizar estratégias de monotorização da compreensão; Ler autonomamente pequenas obras integrais adequadas ao interesse da faixa etária em questão (pp. 13-14).

Kaufman e Rodriguez (1995) dizem que “ Os textos, enquanto unidades comunicativas, manifestam diferentes intenções do emissor: procuram informar, convencer, seduzir, entreter, sugerir estados de ânimo, etc” (p. 13). É portanto evidente, que existe um grande leque de tipos de textos, categorizados, segundo as mesmas autoras, pela função da linguagem que neles predomina (informativa, literária, apelativa e expressiva) e pela diferente trama (descritiva, argumentativa, narrativa e conversacional). Segundo Sim-Sim (2008), “A tipologia de textos a ler influencia a compreensão obtida, determina objetivos de leitura diversos e requer o uso de estratégias específicas de compreensão” (p. 14).

É pois, fundamental, que as crianças usufruam de contactos com diferentes tipos de textos, que se apropriem de estratégias para a compreensão desses mesmos tipos de textos, por forma a desenvolverem fluência na leitura e, assim, se tornarem leitores fluentes. Num contexto de 2.º ano de escolaridade, e segundo as Metas e os Programas Curriculares em vigor, é importante o contacto com a diversa tipologia de textos, necessariamente adequados à faixa etária predominante nesse ano de escolaridade básica. Foi com esse propósito que se elaboraram diversas abordagens a diferentes tipos de texto, devidamente planificadas com atividades de promoção de competências específicas, implicando o uso de estratégias variadas por forma a que as crianças se apoderassem das mesmas para a compreensão dos textos em questão. Assim, sempre que se proporcionou e transversalizando áreas curriculares, foram trabalhados vários textos, com várias tipologias, dos quais foram selecionados: epistolares (carta), narrativos (banda desenhada), instrucionais (receita), literários (poema).

A abordagem à tipologia variada de textos permitiu que se transversalizassem áreas curriculares disciplinares como o Português, a Expressão Plástica, a Expressão Musical

e a não disciplinar Educação para a Cidadania. Outras, certamente, seriam ou será possível abordar, numa perspetiva de interligação de conteúdos, pressupondo a concretização de vários objetivos específicos através de uma ação pedagógica provedora de aprendizagens e desenvolvimento das mesmas. Segundo a Organização Curricular e Programas

Os Programas propostos para o 1.º Ciclo implicam que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam, efetivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno (Ministério de Educação, 2006, p. 23).

Aprendemos mais para saber mais...sempre com significado, contextualizado e com muita motivação.

3.4.2. Prática desenvolvida

Considerando já todo um percurso e postura em Educação Pré-Escolar, assentámos a prática em 1.º Ciclo nos pressupostos éticos, pedagógicos e metodológicos já equacionados aquando a prática na valência referida.

Tal como aconteceu no Pré-Escolar, a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, agora com a denominação geral de Português, foi o mote para a interdisciplinaridade e promotora de transversalidade.

A prática desenvolvida abrangeu dois anos de escolaridade, 1.º e 2.º anos, e as intervenções realizadas distribuíram-se por dois dias da semana para cada ano sendo que, muitas delas, foram planificadas para o grupo na sua totalidade, isto é, foram planeadas atividades que englobassem aprendizagens comuns aos dois anos em contexto.

Assim sendo, tomámos muitas das posturas, atitudes e motivações já praticadas nas intervenções em Pré-Escolar adotando as mesmas nas intervenções realizadas no 1.º Ciclo. Partimos da equacionada problemática para um mundo de aprendizagens várias que levaram as crianças a adquirirem competências nas várias áreas de saberes. As histórias continuaram, tal como na valência de intervenção anterior, a ser muito valorizadas como estratégias de ensino e aprendizagem e, através das mesmas, transversalizaram-se áreas curriculares, sempre com atividades significativas.

Os vários tipos de textos, seguindo uma Tipologia Textual já referida e fundamentada no Enquadramento Teórico da Problemática, foram abordados através de diferentes e lúdicas atividades que envolveram as crianças em aprendizagens

contextualizadas com diversos temas, alguns deles delineados no PAA da Instituição. Não pensemos contudo, que descurámos as demais áreas curriculares disciplinares e não disciplinares. Pelo contrário, sendo que a Matemática, o Estudo do Meio, a Expressão Plástica, Musical e Dramática e a Educação para a Cidadania foram transversalizadas numa prática que se considerou transdisciplinar.

Refletir, planear, agir, registar, refletir, avaliar e refletir...reformular se necessário...essencial e base da nossa prática educativa.

As planificações foram sempre realizadas pensando nos domínios de conteúdos a abordar, nas metas/objetivos a implementar e nos descritores de desempenho/competências a adquirir, tanto nas planificações para os dois anos separadamente, como nas que foram planeadas para o grupo heterogéneo, baseando-se as mesmas nas Metas Curriculares para este nível de ensino. Foram sempre criados recursos físicos e materiais adequados e apelativos para a concretização das atividades propostas e consequentes aprendizagens delas decorrentes.

A avaliação foi considerada no próprio processo e no produto, ou melhor, nos produtos finais, referindo-se os mesmos às aprendizagens decorrentes do ensino-aprendizagem, tal como já realizado e fundamentado na valência de Pré-Escolar, com as devidas e necessárias adequações ao nível dos instrumentos construídos.

Na prática educativa realizada no nível de 1.º Ciclo do Ensino Básico, a observação, os trabalhos das crianças e o preenchimento de vários instrumentos de registo/avaliação (auto e heteroavaliação), de que damos conhecimento de alguns em anexo (anexo XVIII), estiveram sempre presentes por forma a um melhor conhecimento das crianças e do modo como as mesmas evoluíram.

3.4.3. Atividades mais significativas em contexto de estágio

Foram muitas as atividades promovidas dentro da temática delineada para a área de intervenção prioritária e, cremos, significativas para as crianças.

Selecionámos duas atividades (uma delas prolongou-se por mais do que um dia) onde foi abordado o texto narrativo, com duas vertentes diferentes, sendo uma delas a Banda Desenhada (narrativa icónica literária). Foram atividades assentes na transversalidade de áreas e de conteúdos, tendo sempre por base a comunicação e a linguagem e o contexto de grupo heterogéneo, sendo tudo o referido a nossa base estratégica de intervenção.

Planificações das Atividades: As planificações das atividades vão ser apresentadas em três anexos seguidas pelos respetivos anexos diários (às planificações). Os anexos apresentados com a numeração 11 e 21 são representativos das estratégias utilizadas na própria planificação. Os anexos 11a, 21a e 28a são representativos das avaliações realizadas das atividades decorrentes do planeado. Nas planificações apresentadas, e que se reportam a três manhãs letivas, estão realçadas as atividades que queremos evidenciar para este propósito.

Assim, teremos os seguintes documentos nos seguintes anexos:

- Anexo XIX - Planificação diária de 27 de novembro de 2013 + Anexos 11 e 11a;
- Anexo XX - Planificação diária de 6 de janeiro de 2014 + Anexos 21 e 21a;
- Anexo XXI - Planificação diária de 16 de janeiro de 2014 + Anexos 28a.

Descrição das motivações/concretizações:

As atividades apresentadas seguidamente representam, de alguma forma, como se pode partir da leitura de uma história para um sem fim de abordagens a conteúdos e a áreas curriculares, promovendo diversas aprendizagens e competências nas crianças. Assim, sempre escolhendo uma história que tratasse de um tema contextualizado, nestes casos apresentados, com o PAA e com as festividades da altura, ao nível da área curricular do Português foram tratados os domínios da Oralidade, da Leitura e Escrita, da Iniciação à Educação Literária e da Gramática; ao nível da área curricular das Expressões, mais propriamente da Expressão Plástica e na atividade 3, foi abordado o Bloco de Conteúdos Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies. Não esqueçamos que, no decorrer das aprendizagens inerentes ao percurso das atividades, outros domínios e blocos de conteúdos foram necessariamente referidos, até pela própria exposição dos temas. Mais uma vez se refere a importância da motivação do professor para gerar motivação nas crianças e a necessidade de planejar convenientemente as atividades, quer ao nível da ambientação da sala, espaço físico e emocional, quer ao nível de preparação dos temas e materiais construídos e /ou utilizados para a concretização das atividades.

Atividade 1: Exploração do livro “O Menino que Nasceu em Dezembro”.

Justificação da Seleção: Sabemos já da importância das histórias no quotidiano das crianças e os benefícios da audição/leitura das mesmas. Aquando a apresentação das atividades mais significativas em contexto Pré-Escolar (atividade 3/págs. 40-41)

fundamentámos já a relevância das histórias e a importância da sua abordagem em contexto escolar. Assim, os fundamentos apresentados anteriormente (em Pré-Escolar), aplicam-se na íntegra ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A atividade cuja planificação apresentamos em anexo (anexo XIX), teve início com a apresentação do livro “O Menino que Nasceu em Dezembro”, de António Torrado e com ilustrações de Danuta Wojciechowska, livro que consta na Coleção de 10 Histórias do Manual de Português “A grande Aventura”, do 2.º ano de escolaridade. Conforme podemos verificar, através da consulta da planificação em anexo, foram revistos, inicialmente, alguns conceitos acerca do material escrito e as crianças preencheram uma *checklist* de autoavaliação (também em anexo). Seguidamente, e através da oralidade, foram criadas algumas expectativas sobre a leitura da obra que se revelaram de extrema importância para criar motivação nos ouvintes, preparando-os para escutar. Assim, e com o desenrolar da conversa, as crianças anteciparam o conteúdo da história com base no título e nas ilustrações que lhes foram dadas a conhecer. Foi colocado no quadro um “saco”, feito antecipadamente, em cartolina, onde foram registadas, pela Estagiária e através da escrita, as informações/antecipações dadas pelas crianças através da oralidade.

A atividade decorreu com a leitura da história, pela Estagiária, tendo sempre presente uma correta articulação, boa colocação de voz e entoação/expressividade oral. Após a leitura, foi promovido um momento de silêncio para que as crianças pudessem “(...) “emergir” de novo para a realidade” ((Rigolet, 2009, p. 125). Seguidamente, foi promovida uma conversa sobre a história onde pudemos aferir se as crianças tinham compreendido a mesma e ampliado os seus conhecimentos sobre determinados aspetos focados. O “saco de ideias” foi novamente consultado e todos pudemos confrontar as antecipações feitas e a realidade que a leitura da história nos mostrou. Foi realizado um reconto oral, coletivo, onde algumas crianças se puderam apoiar nas ilustrações constantes no livro para sequencializar temporalmente o reconto.

Em sequência da audição da história, foi distribuída pelas crianças uma folha com uma grelha com o título “Os livros que já li”. O objetivo específico era o preenchimento da mesma, ao longo do ano, com o registo das obras que cada criança fosse lendo, tendo como objetivo geral fomentar a leitura e criar bons leitores.

Partimos então para uma nova atividade relacionada com um outro domínio do Português: a Gramática e o campo lexical. Foi apresentado um saco de pano (saco do Pai Natal) e um flanelógrafo, assim como variados cartões com palavras, umas

relacionadas com o campo lexical de Natal, outras não. As crianças tiraram à vez e à sorte, os cartões, anteriormente colocados dentro do saco e, após a leitura das palavras escritas nos mesmos, colocaram os cartões no flanelógrafo, caso as palavras encontradas pertencessem ao campo lexical desejado.

Foi uma manhã dedicada à área curricular do Português em que “várias” atividades foram proporcionadas e em que as reações não-verbais (concentração, atenção, motivação) e verbais (exclamações, comentários, perguntas) das crianças foram promovidas e, também, observadas e avaliadas.

Atividade 2: Exploração do livro “Os três reis do oriente”; A Banda Desenhada como narrativa icónica e literária.

Justificação da Seleção: O início desta atividade e sua fundamentação base são os já apresentados na atividade anterior (atividade 1). O livro apresentado às crianças e trabalhado em contexto de sala de aula foi “Os três reis do oriente” de Sophia de Mello Breyner Andresen e com ilustrações de Fedra Santos. Não é considerado um livro com um conteúdo de fácil apreensão mas foi esse o primeiro grande desafio. O livro não contém praticamente ilustrações sem ser as constantes na capa e essa foi a razão pela qual foi explicado às crianças o facto da audição da história não ser acompanhada pela visualização de imagens. Nas atividades de pré-leitura, foi elaborado no quadro de giz, o chamado “Deserto de ideias”: as crianças anteciparam o conteúdo da história com base no título e na ilustração da capa. O livro encontra-se dividido em três partes, cada uma respeitante a um dos três reis. Assim, foi lida cada uma das partes e foi elaborado, a partir do reconto oral por parte das crianças, o respetivo esquema de mapeamento da mesma como exercício de pós-leitura, promovendo assim, uma maior e melhor compreensão. Este exercício foi promovido para cada uma das partes da história, após a leitura das mesmas. Estes mapeamentos, como estratégias para a compreensão de textos narrativos, serviram de base para outra atividade proporcionada posteriormente. Há a referir que foi realizada uma *checklist* de avaliação da compreensão da narrativa por parte da Estagiária.

Num segundo momento da manhã, a Banda Desenhada foi apresentada às crianças como forma de expressão de carácter literário e narrativo (narrativa icónica e literária). Através de livros de Banda Desenhada disponibilizados às crianças e com apoio em materiais realizados para o efeito, conceitos como prancha, banda, vinheta, legenda, balões de fala e de pensamento e onomatopeias foram abordados. Foi também explicado

como fazer uma banda desenhada e como planificar esse tipo de narrativa ao nível da estrutura da mesma, demonstrando às crianças a importância da planificação como sendo uma estratégia anterior à concretização de qualquer tipo de texto, inclusive da Banda Desenhada. Após esta abordagem, retomámos a história ouvida ler anteriormente e, recordando a mesma, foram selecionadas duas situações mais relevantes de cada parte, de cada rei. Em sequência, foram distribuídas pranchas (folhas A4), contendo cada uma delas seis vinhetas onde as crianças puderam desenhar as partes da história que consideraram mais importantes (duas por cada história de cada rei). Esta atividade teve continuação por vários momentos, em diversas ocasiões.

Comparada com outras formas de expressão, o fator que mais se destaca na Banda Desenhada é, sem dúvida, o seu carácter narrativo, na medida em que representa um conjunto de ações, passadas em tempo e espaço determinados, sob a forma de relato. Assim, uma nova abordagem à tipologia textual foi realizada, promovendo a apreensão de novos conceitos e a aplicação de aprendizagens.

Através dos documentos encontrados em anexo XX podemos verificar qual a pertinência da planificação desta atividade, que estratégias foram implementadas, que conceitos se transversalizaram e que tipo de avaliações foram realizadas.

Atividade 3: Continuação da realização da Banda Desenhada “Os três reis do oriente”.

Justificação da Seleção: Apresenta-se a planificação em anexo (anexo XXI), por forma a demonstrar a continuidade do processo de construção da Banda Desenhada, iniciada dia 6 de janeiro e continuada em diversos momentos ao longo deste período de tempo.

Assim, através da consulta da planificação e dos anexos à mesma, podemos verificar quais os passos dados pelas crianças até chegarem ao produto final: desenhar, pintar, recortar as vinhetas, organizar e colar as mesmas numa nova prancha (A3). A construção das legendas das vinhetas foi realizada em suporte de papel próprio, corrigidas pela Estagiária na presença de cada criança e com a colaboração das mesmas. Após esse trabalho, as crianças transcreveram para a prancha A3 as legendas e deram como terminada a sua Banda Desenhada. Todo este processo foi sempre acompanhado pela Estagiária, apoiando e incentivando as crianças a aperfeiçoarem o traço, a ilustração e, depois, a elaborarem de forma correta, as frases para legendarem as vinhetas.

Mais uma vez ficou demonstrada a importância da transversalização de áreas e de conteúdos como forma suprema de promover aprendizagens significativas para as crianças.

3.4.4. Avaliação Final do Grupo

3.4.4.1. Fundamentação Teórica das Avaliações

A avaliação é, ou deveria ser, uma prática diária em educação, o agente da intencionalidade educativa numa prática pedagógica fundamentada numa educação inclusiva. Esta deve ser considerada como função de rotina e de cariz regular. Sabemos que não é fácil avaliar, pois o mesmo implica sempre julgar algo ou alguém, mediante uma multiplicidade de questões, sendo a mesma, por si só, uma questão complexa. A avaliação visa recolher dados com o fim específico de fornecer informações sobre o que ou quem está a ser avaliado, numa perspetiva formativa e formadora. Segundo Pais e Monteiro (2002) e referindo o Despacho Normativo 333/93, “A avaliação dos alunos é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo” (p. 43). Segundo os mesmos autores, “(...) a avaliação deve ser praticada de forma integrada, contínua e numa perspetiva de regulação do ensino-aprendizagem (p. 43).

Referindo Serra (2004), e porque somos apologistas e da mesma opinião, apesar da Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico se corporizarem como dois campos diferenciados, o segundo deveria ser uma continuação do primeiro. Tomemos em consideração que há diferenças existentes entre estes dois níveis, quer no que respeita aos objetivos quer no que respeita às metodologias específicas mas, também sabemos que, cada vez mais, as diferenças estão atenuadas e considera-se haver uma articulação curricular, passiva, entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Segundo a mesma autora, e porque é considerado nos Princípios Orientadores da Ação Pedagógica no 1.º Ciclo, é de relevante importância uma continuidade ao nível da educação e do ensino entre as duas valências,

Daí a importância de o ensino básico se apoiar nos conhecimentos e vivências que as crianças têm, quando entram na escolaridade obrigatória, sendo necessária uma articulação que possibilite um crescimento apoiado, desde as atividades lúdicas e criativas da educação pré-escolar até às aprendizagens mais sistematizadas do ensino básico (Serra, 2004, p. 76).

Assim sendo, questões presentes na avaliação em Pré-Escolar deverão ser consideradas pertinentes em avaliação no 1.º Ciclo. Portugal e Laevers (2010) defendem

que as variáveis “implicação” e “bem-estar” fornecem ao educador dados sobre o desenvolvimento das crianças, permitindo ao mesmo, uma organização da sua prática com vista a satisfazer as necessidades de cada criança, por forma a promover o seu desenvolvimento. Tal como acontece no Pré-Escolar, pretende-se que o professor do 1.º Ciclo organize o ambiente educativo e respetiva avaliação, como base de todo o trabalho curricular e intencionalidade: compreender a organização do grupo, do espaço e do tempo e a relação com a comunidade educativa. Segundo Portugal e Laevers (2010), “Uma educação inclusiva é aquela em que o educador cria um contexto educativo onde cada criança encontra a estimulação de que necessita para progredir, não perdendo de vista nenhuma criança e respondendo bem a todas elas” (p. 24). Transportemos esta maneira de ser e de estar para a educação e postura no 1.º Ciclo. Não nos esqueçamos que, tal como refere Serra (2004), “(...) professores/ educadores têm o mesmo público-alvo – a infância – e ambicionam o mesmo: ajudar as crianças a crescer harmoniosamente, a serem cidadãos responsáveis, a terem igualdade de oportunidades na sociedade em que estão inseridos e a aprenderem a ser felizes” (p. 14).

Porque acreditamos que o bem-estar emocional das crianças deve ser o alicerce para a ação pedagógica do professor, somos apologistas e promovemos uma avaliação do contexto que leva a esse bem-estar, sendo este um fator decisivo na aprendizagem e desenvolvimento pessoal e social das crianças: comportamento em grupo, aquisição de competências indispensáveis e seu domínio, de forma articulada e integrada, e atitudes.

A avaliação é, como já referido, um processo contínuo de registo dos progressos realizados pela criança ao longo de determinado tempo. Sendo esta da responsabilidade do professor titular de turma, compete ao mesmo, definir uma metodologia de avaliação de acordo com as suas conceções e opções pedagógicas.

Como documentos de referência e consulta fundamentais para uma capaz avaliação formativa e consequentemente, formadora, há a referir os que foram utilizados, como a “Organização Curricular e Programas”, as Metas Curriculares, os livros “Avaliação em Educação Pré-Escolar-Sistema de Acompanhamento de Crianças” de Gabriela Portugal e Ferre Laevers, “Avaliação-Uma prática Diária” de Ana Pais e Manuela Monteiro, “Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1.º Ciclo do Ensino Básico” de Célia Serra, que se tornaram magníficos auxiliares para a fundamentação da avaliação e para a construção de registos diversificados.

Foram utilizados diversos instrumentos de observação e registo/avaliação, construídos com base numa prática pedagógica baseada num método eclético e numa

educação inclusiva, tais como, passo a referir: de observação; abordagens narrativas (com base, por exemplo, em incidentes críticos); fotografias das crianças em diversas atividades; fotografias dos trabalhos das crianças; cópias dos trabalhos das crianças; registos de autoavaliação; registos de heteroavaliação; entre outros. Esta diversidade de técnicas e de registos, permitiu que cada criança fosse observada, analisada, avaliada e “refletida”, por forma a um melhor acompanhamento das suas aprendizagens e também, e atendendo à perspetiva da Estagiária, permitir uma reformulação, caso necessário, da sua própria intencionalidade educativa. Segundo Abrantes (2002)

Nenhum instrumento isolado, só por si, poderá fazê-lo, pelo que é preciso recorrer a uma combinação de modos e instrumentos de avaliação, adequados ao trabalho realizado e à natureza das diversas aprendizagens (...) constituirão uma base para reflexão periódica do professor (...) (pp. 13-14).

A recolha de dados ao longo deste “tempo” letivo (neste caso) e através de vários registos e tipos de registos, foi realizada, num primeiro momento, através de uma avaliação diagnóstica e de observações várias e diversas e, num segundo momento, segundo abordagens a diversas estratégias e promoção de diversas atividades, com objetivos claros e precisos, formulados antecipadamente (ou não), visando como fim, a apropriação pelo professor, do nível de desenvolvimento das crianças a vários níveis. Não foram consideradas as avaliações tipo sumativas realizadas pela Professora Titular de turma visto não ser esse o propósito da avaliação promovida mas tendo a avaliação promovida contribuído para a avaliação sumativa da docente referida.

Todos os instrumentos referenciados foram aplicados em contexto de sala de aula, individualmente, a pares ou em atividades realizadas em grupo. Sendo a turma heterogénea, com diferentes anos de escolaridade (1.º e 2.º anos) e com níveis etários diferentes, tornou-se necessário a utilização de estratégias diversificadas assim como, de registos de avaliação também diversificados. Segundo Pais e Monteiro (2002),

Com turmas heterogéneas, constituídas por alunos de diferentes níveis etários e de origens sócio-culturais diversas, há que fazer a diversificação dos instrumentos e das técnicas de avaliação. Só diversificando instrumentos e procedimentos se pode avaliar de forma correta a aprendizagem, as capacidades e as atitudes desses alunos. É através da avaliação que o professor passa a informação de quais as experiências e atividades de aprendizagem que são de facto valorizadas (p. 52).

3.4.4.2. Fundamentação Teórica das Avaliações para Encarregados de Educação

Como já fundamentado aquando a valência de Pré-Escolar, releva-se somente aqui a importância do envolvimento das famílias no contexto educativo, assim como a importância de lhes dar a conhecer, por parte dos Professores Titulares, todas as

informações relativas aos seus educandos, revelando-lhes assim, o resultado do processo de aprendizagem e respetivos níveis de desenvolvimento.

A avaliação realizada às crianças e apresentada como final (exemplo em anexo XXII), não é de todo uma avaliação sumativa de todo um percurso de ano letivo mas é, pretensiosamente, uma avaliação final de um determinado período de observação/intervenção da Professora Estagiária.

3.4.4.3. *Fundamentação Teórica das Avaliações para Técnicos*

Como já fundamentado aquando a valência de Pré-Escolar, salienta-se neste *item* a importância da avaliação diagnóstica e da observação como formas de avaliar uma criança e de detetar eventuais características que revelem algo a ser observado por técnicos especializados e por forma a ser elaborado um diagnóstico conclusivo.

Tal como aconteceu na valência anteriormente considerada, apresenta-se em anexo (anexo XXIII) uma carta destinada a técnicos especializados, com vista a facultar aos mesmos informações pertinentes sobre uma criança que não oraliza em contexto escolar e por forma a ser elaborado um diagnóstico. Esta carta deverá acompanhar todas e quaisquer informações/avaliações que se considerem pertinentes para a elaboração desse mesmo diagnóstico por parte dos técnicos.

3.4.4.4. *Caracterização/Final do Grupo*

O grupo de crianças caracterizado pertencia a uma sala do Externato “O Nial”, de contexto heterogéneo, de 1.º e de 2.º anos de escolaridade e onde estavam presentes várias faixas etárias. Era composto por 4 crianças do 1.º ano e 11 crianças do 2.º ano. Nove das crianças eram do género feminino e seis do género masculino, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos de idade.

No grupo do 1.º ano de escolaridade havia uma criança referenciada com NEE (porque lhe foi diagnosticado Mutismo Seletivo) e no 2.º ano havia também uma criança com NEE e duas em fase de diagnóstico. A criança do 1.º ano estava a ser acompanhada na Instituição por uma Psicóloga, em contexto exterior à sala de aula, uma vez por semana. A criança do 2.º ano, já com 9 anos de idade e com uma retenção no 2.º ano, tinha PEI elaborado e que a acompanha desde a escola que frequentava no ano transato mas, até ao momento, a mãe (Encarregada de Educação) não requereu nenhum acompanhamento específico. Há a referir que, qualquer uma destas crianças, estava inserida no contexto da sala e do grupo, não se fazendo qualquer distinção exceto ao

nível de algumas das atividades propostas e implementadas e/ou respetivas avaliações das mesmas, promovendo-se assim, uma adaptação curricular.

A Professora Cooperante e a Estagiária praticaram e praticam um Método Eclético e Diferenciação Pedagógica, onde a Intencionalidade Educativa está sempre presente na postura que adotam e nas práticas promovidas. É uma mais-valia para as crianças pois assim, atenderam a cada criança em particular e ao grupo no geral: os interesses de cada uma foram valorizados, tal como as suas capacidades e os seus ritmos de trabalho. Assim sendo, cada criança desenvolveu competências próprias, tanto ao nível social como ao nível académico.

O facto do contexto de sala de aula ser de cariz heterogéneo foi estimulador na motivação das crianças e foi notório, ao longo deste tempo letivo, o envolvimento individual revelado por cada uma delas e pelo grupo em geral. Todas as atividades promovidas para o grupo no seu todo (1.º e 2.º anos), contextualizadas com as temáticas ou conteúdos a tratar e apoiadas numa base de interdisciplinaridade, demonstraram grande adesão e entusiasmo por parte das crianças e por estas em relação ao trabalho em parceria com diferentes faixas etárias e níveis escolares, criando um clima de interajuda e de cooperação, beneficiando as crianças como seres humanos e as aprendizagens curriculares das mesmas.

O clima de aula foi estimulante numa perspetiva de desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da própria iniciativa.

Este grupo de crianças foi, desde o início, um grupo que se revelou muito curioso, interessado e participativo nas atividades e consequentes aprendizagens. Foram crianças que se socializaram de forma positiva e correta, muito atentos a regras (por vezes não cumpridores), procedimentos e responsabilidades a ter nas diversas situações com que se depararam, muito unidos e bem-dispostos. Somente as crianças referenciadas com NEE continuavam a apresentar comportamentos que se tornaram, por motivos diferentes, inibidores de socialização e promotores de falta de autonomia, atenção e concentração, refletidos no nível de aprendizagens adquiridas.

Neste período de tempo, foi notória uma crescente cumplicidade emocional nas relações entre as crianças. Eram crianças que se ajudavam mutuamente em diversas situações, quer nas decorrentes das atividades de sala quer em contexto de recreio. A criança diagnosticada com “Mutismo Seletivo” tinha a atenção de todas as restantes do grupo, as quais estavam constantemente a ajudar e a chamá-la para brincar, em situação de recreio. A criança de 9 anos, também referenciada com NEE era uma criança que

tinha um comportamento muito característico, infantil e imaturo mas, mesmo assim, estava completamente inserida no grupo, pelo próprio grupo.

Ao nível da aprendizagem do Português, nos quatro domínios definidos pelas Metas Curriculares, foi notório, nos dois anos de escolaridade, o envolvimento das crianças em todas as abordagens/ atividades realizadas. Através das mesmas, o grupo, em geral e ressalvando exceções, adquiriu muitas das competências definidas pelos objetivos e descritores de desempenho das próprias Metas Curriculares. Mesmo as crianças com mais dificuldades conseguiram atingir muitos dos objetivos.

Na área da Matemática, o grupo do 1.º ano adquiriu um nível de proficiência matemática, nos três domínios de conteúdos (Números e Operações, Geometria e Medida, e Organização e Tratamento de Dados), bastante elevado para este nível de escolaridade nesta altura do ano letivo. O grupo do 2.º ano, e tendo em conta o grau de dificuldade acrescida presente no programa de matemática para este ano, conseguiu, não a um nível homogêneo (houve crianças que revelaram alguma/muita dificuldade), adquirir competências, sendo estas projetadas através dos descritores de desempenho objetivados nos três domínios já referidos.

O Estudo do Meio é uma área que cativa as crianças. O conhecimento do “eu” e do “mundo” foi do interesse de todas as crianças e as mesmas estiveram unidas nas e pelas descobertas que fizeram, muitas delas através de atividades de grupo.

Na área da Expressão Plástica, mais concretamente na exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica, notou-se uma grande evolução no que respeita à generalidade das crianças do grupo: no traço, na utilização dos materiais, na utilização das cores, na autonomia da expressão e na criatividade.

A Expressão Musical permitiu que o grupo se apoderasse de várias letras de canções que foram exploradas musicalmente e na área do Português.

Outra das “sub-áreas” presentes na área das expressões é a Físico-Motora. Nesta área, embora não muito trabalhada pela Estagiária, foram realizados jogos de cariz lúdico e social, onde as crianças que apresentavam dificuldades ao nível da motricidade apresentaram dificuldades na realização de alguns dos mesmos. Foram, contudo e essencialmente, promotores de socialização entre as crianças e de interiorização de regras, de princípios de cordialidade e de respeito pelo próximo.

Pensamos que as crianças, no geral, se sentiram elementos ativos de todo um processo de aprendizagem que, para a maioria, se tornou significativa pois foi feita pelas mesmas e com as mesmas, promovendo a autonomia e a responsabilização. Não é

uma tarefa fácil mas é de toda uma tarefa motivadora, principalmente para as crianças que se empenham e se envolvem.

Os pequenos sucessos de cada criança não foram esquecidos nem, tão pouco, não elogiados. Foram sim, sempre motivo para um reforço positivo, tão importante não para uma nem para algumas, mas para todas as intervenientes neste processo complexo que é a própria aprendizagem. Segundo Sanches (2001),

Quem se desenvolve em ambientes estimuladores, geradores de sucesso, aprende a criar sucessos, grandes ou pequenos, mas sempre sucessos. Um indivíduo que se vai desenvolvendo, sentindo que ninguém valoriza o que ele faz, vai perdendo capacidade de investir em si próprio e no meio que o circunda (p. 59).

E porque temos em contexto de sala e de grupo, crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), esta postura perante o elogio e o reforço positivo torna-se ainda mais relevante pela parte do professor, pois “Reconhecer e recompensar o esforço do aluno é uma aprendizagem que tem de ser feita, principalmente quando lidamos com alunos com problemas de aprendizagem que têm uma longa história de insucesso” (Sanches, 2001, p. 60).

3.5. Reflexão Crítica

O estágio no Externato “O Nial”, realizado ao longo de quatro meses letivos, permitiu que pudesse, numa primeira fase, a fase de observação, conhecer as crianças e os seus gostos e necessidades. Permitiu também um maior contacto com a sala, quer ao nível de espaço físico e ambientação do mesmo, quer ao nível da sua própria dinâmica. A metodologia aplicada pela Professora Cooperante foi também observada neste período de tempo para que a etapa seguinte, a de planeamento da ação educativa e intervenção, se tornasse parte integrante da já dinâmica existente, contextualizada com a pedagogia e metodologia já aplicadas.

O trabalho desenvolvido ao longo da prática educativa foi assente no PCE e no PTT, assim como no PAA e nos temas/conteúdos propostos pela Professora Cooperante. Foram tidas em consideração as preferências, ideias e opiniões das crianças para os planeamentos e as planificações foram realizadas em concordância com a Professora Cooperante (tendo em atenção o espaço, o tempo, os materiais, os conteúdos). Foram planificadas variadíssimas atividades que foram sendo propostas ao longo deste período de tempo, todas elas assentes nas Perspetivas Educacionais da Estagiária, assim como na Problemática equacionada, não esquecendo os interesses das crianças.

Segundo as Orientações para a Educação Pré-Escolar, tão bem assentes num 1.º Ciclo, a criança, e todo o ser humano, vai-se construindo pela interação social que tem com o meio que a rodeia, adquirindo valores que a vão conduzir no caminho da cidadania. Nessa perspetiva, o professor é visto como um modelo, exercendo assim uma forte influência no desenvolvimento pessoal e social das crianças. Foi perante a perspetiva e as expectativas das crianças em relação à Estagiária, sendo esta mais um dos modelos em contexto de sala de aula, que a mesma se guiou por princípios e valores em toda a sua ação pedagógica, tendo sempre presente a noção de que estava a educar as crianças para a vida.

A Área da Educação para a Cidadania, numa perspetiva de formação pessoal e social foi uma das áreas mais trabalhada transversalmente com as demais. Foi uma área que foi permanentemente abordada, em que valores e atitudes a ter foram trabalhados. A dimensão para a cidadania está presente na Organização Curricular do Ensino Básico, sendo um dos objetivos gerais, “Estimular a criação de atitudes e hábitos positivos de relação que favoreçam a maturidade sócio-afetiva e cívica, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante” (Ministério de Educação, 2006, p. 15).

A Área da Matemática não foi das mais trabalhadas no 1.º ano de escolaridade, devendo-se o facto à organização do horário letivo. No 2.º ano de escolaridade, várias foram as planificações dedicadas a esta área. Tal como já referido para o contexto Pré-Escolar e porque se acredita na articulação entre valências, a Matemática faz parte do quotidiano das crianças e cabe ao professor fazer com que as mesmas aprendam a gostar de matemática. Torná-la aliciante é promover mais um instrumento de desenvolvimento das crianças, sendo esta constituída por uma rede complexa de relações que lhe confere funcionalidade: desenvolve a capacidade de raciocínio, a capacidade de comunicação e a capacidade de resolver problemas. Assim, coube-nos organizar meios, materiais e criar ambientes sugestivos para que, em contexto de sala de aula, as atividades proporcionassem motivação nas crianças e as aprendizagens delas decorrentes fossem um reflexo do dinamismo das mesmas. As crianças familiarizaram-se com a linguagem matemática e aprenderam a identificar e a solucionar vários problemas/situações problema, tornando a matemática não numa linguagem mas sim num conhecimento que se interliga e transversaliza com outras áreas, com outros saberes. Promover atividades através da linguagem oral foi uma das estratégias utilizadas: proporcionar experiências, situações, descobertas que levassem ao questionamento, à interrogação...tornar as

crianças matematicamente competentes, com um nível de literacia matemática satisfatório, isto é, saber utilizar os conhecimentos matemáticos no dia-a-dia, foi uma intencionalidade educativa da Estagiária, postura também evidenciada nos Programas do 1.º Ciclo “(...) não só as aquisições em cada domínio favorecem e são favorecidas pelos progressos, conseguidos nos outros domínios, como a mudança e diversificação de actividades serão mais estimulantes para os alunos” (Ministério de Educação, 2006, p. 164).

O Estudo do Meio área foi uma área mais presente e trabalhada nas atividades temáticas, sendo ela, por si só, uma aprendizagem do mundo que nos rodeia, quer ao nível das ciências humanas quer ao nível das ciências naturais, munindo as crianças com competências essenciais para a estruturação de um pensamento científico cada vez mais elaborado, onde a criança compreende, questiona, interpreta e se integra no mundo que a rodeia. Segundo o Programa para o 1.º Ciclo, visto ainda não estarem em vigor metas curriculares para o Estudo do Meio, esta área enraíza-se na curiosidade natural das crianças e no seu grande desejo de saber e perceber o porquê de tudo...pretende-se que, “(...) todos se vão tornando observadores ativos com capacidade de descobrir, de investigar, experimentar e aprender” (Ministério de Educação, Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo, 2006, p. 102). Foi uma área trabalhada através de várias e diferentes oportunidades dadas às crianças para que estas contactassem com novas situações, com novas descobertas, com novas experiências, com novas explorações do mundo que as rodeia.

As Expressões são a linguagem das artes e com as artes aprendemos novas formas de expressão e de comunicação. Foram determinantes para a promoção da literacia das artes nas crianças a criação de contextos artísticos, não só como atividades lúdicas (mais funcionais) mas como atividades de desenvolvimento cultural das crianças (fruição artística e cultural). A Expressão Plástica, como forma mais evidenciada, cruzou diferentes áreas e saberes, numa articulação com as restantes áreas do currículo: criação, execução e apreciação foram parâmetros elevados ao nível dos saberes. As outras expressões foram animadas no decorrer deste tempo letivo revelando-se, também elas, promotoras de aprendizagens.

A Área de Português...sabe-se hoje que a aprendizagem da linguagem escrita é um processo social influenciado por uma procura de sentido, contínuo e com um início muito precoce. É pois muito importante desenvolver nas crianças o interesse em comunicar e a capacidade de interação verbal; elas devem descobrir o prazer de

comunicar. Para a criança, aprender a comunicar é essencial e, para tal, é também essencial que a criança faça uso da comunicação verbal em diferentes contextos e em diversas situações, “ (...) situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões (...)” (Ministério de Educação, Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo, 2006, p. 136). É da competência do professor fomentar a curiosidade de aprender e fazer com que as crianças descubram e desenvolvam “nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever” (Ministério de Educação, Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo, 2006, p. 136). É através da interação verbal que as crianças se tornam comunicadores competentes e, assim, desenvolvem os vários domínios da língua (fonológico, semântico, sintático e pragmático).

Foi perante a perspectiva de formar crianças competentes na linguagem e na comunicação que se pautaram as intervenções, sendo que, referido por Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) e mais uma vez referido neste relatório, o ambiente onde se encontram as crianças desempenha um papel importante na estimulação do desenvolvimento da capacidade de comunicar; é fundamental criar oportunidades onde as crianças possam ouvir, falar, descrever, discutir, formular hipóteses das suas vivências, do seu dia-a-dia.

A Linguagem e a Comunicação, integradas na área do Português no 1.º ciclo e transversalizadas por todas as outras, foi e é uma das grandes prioridades da Estagiária em contexto de sala de aula, assente na própria Problemática definida pela mesma e, a partir desta área, foram abordados os conteúdos previstos, tanto pela Planificação Semanal da Professora Cooperante, como pelo PAA, de forma transversal com todas as outras áreas e com os projetos inerentes. Compreender e sentir aquilo que se ouve ou que se lê, ser emissor e recetor, é o caminho mais significativo que o professor pode promover e que as crianças podem seguir. Situações de comunicação praticadas com intencionalidade, em contextos diversos, com interlocutores, conteúdos e intenções diversas, foram e serão sempre as promovidas em contexto de sala de aula.

Transversalizando todas as áreas de conteúdo, sendo todas elas promotoras de desenvolvimento e de aprendizagens, estas últimas, as aprendizagens, tornam-se mais significativas pois a criança compreende e tira ilações das próprias ações decorrentes das atividades proporcionadas. As atividades deverão ser contextualizadas com os conteúdos, o que é muito defendido e praticado pela Estagiária.

Os temas nomeados para as intervenções foram variados, segundo as planificações da Professora Cooperante e os projetos da instituição. Como base motivadora de toda

esta abordagem esteve sempre a linguagem, oral e escrita, promovendo competências linguísticas nas crianças: ouvir e contar histórias, fazer ilustrações, fazer histórias através de personagens temáticas, fazer pesquisas, entre outros. Sempre transversalizando com outras áreas e com outros conteúdos, a Linguagem foi, ela própria, o tema de eleição.

Numa perspetiva de autoavaliação da Professora Estagiária, a motivação é a grande força que a move, o estar motivada e o saber motivar, sendo esta a postura que defende e transmite às crianças e adultos que com ela se cruzam no dia-a-dia do contexto educativo; devemos estar motivados perante as aprendizagens, os novos desafios e as novas experiências com que nos deparamos, sempre com espírito de abertura e com espírito crítico, com responsabilidade, com iniciativa e criatividade, com vontade e disponibilidade. A motivação é e foi também uma estratégia, um empenho e uma dedicação durante a prática educativa; a surpresa como estímulo motivador para a abordagem de conteúdos, transversalizando-os por diferentes temas e pelas diferentes áreas, através de várias atividades. Fazer girar o meio envolvente das crianças, propondo-lhes atividades que contribuam para uma mais rápida construção das finalidades das aprendizagens é o grande objetivo e finalidade pretendida. Para tal, tudo se movimentou em torno dessas aprendizagens: o espaço da sala, as atividades promovidas, os materiais para essas atividades.

Muito já falámos de Diferenciação Pedagógica. Estar em educação e ser praticante da mesma, num seguimento de uma perspetiva inclusiva, é realmente ser Professor.

Grupos heterogéneos são, de facto, um enorme desafio para um professor. Quando fazemos o planeamento das aulas e respetivas planificações, não fazemos de igual modo para os anos que temos a nosso cargo, uma vez que, para cada ano de escolaridade, as exigências são diferentes. Embora o professor possa seguir um mesmo projeto pedagógico, os objetivos a alcançar por cada um dos anos serão necessariamente diferentes. Cabe ao mesmo tirar partido dessa situação em contexto de sala de aula, conduzindo todas as crianças a uma boa e adequada aprendizagem, gerindo e valorizando os saberes das diferentes idades e levá-los a uma maior motivação. As crianças do ano mais avançado foram e serão assim, um pilar a alcançar pelos mais novos ao nível dos saberes. Os do ano inferior promoveram e promoverão nos mais velhos, atitudes e valores que se desenvolveram em harmonia, com posturas de partilha de saberes, de interajuda e de apoio. Ao nível da organização espacial da sala, os grupos

heterogêneos pedem ao professor uma maior criatividade para que a ambientação da mesma seja motivador para todas as crianças.

Sabemos que os conteúdos a abordar nos diferentes anos de escolaridade são, muitos deles diferentes, mas também sabemos que eles podem e devem ser abordados de diferentes formas, permitindo diversas abordagens e promovendo diversas aprendizagens e competências. É pois, papel do professor, abordar os conteúdos dos anos que tiver em contexto de sala de aula de forma a poder promover uma aprendizagem global, motivadora e provedora de competências a diferentes níveis, consoante as faixas etárias que tiver a seu cargo. Foi assim e será sempre.

Uma mais-valia em todo o percurso ao longo do estágio, foi a realização de um Portfólio, reflexivo, instrumento fundamental para a prática da reflexão e da autoavaliação de toda uma atuação no processo de ensino-aprendizagem em que estivemos envolvidos. Este instrumento tornou-se essencial para este já passado e para o futuro que se avizinha, pois revelou-se um “(...) documento reflexivo do professor, uma produção apoiada na prática diária. É um lugar de reflexões, um espaço onde o professor conversa consigo mesmo, anota leituras, revê percursos, avalia atividades realizadas, documenta o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas suas turmas” (Bernardes & Miranda, 2003, p. 85). Sendo assim, este foi realizado com intuítos formativos, como forma de consciencializar o percurso de formação, os meios que se consideraram importantes e as principais linhas de atuação. Ao analisar o Portfólio, sempre que se considerou pertinente (análise/avaliação contínua ou pontual), avaliaram-se os produtos e os processos, as práticas e as competências individuais...refletiu-se sobre o observado e o avaliado e procedeu-se a reformulações. O sucesso do futuro, próximo ou longínquo de todos nós Professores, depende da prática reflexiva de todos nós.

Considerações Finais

Segundo Marques (2001)

Numa sociedade democrática, tecnologicamente desenvolvida, integrada num grande espaço político e económico, onde a globalização impõe uma grande competição e mudanças aceleradas nos processos de produção e distribuição de mercadorias e serviços, impõe-se que seja garantida uma escola de qualidade para todos (p. 34).

Creemos existir, cada vez mais, uma consciencialização da importância da educação e, paralelamente, da importância da educação Pré-Escolar, considerada atualmente como “primeira etapa da educação básica” (Serra, 2004, p. 118). Sendo assim, e não querendo despersonalizar nem descaracterizar este período da infância, torna-se cada vez mais pertinente guiarmo-nos por modelos curriculares que permitam uma articulação da valência de Pré-Escolar com o nível de escolaridade que a precede, não se criando descontinuidades ao longo de todo o percurso escolar. Sabemos que, e referido por Serra (2004), o currículo na educação pré-escolar é entendido como “mais aberto”. Também sabemos que não há um currículo definido mas sim, orientações curriculares, sendo estas consideradas como “um ponto de apoio” para os educadores construírem o seu próprio currículo, embora, atualmente, haja obrigatoriedade dos mesmos se seguirem por Metas de Aprendizagem que definem, tal como o nome indica, metas a atingir no final da educação Pré-Escolar, sendo as mesmas operacionalizadas através de objetivos. Numa continuidade educativa, surgem para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, as Metas Curriculares, como um mecanismo operacional facilitador de transversalidade e continuidade de conhecimentos e saberes entre níveis de ensino e as próprias valências (Pré-Escolar e 1.º Ciclo). Nesta perspetiva, e porque concordamos e vivenciámos atuações seguindo esta linha condutora, concordamos com Serra (2004) quando afirma que

A continuidade educativa, e a aproximação entre os níveis educativos, pressupõe uma articulação curricular que reconheça as diferenças de cada nível (que se formalizam em metodologias e formas de trabalhar específicas), tendo como base a diferenciação e o respeito do processo evolutivo natural de cada criança (p. 121).

Consideramos a escola atual como uma escola para todos com, segundo Marques (2001), três objetivos comuns: 1) promover o desenvolvimento pessoal ao nível mental, moral, emocional e físico; 2) formar cidadãos conscientes e intervenientes; 3) preparar o aluno para, quando sair da escola (...) continuar a aprender (p. 35). Assim sendo, considerámos e consideramos que a valência de Pré-Escolar e de 1.º Ciclo de Ensino

Básico devem ser consideradas numa mesma linha metodológica, com objetivos diferenciados ao nível das exigências e com também níveis diferenciados relativamente às competências a adquirir mas, agindo sempre numa perspectiva de continuidade educativa de aprendizagens, de conhecimentos, de saberes, de competências. No decorrer deste estágio, e porque o mesmo decorreu na mesma instituição, tivemos a oportunidade de constatar que é assim que devemos agir quando em educação caminhamos e para ela contribuimos.

Consideramos assim, que as duas valências poderão ser consideradas numa perspectiva de continuidade prossecutora, importando organizar a aprendizagem e o ensino em, concordando com Marques (2001), três modos de ensinar e aprender, compreendendo os mesmos: “aquisição organizada de conhecimentos”, “desenvolvimento de competências intelectuais” e a “compreensão e desenvolvimento de ideias e valores” (p. 40). Segundo e seguindo esta ideia, a escola é vista de uma forma construtivista, assim como a aprendizagem e a atuação educativa, promotora de cidadãos educados, livres e aptos a viver numa cidadania democrática.

Não queremos contudo, retirar a essência da educação pré-escolar, caindo no erro de desvirtuar a mesma. Este contexto tem um carácter maioritariamente de “aprendizagem” e o 1.º Ciclo do Ensino Básico assenta num termo mais amplo, “ensino”, sendo que o mesmo se refere mais especificamente a “ensino-aprendizagem”. Não nos esqueçamos, perante tal postura, que “os aspectos cognitivos ligados ao trabalho que se desenvolve em jardim-de-infância não devem, na nossa opinião, ganhar uma dimensão superior às demais situações envolvidas no processo de desenvolvimento da criança (Serra, 2004, p. 121).

É pois fundamental, que o educador/professor se envolva em tudo o que diz respeito ao modo como atua, tanto em contexto de sala de aula, como na planificação, preparação e construção de todas as ferramentas que lhe permitirão dar uma resposta mais eficaz às necessidades educativas dos seus alunos. Um “Educador” responsável e eficaz revela conhecimento de conteúdos, conhecimento pedagógico e científico e capacidade para utilizar uma panóplia de estratégias de ensino com competência, consciencializando-se das suas capacidades pessoais e profissionais, promotor de qualidade de ensino e no ensino. Saber transversalizar áreas de conteúdo/curriculares, conteúdos e aprendizagens, é saber trabalhar em educação, promovendo uma avaliação formativa-sumativa-formativa, numa perspectiva formadora.

Para que haja, em qualquer das valências escolares, uma boa atuação do profissional de educação e um bom ambiente de aprendizagem, é imprescindível um bom planeamento e uma boa planificação: “ (...) pensarem, antes, sobre o que querem que aconteça, com quem vai acontecer, quando vai acontecer e como vai acontecer” (Marques, 2001, p. 59), faz parte de toda uma reflexão prévia que todos os educadores/professores devem fazer, adaptando curricularmente o currículo formal, de nível macro, “transformando-o em currículo realizado, através da planificação, das tarefas de ensino e da avaliação” (Marques, 2001, p. 63). Só assim, o currículo assume uma intencionalidade educativa e formativa. Assim, as planificações deverão apresentar as metas definidas, os objetivos formulados (gerais e específicos), os conteúdos a abordar, a sequência de atividades a realizar e a forma de avaliação a ser utilizada. Contudo, não nos esqueçamos que devemos olhar para um plano ou uma planificação como “ um guia flexível que pode ser objeto de alterações no decurso do processo de aprendizagem” (Marques, 2001, p. 69).

Sabemos que a avaliação é função essencial no processo de ensino-aprendizagem e que a mesma deve ser praticada diariamente e de forma contínua, numa perspetiva formadora como fim a atingir. Sabemos também que esta assume várias modalidades e várias funções e foi assim, podemos afirmar, que a mesma foi “utilizada” no decorrer do estágio nas duas valências. Avaliar foi essencial, não só para aferir aprendizagens e competências dos alunos mas ajudou-nos a “detetar as falhas e incorreções no processo de ensino e aprendizagem” (Marques, 2001, p. 70) auxiliando-nos num processo de reflexão e reformulação das práticas de intervenção. Referindo Estanqueiro (2010) “Os professores não ensinam para avaliar, mas avaliam para ensinar melhor e garantir a qualidade das aprendizagens. A avaliação é um meio, não um fim” (p. 83).

A motivação...revelada tão importante no contexto educativo no qual estivemos inseridas. Não é um método de ensino, mas foi um aspeto sempre presente em todo o processo didático. Não é algo externo à aprendizagem, mas um aspeto a considerar em toda a situação da mesma. A motivação abrange a compreensão da relação que há entre as tarefas escolares, a razão pela qual são realizadas e a meta ou fim a que se destinam. Quanto mais definida for a apreciação e a compreensão dessa relação, por parte da criança, mais eficientes serão os motivos para a aprendizagem e comportamento. O problema fundamental de todos os métodos de ensino é a forma de fornecer às crianças motivos ou estímulos de uma maneira natural e interessante para que realizem mais eficientemente as suas tarefas escolares. O problema envolve dois fatores: primeiro,

encontrar motivos que estimulem o interesse e o esforço por parte da criança; o segundo, orientar e dirigir interesses e esforços, de tal maneira que esta cultive permanentemente, motivos dignos, elevados e nobres. Devemos auxiliar a criança com motivos suficientemente fortes para induzi-la a trabalhar, pensar e praticar o bem. A função do educador/professor é ajudá-la a compreender esses motivos e torná-los um estímulo à ação. O problema dos referidos docentes em relação à motivação é duplo: o primeiro é o de ordem prática, ou seja, é a descoberta dos motivos adequados para estimular as atividades recomendáveis; o segundo, relaciona-se com os efeitos subsequentes do uso da motivação, porque a motivação exerce um efeito direto e de reforço na aprendizagem. Motivação é, assim, a direção e o desenvolvimento do interesse e dos reforços das crianças por meio de tarefas adaptadas à sua maturidade e experiência, para obtenção de resultados desejáveis e duradouros. A função do educador/professor na motivação é de desenvolver as atitudes cooperativas e dirigir a atenção sustentável para as tarefas e encorajar a iniciativa. Perante isto, temos a consciência que assim atuámos nos dois contextos onde estivemos inseridas, atuando com motivação e promovendo a mesma nas crianças.

Segundo Sanches (2001) “A sala de aula, a escola, têm de ser locais onde se goste de estar” (p. 76). Segundo a mesma autora, “Um ambiente acolhedor e personalizado diz-nos sempre muito mais” (p. 85). Esta perspetiva foi por nós muito valorizada em todo o percurso de estágio. A ambientação das salas, a personalização dos espaços, assim como os ambientes de interação promovidos foram motivações constantes praticadas nos contextos, favorecendo as mesmas ambientes favoráveis à aprendizagem significativa, num clima desencadeador de experiências.

Na nossa prática educativa, utilizámos consistentemente e como modo de motivação e entusiasmo, a exposição como metodologia, sendo que a mesma consiste “em apresentar oralmente um assunto perante uma audiência que quer ouvir, com o objetivo de ficar a saber mais sobre aquele assunto” (Marques, 2001, p. 78). Revelámo-nos assim, apresentadoras ativas e fomos geradoras de ouvintes ativos. Segundo o autor já referido “o professor só pode fazer uma boa exposição se souber muito mais do que os alunos sobre o assunto que vai expor. Embora a capacidade de comunicação do professor seja importante, esta não substitui os conhecimentos sobre os assuntos da exposição” (Marques, 2001, p. 79). Assim, e para que tal acontecesse, ao longo de todo o percurso fomos estudantes ativas de conteúdos e munimo-nos de informações e

curiosidades pertinentes para transmitir às crianças. Ainda referindo Marques (2001) e porque nos identificamos com tal,

O entusiasmo do professor pela matéria e a maneira como ele consegue transmitir esse entusiasmo constituem dois importantes factores de uma boa exposição. Mais do que o humor e a linguagem gestual adequada, é o entusiasmo pela matéria que mais pode contagiar os alunos (p. 84).

Perante tal, não pensemos contudo que nos limitámos a ensinar através de exposições orais, apelando somente à memorização. Sabemos que esta tem um importante papel no ensino-aprendizagem mas sabemos, também, do papel do processo de descoberta por parte do aluno. Segundo Marques (2001) “Toda a aprendizagem genuína é ativa. Envolve a utilização da mente e não apenas da memória” (p. 135). Assim, estimulámos as crianças a iniciar-se nesse mesmo processo, envolvendo-as em estratégias que promoveram essencialmente, o uso da comunicação oral e da escrita, fazendo das mesmas e com as mesmas um suporte nas aprendizagens e na eleição de competências. Esta forma de ensinar

(...) implica que o aluno desenvolva um conjunto de competências intelectuais que criam os fundamentos de uma aprendizagem autónoma. Aprender a aprender torna-se uma tarefa que resulta da utilização de modos de ensino baseados no inquérito, nos projetos e nos debates (Marques, 2001, p. 135).

Foi sempre nosso propósito criar competências nas crianças para que estas as aplicassem na criação e aplicação de conteúdos nas mais diversas situações. Competências constituem “(...) meta-aprendizagens que são úteis para toda a vida e que podem ser transferidas para contextos não escolares. Os conteúdos dão significado às competências e permitem a crítica fundamentada da tradição e a criação de novas tradições” (Marques, 2001, p. 137). Ainda citando o mesmo autor, “Uma educação que, por absurdo, só desenvolvesse competências seria uma educação cega e meramente praticista. Uma educação que só transmitisse conteúdos seria uma educação incapaz de criar pessoas profundamente envolvidas na produção de conhecimentos, de bens e de serviços” (p. 137).

Transportemos aquilo que no parágrafo anterior foi referido e reportemo-lo para todo o nosso percurso ao nível de Estágio de Observação/Intervenção, ao nível de Mestrado de Qualificação para a Docência nas duas valências, ao nível da aprendizagem. Conteúdos e competências adquirimos, de forma indissociável e que nos vão permitir estar e agir em educação. A importância desta formação inicial, de educadoras e professoras, remete-se essencialmente, para a promoção de um

conhecimento mútuo das realidades educativas de cada nível de ensino e, com isso, para uma interiorização de como agir como profissional de educação e na educação:

Os bons professores sabem que a sua competência científica e pedagógica é um fator decisivo para a qualidade de educação nas nossas escolas. Por isso, investem na formação contínua. Refletem, de forma crítica e sistemática, sobre as suas práticas. Partilham saberes e experiências. E mostram abertura à inovação e à mudança (Estanqueiro, 2010, p. 121).

Para nós, será assim...e esperemos que para com todos nós.

Como reflexão final de todo um percurso que já faz parte de um património pessoal, do meu património pessoal, resta-me dizer

Para quê refletir,
com já tantas reflexões.
Comovi-me, diverti-me,
arrepiei-me
com as linhas que escrevi.
Aprendi, conheci-me,
critiquei-me.
Cresci mais um pouco...
A dizer não tenho mais nada.
A fazer...muito, muito, muito.

(Paula Silva, 2010)

Termino assim, como uma reformulação de uma frase de Sylviane Rigolet,
Concluir uma etapa, um percurso e...começar de novo.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. (2002). Introdução: A avaliação das aprendizagens no ensino básico. In Ministério de Educação, *Avaliação das Aprendizagens: Das concepções às práticas* (pp. 13-14). Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Bernardes, C., & Miranda, F. B. (2003). *Portefólio: uma escola de competências*. Porto: Porto Editora.
- Bertram, T., & Pascal, C. (2009). *Manual DQP-Desenvolvendo a Qualidade em Parceria*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Brito, A., Sousa, E., Ribeiro, M. J., & Araújo, M. T. (s.d.). *Guia de Atividades Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério de Educação.
- Cortesão, L., Leite, C., & Pacheco, J. A. (2002). *Trabalhar por Projetos em Educação: Uma inivação interessante?* Porto: Porto Editora.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação: O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes: Uma estratégia de Formação de Professores* (4.^a ed.). Porto: Porto Editora, Lda.
- Ferland, F. (2006). *O desenvolvimento da criança no dia-a-dia: do berço até à escola primária*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Godinho, J. C., & Nunes de Brito, M. J. (2010). *As Artes no Jardim de Infância: Textos de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério de Educação-DGIDC.
- Katz, L., & Chard, S. (1997). *A abordagem de projeto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kaufman, A. M., & Rodriguez, M. E. (1995). *Escola, Leitura e Produção de Textos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marques, R. (2001). *Saber Educar - Guia do Professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério de Educação.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Ministério de Educação. (1997). *Legislação*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério de Educação. (2006). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo* (5.ª ed.). (D. d. Básica, Ed.) Lisboa.

Ministério de Educação. (2012). *Metas Curriculares Ensino Básico 1.º, 2.º e 3.º Ciclos*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Ministério de Educação. (s.d). *Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa, Lisboa, Portugal: Ministério de Educação: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Obtido em 21 de 11 de 2011, de Direção Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular: <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/educacao-pre-escolar/apresentacao/>

Pacheco, J. A., & Morgado, J. C. (2002). *Construção e Avaliação do Projeto Curricular de Escola*. Porto: Porto Editora,Lda.

Pais, A., & Monteiro, M. (2002). *Avaliação - Uma Prática Diária* (2.ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança* (8.ª ed.). Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal,Lda.

Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar:Sistema de Acompanhamento das Crianças*. Porto: Porto Editora.

Rigolet, S. A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças:Como formar leitores activos e envolvidos*. Porto: Porto Editora.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e Estratégias de Actuação na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.

Santos, M. B., Fonseca, T., & Matos, F. (janeiro/março de 2009). Que Se Ganha Com o Trabalho de Projeto? *Noesis*, 76, 26.

Serra, C. M. (2004). *Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.

Sim-Sim, I. (2008). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério da Educação.

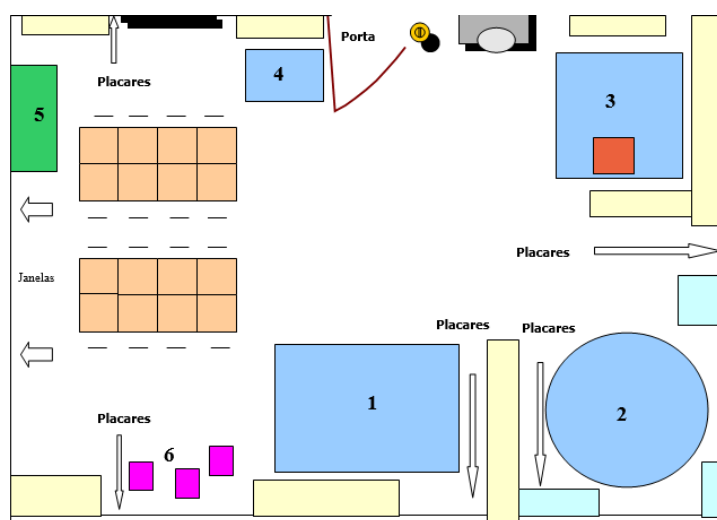
Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Anexos

Anexo I – Horário da Sala do Pré-Escolar

Horário sala 4/5anos															
	2ª Feira			3ª Feira			4ª Feira			5ª Feira			6ª Feira		
	Atividades	Local	Professora	Atividades	Local	Professora	Atividades	Local	Professora	Atividades	Local	Professora	Atividades	Local	Professora
7h30/9h00	Entrada	Sala Polivalente	Assistente Operacional	Entrada	Sala Polivalente	Assistente Operacional	Entrada	Sala Polivalente	Assistente Operacional	Entrada	Sala Polivalente	Assistente Operacional	Entrada	Sala Polivalente	Assistente Operacional
9h00/9h30	Acolhimento	Sala	Assistente Operacional	Acolhimento	Sala	Assistente Operacional	Acolhimento	Sala	Assistente Operacional	Acolhimento	Sala	Assistente Operacional	Acolhimento	Sala	Assistente Operacional
9h30/10h45	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Sala/Biblioteca/Exterior	Educatrice	Domínio da matemática	Sala/Exterior	Educatrice	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Sala/Biblioteca/Exterior	Educatrice	Domínio da matemática	Sala/Exterior	Educatrice	Domínio da matemática	Sala/Exterior	Educatrice
10h45/11h00	Recreio	Exterior/Sala Polivalente	Educatrice/Assistente Operacional	Recreio	Exterior/Sala Polivalente	Educatrice/Assistente Operacional	Recreio	Exterior/Sala Polivalente	Educatrice/Assistente Operacional	Recreio	Exterior/Sala Polivalente	Educatrice/Assistente Operacional	Recreio	Exterior/Sala Polivalente	Educatrice/Assistente Operacional
11h00/11h45	Domínio da matemática	Sala/Exterior	Educatrice	Expressão corporal	Exterior/Sala Polivalente	Educatrice	Domínio da matemática	Sala/Exterior	Educatrice	Expressão corporal	Exterior/Sala Polivalente	Educatrice	Domínio da matemática	Sala/Exterior	Educatrice
11h45/12h00	Higiene	Casa de banho	Educatrice	Higiene	Casa de banho	Educatrice	Higiene	Casa de banho	Educatrice	Higiene	Casa de banho	Educatrice	Higiene	Casa de banho	Educatrice
12h00/12h30	Almoço/Higiene	Refeitório/Casa de banho	Assistente Operacional	Almoço/Higiene	Refeitório/Casa de banho	Assistente Operacional	Almoço/Higiene	Refeitório/Casa de banho	Assistente Operacional	Almoço/Higiene	Refeitório/Casa de banho	Assistente Operacional	Almoço/Higiene	Refeitório/Casa de banho	Assistente Operacional
12h30/14h00	Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente		Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente		Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente		Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente		Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente	
14h00/15h00	Área do conhecimento do Mundo	Sala/Exterior	Educatrice	Expressão plástica	Sala/Exterior	Educatrice/Assistente Operacional	Domínio da matemática	Sala/Exterior	Educatrice	Área do conhecimento do Mundo	Sala/Exterior	Educatrice	Área do conhecimento do Mundo	Sala/Exterior	Educatrice
15h00/15h30	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Sala/Biblioteca/Exterior	Educatrice	Expressão musical	Sala	Educatrice	Expressão plástica	Sala	Educatrice	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Sala/Exterior	Educatrice	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Sala/Biblioteca/Exterior	Educatrice
15h30/16h30	Higiene/Lanche	Casa de banho/Refeitório	Assistente Operacional	Higiene/Lanche	Casa de banho/Refeitório	Assistente Operacional	Higiene/Lanche	Casa de banho/Refeitório	Assistente Operacional	Higiene/Lanche	Casa de banho/Refeitório	Assistente Operacional	Higiene/Lanche	Casa de banho/Refeitório	Assistente Operacional
17h00/18h00	Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente	Assistente Operacional	Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente	Assistente Operacional	Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente	Assistente Operacional	Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente	Assistente Operacional	Atividades livres/orientadas	Exterior/Sala Polivalente	Assistente Operacional

Anexo II – Planta da Sala do Pré-Escolar



Legenda:

- Tapetes
- Mesas
- Estantes/Prateleiras
- Almofadas
- Brinquedos da casinha
- Lavatório
- Quadro
- Garagem
- Cadeiras
- Reciclagem/caixote

- 1-Área leitura/escrita-Matemática
- 2-Área da casinha
- 3- Área de construção/jogos
- 4-Área da música
- 5-Área do laboratório
- 6-Área temática

Anexo III – Dia de Observação (Relatório Diário + Observação Naturalista)

Relatório Diário

14 de novembro de 2012

Instituição Cooperante : « Externato O Nial »

Aluna estagiária : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

1. Situações de aprendizagem/rotinas observadas - Acolhimento - Higiene - Atividades orientadas / Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita - Recreio/ Lanche da manhã - Atividades orientadas / Domínio da Matemática - Higiene - Almoço	
2. Áreas de conteúdo ou Conteúdos abordados Acolhimento Área : Linguagem oral e abordagem à escrita Domínio : Compreensão de discursos orais e interação verbal Área : Formação Pessoal e Social Domínio : Cooperação Área : Expressões Domínio : Expressão Musical Subdomínio : Desenvolvimento da capacidade de Expressão e Comunicação Área : Matemática Domínio : Organização e Tratamento de Dados - Higiene Área : Conhecimento do Mundo Domínio : Dinamismo das Inter-Relações Natural Social Área : Formação Pessoal e Social Domínio : Independência / Autonomia - Atividades Orientadas / Linguagem oral e Abordagem à Escrita Área : Linguagem Oral e Abordagem à Escrita Domínio : Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal Domínio : Conhecimento das Convenções Gráficas - Atividades Orientadas / Matemática Área : Matemática Domínio : Números e Operações Domínio : Geometria e Medida - Recreio / Lanche da Manhã Área : Formação Pessoal e Social Domínio : Independência / Autonomia Domínio : Cooperação - Almoço Área : Formação Pessoal e Social Domínio : Independência / Autonomia	
3. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)	
Estagiário	Alunos/ Crianças
Hoje, pela primeira vez, senti-me um pouco atrapalhada quando estava com as crianças a cantar e eles sugeriam algumas canções que eu ainda não conhecia. De	

qualquer forma, não mostrei, perante as crianças, que estava, de algum modo, afrita. A maneira que eu arranji de solucionar a situação, foi a de fazer um concurso de canções e só podiam cantar, individualmente ou à pares, quem soubesse as letras das canções escolhidas muito bem sabidas. Resultou lindamente. Eles acharam muito engraçado e eu consegui memorizar algumas letras e melodias.

5. Análise e Reflexão
 É chegado mais um dia de estágio. Como habitualmente, toda a rotina inicial foi cumprida e é chegada a hora das crianças irem para as respetivas salas. Eu, também rotineiramente, acompanhei as crianças de 4 e 5 anos até à sala.
 Hoje pediram à auxiliar que fosse eu a cantar com eles. A auxiliar disse que sim e então vieram pedir-me a mim. Aceitei e eles ficaram todos contentes.
 Fizemos então uma roda e começámos a cantar. Vi-me um pouco atrapalhada pois eles sugeriram canções que eu ainda não conhecia. Assim, arranji uma solução para este problema: fizemos um concurso de canções. Podiam cantar individualmente ou a pares.
 Acabou por ser muito engraçado e até com mais participação da parte das crianças do que aquela que eu esperava. Não se sentiram envergonhados...os mais extrovertidos. Os gémeos T. e J., e a M. não foram cantar.
 Quando a educadora chegou ainda o concurso não tinha acabado e então, ela juntou-se ao grupo e no fim cantou também uma canção.
 Eram já 9,45 horas quando, depois de assinalarem as presenças no mapa, se sentaram nos seus lugares.
 Ontem já tinham iniciado a aprendizagem da letra i e elaborado diversos trabalhos. A educadora, depois de uma breve conversa sobre as aprendizagens de ontem, apresenta-lhes uma ficha de trabalho que se inicia com uma lengalenga sobre a letra i (4 e 5 anos). A educadora lê e relê e as crianças vão memorizando e acompanhando a educadora. Por fim, já conseguem, sozinhos, entoar a lengalenga(só os gémeos é que não).
 Seguidamente, pintam as letras i que se encontram nessa mesma ficha : i minúsculo e I maiúsculo.
 As crianças de 4 anos que vão terminando a ficha, vão, autonomamente, buscar as fichas do dia anterior que estão por acabar. As crianças de 5 anos que acabam a ficha vão continuar a acrescentar numa folha afixada no placar da área da leitura, palavras recolhidas por eles, em casa, começadas pela letra i.
 Só demos pela hora do recreio porque o D. disse que já estava a ter fome. Já eram então 11,00 horas. Foram ao refeitório comer a merenda e à casa de banho fazer a higiene.
 Quando regressamos à sala, sentaram-se todos no tapete para ouvirem a história „O gigante que não queria ser gigante“. A educadora começou por lhes perguntar se sabiam o que era um gigante e todos responderam afirmativamente.
 Começou então a contar-lhes a história ao mesmo tempo que lhes mostrava as imagens. Lia com bastante entoação, o que cativava as crianças e estavam todos muito atentos.
 A história refere o «grande» e o «pequeno» e, através da oralidade, esse conteúdo vai sendo trabalhado ao longo da leitura.
 A meio da história, sensivelmente, a C. e a L. começam a querer intervir na continuação da mesma, o que revela que estão com atenção e a perceber a narrativa.

Conforme vai sendo lida, vão aparecendo palavras novas e, a educadora, vai sempre explicando o significado das mesmas. Há alturas que, durante a leitura, a educadora substitui, desde logo, palavras que são de difícil explicação.
 A história acabou... e todos querem fazer o reconto(já vai sendo um hábito adquirido). Todos, ordeiramente, participam na conversa que se gera após a narrativa.Toma-se assim, um reconto coletivo. Quem se destaca pela positiva é a L. e a C., principalmente a L. que denota que compreendeu a história muito bem. O S. também vai participando mas está muito irrequieto. Os gémeos T. e J. não conseguem participar e estão muitas vezes alheios.
 A educadora pede então ao P. que se junte a ela e a ajude a recontar a história. Isto porque se apercebeu que, durante a leitura da história, o P. parecia atento mas não estava realmente a tomar atenção. Com muita paciência, e com o P. ao colo, inicia então o reconto, pedindo constantemente a intervenção do P. Esta criança só conseguiu recontar partes da história e não sequencialmente.
 As crianças retomaram os seus lugares e foi-lhes dada uma folha/ficha com um gigante e, ao lado do gigante, aparecia o número 1, a traçojado, o qual tinham de passar por cima com o lápis e tinham também de pintar o gigante, com as cores à escolha.
 Rapidamente chegaram as 12,00 horas. Nem todas as crianças conseguiram acabar o trabalho e, sendo assim, deixaram-o em cima das mesas.
 Fizemos um comboio, fizeram a higiene e rumaram ao refeitório para almoçarem. A M. vai almoçar a casa mas hoje, ajudou na distribuição dos guardanapos na mesa.
 Acabaram de almoçar e, as crianças de 4 anos, foram fazer a sesta.
 Até para a semana...
Reflexão
 As crianças são realmente muito participativas e colaboradoras no contexto de sala de aula. Hoje, verifiquei isso mais uma vez.
 A educadora revelou uma boa bagagem de estratégias e adota boas posturas perante as crianças.
 Mesmo no campo da determinação de limites e de ter de dizer «não», as crianças são sempre esclarecidas com o porquê dessas opções tomadas. É sempre melhor dar uma explicação de uma tomada de atitude a uma criança, mesmo que ela não a entenda na totalidade. Essa explicação vai fazer com que a criança perceba que as coisas que se dizem ou fazem têm um motivo explicável.
 Por limites e estabelecer regras é um ato de amor que todos devemos praticar com as crianças pois assim, estamos a favorecer o seu crescimento e a sua inserção na sociedade da qual também fazem parte.
 Neste dia pude observar que a educadora pratica essa maneira de estar com as crianças : oferece-lhes a possibilidade de adquirirem hábitos bons que ordenem a sua vida como pessoas que são.

Observação Naturalista

Educadora : Ana Figueiredo	Sala : «Os Piratinhas» - 4/5 anos
Estagiária : Paula Alexandra Silva	
Presenças : 10	Faltas : 0
Atividade : Leitura da história: « O gigante que não queria ser gigante »	
Data da observação : 14/11/12	Início : 11,20 h Fim : 11,25 h
Competências a desenvolver : - ser capaz de fazer perguntas e responder, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente; - ser capaz de recontar narrativas ouvidas ler;	
Organização de espaço/materiais : crianças sentadas nas almofadas, no tapete, em formação circular. A educadora encontra-se também na mesma formação, sentada também no tapete.	
Recursos utilizados : livro	

Tempo	Situação/ atividade	Registo de observação	Inferências e notas
11,20 h	Leitura de história	As crianças começam a fazer o reconto coletivo com a ajuda da educadora. A L. (4 anos) vibra sentada na almofada: dá pulinhos, mexe no cabelo, mas sempre sentada. Pede insistentemente para ser ouvida. O D. e a C. são aqueles que estão a começar a recontar a história. A L. consegue acompanhar o D. e a C. e é ela que melhor participa no reconto: caracteriza as personagens frisando detalhes, apresenta a história com a sequência correta..	A educadora apercebe-se da situação. Vê-se que está super contente por ter aquele papel no grupo.
11,25 h			

Síntese e pistas explicativas

O reconto da história é sempre motivante para as crianças extrovertidas pois é sempre uma forma de comunicação com os outros.

A L. é uma criança que se pode já considerar « um pequeno leitor envolvido» em franco desenvolvimento pois, olhando para a sua expressão quando estava a ouvir esta história, a sua interação com a leitura e, depois, pela maneira expressiva como fez o reconto, pela entoação que lhe deu, vê-se e sente-se que a L. compreende o valor da leitura e sente-se competente nesta primeira abordagem à compreensão do valor das palavras.

Tomo a fazer referência ao valor e poder da leitura expressiva por parte da educadora como meio fundamental de envolver os pequenos leitores.

Anexo IV – Características dos parâmetros de referência da avaliação segundo o Programa SAC

Caracterização individual

Para uma melhor avaliação das características, aprendizagens e competências individuais das crianças e, conseqüentemente, das crianças no espaço e no grupo, foram elaboradas fichas, de acordo com o Programa SAC (Sistema de Acompanhamento das Crianças). Para que se perceba o resumo das mesmas, apresentado em anexo (anexo V), passam-se a referir as características dos parâmetros de referência dessa avaliação. É de referir que, através desta avaliação, é determinado também o que o próprio contexto de sala de aula provoca na criança, demonstrando assim, a qualidade e importância do mesmo.

Avaliação do bem-estar emocional

«O grau de bem-estar evidenciado pelas crianças num contexto educativo indicará o quanto a organização e dinâmica do contexto ajuda as crianças a “sentirem-se em casa”, a serem elas mesmas e a terem as suas necessidades satisfeitas» (Avaliação em Educação Pré-Escolar.SAC,2010).

Indicadores do bem-estar emocional: abertura e receptividade ao contexto; flexibilidade perante situações; confiança e autoestima; assertividade; vitalidade; tranquilidade; alegria; ligação consigo próprio.

Avaliação da Implicação

«O nível de implicação, por definição, é uma declaração sobre o que é que as condições ambientais provocam na criança (...).O nível de implicação representa, essencialmente, um sinal para o educador, dando indicações sobre o que é que as ofertas educativas ou condições ambientais provocam nas crianças, sendo por isso um indicador da qualidade do contexto educativo (não da criança).(...) Assim, a implicação não descreve uma característica mais ou menos fixa da criança, mas a maneira como esta funciona num determinado contexto educativo» (Avaliação em Educação Pré-Escolar.SAC,2010).

Indicadores de implicação: concentração; energia; complexidade e criatividade; expressão facial e postura; persistência; precisão;tempo de reação; expressão verbal; satisfação.

Avaliação da competência pessoal / aprendizagens em domínios essenciais

«O profissional de educação deve saber ajudar as crianças a desenvolverem competências pessoais e sociais (considerando atitudes, comportamento no grupo e aprendizagens em domínios essenciais), privilegiando-se uma abordagem holística na definição dos domínios desenvolvimentais que atende ao essencial de cada área de competência, e se distancia de uma checklist que elenca habilidades elementares, atomizadas e normativas» (Avaliação em Educação Pré-Escolar.SAC,2010).

Indicadores: motricidade; literacia; numeracia; proficiência tecnológica.

Avaliação da competência social / Atitudes e comportamentos

«O desenvolvimento pessoal e social enquanto área integradora do processo educativo tem a ver com a forma como a criança se relaciona consigo própria, com os outros e com o mundo, num processo que implica atitudes e valores, atravessando as áreas de expressão e comunicação, e de conhecimento do mundo» (Avaliação em Educação Pré-Escolar.SAC,2010).

Indicadores: auto-estima; curiosidade e desejo de aprender; organização e capacidade de iniciativa; criatividade; atitude básica de ligação ao mundo e competência social.

Anexo V – Exemplo de Ficha de Avaliação/Caracterização Individual da Criança

INSTITUIÇÃO: EXTERNATO «O NIAL»		GRUPO: 4/5 ANOS
SALA: SALA DOS PIRATINHAS		
NOME: C.		
IDADE: 5 anos		
Avaliação do Bem-Estar Emocional		
- Sempre ou quase sempre está à vontade, sente-se bem e feliz; - Desfruta bem do programa educativo da educadora/escola; - Sempre ou quase sempre irradia tranquilidade; - Sempre ou quase sempre está aberta e é espontânea e flexível; - É capaz de se defender; - Denota confiança em si mesma.		
Nível: Alto; É uma criança que está à vontade no ambiente educativo, que é ela mesma e que sente naquele ambiente, as suas necessidades satisfeitas.		
Avaliação da Implicação		
- Muitas vezes denota concentração; - Não se distrai facilmente e persiste na atividade; - Muitas vezes está motivada e interessada; - É mentalmente ativa; - Desfruta plenamente das atividades e explorações; - Mobiliza completamente as suas competências.		
Nível: Alto; É uma criança que funciona muito bem neste contexto educativo o que nos diz que o contexto em si é sinónimo de qualidade para esta criança.		
Avaliação das aprendizagens em domínios essenciais		
- Motricidade – Não revela problemas ao nível da motricidade fina nem da motricidade grossa, utilizando e movimentando bem o corpo em diversas situações. - Literacia – Compreende o discurso oral e comunica bem; tem consciência das diferentes funções da escrita e sabe que cada código, oral e escrito, tem normas próprias. - Numeracia – Tem adquiridas noções de espaço, de tempo e de quantidade. - Proficiência Tecnológica – Tem conhecimentos do mundo físico-social e revela competências nas áreas das expressões.		
Avaliação da Competência Social		
- Interage com crianças e adultos, tem consciência dos seus sentimentos e percepções e dos sentimentos dos outros. Domina comportamentos e utiliza estratégias sociais adequadas aos vários contextos.		

Anexo VI – Exemplos de instrumentos de registo/avaliação

AValiação DO DESEMPENHO METALINGUÍSTICO

COMPONENTE FONOLÓGICA

Externato O Nial

Sala: Os piratinhas / 4 e 5 anos

Data: 5 de fevereiro de 2013

1ª Conversa informal/temática : «A descoberta com os piratas» - fazer com que a criança nomeie palavras relacionadas com o tema;

2ª A cada resposta, pedir que divida a palavra em bocadinhos (sílabas).

Nome	Palavras que a criança referiu	Divisão silábica	Certo	Errado
R	FATO	FA/TO 2	X	
C	MAPA	MA/PA 2	X	
D	GANCHO	GANCHO 2	X	
P	BOTAS	BO/TAS 2	X	
LA	PALA	PA/LA 2	X	
LU	MOEDAS	MO/E/DAS 3	X	
S	PERNA DE PAU	PER/NA/DEPAU 3		X
C	TESOURO	TE/SOU/RO 3	X	
LA	CHAPÉU	CHA/PE/U 3		X
D	ARCA	AR/CA 2	X	
P	CASACO	CA/SA/CO 3	X	
LU	ESPADA	ES/PA/DA 2		X
R	COLARES	CO/LA/RES 3	X	
C	ILHA	ILHA 2	X	
P	PALMEIRAS	PAL/MEI/RAS 3	X	
LU	BARCO	BAR/CO 3	X	
LA	MASTRO	MAS/TRO 2	X	
D	VELAS	VE/LAS 2	X	
R	CAVEIRAS	CA/VEI/RAS 3	X	
D	MARUJOS	MA/RU/JOS 3	X	
P	PAUS	PA/US 2	X	
R	BANDEIRA	BAN/DEI/RA 3	X	
C	PAPAGAIO	PA/PA/GAIO 4	X	
R	OURO	OU/RO 2	X	
LU	MAR	MA/RE 2		X
C	PIRATA	PI/RA/TA 3	X	

AValiação DO DESEMPENHO METALINGUÍSTICO

COMPONENTE FONOLÓGICA

Externato O Nial

Sala: Os piratinhas / 4 e 5 anos

Data: 5 de fevereiro de 2013

1º Dar à criança os sons (sílabas) e pedir-lhe que descubra qual a palavra.

Nome	Segmentação silábica dada à criança	Palavra descoberta pela criança	Certo	Errado	Observações
C	PI/RA/TA	PIRATA	X		
LA	ES/PA/DA	ESPADA	X		
R	SOU/TE/RO	TESOURO	X		
D	CA/AR	ARCA	X		
P	CO/BAR	BARCO	X		Houve uma hesitação
S	LH/I	ILHA	X		
LU	PÉU/CHA	CHAPÉU	X		Houve uma hesitação
D	LA/PÁ	PÁLA	X		
R	RO/OU	OURO	X		
D	LAR/CO	COLAR	X		

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

- Pedir que cada criança diga uma palavra trissilábica.
- A cada resposta, pedir que a divida em bocadinhos (sílabas).
- Pedir que suprima (retire) a sílaba do meio.
- Pedir que, com as sílabas que ficaram, forme uma nova palavra (ou pseudo-palavra).

Nome da criança	Palavra escolhida	Retirou	Fica	Observações
M	PIRATA	RA	PITA	Sozinha
D	DIOGO	O	DIGO	Com ajuda
C	PANELA	NE	PALA	Sozinha
R	RENATA	NA	RETA	Com ajuda
P	RAPOSA	PO	RASA	Com ajuda
LU	GIRAFÁ	RA	GIFA	Com ajuda
LA	LAGARTO	GAR	LATO	Sozinha
S	SALVADOR	VA	SALDOR	Com ajuda
T	PATO	PA	_____	Com ajuda
J	JOSUE	E	_____	Com ajuda

ESCALA DE REGISTO DE COMPETÊNCIAS / AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO DA INTERAÇÃO DO GRUPO APÓS NARRATIVA

Externato O Nial

Sala dos Piratinhas: 4/5 anos

Data : 04 de dezembro de 2012

- Indicar o grau de participação da criança nos diversos pontos assinalados, colocando uma cruz ao longo da linha horizontal, por baixo de cada item. No espaço para os comentários, incluir algo de pertinente que clarifique as opções tomadas.

Nome: L.

1) Como participou a criança durante a narrativa?

--	--	--	--

Nunca esteve atenta

Por vezes mostrou-se ausente

Esteve atenta

2) Como se relacionaram os comentários após a narrativa com a própria narrativa?

--	--	--	--

Comentários incoerentes
afastados da narrativa

Comentários normalmente
pertinentes por vezes afastados da narrativa

Comentários sempre
relacionados com a narrativa

Comentários: A L. demonstra muita atenção e capacidade de verbalização.

REGISTO DE OBSERVAÇÃO / AVALIAÇÃO		
TABELAS DE DUPLA ENTRADA		
Externato O Nial Sala dos Piratinhas: 4/5 anos		
Data: 09 de janeiro de 2013		
AUTO - AVALIAÇÃO		
R		
LA		
LU		
S		
P		
D		
C		
M		
T		
J		

Já consigo! Ainda não consigo!

HETERO-AVALIAÇÃO										
	R	LA	LU	S	P	D	C	M	T	J
Interpreta tabelas de duas entradas										
Identifica a esquerda										
Identifica a direita										

Observações: _____

EXPRESSÃO PLÁSTICA: Exploração e Descoberta de diferentes materiais											
Externato O Nial Sala dos Piratinhas: 4/5 anos											
Data : 11 de dezembro de 2012											
Nomes das Crianças	R	LA	LU	S	P	D	C	M	T	J	
Conhece e cumpre as regras de utilização dos materiais											
Usa o lápis corretamente											
É capaz de colorir num espaço limitado											
Utiliza corretamente as cores											
Usa a cola corretamente											

• Marcar com uma cruz onde se verificar o comportamento/competência

Observações: _____

A estagiária: _____

AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS EMERGENTES DE LEITURA

Nome: _____

Data de nascimento: _____ Idade: _____

Momento da observação: _____

Escola: _____

Língua materna : _____

	COMPORTAMENTOS EMERGENTES DE LEITURA	S	N	CD	OBSERVAÇÕES
Manuseamento do material escrito	Sabe pegar um livro e orientar a escrita quando acompanhada de desenhos				
	Sabe pegar um livro e orientar a escrita sem desenhos				
	Sabe folhear um livro				
	Sabe o que é a capa de um livro				
	Sabe o que é a contracapa de um livro				
	Sabe o que são páginas				
	Sabe identificar o título de um livro				
	Sabe identificar o nome do autor do livro				
Reconhecimento e Orientação da Mancha Gráfica	Diferencia a escrita do desenho				
	Sabe onde começa a escrita				
	Sabe onde acaba a escrita				
	Conhece o sentido direcional da escrita				
Atribuição de Significado à Escrita	Atribui significado à escrita em contexto				
	Reconhece que a escrita contém informação				
	Atribui significado aos sinais de pontuação				
Identificação da Unidade Palavra	Sabe assinalar uma palavra				
	Sabe assinalar duas palavras contínuas				
	Sabe onde começa a palavra				
	Sabe onde acaba a palavra				
	Reconhece que palavras diferentes têm significados diferentes				
Identificação da Unidade Letra	Reconhece que a mesma sequência com tamanhos de letras diferentes tem o mesmo significado				
	Diferencia desenhos de letras				
	Sabe isolar uma letra na palavra				
	Diferencia letras maiúsculas de letras minúsculas				
	Faz a correspondência letra-som				

REGISTO DE OBSERVAÇÃO / AVALIAÇÃO			
EXTERNATO O NIAL			
Sala «Os Piratinhas»: 4 e 5 anos			
Data: 16 de janeiro de 2013			
MATEMÁTICA - SITUAÇÃO PROBLEMA			
	Números de intervenções orais durante a atividade	Intervenções corretas	Intervenções incorretas
R	6	6	0
LA	7	7	0
LU	5	3	2
P	5	4	1
S	3	1	2
D	7	5	2
C	6	5	1
M	4	4	0
T	1	1	0
J	0	0	0

Observações: O número de intervenções foi maior mas só foram consideradas as assinaladas para avaliação.

Algumas crianças registam intervenções incorretas devido à própria atitude participativa: querem responder primeiro que outros; caso do D.

Assinatura: _____

Anexo VII – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP25 e IP25A de 12 de março de 2013

Instituto Superior de Educação e Ciências / Universitatis

Prática de Ensino Supervisionada I (Educação Pré-Escolar)

MESTRADO DE QUALIFICAÇÃO PARA A DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Nome do Aluno : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Data : 12 de março de 2013

Escola : Externato O Nial

Sala do Pré-Escolar : 4/5 anos

Planificação Diária

Projeto/Temática : O Inverno; A Descoberta com os Piratas/ Os Descobrimientos Portugueses.

Tempo	Metas de Aprendizagem: Domínios e Subdomínios	Competências a desenvolver	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espaco/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
9:45/ 10:45	Linguagem Oral e Abor - dagem à Escrita - Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal Conhecimento do Mundo - Conhecimento do ambiente natural e social Matemática	- Saber escutar; - Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente - Observar comportamentos distintos de materiais/objetos: flutuação/afundamento	- Diálogo com as crianças sobre a temática das descobertas e particularmente dos barcos. - Experiência de Verificação/Ilustração: Flutua ou não flutua?	- Será pedido às crianças que vão buscar as almofadas de chão e que assumam uma formação circular. Na mesma, deverá estar a estagiária. Dialogar com as crianças sobre os barcos usados pelo Infante D. Henrique quando foi conquistar Ceuta. Conversar sobre o material com que eram (e são) feitos/madeira e sobre a origem da mesma. Esta conversa deverá ser conduzida para a questão da flutuação dos barcos e depois para a flutuação e o afundamento de outros materiais/objetos, como motivação para a atividade seguinte. - Será pedido às crianças que arrumem as almofadas e se dirijam às mesas mas que permaneçam em redor da ilha formada pelas mesmas, de pé. No meio da ilha, está tudo preparado para a realização da atividade ilustrativa que se seguirá. Em anexo, encontra-se o protocolo da experiência, com todos os passos que deverão ser seguidos (anexo IP25).	- Fotos das crianças durante a atividade/experiência (anexo IP25a)
10:45 / 11:00	- Organização e tratamento de dados Formação Pessoal e Social - Independência / Autonomia	- Saber interpretar dados apresentados em tabelas simples, em situações do seu quotidiano - Saber realizar tarefas sem ajuda :utilizar a casa de banho, vestir e despir o casaco, comer	- As crianças, numa tabela de dupla entrada, deverão registar as inferências e as observações feitas durante a experiência. Recreio/Lanche da manhã	- Será dado a cada criança uma folha onde deverá ser feito o registo antes do início da atividade/experiência e o registo decorrente da observação da mesma.(anexo IP25). Será efetuado um registo de avaliação individual por parte da estagiária, relativamente à atividade.(anexo IP25) Recreio/Lanche da manhã	- Trabalho da criança: Tabela de registo. (anexo IP25a) - Checklist de observação/avaliação da experiência ilustrativa. (anexo IP25a)
11:00 / 12:00	Linguagem Oral e Abor - dagem à Escrita - Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal	- Saber escutar; - Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente	- Narração da história «Madeira, terra à vista», da coleção «A aventura dos descobrimentos», do Expresso(anexo IP25)	- As crianças deverão sentar-se no chão, tendo para tal ido buscar as almofadas. Será contada a história «Madeira, terra à vista». A narração deverá ser feita com entoação, mostrando as imagens do livro e fazendo pausas e levantando questões pertinentes para captar a atenção e interesse das crianças. No final deverá ser realizado um pequeno debate/reconto, coletivamente, por forma a consolidar as aprendizagens.	

Observações complementares sobre a organização da planificação da prática educativa :

A planificação da prática educativa foi organizada segundo as temáticas que estão a ser trabalhadas em contexto de sala de aula no momento e de acordo e concordância com a Educadora Cooperante. Foram respeitadas rotinas e procedimentos diários das crianças.
Na planificação de hoje está prevista uma experiência de caráter ilustrativo, dentro da área do Conhecimento do Mundo, área que não seria abordada na manhã de hoje, surgindo no entanto por contextualização de aprendizagens.

Todas as crianças, de 4 e 5 anos, deverão participar nas atividades planificadas.

Proposta de atividades alternativas/complementares :

- Colagem de tecidos num fato de papel, que representa o fato do Infante D. Henrique.
- Jogo de tabuleiro « Caça ao tesouro».

Observações (aspetos a ter em conta como: passeios/visitas, situações festivas, alunos com nee,...)

As duas crianças com Nee vão participar nas atividades propostas.

Nome: Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva
Escola: Esternato O Nial

Relatório Diário

Data: 12 de março de 2013

1. Situações de aprendizagem/ Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Acolhimento	*			
Higiene	*			
Atividades orientadas/Matemática	*			
Atividades orientadas/ Conhecimento do Mundo	*			
Atividades orientadas/Linguagem Oral e Abordagem a Escrita	*			
Higiene/Recreio da manhã	*			
Atividades orientadas/ Conhecimento do Mundo	*			
Atividades orientadas/Linguagem Oral e Abordagem a Escrita		*		A leitura do livro «Madeira, Terra à vista» não se concretizou.
Higiene/Almoço	*			

2. Metas, domínios e Conteúdos/assuntos abordados	3. Competências específicas desenvolvidas
- Acolhimento Área: Expressões/Expressão Musical Domínio: Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação Subdomínio: Interpretação e Comunicação Domínio: Desenvolvimento da Criatividade Subdomínio: Criação e Experimentação - Atividades Orientadas/ Matemática Área: Matemática Domínio: Organização e tratamento de dados - Atividades Orientadas/Conhecimento do Mundo Área: Conhecimento do Mundo Domínio: Localização no Espaço e no Tempo Domínio: Dinamismo das inter-relações Natu- ral-Social - Atividades Orientadas/Linguagem Oral e	- Desenvolver a linguagem musical; - Desenvolver a memória auditiva; - Saber cantar canções/interpretar canções de caráter diferente; - Ser capaz de utilizar o corpo ao ritmo da canção. - Desenvolver destreza na manipulação de tabelas de dupla entrada; - Saber distinguir o ontem, o hoje e o amanhã; - Saber o nome dos dias da semana; - Saber o nome dos meses do ano; - Saber identificar os vários momentos do dia (manhã, tarde e noite); - Identificar diferentes condições atmosféricas.

da tarde.
Pediram para fazermos mais «experiências» amanhã.
Até amanhã...

Análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações

A manhã de hoje revelou-se muito interessante para as crianças pois fizeram comigo uma atividade que ainda nunca tinham feito. Revelaram-se muito curiosas, o que já é comum acontecer noutras atividades, e muito participativas e autónomas. Só os gémeos com Nee's não revelaram essa autonomia mas estavam muito interessados e foram acompanhando os colegas.

A preparação do protocolo e do local da atividade e dos materiais foi, de todo, muito importante para a realização da experiência com êxito. Assim, as crianças puderam seguir todos os passos que deveriam dar, através da leitura do protocolo que lhes ia sendo feita, sendo que o mesmo lhes foi explicado antecipadamente.

«A área do Conhecimento do Mundo enraiza-se na curiosidade natural da criança e no desejo de saber e compreender porque. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.» (Orientações Curriculares, 1997:79).

A atividade demorou mais tempo do que o previsto devido a curiosidade e interesse demonstrado pelas crianças, o que fez, juntamente com a vinda das duas tartarugas para a sala, que a planificação não fosse cumprida na íntegra. A leitura da história do livro «Madeira, Terra à vista», enquadrada na temática que vem sendo abordada, não se concretizou, devido a falta de tempo.

6. Auto reflexão; Análise das interações: quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade para gerir a ação educativa e capacidade de empunhamento.

As crianças são motivo e motivação para toda a nossa dedicação. São elas que devem gerar os ambientes da sala, através das suas necessidades e interesses.

Através dos acontecimentos de hoje, denotei uma lacuna ao nível deste tipo de atividades. As crianças adoraram a que foi realizada e pediram mais, o que é demonstrativo do interesse e gosto que tiveram na sua concretização.

A área do Conhecimento do Mundo é uma área privilegiada pois há tanto que saber com a própria interação com o mundo que nos rodeia; a curiosidade e o desejo de saber são próprios de todas, ou quase todas as crianças e, parte do educador, fomentar esse desejo pelo conhecimento e orientar as descobertas e curiosidades das crianças, para que estas sejam significativas para as mesmas. Segundo as Orientações Curriculares, «A sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. Interrogar-se sobre a realidade, colocar problemas e procurar a sua solução constitui a base do método científico. Também a área do Conhecimento do Mundo deverá permitir o contacto com a atitude e metodologia própria das ciências e fomentar nas crianças uma atitude científica e experimental.»

Foi com essa intencionalidade educativa que planeiei a aula de hoje e foi motivador para mim, enquanto estagiária e educadora destas crianças, ver o resultado decorrente dessa intencionalidade, o sentido dado pelas crianças a esta atividade, o significado desta aprendizagem. Foi de tal forma significativa, que as crianças pediram-me para realizarem mais «experiências». Assim, a aula de amanhã, e em concordância com a educadora, vai ser dedicada a outras atividades de tipo experimental, ainda sobre a flutuação.

Abordagem a Escrita Área: Linguagem Oral e Abordagem a Escrita Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal Domínio: Conhecimento das Convenções Gráficas Domínio: Consciência Fonológica - Atividades Orientadas/Conhecimento do Mundo Área: Conhecimento do Mundo Domínio: Conhecimento do Ambiente Natural e Social - Formação Pessoal e Social Área: Formação Pessoal e Social Domínio: Independência/Autonomia	- Saber escutar; - Participar oralmente; - Reproduzir poemas; - Questionar para obter informação; - Fazer perguntas e responder; - Saber segmentar palavras. - Observar comportamentos distintos de materiais/objetos: flutuação/afundamento; - Saber realizar tarefas como vestir/despir, fazer a higiene sozinho, comer, autonomamente
4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)	
Estagiária	Alunos/Crianças
Hoje tivemos na sala duas tartarugas e as mesmas foram as responsáveis pelo não cumprimento de tudo o que estava planeado.	
5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.	
Descritivo As nove horas, entramos na sala. Estavam poucas crianças; começaram por escolher as canções do dia e as mesmas foram: «Os olhos da Mariana» e «Larau, Larau, Larito». As 9.30 horas, os que já estavam marcaram a presença no mapa, sentaram-se nas cadeiras e foi trabalhado o mural do tempo: foi alterado o dia da semana, o dia do mês, o dia de ontem, o de hoje e o de amanhã, o estado do tempo. Foi também alterada a poesia representativa do dia da semana, assim como o animal correspondente. As crianças recitaram a poesia e pronunciaram a palavra «Texugo», silabicamente (o Texugo é o animal que representa a terça-feira). Seguiram-se alguns exercícios de segmentação silábica. Estavam a acabar os exercícios, quando entrou a C. com as suas tartarugas. Todos quiseram observá-las e as perguntas e respostas sucederam-se. A vinda das tartarugas contextualiza-se com um mini-projeto iniciado pela educadora sobre precisamente, as tartarugas. Erão já 10.10 horas quando consegui pedir que todos fossem buscar as almofadas de chão e se sentassem no mesmo, em formação circular. Assumi também um lugar e, aproveitando as tartarugas, as quais já tínhamos falado que serviam de alimento aos piratas, foi puxado o tema dos barcos dos piratas e dos navegadores portugueses. As crianças começaram por dizer que os barcos eram feitos de madeira e, desde logo, a formular hipóteses sobre a flutuação dos barcos. Falamos então desta curiosidade e foram abordados outros materiais e foram feitas inferências sobre se os mesmos afundariam ou não. Foi então pedido que arrumassem as almofadas e se dirigissem as mesas, colocadas em ilha, onde os esperava uma atividade de caráter de verificação/ilustração sobre, precisamente, a flutuação. Estavam preparados todos os materiais necessários assim como o protocolo da atividade (o qual se encontra no anexo IP25) e tudo foi explicado às crianças, desde o protocolo e para que é que servia, as regras de «laboratório», os registos que iriam elaborar e para que é que serviam; outras questões colocadas pelas crianças foram respondidas. Depois de toda esta conversa, devesse importante para as crianças e para nós, estagiária e educadora, na medida em que observamos e constatamos interesses das crianças, chegou a hora do intervalo, 10.45 horas, e tivemos de interromper a atividade. As 11.00 horas voltaram a sala e a ilha da atividade. A atividade correu da forma prevista, e as crianças reagiram lindamente. Poderá ser consultado o protocolo para melhor perceber toda a sequencialização da experiência. As explicações foram coerentes com as observações e todos se comportaram segundo as regras estabelecidas. Chegou a hora do almoço. Arrumamos materiais e trabalhos e preparamos todos a sala para as atividades	

ANEXO IP25

- CANÇÕES ESCOLHIDAS PELAS CRIANÇAS: «OS OLHOS DA MARIANITA»; «LARAU, LARAU, LARITO»;
- POESIA DA SEMANA: «O TEXUGO»;
- SEGMENTAÇÃO SILÁBICA DA PALAVRA: TE/XU/GO;
- PROTOCOLO E EXPLICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE VERIFICAÇÃO/ ILUSTRAÇÃO: «FLUTUA OU NÃO FLUTUA?»;
- TABELA DE REGISTO PARA A CRIANÇA;
- CHEKLIST DE OBSERVAÇÃO/AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ILUSTRATIVA;
- CAPA DO LIVRO APRESENTADO: «MADEIRA, TERRA À VISTA».

- Protocolo e explicação da Experiência de Verificação/Ilustração: “Flutua não Flutua?”

EXPERIÊNCIA DE VERIFICAÇÃO / ILUSTRAÇÃO

FLUTUA OU AFUNDA ?/1

QUESTÃO: O que acontece aos objetos colocados na água?

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Caixa de plástico transparente;
- Água;
- Uma borracha;
- Uma rolha de cortiça;
- Um pedaço de madeira (pauzinho colorido);
- Uma barra de plasticina;
- Um parafuso;
- Ficha de registo (individual).
- Amostras dos materiais que se vão utilizar (por criança);
- Cola.

PROCEDIMENTO:

- Depois do diálogo inicial como motivação para a atividade, explicar à criança qual o procedimento a ter quanto à folha de registo;
- Na folha de registo, na coluna da esquerda, a criança deverá colar um pedaço do material/objeto que irá ser utilizado, em cada linha;
- Primeiramente, levar a criança a registar com uma cruz o que pensa que vai acontecer, na coluna e linha da tabela respetiva;
- Colocar os objetos na água, um de cada vez, e registar o que se observa, na coluna e linha da tabela respetiva.

OBJETIVOS:

Conhecimento do Mundo

- Explicitar o significado das palavras flutuar e afundar(não flutuar);
- Prever o comportamento de objetos na água (flutuar/afundar);
- Apresentar explicações para a flutuação/ afundamento dos objetos;
- Perceber que a água empurra para cima os objetos (impulsão);
- Apresentar conclusões coerentes com as observações;

Matemática

- Saber manipular tabelas de dupla entrada.

PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Dialogar com as crianças sobre os barcos usados na época dos Descobrimentos Portugueses, mais propriamente, as naus usadas pelo Infante D. Henrique quando foi conquistar Ceuta (temática que vem sendo tratada). Poderão ser referidos também os barcos dos piratas. Reforçar que os barcos eram feitos de madeira (e ainda são). Questionar as crianças sobre o que é flutuar e o que é afundar.

EXPLORAÇÃO DA ATIVIDADE:

- O que pensas que vai acontecer aos objetos quando colocados na água?
- Por que razão há objetos que flutuam e outros que afundam?

Respostas mais prováveis:

- É mais fino; é mais grosso; é mais espalmado;...
- Os leves flutuam e os mais pesados afundam;
- Os maiores afundam e os mais pequenos flutuam;
- Os de madeira flutuam sempre e os de ferro afundam sempre.

No Pré-Escolar deve-se explicar que objetos feitos «da mesma coisa» e com o mesmo peso, podem flutuar ou não; depende da forma exterior(de fora). Poderá ser dado o exemplo do barco (forma concava); mas se enchermos muito, muito o barco ele acaba por afundar.

Há objetos leves que flutuam e objetos pesados que também flutuam, do mesmo modo que há objetos grandes que flutuam e objetos pequenos que também flutuam. Dar o exemplo das naus, grandes e pesadas e flutuam. Um grão de areia é pequeno e leve e afunda.

Dizer que na água existe uma força que vem de baixo para cima e que se chama impulsão; essa força empurra todos os objetos para cima, para a superfície e existe mesmo quando os objetos se afundam

ANEXO IP25a

- FOTOS DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE/ EXPERIÊNCIA: «FLUTUA OU AFUNDA?»;
- TRABALHO DA CRIANÇA: TABELA DE REGISTO;
- CHEKLIST DE OBSERVAÇÃO/AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ILUSTRATIVA.

- Fotos das crianças durante a atividade/experiência



- Trabalho da criança: Tabela de Registo

	FLUTUA		NÃO FLUTUA	
	PENSEI	OBSERVEI	PENSEI	OBSERVEI
	X	X		
			X	X
		X	X	
			X	X
			X	X

- Registo de Observação/Avaliação

REGISTO DE OBSERVAÇÃO / AVALIAÇÃO										
CONHECIMENTO DO MUNDO: EXPERIÊNCIA DE VERIFICAÇÃO/ILUSTRAÇÃO										
Externato O Nial										
Sala dos Piratinhas: 4/5 anos						Data : 12 de março de 2013				
Nomes das Crianças	R	LA	LU	S	P	D	C	M	T	J
Explicita a questão em estudo	X	X			X	X	X	X		
Regista o que prevê	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Regista o que observou	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Faz interpretações coerentes com o que observou	X	X			X	X	X	X		
Participa na discussão/debate	X	X	X	X		X	X	X		
Ajuda na arrumação do material utilizado	X	X		X		X	X	X	X	

• Marcar com uma cruz onde se verificar o comportamento/competência

Anexo VIII – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP26 e IP26A de 13 de março de 2013

Instituto Superior de Educação e Ciências / Universitat

Prática de Ensino Supervisionada I (Educação Pré-Escolar)

MESTRADO DE QUALIFICAÇÃO PARA A DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Nome do Aluno : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Data : 13 de março de 2013

Escola : Externato O Nial

Sala do Pré-Escolar : 4/5 anos

Planificação Diária

Projeto/Temática : O Inverno; A Descoberta com os Piratas/ Os Descobrimentos Portugueses.

Tempo	Metas de Aprendizagem: Domínios e Subdomínios	Competências a desenvolver	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espço/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
9:45/ 10:45	Conhecimento do Mundo Matemática Conhecimento do Mundo Matemática	- Observar comportamentos distintos de materiais/objetos: flutuação/afundamento - Saber interpretar dados apresentados em tabelas simples, em situações do seu quotidiano - Observar comportamentos distintos de materiais/objetos: flutuação/afundamento	- Experiência de Investigação: Flutua ou não flutua?/2 «Porque é que a barra de plastina afunda e o barco de plastina flutua?» - As crianças, numa tabela de dupla entrada, deverão registar as observações feitas durante a experiência. A estagiária deverá completar o registo com a conclusão escrita partindo da conclusão oral da criança. - Experiência de Investigação: Flutua ou não flutua?/3 «Como é que podemos afundar a forma de alumínio sem alterar o seu peso?»	- Será pedido às crianças que arrumem as cadeiras e se dirijam às mesas mas que permaneçam em redor da ilha formada pelas mesmas, de pé. No meio da ilha, está tudo preparado para a realização da atividade de investigação que se seguirá. Em anexo, encontra-se o protocolo da experiência, « Flutua ou Afunda ? / 2» com todos os passos que deverão ser seguidos (anexo IP26). - Será dado a cada criança uma folha onde deverá ser feito o registo decorrente da observação da atividade - Será efetuado um registo pela estagiária da conclusão individual por parte da criança, relativamente à atividade. (anexo IP26) No meio da ilha, prepara-se tudo para a realização da atividade de investigação que se seguirá. Em anexo, encontra-se o protocolo da experiência, « Flutua ou Afunda ? / 3» com todos os passos que deverão ser seguidos (anexo IP26).	- Fotos das crianças durante a atividade/experiência (anexo IP26a) - Trabalho da criança: Tabela de registo. (anexo IP26a) - Fotos das crianças durante a atividade/experiência (anexo IP26a)
	- Organização e tratamento de dados	- Saber interpretar dados apresentados em tabelas simples, em situações do seu quotidiano	- As crianças, numa tabela de dupla entrada, deverão registar as observações feitas durante a experiência. A estagiária deverá completar o registo com a conclusão escrita partindo da conclusão oral da criança.	- Será dado a cada criança uma folha onde deverá ser feito o registo decorrente da observação da atividade - Será efetuado um registo pela estagiária da conclusão individual por parte da criança, relativamente à atividade. (anexo IP26)	- Trabalho da criança: Tabela de registo. (anexo IP26a)
11:00 / 11:15	Formação Pessoal e Social - Independência / Autonomia	- Saber realizar tarefas sem ajuda :utilizar a casa de banho, vestir e despir o casaco, comer	Recreio/Lanche da manhã	Recreio/Lanche da manhã	
11:15 / 12:00	Conhecimento do Mundo Linguagem Oral e Abordagem à Escrita Conhecimento das Convenções Gráficas	- Observar comportamentos distintos de materiais/objetos: flutuação/afundamento - Saber que a escrita e o desenho transmitem informação	- Experiência de Verificação / Ilustração: Flutua ou não flutua?/4 «O que acontece aos objetos colocados na água salgada?» - Preenchimento da tabela de registo com desenhos representativos dos passos dados durante a experiência.	No meio da ilha, prepara-se tudo para a realização da atividade de verificação /ilustração que se seguirá. Em anexo, encontra-se o protocolo da experiência, « Flutua ou Afunda ? / 4» com todos os passos que deverão ser seguidos. (anexo IP26). - As crianças deverão completar a tabela de registo com desenhos ilustrativos da atividade realizada. A estagiária deverá escrever na mesma a conclusão da criança. (anexo IP26)	- Fotos das crianças durante a atividade/experiência (anexo IP26a) - Trabalho da criança: Tabela de registo. (anexo IP26a)

Observações complementares sobre a organização da planificação da prática educativa :

A planificação da prática educativa foi organizada segundo o interesse demonstrado pelas crianças no dia anterior, perante a atividade de verificação/ilustração realizada e de acordo e concordância com a Educadora Cooperante. Foram respeitadas rotinas e procedimentos diários das crianças.

Na planificação de hoje estão previstas três experiências de caráter investigativo e ilustrativo, dentro da área do Conhecimento do Mundo, área que não seria abordada na manhã de hoje, surgindo no entanto por contextualização de aprendizagens.

Todas as crianças, de 4 e 5 anos, deverão participar nas atividades planificadas.

Proposta de atividades alternativas/complementares :

- Narração da história «Madeira, terra à vista», da coleção «A aventura dos descobrimentos», do Expresso (anexo IP26)

Observações (aspetos a ter em conta como: passeios/visitas, situações festivas, alunos com nee,...)

As duas crianças com Nee vão participar nas atividades propostas.

1. Situações de aprendizagem / Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Acolhimento		*		Foi realizada uma outra atividade em substituição da Expressão Musical
Higiene	*			
Atividades orientadas/Matemática	*			
Atividades orientadas/Conhecimento do Mundo	*		*	
Formação Pessoal e Social			*	As crianças participaram na organização da ilha e dos materiais necessários para a realização das experiências.
Atividades orientadas/Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	*			
Higiene/Recreio da manhã	*			
Atividades orientadas/Conhecimento do Mundo	*			
Atividades orientadas/Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	*			
Higiene/Almoço	*			

2. Metas, domínios e Conteúdos/assuntos abordados	3. Competências específicas desenvolvidas
- Acolhimento Área: Formação Pessoal e Social Domínio: Cooperação - Atividades Orientadas/ Matemática Área: Matemática Domínio: Organização e tratamento de dados - Atividades Orientadas/Conhecimento do Mundo Área: Conhecimento do Mundo Domínio: Localização no Espaço e no Tempo Domínio: Dinamismo das inter-relações Natural-Social Domínio: Conhecimento do Ambiente Natural e Social - Atividades Orientadas/Linguagem Oral e Abordagem à Escrita Área: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal Domínio: Conhecimento das Convenções Gráficas Domínio: Consciência Fonológica	- Demonstrar comportamentos de ajuda, por iniciativa própria e também quando solicitado; - Contribuir para o funcionamento e aprendizagem do grupo, fazendo propostas, partilhando ideias e soluções - Desenvolver destreza na manipulação de tabelas de dupla entrada; - Saber distinguir o ontem, o hoje e o amanhã; - Saber o nome dos dias da semana; - Saber o nome dos meses do ano; - Saber identificar os vários momentos do dia (manhã, tarde e noite); - Identificar diferentes condições atmosféricas. - Observar comportamentos distintos de materiais/objetos: flutuação/afundamento; - Saber escutar; - Participar oralmente; - Reproduzir poemas; - Questionar para obter informação; - Fazer perguntas e responder; - Saber que a escrita e o desenho transmitem informação

- Formação Pessoal e Social Área: Formação Pessoal e Social Domínio: Independência/Autonomia	- Saber segmentar palavras. - Saber realizar tarefas como vestir/despir, fazer a higiene sozinho, comer, autonomamente
4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)	
Estagiária	Alunos/Crianças
	O P de 4 anos, nas experiências que realizamos e nas quais os objetos feitos pelas crianças depois afundavam, o P ficou sempre aborrecido por ter de afundar os seus objetos. Não conseguiu explicar porque é que não conseguimos perceber. O D de 5 anos, quando se perguntou o que era um protocolo disse: «são os papinhos que temos todos que ouvir e seguir para fazer tudo muito bem. Não nos podemos esquecer que somos cientistas.»
5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e pontuais reformulações. Descritivo As nove horas, entramos na sala. Estavam todas as crianças, o que não é hábito, inquietas desde logo prevendo as experiências que iriam realizar. Não quiseram cantar e quiseram participar na arrumação da ilha de atividades, a qual, intencionalmente, não estava ainda totalmente preparada, para que mais tarde as crianças participassem na sua arrumação. Isso foi feito mais cedo do que o esperado... todos eles estavam ansiosos e tomaram atitudes corretas quanto à colaboração e participação na preparação de todos os materiais que iriam ser necessários para a realização das atividades. Embora não estivesse previsto, a ilha, como é bastante grande, foi desde logo preparada para as três atividades planificadas. As 9,30 horas tudo estava a postos. Marcaram a presença no mapa, e seguidamente, foi trabalhado o mural do tempo: foi alterado o dia da semana, o dia do mês, o dia de ontem, o de hoje e o de amanhã, o estado do tempo. Foi também alterada a poesia representativa do dia da semana, assim como o animal correspondente. As crianças recitaram a poesia e pronunciaram a palavra «Pato», silabicamente (o Pato é o animal que representa a quarta-feira). Seguiram-se alguns exercícios de segmentação silábica. Eram 9:45 horas quando todos arrumaram as cadeiras e assumiram um lugar à volta da ilha. Foram recapituladas as regras e normas de «laboratório» que já ontem tinham sido nomeadas. Foi pedido que quem se lembrasse explicasse o que era um protocolo e o D. (5 anos) explicou que eram os «papinhos que temos todos que ouvir e seguir para fazer tudo muito bem. Não nos podemos esquecer que somos cientistas.» A primeira atividade/experiência «Flutua ou afunda?/2», em que a questão era: «Porque é que a barra de plastilina afunda e o barco de plastilina flutua?», teve início e, tal como foi referido pelas crianças, o protocolo foi sendo lido e foram sendo dadas algumas explicações. As crianças foram realizando o que era pedido (protocolo em anexo IP26). Estiveram todas comprometidas na atividade, foram levantando algumas questões, foram feitos os registos da atividade e, no final e a vez, as crianças relataram oralmente o que fizeram e foi escrito na folha de registo de cada criança, a sua conclusão. Partimos então para a segunda atividade/experiência: «Flutua ou afunda?/3», com a questão: «Como é que podemos afundar a forma de alumínio sem alterar o seu peso?». Foram distribuídas umas forminhas de alumínio e as folhas de registo. O protocolo (em anexo IP26) foi sendo lido e cumprido; as crianças foram realizando todos os passos, sempre muito motivadas, já muito autónomas a fazerem os registos e a quererem chegar a hipóteses, questionando já os pareceres uns dos outros. Algumas das crianças já conseguiram concluir sem qualquer interferência, o que tinha acontecido e porquê. Foram escritas nas folhas de registo, as conclusões a que chegaram. O intervalo foi dado às 10:45 e às 11:00 horas estávamos de regresso à sala. Colocaram-se todos em redor da ilha, sem ser preciso dizer o que quer que fosse. Foi lido o protocolo da experiência de verificação/ilustração que iriam realizar, com a questão: «O que acontece aos objetos colocados na água salgada?». Todos quiseram pegar no «ovo a sério» e estavam realmente sérios pois penso que, algumas das crianças nunca tinham pegado num ovo de verdade e, por isso, sentiram muita «responsabilidade» por tal acto. Todos quiseram contribuir para salgar a água, colocando dentro do copo, uma sal. A experiência foi realizada e o P chegou primeiramente a conclusão de que o sal era o culpado pela flutuação do ovo. Acabamos a experiência e foram dadas as folhas de registo. Eram diferentes das outras anteriores; nestas, foi pedido que as crianças desenhassem as etapas da experiência (quatro etapas) que estavam previamente	

legendadas. Por fim, foram tiradas conclusões e as mesmas foram escritas individualmente nas folhas de registo respetivas. Os gémeos com Nee, tiveram dificuldade a transmitir as conclusões a que chegaram.

As 11:45 arrumamos todos os materiais e ficou prometido que iríamos construir a Área das Ciências deste ano (no ano anterior já tinha tido lugar na sala o Cantinho das Ciências, por volta desta altura e até ao final do ano)

Chegou a hora do almoço. Fomos almoçar.

Até amanhã...

Análise crítica/reflexiva e pontuais reformulações

«A manhã dos cientistas» foi a expressão que a L. (4 anos) usou para definir esta manhã, dedicada às atividades de caráter experimental. Mais uma vez, ficou demonstrado que a planificação das atividades e a preparação dos protocolos e dos materiais necessários é crucial para a sequencialização e realização das mesmas, com sucesso.

As experiências escolhidas estiveram de acordo com a temática em estudo, os «Descobrimientos Portugueses» e com os interesses demonstrados pelas crianças. Segundo as Orientações Curriculares, e referindo-se a multiplicidade de aspetos englobados pelo Conhecimento do Mundo e a diversidade de possibilidades que oferece, «O educador escolhe criteriosamente quais os assuntos que merecem mais desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança.»

Os registos preparados estiveram de acordo com as capacidades do grupo e mostraram-se apelativos e significativos para todas as crianças, levando-as a questionar os mesmos aquando da sua realização. Ainda referindo as Orientações Curriculares, «(...) a partir de uma situação ou problema, as crianças terão oportunidade de propor explicações e de confrontar as suas perspectivas da realidade. O apoio do educador permite aprofundar as questões, facilitando a construção de conceitos mais rigorosos a partir dos saberes das crianças (...). A organização destes dados levará provavelmente à necessidade de usar formas de registo que permitam classificá-los e ordená-los—desenhos, gráficos, descrição escrita do processo.»

Foi nesta perspectiva que foram escolhidas as atividades, elaborada a planificação, os protocolos das atividades/experiências, que foram escolhidos os materiais... para que tudo tivesse significado para o grupo de crianças e se revelasse construtor de aprendizagens significativas.

6. Auto reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade para gerir a ação educativa e capacidade de empenhamento.

A sensibilização às ciências é uma oportunidade para se gerarem conhecimentos do mundo que nos rodeia e para se promoverem nas crianças atitudes de respeito por e para com este mesmo mundo, entre outras. Ao saber como funciona e porque é que está a nossa volta, adaptando esse conhecimento à faixa ou faixas etárias do grupo, as crianças aprendem alguns aspetos relativamente a diferentes domínios do conhecimento humano; no caso de hoje, no domínio da física e da química. Independentemente de estarem adequados à faixa etária do grupo e de serem bastante elementares por isso mesmo, esses aspetos devem corresponder a um absoluto rigor científico. Como já foi referido anteriormente, noutros relatórios, é de extrema importância o conhecimento por parte do educador, relativamente aos assuntos que é de sua vontade e iniciativa abordar com as crianças. Antecipadamente, o educador deverá «estudar» o tema que irá ser abordado no grupo para que se muna de toda a informação possível e credível por forma a poder transmitir às crianças tudo aquilo que pretende e tudo aquilo que surja em contexto.

E pois isso que eu, como estagiária mas essencialmente como educadora, faço para dar resposta a tudo o que as crianças questionam e querem ver respondido... e que nunca é pouco. Estar sempre pronta para esclarecer qualquer dúvida e fazer com que as crianças vejam em nós uma fonte de informação, levando-as assim a criarem o gosto pelo conhecimento e, desta forma, a quererem saber mais sobre tudo o que as rodeia. Esta área é um poço sem fundo para esta abordagem do conhecimento, para este saber sem fim e tão interessante: o mundo à nossa volta.

«O tratamento da área Conhecimento do Mundo não visa promover um saber enciclopédico, mas proporcionar aprendizagens pertinentes com significado para as crianças que podem não estar obrigatoriamente relacionadas com a experiência imediata. Mesmo que a criança não domine inteiramente os conteúdos, a introdução a diferentes domínios científicos cria uma sensibilização que desperta a curiosidade e o desejo de aprender.» (Orientações Curriculares. 1997:85).

ANEXO IP26

- POESIA DA SEMANA: «O PATO»;
- SEGMENTAÇÃO SILÁBICA DA PALAVRA: PA/TO;
- PROTOCOLO E EXPLICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO: «FLUTUA OU AFUNDA?/2»;
- TABELA DE REGISTO/2 PARA A CRIANÇA;
- PROTOCOLO E EXPLICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO: «FLUTUA OU AFUNDA?/3»;
- TABELA DE REGISTO/3 PARA A CRIANÇA;
- PROTOCOLO E EXPLICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE VERIFICAÇÃO/ILUSTRAÇÃO: «FLUTUA OU AFUNDA?/4»;
- TABELA DE REGISTO/4 PARA A CRIANÇA;

- Protocolo e explicação da Experiência de Investigação: “Flutua ou Afunda?”/2 + Tabela de Registo/2

EXPERIÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO

FLUTUA OU AFUNDA ?/2

QUESTÃO: Será possível fazer flutuar uma barra de plasticina?

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Caixa de plástico transparente;
- Água;
- Onze barras de plasticina com o mesmo peso(massa);
- Ficha de registo (individual).

PROCEDIMENTO:

- Colocar uma das barras de plasticina na água;
- Registrar na folha de registo o que se observou;
- Dar uma barra de plasticina a cada criança e estas devem moldar diferentes objetos, com diferentes formas;
- Colocar na água cada objeto moldado e observar o que acontece;
- Registrar na folha de registo o que se observou;
- O adulto deverá, na folha de registo da criança, registar/escrever a conclusão transmitida oralmente pela criança.

OBJETIVOS:

Conhecimento do Mundo

- Explicitar o significado das palavras flutuar e afundar(não flutuar);
- Prever o comportamento de objetos na água (flutuar/afundar);
- Apresentar explicações para a flutuação/ afundamento dos objetos;
- Explorar fatores que explicam o afundamento/flutuação dos objetos na água;
- Perceber que a água empurra para cima os objetos (impulsão);
- Apresentar conclusões coerentes com as observações;

Matemática

- Saber manipular tabelas de dupla entrada.

PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Questionar as crianças sobre o que é flutuar e o que é afundar, temática abordada no dia anterior.
- Rever, oralmente ou com apoio nos registos efetuados, a experiência da flutuação ontem realizada.
- Abordar a experiência da plasticina, em que esta afundou, para lhes lançar o desafio de a tentarem pôr a flutuar.

EXPLORAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Depois de as crianças descobrirem que a plasticina moldada em forma de barco (com caixa de ar) flutua (poderemos, durante a moldagem, ir chamando à atenção para as características dos objetos que flutuam), devemos questioná-las:

Porque é que a plasticina em forma de barco flutua e a barra afunda?

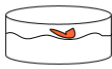
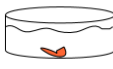
No Pré-Escolar deve-se explicar que objetos feitos «da mesma coisa» e com o mesmo peso (massa), podem flutuar ou não.

A barra de plasticina é um objeto maciço e por isso afunda. Quando a plasticina é moldada em forma de barco cria-se uma caixa de ar; a massa(peso)mantem-se mas o tamanho(volume) aumenta.

Este sistema (plasticina mais ar) possui uma densidade(massa por unidade de volume)inferior à densidade da água e, por isso, o barco flutua. A massa dos dois objetos (barra e barco) mantém-se; o comportamento do objeto na água(afundamento/flutuação) explica-se pela variação da densidade média do sistema formado pela plasticina + ar.

CONCLUSÃO: A plasticina flutua se tiver a forma de barco.

A barra de plasticina e o barco têm o mesmo peso, mas o tamanho e a forma são diferentes.

PORQUE É QUE A BARRA DE PLASTICINA AFUNDA E O BARCO DE PLASTICINA FLUTUA?	 FLUTUA	 NÃO FLUTUA
CONCLUSÃO:		

NOME:

DATA:

- Protocolo e explicação da Experiência de Investigação: “Flutua ou Afunda?”/3

EXPERIÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO

FLUTUA OU AFUNDA ? / 3

QUESTÃO: Como é que podemos afundar a forma de alumínio sem alterar o seu peso?

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Caixa de plástico transparente;
- Água;
- Onze formas de papel de alumínio, com o mesmo peso(massa);
- Ficha de registo (individual).

PROCEDIMENTO:

- Colocar as formas de alumínio na água;
- Registar na folha de registo o que se observou;
- Retirar as formas da água;
- As crianças deverão amarrotar e compactar as formas de alumínio, de modo a retirar todo o ar;
- Se necessário, o adulto deverá auxiliar a criança para conseguir maior compactação, utilizando um rolo ou mesmo um martelo;
- Colocar na água as formas amarrotadas e compactadas;
- Registar na folha de registo o que se observou;
- O adulto deverá, na folha de registo da criança, registar/escrever a conclusão transmitida oralmente pela criança.

OBJETIVOS:

Conhecimento do Mundo

- Explicitar o significado das palavras flutuar e afundar(não flutuar);
- Prever o comportamento de objetos na água (flutuar/afundar);
- Apresentar explicações para a flutuação/ afundamento dos objetos;
- Explorar fatores que explicam o afundamento/flutuação dos objetos na água;
- Apresentar conclusões coerentes com as observações;

Matemática

- Saber manipular tabelas de dupla entrada.

PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Levar as crianças a pensarem na barra de plasticina que afunda (é compacta) e na plasticina que flutua (tem maior tamanho, tem caixa de ar e ocupa mais espaço).

EXPLORAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Depois de as crianças terem chegado à conclusão que a plasticina moldada em forma de barco (com caixa de ar, maior tamanho e ocupando mais espaço) flutua e que a barra afunda porque é compacta, questioná-las:

O que é que temos de mudar na forma de alumínio para que esta afunde?

No Pré-Escolar deve-se explicar que objetos feitos «da mesma coisa» e com o mesmo peso (massa), podem flutuar ou não.

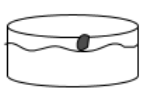
O bocado de alumínio só afunda se estiver bem compactado, não tendo caixa de ar e tendo menos volume.

O peso não alterou, o que alterou foi a densidade (não se acrescentou mais papel de alumínio para que ficasse mais pesado).

CONCLUSÃO: A forma de alumínio afunda se estiver bem amarrotada e compactada.

Não houve alteração de peso (massa) mas sim da forma e tamanho (volume).

- Tabela de Registo para a criança: “Flutua ou Afunda?”/3

PORQUE E QUE A FORMA DE ALUMÍNIO FLUTUA E A FORMA AMARROTADA AFUNDA?	 FLUTUA	 NÃO FLUTUA
		
		
CONCLUSÃO:		

NOME:

DATA:

- Protocolo e explicação da Experiência de Investigação: “Flutua ou Afunda?”/4

EXPERIÊNCIA DE VERIFICAÇÃO / ILUSTRAÇÃO

FLUTUA OU AFUNDA ?/4

QUESTÃO: O que acontece aos objetos colocados na água salgada?

MATERIAL NECESSÁRIO:

- 1 copo transparente;
- Água;
- 1 ovo;
- Sal cozinha;
- 1 colher;
- 1 palheta de madeira;
- Ficha de registo (individual).

PROCEDIMENTO:

- Deitar a água num copo, até encher um pouco mais de metade;
- Colocar o ovo dentro de água, no copo;
- Observar;
- Deitar 2 colheres de sal na água;
- Mexer com a palheta, suavemente;
- Observar.

OBJETIVOS:

Conhecimento do Mundo

- Explicitar o significado das palavras flutuar e afundar(não flutuar), água doce e água salgada;
- Prever o comportamento de objetos na água (flutuar/afundar);
- Constatar que a água salgada é mais densa que a água doce;
- Apresentar conclusões coerentes com as observações;

Matemática

- Comparar quantidades e grandezas;
- Compreender que os objetos têm atributos medíveis, como volume ou massa.

PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Dialogar com as crianças sobre o que é água doce (a água que bebemos, a água dos rios e dos lagos(embora também os haja de água salgada)) e o que é água salgada (a água com sal, a água dos oceanos e dos mares).

Referir que há um lago (Grande Lago Salgado em Utah, nos Estados Unidos) e um mar (Mar Morto da Jordânia, no Médio Oriente) que são tão salgados, tão salgados, que os peixes não conseguem lá viver e os mergulhadores não conseguem ficar debaixo de água pois ficam à superfície.

EXPLORAÇÃO DA ATIVIDADE:

- O que pensas que vai acontecer ao ovo quando colocado na água doce?
- Por que razão o ovo flutua em água salgada?

Deve dizer-se que a água salgada é mais densa que a água doce e por isso faz com que os objetos flutuem mais alto.

Quanto maior for a concentração de sal na água, maior é a capacidade de flutuação de um objeto à sua superfície.

Por último deverão preencher a ficha de registo (individual).

- Tabela de Registo para a criança: “Flutua ou Afunda?”/4

O QUE ACONTECE AOS OBJETOS COLOCADOS EM ÁGUA SALGADA?			
COLOQUEI O OVO NUM COPO COM ÁGUA DOCE E O OVO AFUNDOU-SE, FOI AO FUNDO.	JUNTEI SAL À ÁGUA DOCE.	MEXI A ÁGUA, COM CUIDADO.	O OVO FLUTUOU!
CONCLUSÃO:			

NOME:

DATA:

ANEXO IP26a

- FOTOS DAS CRIANÇAS DURANTE A EXPERIÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO: «FLUTUA OU AFUNDA?»/2»;
- TRABALHO DA CRIANÇA: TABELA DE REGISTO /2»;
- FOTOS DAS CRIANÇAS DURANTE A EXPERIÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO: «FLUTUA OU AFUNDA?»/3»;
- TRABALHO DA CRIANÇA: TABELA DE REGISTO /3»;
- FOTOS DAS CRIANÇAS DURANTE A EXPERIÊNCIA DE VERIFICAÇÃO/ILUSTRAÇÃO: «FLUTUA OU AFUNDA?»/4»;
- TRABALHO DA CRIANÇA: TABELA DE REGISTO /4»;

- Fotos das crianças durante a experiencia de investigação: “Flutua ou Afunda?”/2



- Fotos das crianças durante a experiencia de investigação: “Flutua ou Afunda?”/3



- Fotos das crianças durante a experiência de investigação: “Flutua ou Afunda?”/4



Anexo IX – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP27 e IP27A de 19 de março de 2013

Instituto Superior de Educação e Ciências / Universitatis

Prática de Ensino Supervisionada I (Educação Pré-Escolar)

MESTRADO DE QUALIFICAÇÃO PARA A DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Nome do Aluno : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Data : 19 de março de 2013

Escola : Externato O Nial

Sala do Pré-Escolar : 4/5 anos

Planificação Diária

Projeto/Temática : O Inverno; Os Descobrimentos Portugueses.

Tempo	Metas de Aprendizagem: Domínios e Subdomínios	Competências a desenvolver	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espço/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
9:45/ 10:45	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita - Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal	- Saber escutar; - Questionar para obter informação; - Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente	- Leitura do livro «Madeira, Terra à vista», da coleção A aventura dos Descobrimentos, do Expresso, com ilustrações de André Letria. (capa em anexo IP27)	- As crianças deverão sentar-se no chão, em formação circular, tendo para isso, ido buscar as almofadas próprias. Será lido o livro «Madeira, Terra à vista», com textualizando a história com a temática dos Descobrimentos que vem sendo alvo de estudo. Ao mesmo tempo serão comentadas as imagens constantes no livro. - Será depois promovido o reconto da história, que poderá ser feito individualmente ou em pequeno grupo.	
10:45 / 11:00	Formação Pessoal e Social - Independência / Autonomia	- Saber realizar tarefas sem ajuda :utilizar a casa de banho, vestir e despir o casaco, comer	Recreio/Lanche da manhã	Recreio/Lanche da manhã	
11:00 /	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita				
12:00	gem à Escrita - Conhecimento das Convenções Gráficas Expressão Musical- Apropriação da Linguagem Elementar da Música - Percepção Sonora e Musical	- Usar o desenho para escrever histórias; - Saber que a escrita e os desenhos transmitem informação. - Saber ouvir; - Saber comentar a música que ouve.	- Através de um desenho, a criança deverá representar uma parte da história que acabou de ouvir. - É posto a tocar o CD que acompanha o livro «Madeira, Terra à Vista», onde é narrada a história que ouvimos ler e no fim é cantada uma canção sobre essa mesma história. (em anexo IP27)	- Quando voltam do recreio, as crianças deverão sentar-se nas mesas e serão distribuídas folhas A4 para que façam um desenho representativo da história «Madeira, Terra à vista». Antes do início do mesmo, cada criança deverá pronunciar-se sobre que parte da história irá representar. O desenho deverá ser feito a lápis de carvão e pintado a lápis de cor ou canetas de feltro. No final, deverá ser escrito no desenho de cada criança aquilo que cada uma representou. - Enquanto fazem o desenho, é proporcionada a audição da história através do CD que acompanha o livro e as crianças aprendem também uma canção constante nesse mesmo CD.	-Trabalhos das crianças: (anexo IP27a)

Observações complementares sobre a organização da planificação da prática educativa :

A planificação da prática educativa foi organizada segundo as temáticas que estão a ser trabalhadas em contexto de sala de aula no momento e de acordo e concordância com a Educadora Cooperante. Foram respeitadas rotinas e procedimentos diários das crianças.

Na planificação de hoje não está contemplada a abordagem ao Dia do Pai, dia comemorado hoje, visto a educadora cooperante já ter trabalhado o tema no dia anterior e visto também a festa com os Pais ser realizada da parte da tarde, no externato.

Todas as crianças, de 4 e 5 anos, deverão participar nas atividades planificadas.

Proposta de atividades alternativas/complementares :

- Jogo de tabuleiro « Caça ao tesouro », fomentando o respeito pelas próprias regras do jogo e o respeito pelo próximo.

Observações (aspetos a ter em conta como: passeios/visitas, situações festivas, alunos com nee,...)

As duas crianças com Nee vão participar nas atividades propostas.

Nome : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva
Escola : Externato O Nial

Relatório Diário

Data : 19 de março de 2013

1. Situações de aprendizagem / Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Acolhimento/Expressão Musical	*			
Higiene	*			
Atividades orientadas/Matemática	*			
Atividades orientadas/ Conhecimento do Mundo	*			
Atividades orientadas/Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	*			
Higiene/Recreio da manhã	*			
Atividades orientadas/Expressão Musical	*			
Higiene/Almoço	*			
2. Metas, domínios e conteúdos/assuntos abordados				
3. Competências específicas desenvolvidas				
- Acolhimento <u>Área</u> : Expressões/Expressão Musical Domínio: Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação Subdomínio: Interpretação e Comunicação Domínio: Desenvolvimento da Criatividade Subdomínio: Criação e Experimentação - Atividades Orientadas/ Matemática <u>Área</u> : Matemática Domínio: Organização e tratamento de dados - Atividades Orientadas/Conhecimento do Mundo <u>Área</u> : Conhecimento do Mundo Domínio: Localização no Espaço e no Tempo Domínio: Dinamismo das inter-relações Natural-Social - Formação Pessoal e Social <u>Área</u> : Formação Pessoal e Social Domínio: Independência/Autonomia - Atividades Orientadas/Linguagem Oral e Abordagem à Escrita <u>Área</u>: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal				
- Desenvolver a linguagem musical; - Desenvolver a memória auditiva; - Saber cantar canções/interpretar canções de caráter diferente; - Ser capaz de utilizar o corpo ao ritmo da canção. - Desenvolver destreza na manipulação de tabelas de dupla entrada; - Saber distinguir o ontem, o hoje e o amanhã; - Saber o nome dos dias da semana; - Saber o nome dos meses do ano; - Saber identificar os vários momentos do dia(manhã, tarde e noite); - Identificar diferentes condições atmosféricas. - Saber realizar tarefas como vestir/despir, fazer a higiene sozinho, comer, autonomamente - Saber escutar; - Participar oralmente; - Reproduzir poesias;				

Domínio: Consciência Fonológica	- Questionar para obter informação; - Fazer perguntas e responder;
Domínio: Conhecimento das Convenções Gráficas	- Saber segmentar palavras.
Atividades Orientadas/Expressões <u>Área</u> Expressão Musical Domínio:Apropriação da Linguagem Elementar da Música Subdomínio: Percepção Sonora e Musical	- Usar o desenho para escrever histórias; - Saber que a escrita e os desenhos transmitem informação - Saber ouvir; - Saber comentar a música que ouve.
4. Detecção de situações críticas(comportamentos evidenciados e situações que os originaram)	
Estagiária	Alunos/Crianças
	O D., assim que soube que iríamos ouvir uma história que tratava de mais descobertas feitas pelos portugueses, quis pôr o chapéu do Infante D. Henrique e esteve com ele colocado durante toda a leitura da história. Esteve sempre quieto, com extrema atenção aquilo que ouvia e participando oportunamente.
5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações. Descritivo	
As nove horas, entramos na sala. As crianças começaram por escolher as canções do dia e as mesmas foram: «Eu sou um coelhinho» e «Indo eu, indo eu». As 9,30 horas, marcaram a presença no mapa e foi trabalhado o mural do tempo: foi alterado o dia da semana, o dia do mês, o dia de ontem, o de hoje e o de amanhã, o estado do tempo. Foi também alterada a poesia representativa do dia da semana, assim como o animal correspondente. As crianças recitaram a poesia e pronunciaram a palavra «Texugo», silabicamente(o Texugo é o animal que representa a quarta feira). Seguiram-se alguns exercícios de segmentação silábica, como já vem sendo hábito, através de diversos batimentos(palmas, batendo com as mãos nos joelhos,etc). Seguidamente, pediu-se que todos fossem buscar as almofadas de chão e se sentassem no mesmo em formação circular. Assim que suberam que iríamos ler um livro que falava de mais descobertas por parte dos portugueses, o D. quis logo ir buscar o chapéu do Infante D. Henrique e com ele esteve na cabeça durante toda a narrativa que se seguiu. Foi-lhes então apresentado o livro «Madeira, Terra a vista» e lida a história, sempre com o livro voltado para o grupo, por forma a todos visualizarem as imagens, as quais foram sendo comentadas ao longo da narrativa. Foi sendo promovida a participação oral e oportuna por parte das crianças. Foi feito o resumo pelo D. e pela C., que foram também mostrando as imagens do livro aos colegas e, no final do resumo, o livro foi passado de mão em mão para que todos o vissem e pudessem tecer comentários entre eles. As 10,45 horas foi dado o intervalo. As 11,00 horas voltaram à sala. As crianças sentaram-se nas suas mesas e foram-lhes distribuídas folhas A4 para que pudessem representar através do desenho, a parte da história que mais significado teve para elas. À medida que iam acabando, ia sendo escrito no desenho, a frente da criança, o que cada uma dizia do que tinha representado na folha. Ao mesmo tempo que iam fazendo o desenho iam ouvindo o CD que acompanha o livro e que narra a história do livro e, no final, tem uma canção sobre a descoberta da Ilha da Madeira. As crianças estiveram muito atentas e adoraram a música...ouvimos muitas vezes o CD... Chegou a hora do almoço e fomos todos almoçar. Até amanhã...	
Análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações:	
O tema dos Descobrimientos tem sido motivador, tanto para as crianças como para nós, adultos que com elas lidamos. As conversas multiplicam-se, a descoberta de novas palavras é enriquecedora, o interesse e motivação demonstrado é...tudo. Dizer que chegou a hora de terminar a manhã/atividades e ouvir dizer para irmos almoçar mais tarde porque não querem terminar o que estão a fazer e que pensavam que ainda iam fazer mais coisas é...novamente tudo e diz tudo.	
6. Auto reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade para gerir a ação educativa e capacidade de empenhamento.	
A leitura de histórias é extremamente importante, e citando Lourdes Mata, na «Descoberta da Escrita», « para o desenvolvimento das concepções emergentes de literacia, como também para a aprendizagem e desenvolvimento de competências de leitura ». Promover ambientes de leitura, em que nós, educadores, nos sintamos e nos mostremos envolvidos perante a criança e aquilo que estamos a ler, é essencial para que as crianças se sintam envolvidas também. Segundo ainda a mesma autora, «o que se lê nos livros, para além de ser uma importante fonte de conhecimento, pode servir de ponto de partida para explorações e pesquisas, para se saber mais sobre determinado assunto, para se compararem vivências e conhecimentos ». Para isso, que é tanto, temos de ser modelos de leitores para que consigamos promover «leitores envolvidos». Há que explorar histórias, não só pela sua leitura, que é de todo importante, mas mostrar às crianças que os livros e as histórias que eles contam nos podem levar por outros caminhos que não só aqueles que mostram à partida: podemos investigar, pesquisar, desenhar, pintar, cantar, tudo aquilo que uma pequena história nos pode mostrar e falar...que podemos ir ao passado sem precisar de uma máquina do tempo, que podemos caminhar no presente sem precisar de nenhum transporte conhecido e que podemos viajar até ao futuro sem necessitar de uma nave espacial. Podemos fazer tudo isto, através dos livros. Sejamos e mostremo-nos leitores para conseguirmos leitores.	

Assinatura _____

ANEXO IP27

- CANÇÕES ESCOLHIDAS PELAS CRIANÇAS;
«EU SOU UM COELHINHO»; «INDO EU, INDO EU»;
- POESIA DA SEMANA: «O TEXUGO»;
- SEGMENTAÇÃO SILÁBICA DA PALAVRA: TE/XU/GO;
- CAPA DO LIVRO «MADEIRA, TERRA À VISTA»;
- LETRA DA CANÇÃO «MADEIRA, TERRA À VISTA».

- Capa do livro “Madeira, Terra à vista”



- Letra da canção “Madeira, terra à vista”
MADEIRA, TERRA À VISTA

REFRÃO

Tanta flor,
Tanta beleza!
Só na Ilha da Madeira,
Onde mora a natureza,
Onde mora a natureza!

Para Tristão Vaz Teixeira,
Marinheiro dedicado,
Navegar no Oceano
É ofício de cuidado.
Ao seu lado, o companheiro,
João Gonçalves Zarco
Deu-lhe sempre muito apoio,
Nunca abandonou o barco.

REFRÃO

Só depois de Porto Santo,
Avistaram a Madeira.
E a segunda descoberta
Interessou mais que a primeira.
Vá-se lá saber porquê,
Se é que há uma razão.
A verdade é que esta ilha
Lhes encheu o coração.

REFRÃO

E o clima tropical
Fizeram com que a Madeira
Se tornasse especial.
A vegetação tão densa
E variedade de flores
Pintaram uma paisagem
Cheia de luz e de cores.

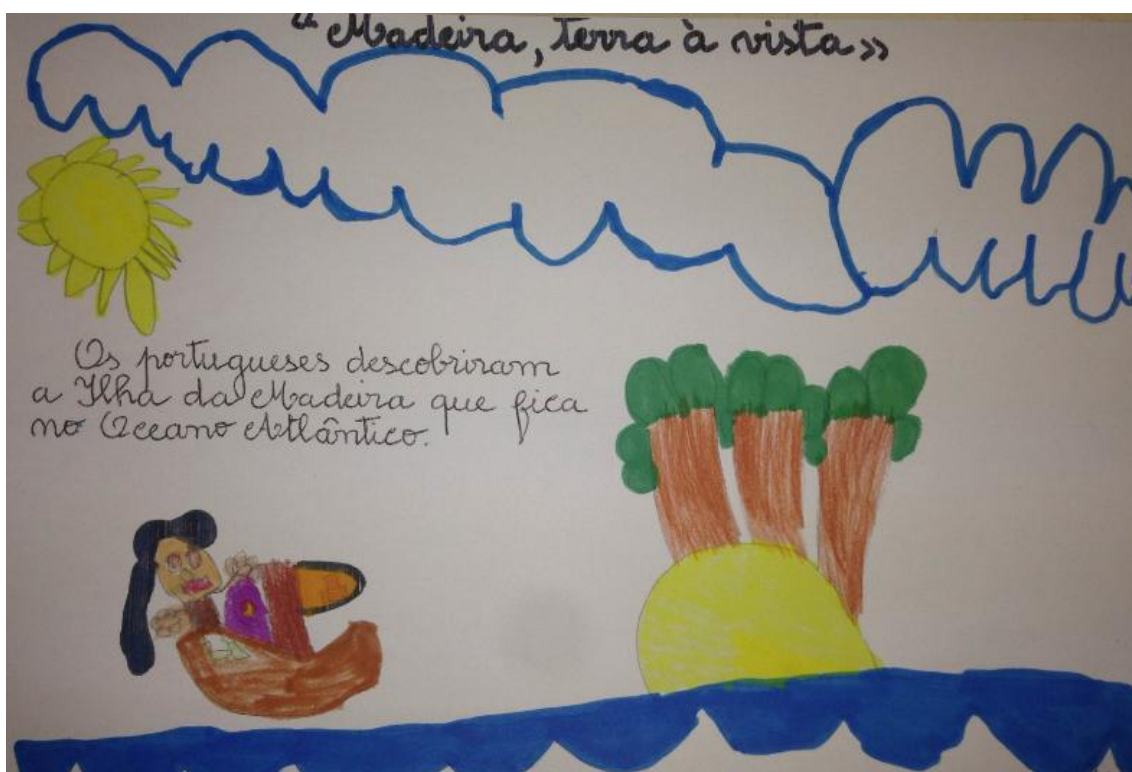
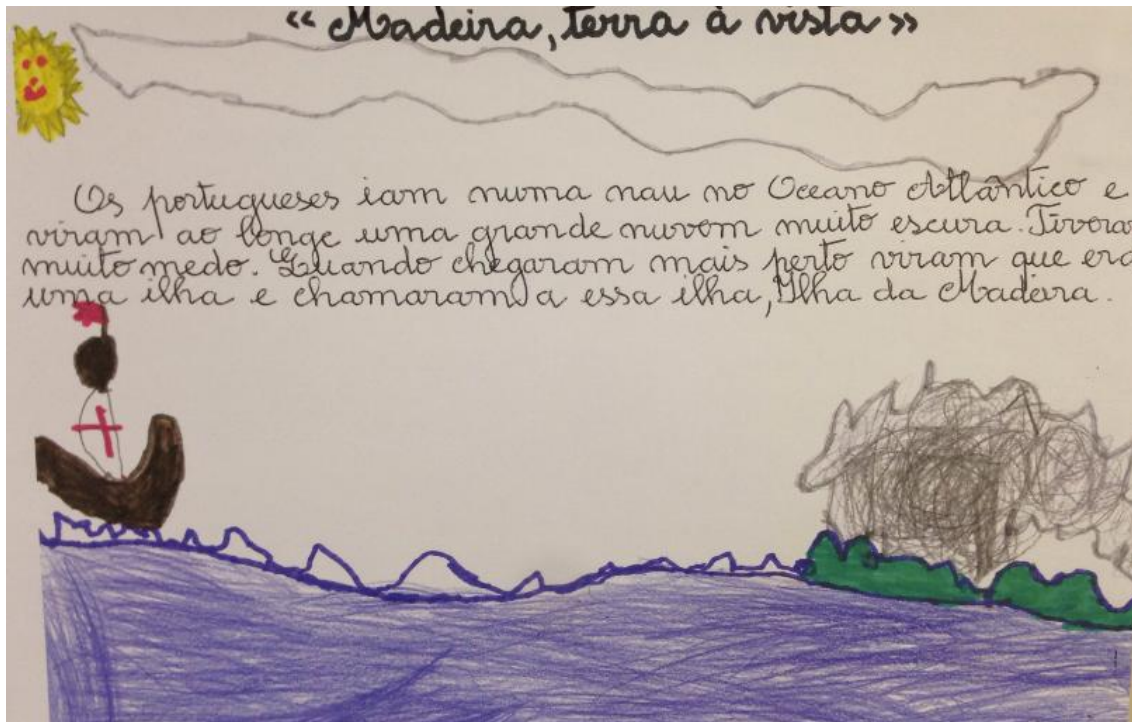
REFRÃO

Até as montanhas altas
E os arbustos grandiosos
Deixaram os marinheiros
Totalmente curiosos.
No mar, lobos marinhos.
No céu, pássaros diferentes.
É a Ilha da Madeira,
De clima e águas quentes.

REFRÃO

ANEXO IP27a

– TRABALHOS DAS CRIANÇAS: DESENHOS SOBRE A HISTÓRIA OUVIDA LER «MADEIRA, TERRA À VISTA».



Anexo X – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP41 e IP41A de 21 de maio de 2013

• Planificação da atividade

Instituto Superior de Educação e Ciências / Universitas

Prática de Ensino Supervisionada I (Educação Pré-Escolar)

MESTRADO DE QUALIFICAÇÃO PARA A DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Nome do Aluno : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Data : 21 de maio de 2013

Escola : Externato O Nial

Sala do Pré-Escolar : 4/5 anos

Planificação Diária

Projeto/Temática : A primavera; Os Descobrimentos Portugueses: Vasco da Gama e o caminho marítimo para a Índia.

Tempo	Metas de Aprendizagem: Domínios e Subdomínios	Competências a desenvolver	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espço/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
9:45/ 10:45	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita - Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal (Meta Final 27) (Meta Final 26) Conhecimento	- Saber escutar; - Questionar para obter informação; - Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente	- Apresentação do livro «Vasco Gama», da coleção «Na Crista da Onda» e do livro «Índia, terra das cores e dos sabores», da coleção «A aventura dos descobrimentos», do Expresso. Serão lidos alguns excertos dos livros, de forma sequenciada e com adaptação da linguagem ao contexto etário. (capas em anexo IP41) - Apresentação de imagens de outro livro «A viagem de Vasco da Gama». (capa em anexo IP41)	- As crianças deverão sentar-se no chão, em formação circular, tendo para isso, ido buscar as almofadas próprias. Serão apresentados os livros : «Vasco da Gama», «Índia, terra de cores e de sabores» e «A viagem de Vasco da Gama». Será promovida uma conversa sobre a temática dos Descobrimentos que vem sendo abordada, por forma a contextualizar a descoberta do caminho marítimo para a Índia. A visita de estudo realizada na semana anterior vai também ser motivo de conversa: Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém. Serão lidas partes dos livros, mais significativas e sequencializando a conversa. - Serão mostradas algumas imagens sobre o tema, ampliadas e plastificadas. - As crianças poderão manusear os livros e as imagens para que possam identificar detalhes sobre as personagens e	- Fotos das crianças durante a atividade «Vamos descobrir a Índia» (anexo IP41a)
	do Mundo -Localização no Espaço e na Tempo (Meta Final 6) Expressão Plástica -Apropriação da Linguagem Elementar das Artes -Fruição e Contemplação (Meta Final 7) Conhecimento do Mundo -Localização no Espaço e na Tempo (Meta Final 9)	- Reconhecer, no globo terrestre, a Índia. - Conhecer, no globo terrestre, a localização do Oceano Índico - Representar a figura humana integrada na História, através de desenho e pintura. -Identificar diferenças no vestuário entre a época de Vasco da Gama e a atualidade.	-Através do visionamento do globo terrestre, localizar a Índia e o Oceano Índico. - Representação da figura de Vasco da Gama (corpo inteiro).	sobre as ações das mesmas. - O globo terrestre toma posição ao centro da formação circular. As crianças deverão ser levadas a traçar, com o dedo, o percurso das naus de Vasco da Gama pelo Oceano Atlântico e pelo Oceano Índico e chegarem à Índia. - As crianças deverão sentar-se nos respetivos lugares. Ser-lhes-á dada uma folha A4 de papel manteiga e um lápis de carvão. Serão dados, novamente, os livros já observados e as crianças serão motivadas a olhar, por monitorizadamente, para a figura de Vasco da Gama. Deverão ser identificados pormenores e será pedido para que as crianças desenhem Vasco da Gama, de corpo inteiro, atendendo às proporções do corpo.	- Fotos das crianças a desenharem Vasco da Gama. (anexo IP41a)
10:45 / 11:00	Formação Pessoal e Social - Independência / Autonomia (Meta Final 5)	- Saber realizar tarefas sem ajuda :utilizar a casa de banho, vestir e despir o casaco, comer	Recreio/Lanche da manhã	Recreio/Lanche da manhã	
11:00 / 12:00	Expressão Plástica -Apropriação da Linguagem Elementar das Artes -Fruição e Contemplação (Meta Final 7) - Desenvolvimento da	- Representar a figura humana integrada na História, através de desenho e pintura.	- Representação da figura de Vasco da Gama (corpo inteiro).	- Quando voltam do recreio, as crianças deverão continuar o trabalho iniciado antes do mesmo. Os desenhos deverão ser pintados a lápis de cor. Será escrito na parte superior da folha o nome Vasco da Gama e as crianças deverão passar por cima das palavras com lápis de cor. Os trabalhos deverão ser afixados no placar dos Descobrimentos.	-Fotos dos trabalhos das crianças: «Vasco da Gama» (anexo IP41a)

	Criatividade - Reflexão e Interpretação (Meta Final 9) -Apropriação da Linguagem Elementar das Artes -Fruição e Contemplação (Meta Final 7) Expressão Musical - Apropriação da Linguagem Elementar da Música. - Percepção Sonora e Musical (Meta Final 38)	- Representar a figura humana integrada na História, através de desenho e pintura. - Saber ouvir; - Saber comentar a música que ouve.	- Pintura a lápis de cor, de um elefante indiano. (anexo IP41) - Aplicação de pedras coloridas no manto do elefante. -Reprentação da figura humana, sentada. - É posto a tocar o CD que acompanha o livro «Índia, terra de cores e de Sabores», onde é narrada a história que ouviram ler e no fim é cantada uma canção sobre essa mesma história. (anexo IP41)	- Conforme forem acabando, as crianças terão à sua disposição uma ilha com folhas A4 com um elefante indiano para pintar, lápis de cor, pedras coloridas e cola. Deverão pintá-lo e, depois, deverão colar pedras coloridas para enfeitar o manto do elefante. - Deverão depois desenhar e pintar um indiano, sentado, para ser colocado no elefante. - Todos os elefantes serão colocados no placar dos Descobrimientos, «em fila indiana». - Enquanto fazem o desenho, é proporcionada a audição da história através do CD que acompanha o livro e as crianças aprendem também uma canção constante nesse mesmo CD, sobre as aprendizagens do dia.	-Fotos das crianças na atividade «Elefante indiano». (anexo IP41a) -Trabalho final: Os nossos elefantes indianos e os seus donos». (anexo IP41a)
12:00 / 13:00	Formação Pessoal e Social - Independência / Autonomia (Meta Final 5)	- Saber realizar tarefas sem ajuda :utilizar a casa de banho, vestir e despir o casaco, comer utilizando corretamente os talheres	Almoço	Almoço	

Observações complementares sobre a organização da planificação da prática educativa :

A planificação da prática educativa foi organizada segundo as temáticas que estão a ser trabalhadas em contexto de sala de aula no momento e de acordo e concordância com a Educadora Cooperante. Foram respeitadas rotinas e procedimentos diários das crianças.

A planificação de hoje contempla várias áreas, transversalizadas através das atividades propostas que se interligam de forma contextualizada com a temática abordada.

Todas as crianças, de 4, 5, 6 e 7 anos, deverão participar nas atividades planificadas.

Proposta de atividades alternativas/complementares :

- Desenho sobre a conversa e a temática abordada: A descoberta do caminho marítimo para a Índia», realizada por Vasco da Gama.

Observações (aspetos a ter em conta como: passeios/visitas, situações festivas, alunos com nee,...)

As duas crianças com Nee vão participar nas atividades propostas.

Relatório da atividade

Nome: Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva
Escola: Extensão O Nial

Relatório Diário

Data: 21 de maio de 2013

1. Situações de aprendizagem / Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Acolhimento/Expressão Musical	*			
Atividades orientadas/Matemática	*			
Atividades orientadas/Conhecimento do Mundo	*			
Atividades orientadas/Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	*			
Atividades orientadas/Conhecimento do Mundo	*			
Atividades orientadas/Expressão Plástica	*	*		Alguns dos trabalhos não foram concluídos.
Atividades orientadas/Expressão Musical	*			
Higiene/Recreio/Almoço	*			
2. Metas, domínios e Conteúdos/assuntos abordados				
3. Competências específicas desenvolvidas				
- Acolhimento Área: Expressões/Expressão Musical Domínio: Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação Subdomínio: Interpretação e Comunicação Domínio: Desenvolvimento da Criatividade Subdomínio: Criação e Experimentação - Atividades Orientadas/ Matemática Área: Matemática Domínio: Organização e tratamento de dados - Atividades Orientadas/Conhecimento do Mundo Área: Conhecimento do Mundo Domínio: Localização no Espaço e no Tempo Domínio: Dinamismo das inter-relações Natural-Social - Atividades Orientadas/Linguagem Oral e Abordagem à Escrita Área: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita Domínio: Consciência Fonológica Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal - Atividades Orientadas/Conhecimento do Mundo Área: Conhecimento do Mundo				
- Desenvolver a linguagem musical; - Desenvolver a memória auditiva; - Saber cantar canções/interpretar canções de caráter diferente; - Ser capaz de utilizar o corpo ao ritmo da canção. - Desenvolver destreza na manipulação de tabelas de dupla entrada; - Saber distinguir o ontem, o hoje e o amanhã; - Saber o nome dos dias da semana; - Saber o nome dos meses do ano; - Saber identificar os vários momentos do dia (manhã, tarde e noite); - Identificar diferentes condições atmosféricas. - Saber segmentar palavras. - Saber escutar; - Participar oralmente; - Questionar para obter informação; - Fazer perguntas e responder; - Reconhecer, no globo, a localização do território indiano e o Oceano Índico; - Identificar diferenças entre o vestuário de épocas				

à pintura do desenho, com lápis de cor, antes do intervalo. Outras, iniciaram a pintura.

Conforme foram acabando, e depois de passarem por cima das palavras Vasco da Gama (título do desenho), as crianças dirigiram-se a uma ilha onde os esperava um desenho, também para ser pintado a lápis de cor, de um elefante indiano. Após a pintura, as crianças puderam colar pedras brilhantes a ornamentar o manto do elefante. Algumas crianças ainda conseguiram desenhar numa folha A5, um indiano, sentado, para ser colocado a montar o elefante.

Ao mesmo tempo, as crianças estiveram a ouvir o CD que acompanha o livro «Índia, terra de cores e de sabores» e que narra a história do mesmo. No final do CD, há uma canção sobre a história.

Chegou a hora do almoço. Algumas crianças não terminaram os seus elefantes e respetivos indianos mas ficou prometido que acabariam da parte da tarde...Arrumámos materiais e fomos almoçar.

Análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações

Ler histórias e conversar sobre as mesmas, colocando questões às crianças, promovendo ambientes de debate, fomentando o relato, é estar a estimular o desenvolvimento da comunicação verbal, o aprender a saber ouvir, a saber expressar-se oralmente. É assim vista e tida como atividade promotora de inúmeras reflexões e partilhas, e como « elemento central na formação de pequenos leitores envolvidos » (Mata, 2008.p.80).

A abordagem ao tema dos Descobrimentos através de histórias, principalmente as dos livros da Coleção do Expresso, tem-se revelado deveras enriquecedor e motivador para as crianças. São elas que já pedem para ouvir, querem saber mais e querem saber porquê...perguntam já o que vem a seguir. Este tipo de abordagem, acabando por ser, de algum modo, uma rotina, dá-lhes prazer e segurança.

Nas atividades de Expressão Plástica, as crianças revelaram grande melhoria na competência do traço do desenho (e na sua relação com características físicas da personagem) e na competência da pintura, quer ao nível do preenchimento, quer ao nível da utilização das cores.

Reformulações... o tipo de trabalho e o tempo para o realizar. Houve crianças que não conseguiram acabar a atividade do elefante. Poderia, a mesma, ter sido realizada noutra ocasião ou, se houvesse estágio da parte da tarde, ter sido concretizada nesse período. Algumas crianças ficaram tristes porque não conseguiram colar o seu elefante na «ilha indiana».

Domínio: Localização no tempo e no Espaço	distintas.
- Atividades Orientadas/Expressões Área: Expressão Plástica Domínio: Apropriação da Linguagem Elementar das Artes Subdomínio: Fruição e Contemplação Domínio: Desenvolvimento da Criatividade Subdomínio: Fruição e Contemplação	- Representar a figura humana, através de desenho e pintura, integrada na História
- Área: Expressão Musical Domínio: Apropriação da Linguagem Elementar da Música Subdomínio: Percepção sonora e musical	- Saber ouvir; - Saber comentar a música que ouve.
- Formação Pessoal e Social Área: Formação Pessoal e Social Domínio: Independência/Autonomia	- Saber realizar tarefas como vestir/despir, fazer a higiene sozinho, comer, autonomamente
4. Detecção de situações críticas/comportamentos evidenciados e situações que os originaram	
Estagiária	Alunos/Crianças
5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.	
Descritivo As nove horas, entramos na sala. Começamos por escolher as canções do dia e as mesmas foram: «História de um Pinguim» e «Papagaio Loiro». As 9,30 horas, marcaram a presença no mapa, sentaram-se nas cadeiras e foi trabalhado o mural do tempo: foi alterado o dia da semana, o dia do mês, o dia de ontem, o de hoje e o de amanhã, o estado do tempo. Foi também alterada a poesia representativa do dia da semana, assim como o animal correspondente. As crianças recitaram a poesia e pronunciaram a palavra «Texugo», silabicamente (o Texugo é o animal que representa a terça-feira). Seguiram-se alguns exercícios de segmentação silábica, através de diversos batimentos e alguns exercícios de supressão de sílabas. As 09,45 horas foi pedido que todos fossem buscar as almofadas de chão e se sentassem no mesmo, em formação circular. Foi também assumido um lugar pela educadora e pela estagiária. Foi promovida uma conversa sobre o que já sabíamos dos Descobrimentos e foi abordada a visita de estudo realizada na semana anterior (Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém), como forma de contextualizar algumas das aprendizagens já adquiridas com a nova descoberta de hoje: Vasco da Gama e a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Foram apresentados vários livros e foi sendo contada a história dessa viagem e dessa descoberta através desses mesmos livros. Foram também mostradas e manuseadas diversas imagens, plastificadas. As crianças foram trocando informações umas com as outras e foram pedindo auxílio para esclarecer certas dúvidas que iam surgindo. A imagem de Vasco da Gama foi bastante trabalhada, oralmente, como forma de promover a atividade seguinte. O globo tomou parte da formação e as crianças puderam localizar a Índia e o Oceano Índico. Diversas perguntas surgiram e foram sendo esclarecidas. Algumas crianças, com o dedo, traçaram no globo o percurso das naus. Seguidamente, as crianças ocuparam os seus lugares nas cadeiras e foram-lhes distribuídas folhas A4 de papel manteiga e lápis de carvão. Os livros lidos e vistos foram postos em cima das mesas e foi pedido que as crianças desenhassem a figura de Vasco da Gama, de corpo inteiro e atendendo a características próprias. O entusiasmo foi geral pois as crianças gostam muito deste tipo de atividade. As 10,50 horas foram ao intervalo. As 11,00 horas voltaram à sala e continuaram o desenho. Algumas crianças já tinham dado início	

6. Auto reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças. Análise da capacidade para gerir a ação educativa e capacidade de empenhamento.

Cada vez mais me surpreendo com as crianças, com a sua motivação e a sua avidez de aprender, de «trabalhar». Se houvesse sempre trabalhos para fazerem, elas não queriam parar...ou, a maior parte delas. Há pois, que saber gerir o tempo, para que haja lugar para brincar, tão importante nestas idades.

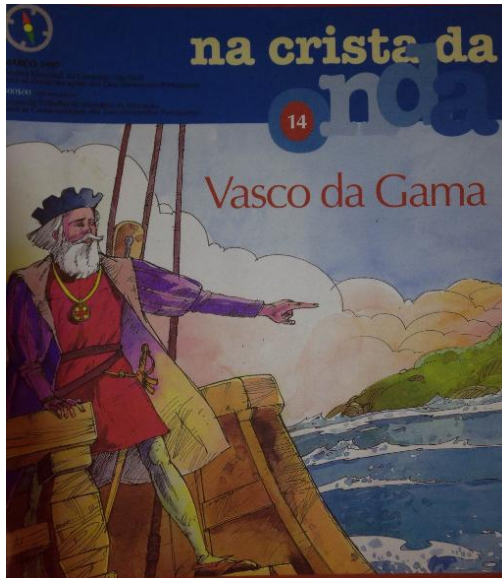
As crianças devem ser motivadas para o trabalho, para a responsabilização do cumprimento do dever. Temos de fomentar o gosto por fazer e o gosto por fazer bem. A par dessa aprendizagem, há que fomentar a brincadeira, o faz de conta...o saber brincar com o próximo e em grupo, o partilhar, o respeitar as opiniões dos outros. Um educador tem de estar atento e saber quando uma criança deve parar determinado trabalho e, porque não, ir brincar para uma das áreas lúdicas da sala, durante um determinado tempo. Este grupo de crianças no qual estou inserida, é muito trabalhador e empenhado, quer sempre mais e mais...mais palavras, mais letras, mais pinturas...mais... Isto faz com que eu também me empenhe demasiado nas atividades e que, por vezes, não promova tempos de brincadeira entre as atividades orientadas. Há que ter mais atenção...

Assinatura _____

ANEXO IP41

- CANÇÕES ESCOLHIDAS PELAS CRIANÇAS: «HISTÓRIA DE UM PINGUIM» E «PAPAGAIO LOIRO»;
- POESIA DA SEMANA: «O TEXUGO»;
- SEGMENTAÇÃO SILÁBICA DA PALAVRA: TE/XU/GO;
- CAPA DO LIVRO «VASCO DA GAMA»;
- CAPA DO LIVRO «ÍNDIA, TERRA DE CORES E DE SABORES»;
- CAPA DO LIVRO «A VIAGEM DE VASCO DA GAMA»;
- IMAGENS PLASTIFICADAS, PARA APOIO À ATIVIDADE;
- DESENHO DE ELEFANTE INDIANO, PARA PINTAR E DECORAR;
- LETRA DA CANÇÃO «ÍNDIA, TERRA DE CORES E DE SABORES».

- Capas dos livros: “Vasco da Gama” e “Índia, Terra dos Cores e Sabores”



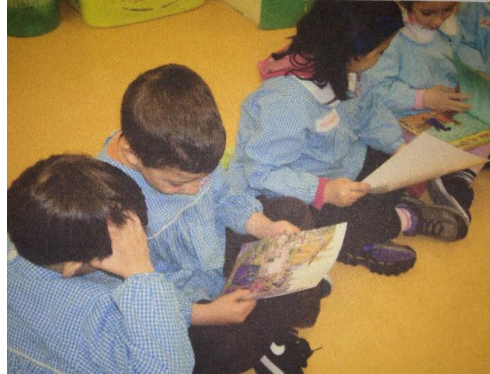
- Letra da Canção “Índia, Terra das Cores e dos Sabores”

ÍNDIA, TERRA DAS CORES E DOS SABORES	
REFRÃO	
A Índia tem mil encantos E também muita riqueza. É uma terra faustosa, Cheia de grande beleza!	
Pelas ruas de Calecute Há tendas por todo o lado. Exibem-se sedas e loiças E produtos variados... E se alguém chega de fora, Quem não fica fascinado?	O luxo, que é tão visível, E as pedras preciosas Fazem com que estas paragens Sejam terras fabulosas, Onde muitos dos senhores Têm vidas luxuosas!
O cheiro a especiarias Espalha-se p'la cidade. É um perfume diferente, Mas com grande intensidade. Afinal esta é uma terra De plena diversidade.	Cobertas de lindas sedas E panos de várias cores Andam mulheres, raparigas Que mais parecem ser flores... Verdadeiras obras de arte, Que encantam os navegadores.
REFRÃO	REFRÃO

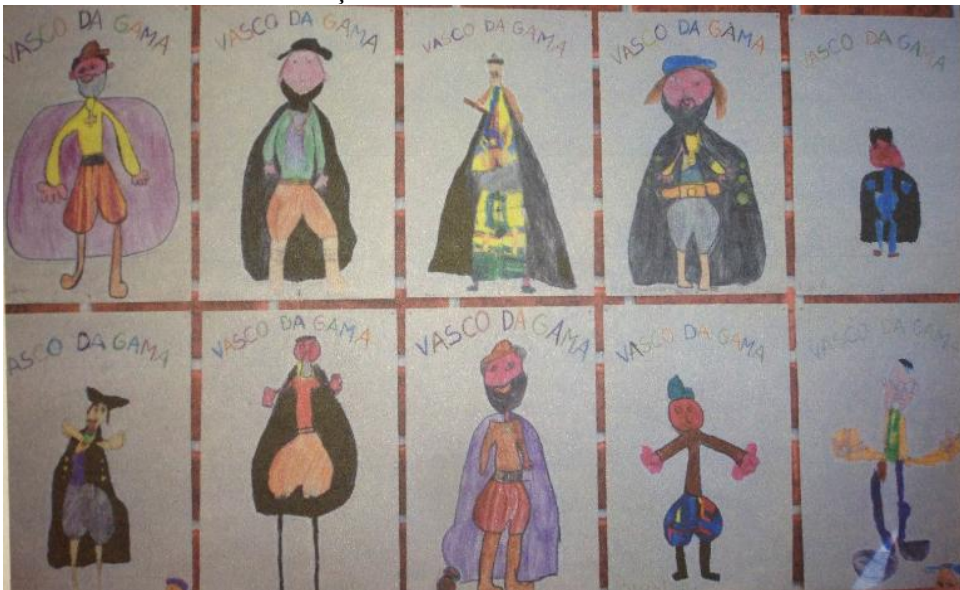
ANEXO IP41a

- FOTOS DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE: «VAMOS DESCOBRIR A ÍNDIA»;
- FOTOS DAS CRIANÇAS A DESENHAREM VASCO DA GAMA;
- FOTOS DOS TRABALHOS DAS CRIANÇAS: «VASCO DA GAMA»;
- FOTOS DAS CRIANÇAS NA ATIVIDADE: «ELEFANTE INDIANO»;
- TRABALHO FINAL: «OS NOSSOS ELEFANTES INDIANOS E OS SEUS DONOS».

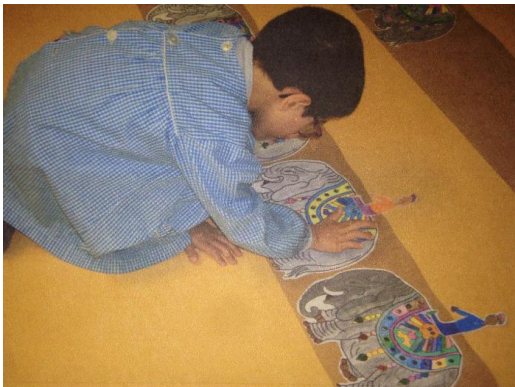
- Fotos das crianças durante a atividade “Vamos descobrir a Índia”



- Fotos dos trabalhos das crianças “Vasco da Gama”



- Fotos das crianças na atividade “Elefante Indiano”



- Trabalho Final: “Os Elefantes Indianos e os seus donos”



Anexo XI – Planificação/Relatório Diário/Anexos IP42 e IP42A de 22 de maio de 2013

• Planificação da atividade

Instituto Superior de Educação e Ciências / Universitas

Prática de Ensino Supervisionada I (Educação Pré-Escolar)

MESTRADO DE QUALIFICAÇÃO PARA A DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Nome do Aluno : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Data : 22 de maio de 2013

Escola : Externato O Nial

Sala do Pré-Escolar : 4/5 anos

Planificação Diária

Projeto/Temática : A primavera; Os Descobrimentos Portugueses: Vasco da Gama e o caminho marítimo para a Índia; As especiarias.

Tempo	Metas de Aprendizagem: Domínios e Subdomínios	Competências a desenvolver	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espço/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
9:45/ 10:45	Linguagem Oral e Abor - dagem à Escrita - Compreensão de Discurs sos Oraís e Interação Verbal (Meta Final 27) (Meta Final 26) Conhecimento do Mundo - Conhecimento do am biente natural e social (Meta Final 13)	- Saber escutar; - Questionar para obter informação; - Fazer perguntas e res ponder demonstrando que compreendeu a informação transmiti da oralmente - Estabelecer seme lhanças e diferenças entre as especiarias: cores, sabores, chei	- Origem, cores, cheiros e sabo res das especiarias. Mercado das especiarias.	- Uma área da sala está ambientada co mo se de um mercado de especiari as se tratasse. (anexo 42). As crianças deverão sentar-se no chão, em formação circular, descalças e nas almofadas próprias. - Será promovida uma conversa sobre a importância das especiarias. A origem, como e de onde vinham para Portugal na época dos Descobrimentos será o ponto de partida. Alguns livros, textos e imagens serão o apoio para toda a aprendizagem. (anexo 42) - Serão exploradas as cores, os cheiros e os sabores das especiarias. As crianças terão oportunidade de mexerem, cheira rem e até provarem, algumas especiari as. - Seguir-se-á uma simulação de um mer	- Fotos das crian ças durante a ati vidade «Mercado
10:45 / 11:00	Formação Pessoal e Social - Independência / Autonomia (Meta Final 5)	- Saber realizar tarefas sem ajuda :utilizar a casa de banho, vestir e despir o casaco, comer	Recreio/Lanche da manhã	Recreio/Lanche da manhã	das especiarias». (anexo 42a)
11:00 / 12:00	Expressão Plástica - Desenvolvimento da Criatividade - Reflexão e Interpre tação (Meta Final 9) Expressão Musical - Apropriação da Lingua gem Elementar da Mú sica. - Percepção Sonora e Musical (Meta Final 38)	- Utilizar a pintura e a colagem como meio de expressão, de for ma autónoma, para vivenciar um tema. - Saber ouvir; - Saber comentar a música que ouve.	- Pintura a lápis de cor, de plantas que dão especiarias. (anexo IP42) - Aplicação de especiarias reais no desenho. - É posto a tocar o CD que acom panha o livro «Índia, terra de cores e de Sabores», onde é narrada a história que ouviram e no fim é cantada uma can ção sobre essa mesma história. (anexo IP42)	- Quando voltam do recreio, as crianças deverão dirigir-se às mesas para pinta rem desenhos de 4 plantas que dão ori gem às especiarias: canela, noz-mosca da, cravinho e pimenta. Terão, para apoio um livro com as cores das plantas Depois de pintarem, os desenhos serão recortados (não pelas crianças) e cola dos numa folha A3, numa composição feita por cada criança. Deverão depois, colar nos desenhos especiarias reais nas plantas respetivas e passar por cima da palavra especiarias. - Enquanto realizam a atividade, é propor cionada a audição da história através do CD que acompanha o livro e as crianças aprendem também uma can ção constante nesse mesmo CD, sobre as aprendizagens do dia.	-Fotos das crianças na atividade «As especiarias vêm de plantas». (anexo 42a) - Trabalhos das crianças: «As espe ciarias vêm de plantas». (anexo 42a)

Observações complementares sobre a organização da planificação da prática educativa :

A planificação da prática educativa foi organizada segundo as temáticas que estão a ser trabalhadas em contexto de sala de aula no momento e de acordo e concordância com a Educadora Cooperante. Foram respeitadas rotinas e procedimentos diários das crianças.

A planificação de hoje contempla várias áreas, transversalizadas através das atividades propostas que se interligam de forma contextualizada com a temática abordada.

A ambientação da sala é considerada, para as atividades propostas, um ponto forte como motivação para as atividades.

Todas as crianças, de 4, 5, 6 e 7 anos, deverão participar nas atividades planificadas.

Proposta de atividades alternativas/complementares :

- Pintura com lápis de cor ou canetas de feltro, de um desenho de uma princesa indiana.

Observações (aspetos a ter em conta como: passeios/visitas, situações festivas, alunos com nee,...)

As duas crianças com Nee vão participar nas atividades propostas.

Relatório da atividade

Nome: Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva
Escola: Extremado O Nial

Relatório Diário

Data: 22 de maio de 2013

1. Situações de aprendizagem / Rotinas	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Acolhimento/Expressão Musical	*			
Atividades orientadas/Matemática	*			
Atividades orientadas/ Conhecimento do Mundo	*			
Atividades orientadas/Linguagem Oral e Abordagem a Escrita	*			
Atividades orientadas/Conhecimento do Mundo	*			
Atividades orientadas/Expressão Plástica	*			
Atividades orientadas/Expressão Musical	*			
Higiene/Recreio/Almoço	*			
2. Metas, domínios e Conteúdos/assuntos abordados:		3. Competências específicas desenvolvidas:		
- Acolhimento Área: Expressões/Expressão Musical Domínio: Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação Subdomínio: Interpretação e Comunicação Domínio: Desenvolvimento da Criatividade Subdomínio: Criação e Experimentação		- Desenvolver a linguagem musical; - Desenvolver a memória auditiva; - Saber cantar canções/interpretar canções de caráter diferente; - Ser capaz de utilizar o corpo ao ritmo da canção.		
- Atividades Orientadas/ Matemática Área: Matemática Domínio: Organização e tratamento de dados		- Desenvolver destreza na manipulação de tabelas de dupla entrada;		
- Atividade Orientadas/Conhecimento do Mundo Área: Conhecimento do Mundo Domínio: Localização no Espaço e no Tempo Domínio: Dinamismo das inter-relações Natural-Social		- Saber distinguir o ontem, o hoje e o amanhã; - Saber o nome dos dias da semana; - Saber o nome dos meses do ano; - Saber identificar os vários momentos do dia(manhã, tarde e noite); - Identificar diferentes condições atmosféricas.		
- Atividade Orientadas/Linguagem Oral e Abordagem a Escrita Área: Linguagem Oral e Abordagem a Escrita Domínio: Consciência Fonológica Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal		- Saber segmentar palavras através de batimentos; - Identificar supressões de sílabas em palavras. - Saber escutar; - Participar oralmente; - Questionar para obter informação; - Fazer perguntas e responder;		

- Atividade Orientadas/Conhecimento do Mundo Área: Conhecimento do Mundo Domínio: Conhecimento do Ambiente Natural e Social	- Estabelecer semelhanças e diferenças entre as especiarias: cores, cheiros, texturas, sabores.
- Atividade Orientadas/Expressões Área: Expressão Plástica Domínio: Desenvolvimento da Criatividade Subdomínio: Reflexão e Interpretação Área: Expressão Musical Domínio: Apropriação da Linguagem Elementar da Música Subdomínio: Percepção sonora e musical	- Utilizar, de forma autónoma, a pintura e a colagem para expressar-se sobre um tema, atendendo a características próprias. - Saber ouvir; - Saber comentar a música que ouve.
- Formação Pessoal e Social Área: Formação Pessoal e Social Domínio: Independência/Autonomia	- Saber realizar tarefas como vestir/despir, fazer a higiene sozinho, comer, autonomamente
4. Detecção de situações críticas(comportamentos evidenciados e situações que os originaram)	
Estagiária	Alunos/Crianças
5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.	
Descritivo As nove horas, entramos na sala. As crianças ficaram espantadas: numa área, estava montada uma tenda, com panos no chão e com almofadas dispostas em formação circular. Após várias observações e questões, fizemos uma roda e a canção escolhida para hoje foi «A Roseira». É uma das canções que as crianças mais escolhem pela interatividade que a mesma lhes proporciona. As 9.30 horas, marcaram a presença no mapa, sentaram-se nas cadeiras e foi trabalhado o mural do tempo: foi alterado o dia da semana, o dia do mês, o dia de ontem, o de hoje e o de amanhã, o estado do tempo. Foi também alterada a poesia representativa do dia da semana, assim como o animal correspondente. As crianças recitaram a poesia e pronunciaram a palavra «Pato», silabicamente(o Pato é o animal que representa a quarta-feira). Seguiram-se alguns exercícios de segmentação silábica, através de diversos batimentos e alguns exercícios de supressão de sílabas, aos quais as crianças aderiram com muita satisfação. As 09.45 horas foi pedido que todos se descalçassem e se sentassem nas almofadas de chão, já colocadas em formação circular na respetiva área temática: hoje, iríamos à Índia, a um mercado de especiarias. Foi também assumido um lugar pela estagiária e pela educadora titular. Começamos por falar sobre a importância que teve a descoberta do caminho marítimo para a Índia para o comércio das especiarias. Foram vistos alguns livros, textos e imagens que ajudaram as crianças a compreenderem o que eram as especiarias e para que serviam.Foi bastante trabalhada a sua origem: de plantas. As crianças ficaram a saber que, do caule, das folhas, dos frutos e sementes e até de algumas raízes, vinham as especiarias. Dentro da tenda, estava um cesto com diversas especiarias. Uma das crianças foi buscá-lo e todas puderam ver, mexer, cheirar e até provar as especiarias: pimenta, canela, gengibre (raiz e em pó), noz-moscada, cravinho, entre outras. Pusemos as especiarias num prato, para que se pudesse melhor visionar e cheirar as diversas especiarias. Seguidamente, simulámos um mercado: a estagiária era a vendedora de especiarias e cada criança escolhia/comprava uma especiaria. Essa especiaria era colocada dentro de um pequeno saco e, cada criança, pôde levar para casa o que escolheu. As 10.45 horas foram ao intervalo. As 11.00 horas voltaram à sala. Sentaram-se nas mesas e foi-lhes dada uma folha com 4 imagens	

de plantas que davam especiarias: caneleira, cravo, pimenta e noz-moscada. As crianças tiveram a ajuda de um livro onde puderam ver as cores reais dessas plantas para poderem pintar as mesmas o mais fielmente possível. Após a pintura (lápis de cor), as imagens foram recortadas pela estagiária e as crianças, numa folha A3 de papel manteigueiro, fizeram uma composição com as mesmas, procedendo depois à sua colagem. Foi escrito o título «ESPECIARIAS» e as crianças passaram por cima das letras da palavra com lápis de cor. Seguidamente, escreveram por baixo de cada planta, o respetivo nome da especiaria que dava. Conforme foram acabando, colaram nos desenhos das plantas, as respetivas especiarias reais.

Ao mesmo tempo, as crianças estiveram a ouvir o CD que acompanha o livro «Índia, terra de cores e de sabores» e que narra a história do mesmo. No final do CD, há uma canção sobre a história. Chegou a hora do almoço. Com tantos cheiros na sala, estávamos todos cheios de fome!

Análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações

As atividades implementadas esta manhã tiveram como principal estratégia, a fomentação da própria motivação. As crianças demonstraram um grande interesse, entusiasmo e confiança, o que as levou a um grande envolvimento na realização das mesmas. A ambientação da sala e a contextualização das conversas e dos trabalhos propostos com a temática ou temáticas que vêm sendo abordadas em contexto de sala de aula, estimularam as crianças com ligações aos seus saberes e vivências, desenvolvendo as suas capacidades.

6. Auto reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças.

Análise da capacidade para gerir a ação educativa e capacidade de empenhamento.

Motivar as crianças e ver o seu envolvimento perante tal, é uma motivação para nós, educadores. A aprendizagem só se põe em marcha quando encontra pelo caminho um ambiente, ou ambientes, que possibilitem a investigação por parte da criança, a troca de ideias, a ampliação dos conhecimentos, a organização, a criação, o experimentar; tudo isto só é possível, se for fomentado com elementos que satisficam a curiosidade e o interesse das crianças. Cabe-nos pois a nós, educadores, promovermos esses elementos, esses ambientes, que promovam aprendizagens significativas nas crianças. Cabe-nos a nós, educadores, empenharmo-nos na própria ação educativa numa versão construtiva e significativa para as crianças, sabendo motivá-las para o querer saber e aprender, para o aprender a aprender.

Segundo uma abordagem High/Scope, a organização do espaço e dos materiais é essencial para a criação de oportunidades de aprendizagem para as crianças, pela própria ação destas sobre o(s) mesmo(s). A preparação dos ambientes e materiais promotores de aprendizagens deve ser feita previamente, antes da chegada das crianças. As estratégias a aplicar devem estar delineadas numa perspetiva dos interesses das crianças, como forma e meio de as motivar para as aprendizagens.

A comunicação é uma habilidade baseada na empatia (estabelecimento de relações de parceria e cooperação), quer entre adultos, quer entre adultos e crianças e vice-verso, quer entre crianças. No quotidiano, todos desenvolvemos habilidades de comunicação que nos permitam chegar aos outros de forma positiva e que permitam ligação com nós próprios para uma reflexão de atitudes. O ambiente em que nos encontramos inseridos é um dos pilares construtores da empatia. Falando do contexto educativo em que me encontro inserida, a empatia é um modelo de comunicação: as situações são partilhadas por toda a comunidade educativa para que todos possamos criar relações mais humanas, pacíficas e positivas. Este conceito está presente em contextos de sala de aula, de escola e da relação com os encarregados de educação e parceiros/parcerias.

Assinatura

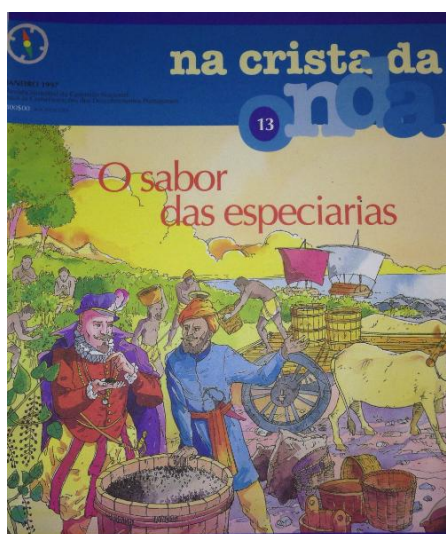
ANEXO IP42

- CANÇÕES ESCOLHIDAS PELAS CRIANÇAS: «A ROSEIRA»
- POESIA DA SEMANA: «O PATO»;
- SEGMENTAÇÃO SILÁBICA DA PALAVRA: PA/TO;
- MOTIVAÇÃO AMBIENTAL PARA A ATIVIDADE «MERCADO DE ESPECIARIAS»;
- TEXTOS DE APOIO PARA A ATIVIDADE «MERCADO DE ESPECIARIAS»;
- CAPA DO LIVRO «O SABOR DAS ESPECIARIAS»;
- IMAGEM PLASTIFICADA:AS ESPECIARIAS;
- DESENHO PARA PINTAR DE 4 PLANTAS QUE DÃO AS ESPECIARIAS: PIMENTA, CANELA, CRAVINHO E NOZ-MOSCADA;
- LETRA DA CANÇÃO: «ÍNDIA, TERRA DE CORES E DE SABORES»;
- PROPOSTA PARA ATIVIDADE COMPLEMENTAR:PINTURA DE UM DESENHO DE UMA PRINCESA INDIANA.

- Motivação Ambiental para a atividade “Mercado de Especiarias”



- Capa do livro: “O Sabor das Especiarias”



ANEXO IP42a

- FOTOS DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE: «MERCADO DAS ESPECIARIAS»;
- FOTOS DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE: «AS ESPECIARIAS VÊM DE PLANTAS»;
- TRABALHOS DAS CRIANÇAS: «AS ESPECIARIAS VÊM DE PLANTAS».



Anexo XII – Exemplo de um Relatório Individual das crianças para Encarregados de Educação



ANO LETIVO 2012 / 2013

RELATÓRIO/AVALIAÇÃO FINAL

PRÉ-ESCOLAR- SALA DOS PIRATINHAS



NOME: Diogo F.

IDADE: 5 anos

EDUCADORA: A.C.F.

ESTAGIÁRIA: Paula Alexandra Silva

ASSISTENTE OPERACIONAL: A.

Aos Encarregados de Educação do «Piratinha D»

É com enorme agrado e prazer que tenho acompanhado o D nestes últimos dois anos.

O desenvolvimento e a aprendizagem do «nosso» Diogo foram tidos e colocados como pilares de mais um dos percursos da sua vida, «o caminho dos quatro e dos cinco anos».

Como sabem, a Educação na Infância deve apoiar aprendizagens amplas e diversificadas, significativas para a criança.

Começámos o ano com objetivos que foram sendo conseguidos e atingidos no decorrer do mesmo. Muito se fez e muito ainda há para fazer.

Assim, o Diogo tornou-se mais competente: aprendeu a ser, aprendeu a fazer, aprendeu a aprender e aprendeu a viver com os outros. E sempre com tanto agrado e entusiasmo!

No próximo ano, o D vai iniciar mais um ciclo no seu caminho pela vida. É um momento muito importante para ele e, acredito, também para vós. Ele demonstra muita vontade para partir na nova descoberta, a escola de «quem é grande». O que ele ainda não descobriu é que já é grande...uma grande pessoa!

Espero ter contribuído para o desenvolvimento do D e para a sua formação.

Vou estar sempre aqui...e o D vai estar sempre no meu coração.

Bem hajam!

RELATÓRIO FINAL / AVALIAÇÃO INDIVIDUAL

Ano Letivo 2012 / 2013

Avaliação feita com base em observações, em instrumentos de observação e registro preenchidos ao longo do ano letivo, em trabalhos da criança, entre outros, realizada em contexto de sala de aula.

Esta grelha de observação de competências está dividida pelas várias áreas curriculares e de acordo com as Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar.

O seu preenchimento é concretizado através da colocação de um X na coluna correspondente à capacidade da criança nas várias competências, avaliando-as como **Adquiridas**, **Em Aquisição** e **Não Adquiridas**.

Área de conteúdo / Tema	Resultado desejável: A criança é competente ao nível pessoal e social	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
Formação Pessoal e Social / Conhecimento de si	1. A criança demonstra auto-conhecimento			
	. Diz o nome próprio e o apelido	X		
	. Reconhece o que lhe pertence	X		
	. Sabe o nome próprio dos pais	X		
	. Identifica relações de parentesco mais próximas	X		
	. Diz a sua idade	X		
	. Refere o mês e o dia do seu aniversário	X		
	. Sabe a localidade onde mora	X		
	. Diz a morada		X	
	. Reconhece o seu sexo	X		
	. Nomeia as principais partes do corpo	X		
	. Identifica características do seu corpo	X		
	. Tem coordenação e controlo do próprio corpo	X		
	. Identifica e compreende a função de algumas partes do corpo	X		
	. Tem confiança em si mesmo	X		
	. Explica o porquê das suas preferências	X		
	. Aceita pequenas frustrações		X	
	2. A criança é suficiente autónoma			
	. Despe/ veste algumas peças de roupa	X		
	. Abotoa/desabotoa peças de roupa	X		

	. Escolhe amigos para trabalhar e brincar	X		
	. Pede ajuda quando sente dificuldade	X		
	. Nota a falta de um colega	X		

ÁREA DA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL / OBSERVAÇÕES:

O D. tem revelado um crescimento bastante evidente nesta área, a todos os níveis. É uma criança com perfeita consciência de si e dos outros, sabendo agir autonomamente e revelando cada vez mais, sentido de responsabilidade.

Ao nível da socialização, é uma criança que sabe o valor dos outros, respeita-os, mas ainda quer muito que a sua vez, a sua opinião e a sua vontade prevaleçam acima da dos outros. De qualquer forma, tem vindo a notar-se progressos neste nível.

O D. gosta muito dos seus amigos crianças e dos seus amigos adultos. Revela isso sem qualquer medo ou vergonha; o contrário, já é, por vezes, embaraçoso para ele.

Esta é uma área em que o D. e todas as crianças estão em permanente construção de competências, em sucessivas aprendizagens, por forma a se tornarem cidadãos responsáveis e competentes numa sociedade saudável.

Área de conteúdo / Tema	Resultado desejável: A criança é um aprendiz efetivo no domínio das expressões	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
Expressões: Expressão Dramática	1. A criança demonstra capacidade de resolução de problemas através das brincadeiras e das atividades da vida diária			
	. Participa em jogos de imaginação vivenciando diferentes formas e atitudes corporais	X		
	. Inventa situações novas	X		
	. Reproduz situações já vividas	X		
	. Utiliza e transforma de forma imaginária um objeto	X		
	. Imita diferentes tipos de vozes		X	
	. Desloca-se de diferentes formas imitando alguns animais	X		
	. Brinca ao faz de conta	X		
	. Imita situações e vivências do quotidiano	X		
	. Dramatiza histórias e situações simples	X		
	. Inventa pequenas histórias	X		
	. Manifesta imaginação		X	
	. Participa nas dramatizações, nas danças e nas canções propostas	X		

Formação Pessoal e Social / Autonomia	. Identifica direito/ avesso da roupa	X		
	. Descalça-se / calça-se	X		
	. Consegue desatar/ atar		X	
	. Come sozinho	X		
	. Utiliza adequadamente faca e garfo	X		
	. Conhece os diferentes espaços da escola	X		
	. Conhece e respeita as regras dentro e fora da sala/escola	X		
	. Participa na arrumação/ organização da sala	X		
	. Utiliza diferentes materiais da sala de forma adequada	X		
	. Compreende e executa uma ou mais ordens	X		
	. Começa um trabalho sozinho	X		
	. Participa ativamente nas tarefas da sala	X		
	. Consegue ser responsável por uma tarefa	X		
	. Consegue ser responsável pelo seu material	X		
	. Orienta um jogo em pequeno grupo	X		
	3. A criança demonstra competências sociais e interpessoais efetivas			
	. Respeita e valoriza as normas de convívência em grupo aceitando as diferenças entre as pessoas	X		
	. Participa nas conversas de grupo	X		
Formação Pessoal e Social / Socialização	. Adapta-se a novas situações e reage positivamente perante as mesmas	X		
	. Toma iniciativa	X		
	. Participa nas tarefas de grupo	X		
	. Respeita os elementos do grupo e as regras da sala	X		
	. Relaciona-se com todas as crianças	X		
	. Relaciona-se com os adultos	X		
	. É procurado pelos outros	X		
	. Cooperar com outras crianças em grupo	X		
	. Aceita a opinião dos outros		X	
	. Necessita de negociação por parte do adulto para ultrapassar os conflitos	X		
	. Sabe esperar pela sua vez em diferentes situações		X	
	. Partilha objetos/materiais com os outros	X		
	. Pede desculpa espontaneamente	X		

Expressões: Expressão Motora	2. A criança demonstra uma crescente competência nas capacidades motoras			
	. Salta ao pé sozinho	X		
	. Salta a pés juntos	X		
	. Sobe e desce escadas alternadamente	X		
	. Atrai e apanha bolas com as duas mãos	X		
	. Distingue direita e esquerda		X	
	. Executa jogos de encaixe e construção	X		
	. Realiza atividades de destreza manual (enfiar, etc)	X		
	3. A criança demonstra capacidade de exploração de sons e ritmos			
	. Memoriza e reproduz canções e lengalengas	X		
	. Distingue instrumentos musicais pelo seu som		X	
	. Usa instrumentos musicais de forma livre	X		
	. Diferencia som e silêncio	X		
	. Explora as propriedades sonoras do corpo	X		
	. Acompanha canções com gestos	X		
	. Canta individualmente para colegas	X		
	. Canta em conjunto com os colegas	X		
	. Distingue e reproduz sons	X		
	. Reproduz sequências rítmicas	X		
Expressões: Expressão Musical	4. A criança demonstra capacidade de criação e produção ao nível da expressão plástica			
	. Desenha de forma livre	X		
	. É criativo nas suas representações	X		
	. Representa a figura humana em três partes (cabeça, tronco e membros) e pormenores (unhas, sobrancelhas, pestanas, etc)	X		
	. Faz pressão correta do lápis/ pincel	X		
	. Tem atenção na utilização correta das cores nas suas representações	X		
	. Expressa as suas vivências através do desenho	X		
	. Identifica as cores e as suas tonalidades	X		
	. Nomeia as cores	X		
	. Identifica as formas geométricas	X		
	. Utiliza corretamente a tesoura	X		
	. Preenche corretamente espaços limitados	X		

	. Gosta de modelar	X		
	. Realiza composições plásticas individuais e coletivas	X		
	. Respeita as criações dos colegas	X		
	. Utiliza adequadamente os materiais da sala	X		
ÁREA DAS EXPRESSÕES/OBSERVAÇÕES: O D. tem muita facilidade em expressar-se e isso é notório nas quatro vertentes das expressões: dramática, motora, musical e plástica. É uma criança muito expressiva e comunicativa, conseguindo transmitir os seus desejos, receios, através, por exemplo de um desenho. Vibra com a expressão plástica, área onde tem muita facilidade de alcançar sucessos.				

Área de conteúdo / Tema	5. A criança demonstra capacidades de literacia emergentes	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita / Domínio da Linguagem Oral	. Utiliza um vocabulário adequado à sua faixa etária	X		
	. Expressa-se de forma autónoma e correta	X		
	. Articula corretamente as palavras		X	
	. Utiliza a linguagem oral para descrever acontecimentos, expressar sentimentos, desejos, ideias e necessidades	X		
	. Memoriza e reproduz oralmente alguns contos, poemas, lengalengas	X		
	. Participa numa conversa	X		
	. Responde a perguntas relacionadas com histórias contadas na sala	X		
	. Conta/Reconta histórias aos colegas	X		
	. Segmenta palavras silabicamente	X		
	. Interessa-se pelo livro e pela escrita	X		
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita / Abordagem à Escrita	. Participa nos registos escritos	X		
	. Reconhece os nomes dos colegas	X		
	. Identifica o seu nome	X		
	. Copia o seu primeiro nome	X		
	. Escreve o seu nome sem copiar	X		
	. Consegue identificar as letras do seu nome	X		
	. Mostra interesse em reproduzir palavras escritas	X		
	. Representa as figuras geométricas	X		
	. Efetua contagens orais	X		
	. Agrupa objetos mediante uma ou mais propriedades	X		

	. Agrupa objetos de acordo com um ou mais atributos	X		
	. Identifica cheio/vazio	X		
	. Realiza construções recorrendo às formas geométricas	X		
	. Capacidade de resolução de problemas (raciocínio lógico)	X		
	. Constrói puzzles	X		
ÁREA DA MATEMÁTICA O D. é uma criança que tem um bom raciocínio lógico-matemático. Como a matemática está ligada à linguagem e o Diogo tem facilidade em refletir sobre a linguagem, aprende com facilidade e com gosto as noções matemáticas, revelando facilidade nas aprendizagens desta área.				

Área de conteúdo / Tema	Resultado desejável: A criança é competente ao nível do Conhecimento do Mundo	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
Conhecimento do Mundo	1. A criança demonstra curiosidade e desejo natural em compreender o mundo que a rodeia			
	. Mostra curiosidade acerca do mundo que a rodeia	X		
	. Identifica as estações do ano e respetivas mudanças climáticas	X		
	. Distingue o vestuário adequado aos diferentes estados do tempo	X		
	. Desenvolve hábitos de higiene pessoais	X		
	. Desenvolve o respeito por outras culturas	X		
	. Curiosidade de saber	X		
	. Atitude crítica	X		
	. Desejo de experimentar o que é novo	X		
	. Identifica profissões e associa-as com determinado tipo de vestuário e utensílios	X		
	. Identifica diferentes meios de transporte e por onde circulam habitualmente	X		
	. Conhece as regras básicas de comportamento social do grupo em que está inserido	X		

	. Faz grafismos	X		
	. Diferencia letras de desenhos	X		
	. Diferencia números e letras	X		
	. Identifica em livros e revistas as letras do seu nome ou do nome dos colegas	X		
	. Aplica o sentido da escrita	X		
	. Identifica as sílabas nas palavras	X		

ÁREA DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA / OBSERVAÇÕES: O D. tem um grande desenvolvimento da linguagem oral pois tem muito interesse em comunicar, em escutar e em ser ouvido. Gosta de lidar com as palavras, quer na oralidade quer no contacto com o código escrito, para o qual revela grande aptidão. É uma criança que se exprime muito bem ao nível da oralidade, sendo no entanto notório alguns problemas ao nível da articulação de algumas palavras. Tem de aprender também a colocar a voz. É uma criança que já sabe adequar a sua comunicação a situações diversas.				
--	--	--	--	--

Área de conteúdo / Tema	6. A criança demonstra um interesse genuíno em conceitos matemáticos	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
Matemática	. Reconhece os algarismos escritos	X		
	. Traça algarismo	X		
	. Faz o preenchimento de quadros e tabelas de dupla entrada	X		
	. Nomeia posições(primeiro, segundo, etc)	X		
	. Distingue: em cima/ em baixo; frente/atrás; dentro/fora; longe/perto; mais longe que/mais perto que; ao lado de/entre/no meio de; princípio/fim; esquerda/direita	X		
	. Distingue: dia/noite; antes; agora; depois; manhã/tarde; passado; presente; futuro; atrasado/adiantado; depressa/devagar	X		
	. Reconhece os dias da semana	X		
	. Noção de mês e ano		X	
	. Distingue grande, médio e pequeno; alto/baixo; maior que/menor que; mais baixo que/mais alto que; grosso/fino; estreito/largo comprido/curto	X		
	. Identifica formas iguais	X		
	. Identifica formas diferentes	X		
	. Reconhece as principais figuras geométricas	X		
	. Valoriza a importância do meio ambiente e da sua qualidade para a vida humana, manifestando respeito e cuidado.	X		

	. Valoriza a importância do meio ambiente e da sua qualidade para a vida humana, manifestando respeito e cuidado.	X		
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO O D. é muito curioso relativamente ao mundo que o rodeia. Quer sempre saber mais e o porquê de ser e acontecer. Quer pesquisar, quer «ler», quer que o informem...quer saber e compreender. Uma mais valia para que compreenda melhor o mundo social e físico.				

DATA DA AVALIAÇÃO FINAL: 2013 / /

EDUCADORA: _____

ESTAGIÁRIA: _____

Anexo XIII – Exemplo de uma carta destinada a Técnicos especializados (Terapeuta da Fala) por forma a ser realizado um diagnóstico



Informação para Técnicos: Terapeutas da Fala

Nome da criança: Diogo
Idade: 5 anos

Serve o presente relatório para facultar informações acerca do aluno Diogo, e solicitar colaboração na realização de uma avaliação diagnóstica.

O Diogo exibe articulação deficitária em alguns encontros consonantais e coloca a voz incorretamente o que provoca, muitas das vezes, que a deficiente articulação de algumas palavras se torne mais evidente.

Achamos fundamental uma atempada intervenção, caso se venham a confirmar as suspeitas que se evidenciaram, visto o aluno se encontrar em fase de transição do Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico. É de extrema importância o colmatar das dificuldades apresentadas pelo Diogo no discurso oral, para que o aluno não revele quaisquer dificuldades no contacto com a escrita.

Ao nível do domínio da linguagem, o Diogo é um comunicador de excelência, com bom e variado vocabulário, conseguindo exprimir-se de forma correta e adequada. Demonstra aptidão para a escrita e fez uma notável evolução em todos os domínios previstos na Educação Pré-Escolar.

Para uma melhor interiorização das aprendizagens do Diogo nas várias áreas de conteúdo, seguirá em anexo, a avaliação final do aluno, pensando que a mesma se torne pertinente para a avaliação diagnóstica solicitada.

A Educadora

Anexo XIV – Exemplo de uma carta destinada ao Professor do 1.º Ciclo que deverá acompanhar o portfólio/processo da criança na transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico



Exmo(a). Professor(a) do 1º ano, do 1º Ciclo do Ensino Básico

No sentido de criar uma plataforma de articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico, foram criados, para além dos construídos ao longo do ano letivo e que acompanharam o processo de desenvolvimento das crianças, alguns registos próprios, destinados a essa mesma plataforma. Pretende-se que, com os mesmos, se promova um melhor apoio às crianças nesse ciclo, partindo dos conhecimentos das crianças, das suas vivências e das suas aptidões e competências, garantindo assim, um crescimento apoiado e estruturado.

Começamos por apresentar os Relatórios Finais de Avaliação Individual, destinados aos Encarregados de Educação (anexo 1).

Seguem-se, (anexo 2), duas Fichas Individualizadas (por criança), de acordo com o Programa SAC, Sistema de Acompanhamento de Crianças, fichas avaliativas de características, aprendizagens e competências, cuja explicação do preenchimento das mesmas segue também no anexo referido.

Através desta abordagem, esperamos estar a contribuir para o bem estar e para o sucesso das crianças na nova etapa educativa.

Atentamente

A Educadora _____

XV – Horário das turmas do 1.º e 2.º anos de escolaridade

GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

EXTERNATO
O NIAL
Pré-Escolar • Ensino Básico • 1.º Ciclo

HORÁRIO ESCOLAR 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO_ TURMA 1º E 2º ANOS

HORAS	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
9h00 – 11h00	MATEMÁTICA	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA
11h00 – 11h30					
11h30 – 12h45	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	PORTUGUÊS	ESTUDO DO MEIO	ESTUDO DO MEIO
12h45 – 13h15		INGLÊS		INGLÊS	
13h15– 14h30					
14h30 – 16h00	APOIO AO ESTUDO	ESTUDO DO MEIO	EXPRESSÃO FÍCIO-MOTORA E/OU EXPRESSÃO DRAMÁTICA	EXPRESSÃO PLÁSTICA OU EXPRESSÃO MUSICAL	PORTUGUÊS
16h00 – 16h30	TIC/EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA *	NATAÇÃO	ESTUDO INDIVIDUALIZADO		
16h30 – 17h00				PANTOMIMA	
17h00 – 17h20					
17h20 – 18h30			EQUITAÇÃO		

* TIC (técnicas de informação e comunicação) e Educação para a Cidadania serão lecionadas, alternadamente, de 15 em 15 dias.

GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

EXTERNATO
O NIAL
Pré-Escolar • Ensino Básico • 1.º Ciclo

HORÁRIO AULAS ALTERNADAS 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

TURMA 1º E 2º ANOS

1º PERÍODO

30/09	ED. PARA A CIDADANIA	07/10	TIC	14/10	ED. PARA A CIDADANIA	21/10	TIC	28/10	ED. PARA A CIDADANIA	04/11	TIC
11/11	ED. PARA A CIDADANIA	18/11	TIC	25/11	ED. PARA A CIDADANIA	02/12	TIC	09/12	ED. PARA A CIDADANIA	16/12	TIC

2º PERÍODO

06/01	ED. PARA A CIDADANIA	13/01	TIC	20/01	ED. PARA A CIDADANIA	27/01	TIC	03/02	ED. PARA A CIDADANIA	10/02	TIC
17/02	ED. PARA A CIDADANIA	24/02	TIC	10/03	ED. PARA A CIDADANIA	17/03	TIC	24/03	ED. PARA A CIDADANIA	31/03	TIC

3º PERÍODO

28/04	ED. PARA A CIDADANIA	05/05	TIC	12/05	ED. PARA A CIDADANIA	19/05	TIC
26/05	ED. PARA A CIDADANIA	02/07	TIC	09/07	ED. PARA A CIDADANIA		

* TIC (técnicas de informação e comunicação) e Educação para a Cidadania serão lecionadas, alternadamente, de 15 em 15 dias.

XVI – Dia de Observação (Relatório Diário + Observação Naturalista)

Nome : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Escola : Externato O Nial

Relatório Diário

Data : 28 de outubro de 2013

1. Situações de aprendizagem	Previstas e realizadas	Previstas e não realizadas	Não previstas e realizadas	Notas
Português – 2.º ano Leitura e Escrita LE1 Estudo do Meio – 2.º ano Bloco 2 – A descoberta de si mesmo Matemática – 2.º ano Números e Operações Português – 1.º ano	*			
2. Domínios, Metas Curriculares/Objetivos, e Descritores de Desempenho		3. Objetivos específicos		
4. Detecção de situações críticas (comportamentos evidenciados e situações que os originaram)				
Professora Estagiária		Alunos/Crianças		
		A M. não realiza nada sem o auxílio constante da professora. Muitas das vezes só a presença e quanto basta para ela conseguir responder a algo, autonomamente. Demonstra uma grande falta de concentração.		
5. Descritivo e análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações.				
Descritivo – 2.º ano As crianças do 2.º ano realizaram hoje uma prova de avaliação de Português. A professora começou por distribuir a prova e procedeu à leitura da mesma, explicando alguns pontos que, à partida, seriam mais difíceis de interpretar. As crianças foram levantando algumas questões, algumas delas pertinentes, demonstrando desde logo, compreensão do que estavam a ler e do que tinham de fazer. A prova não apresentou um grande grau de dificuldade mas, às crianças com mais dificuldades, prestámos assistência quase constante para que as mesmas conseguissem ultrapassar alguns obstáculos. Outras houve que questionavam as professoras só ocasionalmente. Conforme foram terminando a prova, as crianças coloriram os desenhos na prova apresentados. Chegado o tempo de limite para a concretização do teste, as crianças puderam ir ao intervalo, que se realizou um pouco mais cedo que o habitual. A professora estagiária propôs ficar mais algum tempo na sala para que as crianças mais atrasadas conseguissem terminar ou, pelo menos, realizar				

mais algumas questões.

Depois do intervalo, as crianças realizaram uma ficha de consolidação/revisão de Estudo do Meio. A resolução passou por várias etapas, sendo que a primeira foi de leitura, pela professora, por forma a uma melhor interpretação por parte das crianças e a serem colocadas as dúvidas que ocorressem. Foram revistos alguns conceitos com a colaboração de todos. Após essa etapa, as crianças procederam à concretização da ficha, chamando a professora sempre que necessário.

Para terminar a manhã, fizeram uma ficha de matemática, do manual, para que conhecimentos fossem aplicados e aprendizagens consolidadas.

Descritivo – 1.º ano

Análise crítica/reflexiva e possíveis reformulações

Lidar com grupos/classes heterogêneas não é fácil. Todos exigem a nossa atenção e esta tem de ser distribuída por todos e para todos. A manhã de hoje decorreu como planeada pela professora titular mas houve, a nosso ver, momentos de impasse pois...as crianças não são todas iguais e têm ritmos de trabalho diferente. Um professor tem de estar preparado para tal, com tarefas extra para dar àqueles que vão mais adiantados nos afazeres da aula e que, por sentirem uma quebra no ritmo de trabalho podem cair em desmotivação, tanto do momento como do contexto. Há que contornar essas eventuais situações tendo planeadas atividades complementares que possam preencher momentos de quebra pelas crianças.

6. Auto reflexão; Análise das interações quer com os outros adultos quer com as crianças.

Análise da capacidade para gerir a ação educativa e capacidade de empenhamento.

Muitas vezes, em contexto de sala de aula (e não só!), a inatividade é geradora de indisciplina. Momentos em que as crianças sentem que nada têm para fazer são pontes para conversas inoportunas, para risadas, para distração de si próprias e das outras. Para que isso não aconteça, e para que a aula seja um palco de participações adequadas, tanto do professor como das crianças, há que criar estratégias que passam pela comunicação, pelo trabalho autónomo, pela colaboração entre pares. Segundo Estanqueiro (2010), "Uma boa comunicação do professor com os alunos e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem (Estanqueiro.2010.p.33). Cabe pois, ao professor, estabelecer regras e estratégias de participação em contexto de sala de aula, tanto ao nível de comportamento como ao nível de trabalho autónomo, para que o aluno saiba, à partida, como se há-de comportar e o que há-de fazer em todos os momentos do dia, dentro da sala de aula.

Observação Naturalista

Assinatura _____

Professora : Elsa Rosa	Sala : 1.º e 2.º anos
Estagiária : Paula Alexandra Silva	
Presenças : 4+11=15	Faltas : 0
Atividade : Conversa sobre "as malas" - 1.º ano	
Data da observação : 28/10/13	Início : 09,15 h. Fim : 09,35 h
Competências a desenvolver : - Escutar os outros e esperar pela sua vez para falar; - Ser capaz de expressar a sua opinião sobre o tema da conversa; - Contribuir na discussão a pares ou em pequeno grupo; - Interagir verbalmente de uma forma confiante, partilhando ideias e sentimentos.	
Organização de espaço/materiais: crianças sentadas nos seus lugares, à volta da "ilha de trabalho do 1.º ano".	

Tempo	Situação/atividade	Registo de observação	Inferências e notas
9,15 h	Início da conversa	O D. está sentado no seu lugar e, assim que a professora começa a falar quer logo intervir.	Nem sabe o tema da conversa.
09,18 h		Depois da professora começar a falar de malas, o D. começou logo a falar da sua mala da escola que se chamava mochila.	Não esperou pela sua vez.
09,20 h		Uma colega estava a falar da sua mala e o D. interrompeu a colega para expressar a sua opinião sobre a descrição que a colega estava a fazer.	Embora mostrasse estar com atenção, tornou a não esperar a sua vez para intervir.
09,23 h		A professora e as crianças começaram a falar sobre as diferentes funções das várias malas. O D. quis ser o primeiro a falar e falou de uma mala de viagem que usava para ir para casa dos avós.	Fez uma descrição pormenorizada da sua mala e questionou os colegas se tinham percebido como era a mala.
09,29 h		Lembrou-se que a mãe também tem uma mala de viagem que é maior do que a dele, porque, explicou ele, as roupas da mãe também são maiores.	Notou-se que, o tempo que esteve sem falar, esteve a arranjar motivo para intervir.
09,35 h		Até ao momento não fez mais intervenções.	

Síntese e pistas explicativas

O D. é uma criança que gosta muito de conversar e consegue manter uma conversa, utilizando vocabulário e expressões adequadas ao tema da mesma. Constrói bem as frases, para a faixa etária e nível de desenvolvimento tendo, no entanto, dificuldade na articulação de algumas palavras, muito por querer falar primeiro que os outros e mais depressa para conseguir calar os que estão a falar. Muitas das vezes, faz intervenções disparatadas, não porque estão descontextualizadas mas porque não intervém no momento certo. De qualquer forma, é uma criança que respeita os outros e que consegue interagir com o grupo e com os adultos com confiança. Partilha ideias e não se intimida de partilhar sentimentos. O seu grande problema é ainda não saber esperar pela sua vez, não porque não sabe que o tem de fazer mas porque não consegue ainda respeitar esse princípio.

XVII – Exemplo de Ficha de Caracterização Individual

CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL DO ALUNO

Data: outubro de 2013

Nome: J.P.

Idade: 6 anos

Ano de escolaridade: 1.º ano

Avaliação do Bem-Estar Emocional e da Implicação	
O J.P. é uma criança do género masculino, com 6 anos de idade. Vive com os pais e com uma irmã bastante mais velha (20 anos). Segundo inquérito preenchido pelos pais no início do ano letivo, o J.P. gosta da escola e de estudar. Tem como passatempos favoritos ver desenhos animados, jogar futebol e andar de bicicleta. Frequenta esta escola desde este ano letivo e, embora interaja com adultos e crianças, não oraliza neste ambiente. Os pais dizem que em casa fala muito e revela gostar desta escola assim como dos adultos e crianças que frequentam a mesma. Gosta de ser elogiado, não denota muita concentração e distrai-se com facilidade. Não demonstra muito interesse nem muita motivação para as atividades embora depois as realize com evidente prazer. Frequenta atividades extra-curriculares: Pantomina(música).	
Avaliação das aprendizagens em domínios essenciais	Motoricidade: Não revela problemas ao nível da motricidade fina nem da motricidade grossa, utilizando e movimentando bem o corpo em diversas situações. Literacia: Compreende o discurso oral mas não oraliza. Tem consciência das diferentes funções da escrita e sabe que cada código, oral e escrito, tem normas próprias, embora depois não as utilize, no caso do código oral. Numeracia: Tem adquiridas noções de espaço, de tempo e de quantidade, próprias para esta altura das aprendizagens. Proficiência Tecnológica: Tem conhecimentos do mundo físico-social e revela algumas competências nas áreas das expressões.
Avaliação da Competência Social	Interage com crianças e adultos mas sem oralizar.
Observação Técnica- Terapia da Fala em contexto de sala de aula: Será importante receber feedback da avaliação em psicologia, pois esta criança não oraliza em ambiente escolar.	
É uma criança que está à vontade no ambiente educativo, embora não interaja oralmente. Vê-se que gosta da escola, tanto dos adultos como dos colegas, e está sempre feliz dentro do seu mundo introvertido.	

XVIII – Exemplos de instrumentos de registo/avaliação

REGISTO DE OBSERVAÇÃO / AVALIAÇÃO

ESTUDO DO MEIO: ATIVIDADE EXPERIMENTAL

Externato O Nial
2º ano de escolaridade

Data: 30 de janeiro de 2014

Nomes das Crianças	B	L	P	C.N	MI	F	C.M	D	M	DI	A.M
Explicita a questão em estudo											
Regista o que prevê											
Regista o que identificou											
Faz interpretações coerentes com o que observou/identificou											
Participa na discussão/debate											
Ajuda na arrumação do material utilizado											

Ⓢ Marcar com uma cruz onde se verificar o comportamento/competência

REGISTO DE OBSERVAÇÃO / AVALIAÇÃO

COMPREENSÃO DA NARRATIVA

Externato O Nial
Sala: 2º ano de escolaridade

Data : 06 de janeiro de 2014

Nomes das Crianças	B	L	P	C.N	M	F	C.M	D	M	D	AM
Está atenta e interessada											
Está distraída											
Está sossegada, mas não muito interessada											
Faz comentários ou verbalizações a)											
Demonstra estratégias de compreensão b)											

a) Comentários ou verbalizações : acerca das personagens, de objetos, de emoções, de ações e de opiniões.

b) Estratégias de compreensão : tem comportamentos que mostram tentativas de compreensão tais como, autocorreções, faz perguntas para a compreensão.

REGISTO DE OBSERVAÇÃO / AVALIAÇÃO

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA: Descoberta e Organização progressiva de superfícies

Externato O Nial
2º ano de escolaridade

Data : 09 de janeiro de 2014

Nomes das Crianças	FA	CM	DA	M	DI	AM	CN	MI	P	B	L
Conhece e cumpre as regras de utilização dos materiais											
Usa o lápis de carvão corretamente											
E capaz de colorir num espaço limitado											
Utiliza corretamente as cores											
Tem cuidado na apresentação do trabalho											
Criatividade /expressividade											

Ⓢ Marcar com uma cruz onde se verificar o comportamento/competência

REGISTO DE OBSERVAÇÃO DE LEITURA – AVALIAÇÃO

Ano de escolaridade: 2.º ano

Data da observação – avaliação: 13 de novembro de 2013

	Leitura silabada	Leitura fluente	Omissões de palavras	Produções não contempladas
P.				
A.M.				
MI.				
D.				
DI.				
M.				
L.				
B.				
C.N.				
F.				
C.M.				

REGISTO DE AVALIAÇÃO: CALIGRAFIA E ORTOGRAFIA

Ano de escolaridade: 2.º ano

Data da observação – avaliação: 13 de novembro de 2013

	Caligrafia	Ortografia
P.		
A.M.		
MI.		
D.		
DI.		
M.		
L.		
B.		
C.N.		
F.		
C.M.		

Classificação caligrafia: Muito bom; Bom; bom; Suficiente; Insuficiente.

Classificação ortografia: número de palavras escritas incorretamente.

Registo de observação de Leitura Avaliação da decifração – transcrição fonética

Nome: _____

Data: ____/____/____

Tempo: _____

N.º de palavras: 52

A _____ girafa _____

A _____ girafa _____ vive _____ em _____ África _____, na _____ savana _____.

Vive _____ em _____ manadas _____.

O _____ pelo _____ da _____ girafa _____ é _____ castanho _____ alaranjado _____ com _____ manchas _____.

A _____ girafa _____ é _____ o _____ animal _____ mais _____ alto _____ do _____ mundo _____, chegando _____ a _____ ter _____ 6 _____ metros _____, a _____ altura _____ de _____ três _____ homens _____ e _____ uma _____ criança _____. Pesa _____ quase _____ 1000 _____ quilogramas _____, mais _____ do _____ que _____ um _____ automóvel _____!

Nome: _____

Data: ____/____/____

Tempo: _____

N.º de palavras: 46

A _____ girafa _____ alimenta-se _____ de _____ folhas _____ das _____ árvores _____, e _____ é _____ por _____ isso _____ que _____ tem _____ o _____ pescoço _____ tão _____ comprido _____, para _____ lhes _____ chegar _____ facilmente _____.

Quando _____ uma _____ mãe _____ girafa _____ vai _____ ter _____ um _____ bebé _____ tem _____ de _____ esperar _____ 450 _____ dias _____, ou _____ seja _____, 15 _____ meses _____. Normalmente _____ só _____ tem _____ uma _____ cria _____ de _____ cada _____ vez _____.

Anexo XIX – Planificação/Anexos 11 e 11A de 27 de novembro de 2013

Nome da estagiária : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Data : 27 de novembro de 2013

Escola : Externato O Nial

Ano de escolaridade: 1º ano e 2º ano

Planificação Diária

Dominios de referência: Oralidade, Iniciação à Educação Literária e Leitura e Escrita

Domínio:	Metas de Aprendizagem/Objetivos	Descritores de Desempenho	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espaco/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
Oralidade O1 e O2	Meta 1) Respeitar regras da interação discursiva	1) Escutar os outros e esperar pela sua vez para falar.	- Apresentação do livro «O Menino que nasceu em dezembro », de António Torrado, (anexo 11)	- As crianças deverão sentar-se nas cadeiras, dispostas na sala em formação circular. A professora toma parte nessa formação. Será apresentado o livro «O Menino que nasceu em dezembro» e serão revistos conceitos acerca do material escrito: capa, contracapa, lombada identificação do autor e do ilustrador, entre outros. Após a revisão dos conceitos, as crianças deverão preencher a checklist de auto-avaliação.	- Foto das crianças a preencherem as grelhas de registo (anexo 11a)
Leitura e Escrita LE2	Meta 4) Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor Meta 13) Elaborar e aprofundar conhecimentos	1) Responder adequadamente a perguntas 2) Preencher grelhas previamente elaboradas	- Preenchimento de grelhas de registo (anexo 11)		- Checklist de auto-avaliação de comportamentos emergentes de leitura. (anexo 11a)
Iniciação à Educação Literária IEL1	Meta 17) Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.	1) Antecipar conteúdos com base nas ilustrações e no título.	- Antecipar o tema do livro através do título e das imagens: dinâmica entre o produtor e o ouvinte/leitor, no sentido de se revalorizar este género literário.	- Criar expectativas sobre a leitura da obra Coletivamente, através da oralidade, as crianças deverão antecipar o conteúdo da história com base no título e nas ilustrações, que serão apresentados.	
Leitura e Escrita LE2	Meta 17) Planificar a escrita de textos.	1) Formular as ideias-chave relacionadas com um tema.	- Registo escrito do conteúdo antecipado pelas crianças- "Saco de ideias" (anexo 11)	- Deverá ser registado o conteúdo do texto antecipado pelos alunos, recorrendo a uma atividade: «Saco de ideias», com recurso a vários materiais (anexo 11). O painel deverá ser escrito pela professora mediante as informações orais das crianças. O mesmo deverá ser exposto na sala.	- Painel "Saco de ideias" com os registos orais das crianças. (anexo 11a)
Iniciação à Educação Literária IEL1	Meta 16) Ouvir ler e ler textos literários	1) Ouvir ler e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.	- Leitura em voz alta, pela professora, do livro "O Menino que nasceu em dezembro"	- A professora deverá posicionar-se por forma a todos manterem contacto visual. - Será relembrada a importância de ler com tom de voz e entoação apropriados evidenciando a expressividade dos sinais de pontuação.	
IEL2	Meta 20) Compreender o essencial dos textos escutados e lidos	3) Interpretar as intenções e as emoções das personagens de uma história. 5) Recontar uma história ouvida	- Exploração do conteúdo da história tendo como finalidade a compreensão. - Confrontar as previsões feitas com o conteúdo do texto. - Reconto coletivo (oral).	- Após a leitura de toda a história, explorar, oralmente, a compreensão de todo o texto ou de partes específicas do mesmo (parágrafos, frases, expressões, palavras) e interligações entre as partes específicas. - Deverá ser visualizado o painel anteriormente realizado "Saco de ideias", para que as crianças confrontem as previsões que fizeram de início com o conteúdo real da história. - Oralmente e coletivamente, as crianças deverão recontar a história ouvida ler, tendo atenção às personagens e à sequência temporal. Se necessário, proceder à visualização das ilustrações do livro.	
	Meta 22) Ler em termos pessoais	1) Ler, por iniciativa própria.	- Preenchimento de uma grelha de registo das obras lidas ao longo do ano: "Os livros que já li". (anexo 11)	- Será distribuída pelas crianças uma folha, intitulada "Os livros que já li", onde consta uma grelha que estas deverão, preencher, ao longo do ano, com as obras que vão lendo. O objetivo é fomentar a leitura e criar bons leitores. Es-	- Foto das crianças a preencherem as grelhas de re-

				ta folha/grelha será colocada no cantinho da leitura.	gisto. (anexo 11a)
Gramática G2	Meta 25) Compreender formas de organização do léxico	1) A partir de atividades de oralidade e de leitura, verificar que há palavras que pertencem ao mesmo campo lexical	- Jogo das palavras/Campo lexical de Natal: "O Natal é..." Em anexo: - lista de palavras dos cartões fornecidos. - material para a atividade. (anexo 11)	- As crianças deverão permanecer na formação do início da aula. Será realizado um jogo em que as crianças terão de identificar as palavras relacionadas com o Natal (Campo lexical). Será colocado um flanelógrafo num local de fácil acesso. Dentro de um saco de tecido (saco do Pai Natal) serão colocados vários cartões e em cada um deles está escrita uma palavra que poderá, ou não, pertencer ao campo lexical da palavra Natal. À vez, cada criança deverá tirar do saco um cartão e ler a palavra escrita nesse cartão. Se a palavra pertencer ao campo lexical definido, coloca o cartão no flanelógrafo. Caso contrário, põe o cartão de parte.	
Leitura e Escrita LE1	Meta 15) Transcrever e escrever textos	1) Transcrever um texto		- Será lançado um novo desafio: a realização de um "Livro de Receitas de Natal". A pesquisa deverá ser realizada em casa, preferencialmente com a participação dos pais. Posteriormente, todos os trabalhos/receitas deverão ser revistos e passados para uma folha própria. Posteriormente, serão compilados por forma a ser elaborado um livro de receitas.	

Observações complementares sobre a organização da planificação da prática educativa :

Todas as atividades foram planeadas tendo em vista a participação dos dois anos de escolaridade (1º e 2º anos) presentes em contexto de sala de aula. A planificação foi elaborada segundo as Metas Curriculares de Português para o 1º e 2º anos do Ensino Básico. O livro escolhido, "O Menino que nasceu em dezembro", de António Torrado, é um livro que consta na Coleção de 10 histórias do Manual de Português do 2º ano de escolaridade, "A grande Aventura". Serão trabalhados, posteriormente, excertos deste livro em contexto de sala de aula, pelo 2º ano. A planificação da prática educativa foi organizada para ser implantada durante um dia, embora possa ser prolongada por mais tempo, se o interesse e motivação das crianças assim o demonstrarem. Há inúmeras atividades que podem decorrer das apresentadas nesta planificação e que vão ao encontro do Programa e das Metas Curriculares.

Proposta de atividades alternativas/complementares :

- Montagem de um presépio na sala de aula (com figuras cartonadas e com uma estaca). As figuras deverão ser espetadas numa base (esferovite ou com terra) e essa base deverá ser coberta de musgo.

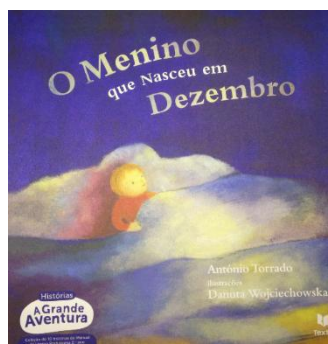
Observações (aspetos a ter em conta como: passeios/visitas, situações festivas, alunos com nee,...)

- Todos os alunos deverão participar em todas as atividades propostas/planeadas, não se prevendo dificuldades na concretização de nenhuma delas.

ANEXO 11

- CAPA DO LIVRO " O MENINO QUE NASCEU EM DEZEMBRO";
- CHEK LIST – AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS EMERGENTES DE LEITURA;
- "SACO DE IDEIAS": O QUE O TÍTULO E AS IMAGENS SUGEREM;
- "OS LIVROS QUE JÁ LI!" - GRELHA PARA REGISTO DAS OBRAS LIDAS AO LONGO DO ANO LETIVO;
- JOGO DE PALAVRAS (lista das palavras apresentadas): CAMPO LEXICAL DE NATAL - "O NATAL É...";
- MATERIAL PARA A ATIVIDADE:"O NATAL É...".

- Capa do livro: "O Menino que nasceu em Dezembro"



- Jogo de Palavras: Campo Lexical de Natal – “O Natal é...”

CAMPO LEXICAL DE “NATAL”

Palavras em cartões pertencentes ao campo lexical:

- | | |
|-----------------|--------------|
| - Natal; | - Enfeites; |
| - Presépio; | - Bolas; |
| - Jesus; | - Fitas; |
| - Maria; | - Presentes; |
| - José; | - Luzes; |
| - Gaspar; | - Estrelas; |
| - Belchior; | - Pinheiro; |
| - Baltazar; | - Burro; |
| - Reis Magos; | - Vaca; |
| - Pastores; | - Camelos; |
| - Manjedoura; | - Família; |
| - Belém; | - Festa; |
| - Árvore Natal; | - Palha; |
| - Pai Natal; | - Ovelhas; |
| - Filhós; | - Sonhos; |
| - Bolo-Rei; | - Bacalhau; |
| - Renas; | - Anjo; |
| - Trenó; | - (...) |

Palavras em cartões não pertencentes ao campo lexical:

- | | |
|-----------|--------------|
| - Leão; | - Candeeiro; |
| - Prédio; | - Lago; |
| - Carro; | - Televisão; |
| - (...) | |

- Material para a atividade: “O Natal é...”



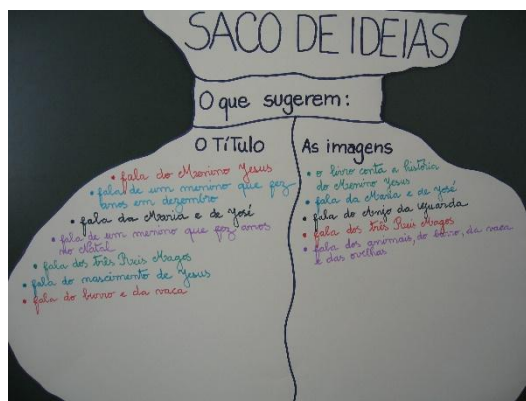
ANEXO 11a

- FOTO DAS CRIANÇAS DURANTE O PREENCHIMENTO DAS GRELHAS DE REGISTO;
- CHEK LIST – AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS EMERGENTES DE LEITURA;
- FOTO DO PAINEL “SACO DE IDEIAS”;
- FOTOS DAS CRIAA PREENCHEREM AS GRELHAS “OS LIVROS QUE JÁ LI”.

- Fotos das crianças durante o preenchimento das grelhas de registo



- Foto do painel “Saco de Ideias”



- Fotos das crianças a preencherem as grelhas “Os livros que eu já li”



Anexo XX – Planificação/Anexos 21 e 21A de 6 de janeiro de 2014

• Planificação Diária

Nome da estagiária : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Data : 06 de janeiro de 2014

Escola : Externato O Nial

Ano de escolaridade: 1º ano e 2º ano

Horário : 9:00 h – 11:00 h
11:30 h – 12:45 h

Planificação Diária

Dominios de referência: Oralidade, Iniciação à Educação Literária e Leitura e Escrita

Domínio:	Metas de Aprendizagem/Objetivos	Descritores de Desempenho	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espaco/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
Oralidade O1 e O2	Meta 1) Respeitar regras da interação discursiva	1) Escutar os outros e esperar pela sua vez para falar.	- Apresentação do livro «Os três reis do oriente» de Sophia de Mello Breyner Andresen (anexo 21)	- As crianças deverão sentar-se nas cadeiras, dispostas na sala em formação circular. A professora toma parte nessa formação. Será apresentado o livro «Os três reis do oriente»	
Iniciação à Educação Literária IEL1	Meta 4) Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor.	1) Responder adequadamente a perguntas			
	Meta 17) Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.	1) Antecipar conteúdos com base nas ilustrações e no título. 2) Antecipar conteúdos mobilizando conhecimentos prévios.	- Antecipar o tema do livro através do título e das imagens da capa. Poderão recorrer a conhecimentos prévios sobre o tema. (anexo 21)	- Criar expectativas sobre a leitura da obra Coletivamente, através da oralidade, as crianças deverão antecipar o conteúdo da história com base no título e nas ilustrações da capa do livro. A professora deverá participar fornecendo novas informações e conhecimentos.	
Leitura e Escrita LE2	Meta 17) Planificar a escrita de textos.	1) Formular as ideias-chave relacionadas com um tema.	- Registo escrito do conteúdo antecipado pelas crianças- "Deserto de ideias" (anexo 21)	- Deverá ser registado o conteúdo do texto antecipado pelos alunos, recorrendo a uma atividade: «Deserto de ideias». O painel (em anexo) deverá ser elaborado no quadro, pela professora, medi-	
				ante as informações orais das crianças. O mesmo deverá ser posteriormente passado para papel.	- Painel "Deserto de ideias" com os registos orais das crianças. (anexo 21a)
Iniciação à Educação Literária IEL1	Meta 16) Ouvir ler e ler textos literários	1) Ouvir ler e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.	- Leitura em voz alta, pela professora, do livro "Os três reis do oriente - Gaspar"	- A professora deverá posicionar-se por forma a todos manterem contacto visual. - Será relembrada a importância de ler com tom de voz e entoação apropriados evidenciando a expressividade dos sinais de pontuação. Será também explicado que o livro está dividido em três partes (três reis) e que vamos ouvir e falar de cada uma delas individualmente. Será também explicado que o livro não tem ilustrações e por isso não estará voltado para as crianças.	
IEL2	Meta 20) Compreender o essencial dos textos escutados e lidos	3) Interpretar as intenções e as emoções das personagens de uma história. 5) Recontar uma história ouvida	- Exploração do conteúdo da história tendo como finalidade a compreensão, utilizando estratégias para a compreensão de textos narrativos. (anexo 21) - Reconto coletivo (oral). O reconto terá como finalidade o preenchimento do esquema de mapeamento daquela parte da história / Gaspar. (anexo 21)	- Após a leitura da história / Gaspar, explorar, oralmente, a compreensão de todo o texto ou de partes específicas do mesmo (parágrafos, frases, expressões, palavras) e interligações entre as partes específicas. - Oralmente e coletivamente, as crianças deverão recontar a história ouvida ler, tendo atenção às personagens e à sequência temporal. No quadro, a professora deverá criar um esquema de mapeamento e deverá ir escrevendo as verbalizações das crianças. Deverá explicar às mesmas a funcionalidade do mapeamento como consulta futura. O mesmo deverá ser posteriormente passado para papel.	
		3) Interpretar as intenções e as emoções das personagens de uma história.	- Exploração do conteúdo da história tendo como finalidade a compreensão, utilizando estratégias para a compreensão de textos narrativos.	- Após a leitura da história / Melchior, explorar, oralmente, a compreensão de todo o texto ou de partes específicas do mesmo (parágrafos, frases, expressões, palavras) e interligações entre	- Mapeamento da história / Gaspar, com os registos orais das crianças (anexo 21a)

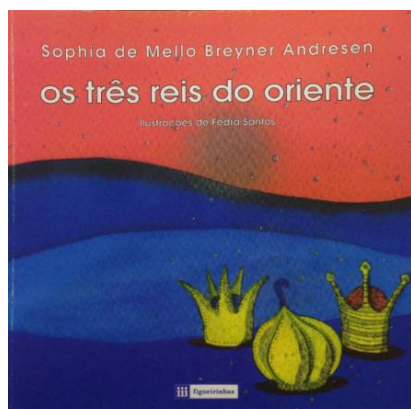
		5) Recontar uma história ouvida	(anexo 21) - Reconto coletivo (oral). O reconto terá como finalidade o preenchimento do esquema de mapeamento daquela parte da história / Melchior. (anexo 21)	as partes específicas. - Oralmente e coletivamente, as crianças deverão recontar a história ouvida ler, tendo atenção às personagens e à sequência temporal.No quadro, a professora deverá criar um esquema de mapeamento e deverá ir escrevendo as verbalizações das crianças. O mesmo deverá ser posteriormente passado para papel.	-Mapeamento da história /Gaspar, com os registros orais das crianças (anexo 21a)
		3) Interpretar as intenções e as emoções das personagens de uma história.	- Exploração do conteúdo da história tendo como finalidade a compreensão, utilizando estratégias para a compreensão de textos narrativos. (anexo 21)	- Após a leitura da história /Baltazar, explorar, oralmente, a compreensão de todo o texto ou de partes específicas do mesmo (parágrafos, frases, expressões,palavras) e interligações entre as partes específicas.	
Oralidade O2	Meta 2) Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos	5) Recontar uma história ouvida	- Reconto coletivo (oral). O reconto terá como finalidade o preenchimento do esquema de mapeamento daquela parte da história / Baltazar. (anexo 21) - Checklist de avaliação da compreensão da narrativa (anexo 21)	- Oralmente e coletivamente, as crianças deverão recontar a história ouvida ler, tendo atenção às personagens e à sequência temporal.No quadro, a professora deverá criar um esquema de mapeamento e deverá ir escrevendo as verbalizações das crianças. O mesmo deverá ser posteriormente passado para papel.	-Mapeamento da história/Baltazar, com os registros orais das crianças (anexo 21a) - Checklist de avaliação da compreensão da narrativa (anexo21a)
		2)Apropriar-se de novas palavras,depois de ouvir uma exposição sobre um tema novo.	- Apresentação de um livro em Banda Desenhada. (anexo 21) - A Banda Desenhada como narrativa icônica e literária. Breves	- As crianças deverão permanecer nos meus lugares (formação circular). Será mostrado um livro em banda desenhada como motivação para as aprendizagens que se seguirão sobre a banda dese-	
Iniciação à Educação Literária IEL2	Meta 23)Dizer e escrever, em termos pessoais e criativos.	4)Recriar pequenos textos em diferentes formas de expressão (verbal,musical,plástica,gestual e corporal)	noções sobre estrutura, balões, legendas, onomatopeias. (anexo 21) - Breve noção de como fazer uma Banda Desenhada como sendo uma narrativa, com um argumento/conceitos. (anexo 21) - Planificação da Banda Desenhada /conceitos (anexo 21) - Planificação da Banda Desenhada a concretizar - "Os três reis do oriente". Ativação de conteúdo através da memória, Seleção de conteúdo e Organização de conteúdo. (anexo 21) - Organização do conteúdo: agrupar as ideias para a produção das vinhetas da banda desenhada. (anexo 21)	nhada como forma de expressão tendo como base o caráter narrativo. Serão relevados conceitos sobre o tema com apoio no próprio livro apresentado e em materiais expostos: prancha de uma banda desenhada (bandas e vinhetas), balões de fala e de pensamento, onomatopeias (anexo 21). - Oralmente, deverá ser explicada a importância do pensar no que se quer dizer com a banda desenhada: noção de argumento. - Será também apresentada a relevância da planificação da banda desenhada como uma estratégia, um plano a definir antes da concretização da B.D.Para esta aprendizagem serão ainda utilizados os recursos anteriormente mencionados. - Começar a planificar a banda desenhada sobre a história ouvida ler: "Os três reis do oriente". Através da oralidade, as crianças deverão recordar a história (coletivamente). A seguir, e individualmente, cada criança deverá nomear duas situações que ache mais importantes na história de cada rei. - As crianças deverão retornar aos seus lugares individuais e ser-lhes-á distribuída uma folha A4 como prancha da banda desenhada da história. Cada prancha tem 6 vinhetas: duas para a história de cada rei. - Desenhar, a lápis de carvão,nas vinhetas da prancha. A professora deverá ir visualizando e realçando certos conceitos já aprendidos nas realizações gráficas das crianças.	- Trabalhos das crianças. (anexo 21a)

Iniciação à Educação Literária IEL1 IEL2	Meta 19) Meta 22) Ler em termos pessoais	1) Ler, por iniciativa própria, textos disponibilizados na Biblioteca Escolar	- Fomentar a leitura como forma de criar bons leitores. (anexo 21)	- Será lançado um novo desafio: serão levados para a sala de aula alguns livros de banda desenhada para que as crianças possam levar para casa para lerem com os pais.
Observações complementares sobre a organização da planificação da prática educativa : Todas as atividades foram planeadas tendo em vista a participação dos dois anos de escolaridade (1º e 2º anos) presentes em contexto de sala de aula. A planificação foi elaborada segundo as Metas Curriculares de Português para o 1º e 2º anos do Ensino Básico. O livro escolhido, "Os três reis do oriente", de Sophia de Mello Breyner Andresen, é um livro que consta no Plano Nacional de Leitura. O livro não foi lido na íntegra devido à complexidade de algum vocabulário e de algumas expressões e frases. Assim, a leitura foi devidamente estudada pela professora por forma a contornar essa situação e tomar a audição por parte das crianças mais atenta. Foram "lidos" resumos das histórias dos três reis, com um léxico mais adequado às faixas etárias ouvintes. A planificação da prática educativa foi organizada para ser implantada durante uma manhã. A conclusão da banda desenhada ficará programada para uma aula de Expressão Plástica a realizar ainda esta semana.				
Proposta de atividades alternativas/complementares : - Realização de coroas em cartolina e decoradas a gosto, com a utilização de vários materiais.				
Observações (aspetos a ter em conta como: passeios/visitas, situações festivas, alunos com nee,...) - Todos os alunos deverão participar em todas as atividades propostas/planeadas, não se prevendo dificuldades na concretização de nenhuma delas.				
Referências Bibliográficas: - Andresen, Sophia de Mello Breyner, <u>Os três reis do oriente</u>, Lisboa: Figueirinhas. - Barbeiro, Luís Filipe., Pereira, Luísa Álvares, Aleixo, Conceição, & Pinto, Mariana Oliveira. (2008). <u>O Ensino da Escrita: A Dimensão Textual</u>. Lisboa: Ministério da Educação. - <u>Metas Curriculares de Português – Ensino Básico – 1º Ciclo</u> (2012). Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. - Modesto, António., Alves, Cláudia, & Ferrand, Maria. (2003). <u>Manual de Educação Visual 7/8</u>. Porto: Porto Editora.				

ANEXO 21

- CAPA DO LIVRO " OS TRÊS REIS DO ORIENTE";
- RESUMO DO LIVRO (INFORMAÇÃO RETIRADA DA INTERNET);
- HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DOS REIS MAGOS (material de apoio);
- DESERTO DE IDEIA;
- ESTRATÉGIAS PARA A COMPREENSÃO DE TEXTOS NARRATIVOS (material de apoio);
- ESQUEMA DE MAPEAMENTO DA HISTÓRIA;
- CHEKLIST DE AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO DA NARRATIVA;
- CAPA DO LIVRO APRESENTADO PARA O ESTUDO DA BANDA DESENHADA;
- A BANDA DESENHADA COMO MEIO EXPRESSIVO/NARRATIVA;
- ELEMENTOS DA B.D. (material de apoio);
- MATERIAIS DE APOIO PARA APRESENTAÇÃO ÀS CRIANÇAS: PRANCHA (BANDAS E VINHETAS), BALÃO DE FALA, BALÃO DE PENSAMENTO, ONOMATOPEIAS;
- COMO FAZER UMA BANDA DESENHADA (material de apoio);
- CONCEITOS SOBRE PLANIFICAR UMA BANDA DESENHADA (material de apoio);
- PLANIFICAÇÃO DA BANDA DESENHADA A DESENHAR: "OS TRÊS REIS DO ORIENTE" - ESQUEMA DE APOIO PARA TRABALHAR ORALMENTE;
- PRANCHA PARA REALIZAÇÃO DA BANDA DESENHADA
- FOTO DOS LIVROS DE BANDA DESENHADA DISTRIBUÍDOS.

- Capa do livro "Os três reis do oriente"



- Estratégias para a compreensão de textos narrativos (Material de apoio)

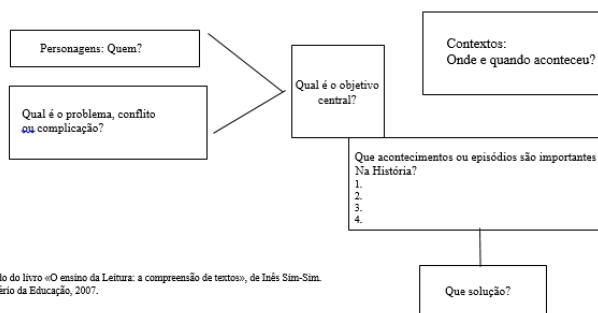
ESTRATÉGIAS PARA A COMPREENSÃO DE TEXTOS NARRATIVOS

- Compreensão global de todo o texto ou de partes específicas do mesmo (parágrafos, frases, expressões, palavras) e interligações entre as partes específicas;
- Desenvolver a interpretação, isto é, o relacionamento entre a compreensão do texto e a experiência individual do leitor;
- Contemplar a análise da estrutura intratextual (organização e forma): como se ligam os parágrafos num texto; como expressa o autor a passagem do tempo; como são caracterizadas as personagens; quais as palavras que melhor descrevem algo; etc;
- Explorar o tema central, as personagens principais, os acontecimentos determinantes, os pequenos detalhes;
- Tomar em linha de conta todos os elementos da narrativa, isto é, eventos, personagens, contextos espacial e temporal, conflitos e a sua resolução;
- Explorar o significado mais profundo do texto (subjacente ou explícito), através da discussão coletiva, para que as crianças aprendam acerca da vida, delas próprias e do poder da leitura de boas obras.

Retirado do livro «O Ensino da Leitura: A Compreensão de textos», de Inês Sim-Sim. Ministério da

- Esquema de mapeamento da história

MAPEAMENTO DA HISTÓRIA «OS TRÊS REIS DO ORIENTE» - RECONTO ORAL



Retirado do livro «O ensino da Leitura: a compreensão de textos», de Inês Sim-Sim. Ministério da Educação, 2007.

- A Banda Desenhada como meio expressivo/narrativa: elementos da BD (material de apoio)

BANDA DESENHADA

A Banda Desenhada é um meio expressivo que nasce da **linguagem icónica (das imagens)** e da **linguagem literária (do texto)**. Caracteriza-se, portanto, por ser uma narrativa icónica e literária, isto é, caracteriza-se por contar um assunto através do desenho e do texto.

Comparada com outras formas de expressão, o fator que mais se destaca na Banda Desenhada é, sem dúvida, o seu caráter narrativo, na medida em que representa um conjunto de ações, passadas em tempo e espaço determinados, sob a forma de relato.

As Bandas Desenhadas encontram-se estruturadas em planos, que se chamam **pranchas** (correspondem normalmente às páginas). Por sua vez, as pranchas dividem-se em **tiras** ou **bandas** (daí o nome banda desenhada), que são compostas por retângulos ou quadrados – as **vinhetas** –, organizados sequencialmente.

No princípio da sua história, a Banda Desenhada começou por ser uma sequência de ilustrações, a que se acrescentava um texto em baixo, como legenda. A relação texto-imagem modificou-se com o aparecimento do balão.

O balão é o espaço destinado à fala das personagens, isto é, ao diálogo entre personagens. O nome “balão” provém da sua forma, dado que é geralmente de formato redondo. Os balões de diálogo são uma leitura paralela e proporcionam uma melhor compreensão da imagem. Os balões podem ser de **fala** ou de **pensamento**. Apresentam configurações distintas e diferem de autor para autor.

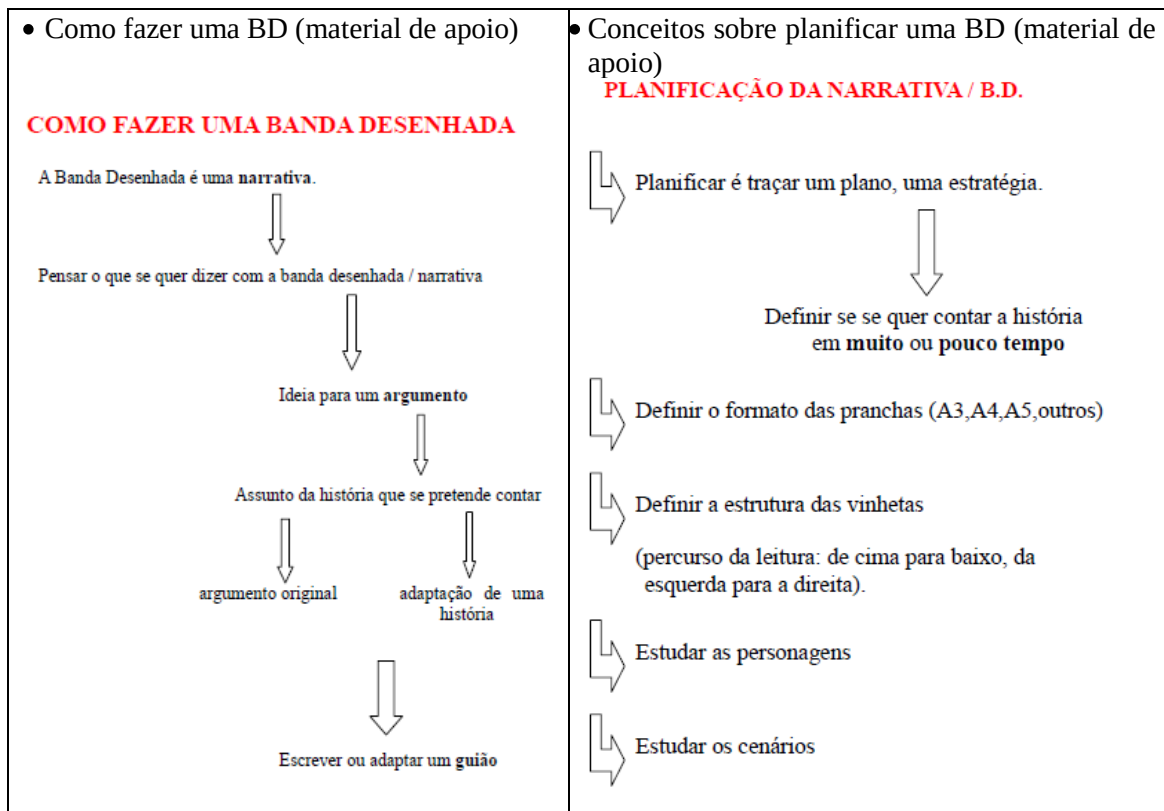
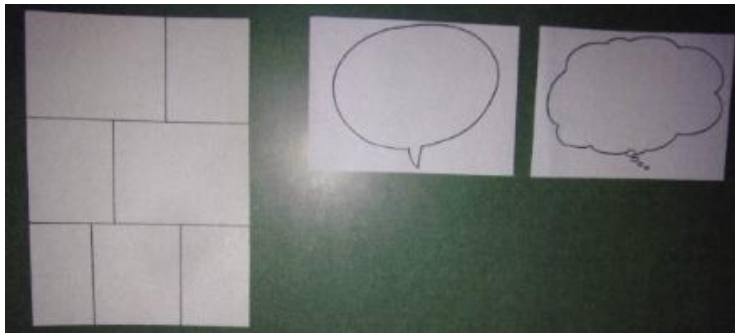
Para além dos balões de diálogo, existem outros retângulos destinados ao texto. São os **retângulos de legendas** e os **cartuchos** destinados à fala do narrador. O texto nas legendas aparece no **discurso indireto** enquanto que nos balões se utiliza o **discurso direto**.

Por vezes, os autores recorrem a letras expressivas (com um desenho próprio): são as **onomatopeias**. As onomatopeias são expressões gráficas que representam sons e ruídos como, por exemplo: *bum*, *poing*, *plaf*, *zzzz*, etc.

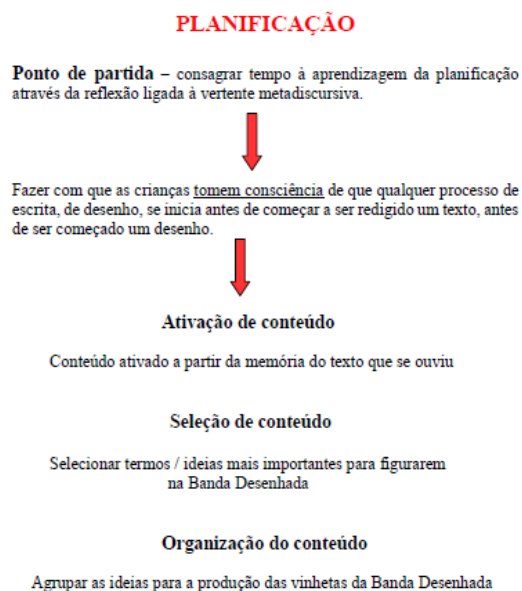
O efeito de movimento é outra característica própria da linguagem visual da Banda Desenhada. Esse efeito é criado pelas **linhas cinéticas** ou de **movimento**. As linhas cinéticas representam-se como se fossem um rasto da figura ou as posições anteriores da figura. Muitas vezes também se recorre ao trajeto do percurso.

As **metáforas visuais** são símbolos ou imagens que traduzem expressões verbais, como por exemplo: “ver estrelas”, “ideia luminosa”, ou mesmo alguns insultos e linguagem que não convém traduzir por palavras.

- Apresentação dos elementos da Banda Desenhada



- Planificação da Banda Desenhada a desenhar: esquema de apoio para trabalhar oralmente



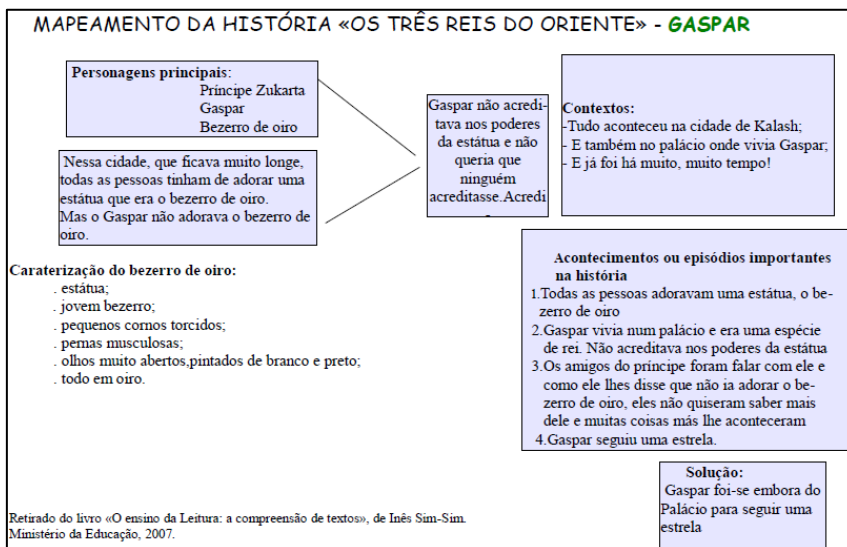
ANEXO 21a

- DESERTO DE IDEIAS;
- MAPEAMENTO DA HISTÓRIA: GASPAS;
- MAPEAMENTO DA HISTÓRIA: MELCHIOR;
- MAPEAMENTO DA HISTÓRIA: BALTAZAR;
- CHECKLIST DE AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO DA NARRATIVA;
- TRABALHOS DAS CRIANÇAS.

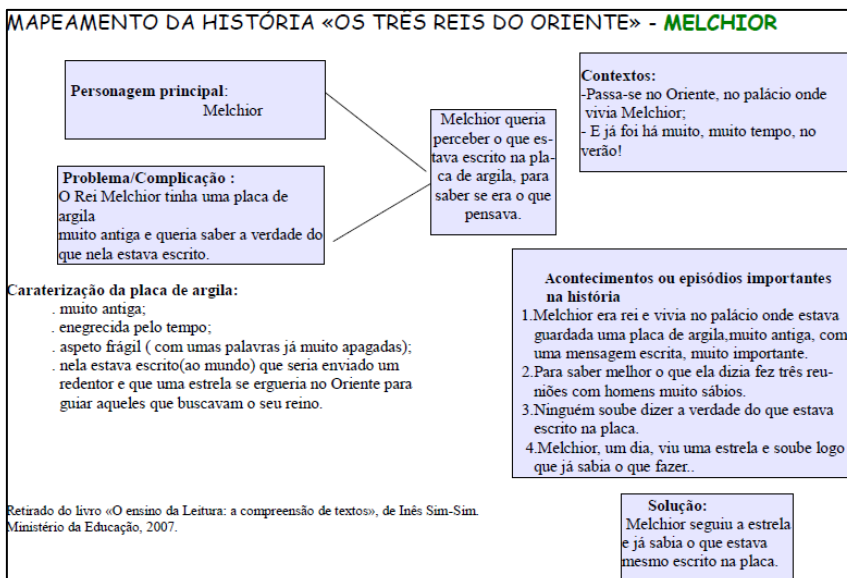
• Deserto de ideias

DESERTO DE IDEIAS	
O que o título e as imagens da capa sugerem...	
TÍTULO...	IMAGENS...
- É a história dos três Reis Magos; - São do Oriente porque eles vieram de muito longe; - É a história do caminho que eles fizeram até chegarem à cabaninha onde Jesus nasceu.	- Deixaram as coroas no chão do deserto; - Até parece que estão enterrados na areia! - Parece um deserto porque os Reis Magos andavam no deserto, mas está pintado de azul? - Se calhar também andaram pelo mar! - As coroas são diferentes porque eles não eram todos do mesmo reino; - O céu está cor de laranja por causa do brilho da estrela.

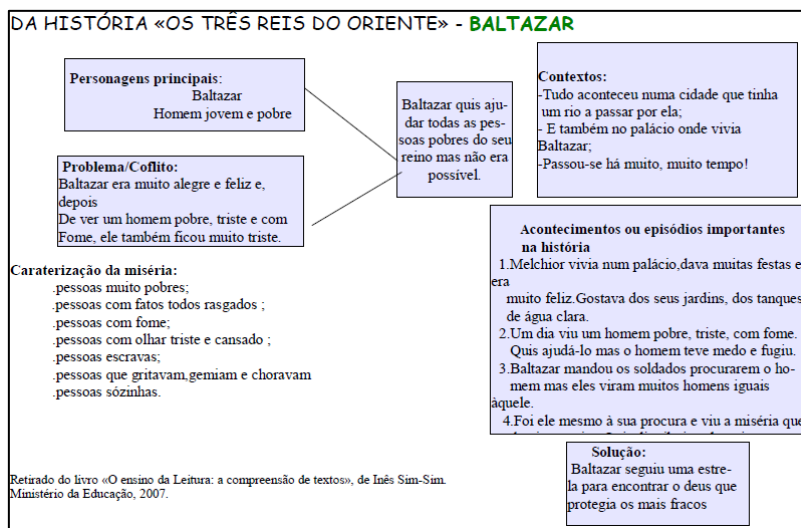
• Mapeamento da história: Gaspar



• Mapeamento da história: Melchior



- Mapeamento da história: Baltazar



- Trabalho das crianças



Anexo XXI – Planificação/Anexos 28A de 16 de janeiro de 2014

• Planificação Diária

Nome da estagiária : Paula Alexandra da Silva Carvalho Leão da Silva

Data : 16 de janeiro de 2014

Escola : Externato O Nial

Ano de escolaridade: 1º ano e 2º ano

Horário : 09:00 h - 11:00 h
11:30 h - 12:30 h

Planificação Diária

Expressão e Educação Plástica – 2.º ano

Português – 2.º ano

Estudo do Meio – 1.º ano

Bloco de conteúdo: Descoberta e organização progressiva de superfícies

Domínios de referência: Leitura e Escrita LE1

Bloco de conteúdo: A descoberta dos outros e das instituições

Bloco / Área de conteúdos	Objetivos gerais (do bloco)	Objetivos específicos	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espço/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
Bloco 2- Descoberta e organização progressiva de superfícies	- Desenho de expressão livre.	- Ilustrar de forma pessoal, explorando as possibilidades técnicas do lápis de carvão. - Explorar as possibilidades técnicas dos lápis de cor.	- Comunicar através do desenho: forma, pormenor, movimento, sequência temporal. - Expressar ideias através da utilização da cor. - Saber utilizar corretamente os materiais(lápis de cor, borracha, lápis de carvão).	- As crianças deverão concluir os desenhos das vinhetas na prancha da Banda Desenhada, utilizando o lápis de carvão. Deverão atender à caracterização das personagens, do espaço físico, da sequência temporal e da leitura das vinhetas na prancha. - Utilizar a cor (lápis de cor) para caracterizar as personagens e o espaço que as envolve.	- Trabalhos das crianças (anexo 28a)
Bloco 3- Exploração de técnicas diversas de expressão.	- Recorte, colagem e dobragem.	- Saber recortar respeitando fronteiras.	- Recortar as vinhetas da Banda Desenhada.	- Quando terminarem a pintura das vinhetas, as crianças deverão recortar as mesmas, respeitando os limites estipulados.	- Foto de criança a recortar. (anexo 28a)
Bloco 2 - Descoberta e organização progressiva de superfícies.	- Atividades gráficas sugeridas.	- Inventar sequências de imagens com ou sem palavras.	- Sequencialização temporal das vinhetas.	- Seguidamente, deverão sequencializar as vinhetas na nova prancha da B.D.	- Fotos das crianças a sequenciali-
Bloco 3- Exploração de técnicas diversas de expressão.	- Recorte, colagem e dobragem.	- Fazer composições colando. - Saber utilizar os materiais de colagem.	- Colar, sequencialmente, as vinhetas na nova prancha.	- Seguir-se-á a colagem das vinhetas, deixando espaços adequados para a posterior legendagem.	- zarem as vinhetas (anexo 28a) - Foto da criança a colar. (anexo 28a)
Domínio:	Metas de Aprendizagem/ Objetivos	Descritores de Desempenho	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espço/ materiais	Estratégia de registo de avaliação
Leitura e Escrita LE1	Meta 15) Transcrever e escrever textos.	3) Legendar imagens	- Escrever as legendas para as vinhetas em suporte de papel próprio. (anexo 28)	- Serão distribuídas umas folhas pautadas onde as crianças deverão escrever as frases adequadas para legendarem as imagens das vinhetas. As frases serão corrigidas pela professora, na presença da criança para que esta se aperceba da correção textual e nela participe.	- Exemplo de trabalho: frases escritas por criança para legendarem a B.D. (anexo 28a)
Bloco / Área de conteúdos	Objetivos gerais (do bloco)	Objetivos específicos	Situações/Experiências de aprendizagem	Estratégias : - de implementação - de envolvimento/motivação das crianças - organização do grupo/espço/ materiais	Estratégia de registo de avaliação

Observações complementares sobre a organização da planificação da prática educativa :

As atividades decorrerão no período da manhã . A distribuição das atividades por este período depende do ritmo de trabalho das crianças. A planificação foi elaborada segundo as Metas Curriculares de Português do 1.º ano mas para o 2º ano do Ensino Básico e segundo a Organização Curricular e Programas para o 1º Ciclo do Ensino Básico / Expressão e Educação Plástica,(2.º ano) e Estudo do Meio (1.º ano).

Proposta de atividades alternativas/complementares :

- Nenhuma atividade alternativa ou complementar.

Observações (aspetos a ter em conta como: passeios/visitas, situações festivas, alunos com nee,...)

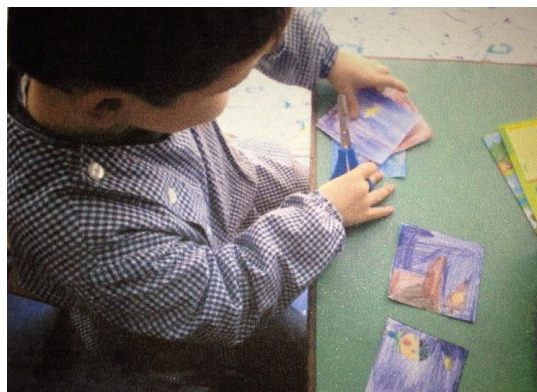
- Todos os alunos deverão participar em todas as atividades propostas/planeadas, não se prevendo dificuldades na concretização de nenhuma delas.

Referências Bibliográficas:

- Metas Curriculares de Português – Ensino Básico – 1º Ciclo.(2012).Lisboa:Ministério da Educação e Ciência.
- Organização Curricular e Programas – Ensino Básico - 1º Ciclo. (2006).Lisboa:Ministério da Educação.

ANEXO 28a

- TRABALHOS DAS CRIANÇAS;
- FOTO DA CRIANÇA A RECORTAR;
- FOTOS DAS CRIANÇAS A SEQUENCIALIZAREM AS VINHETAS NA NOVA PRANCHA;
- FOTO DE CRIANÇA A COLAR AS VINHETAS;
- EXEMPLO DE TRABALHO: FRASES ESCRITAS POR CRIANÇA, PARA LEGENDAREM A B.D.;



Anexo XXII – Exemplo de um Relatório de Avaliação Individual da Criança para Encarregados de Educação

Aos Exmos. Encarregados de Educação do Diogo F.

RELATÓRIO FINAL / AVALIAÇÃO INDIVIDUAL

Ano Letivo 2013 / 2014

Tem sido um prazer e um privilégio acompanhar o Diogo ao longo de já três anos, agora numa etapa diferente: o 1.º ano de escolaridade.

A articulação curricular, enquanto conjunto de atividades promovidas pela escola e a forma como esta se processou e ainda processa, como meio facilitador da transição entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo, foi fundamental para a aprendizagem e desenvolvimento do Diogo, num contexto de importante significado educacional e social. Educar e ensinar são, para nós, um importante pilar educativo num processo que, no 1.º Ciclo, se traduz em ensino-aprendizagem com objetivos bem definidos. O Diogo tem conseguido alcançar muitas vitórias, atingindo vários objetivos e ganhando novas competências. Está a crescer, percorrendo agora caminhos novos que lhe abrirão as portas de um futuro que se adivinha risonho.

Espero ter contribuído para o desenvolvimento do Diogo e para a sua formação.

Vou estar sempre aqui...para o Diogo e para vós.

Bem hajam!

PORTUGUÊS	. Responde adequadamente a perguntas.	X		
	. Formula perguntas e pedidos.	X		
	. Partilha ideias e sentimentos.	X		
	Resultado desejável:	Comportamento observável		
	A criança é competente ao nível da <u>Leitura e Escrita</u>	Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
	5. A criança tem um nível de desenvolvimento da consciência fonológica adequado e sabe operar com fonemas			
	. Sabe dividir silabicamente uma palavra de 2, 3 ou 4 sílabas.	X		
	. Sabe contar o número de sílabas de uma palavra.	X		
	. Sabe identificar fonemas e operar com os mesmos.	X		
	6. A criança conhece o alfabeto e os grafemas			
	. Nomeia as letras do alfabeto já suas conhecidas	X		
	. Faz correspondência entre as letras minúsculas e as maiúsculas	X		
	. Escreve as letras do alfabeto já suas conhecidas, em resposta ao nome da letra ou ao seu segmento fónico.	X		
	7. A criança lê em voz alta, pseudopalavras e textos			
	. Lê um texto com articulação e entoação a uma velocidade de leitura adequada.		X	
	8. A criança lê textos diversos.			
	. Lê pequenos textos narrativos, informativos e descritivos, poemas e banda desenhada.		X	
	9. A criança apropria-se de novos vocábulos			
	. Reconhece o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano.	X		
	10. A criança organiza a informação de um texto lido			
	. Relaciona diferentes informações contidas num texto e evidencia sequências temporais e mudanças de lugar.		X	
	. Sabe identificar tema e assunto de um texto.	X		
	11. A criança relaciona o texto com conhecimentos anteriores			

Avaliação feita com base em observações, em instrumentos de observação e registo, numa avaliação diagnóstica, em trabalhos realizados quer individualmente quer em contexto de pares/grupo, entre outros, preenchidos ao longo de um período de 4 meses e realizada em contexto de sala de aula.

Esta grelha de observação de competências está dividida pelas várias áreas curriculares e de acordo com as Metas Curriculares de Português e de Matemática para o 1.º ano do Ensino Básico e com o Programa para o 1.º Ciclo para as restantes áreas de conteúdos.

Não sendo uma avaliação sumativa de final de período, o seu preenchimento é concretizado através da colocação de um X na coluna correspondente à capacidade da criança nas várias competências, avaliando-as como **Adquiridas**, **Em Aquisição** e **Não Adquiridas**.

ÁREA CURRICULAR	Resultado desejável: <i>A criança é competente ao nível da <u>oralidade</u></i>	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
PORTUGUÊS	1. A criança respeita regras de interação discursiva			
	. Sabe ouvir os outros e espera pela sua vez para falar.		X	
	. Respeita o princípio de cortesia.		X	
	2. A criança escuta discursos breves para aprender e construir conhecimentos:			
	. Reconhece padrões de discurso: perguntas, afirmações, etc.	X		
	. Sabe assinalar palavras desconhecidas.	X		
	. Cumpre instruções.	X		
	. Refere o essencial de um texto ouvido.	X		
	3. A criança produz um discurso oral com correção			
	. Fala de forma audível.	X		
PORTUGUÊS	. Articula correctamente as palavras.		X	
	. Usa vocabulário adequado ao tema e à situação.		X	
	. Constrói frases com graus de complexidade crescente	X		
	4. A criança produz discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor			
	. Interpreta as intenções e as emoções das personagens de uma história.	X		
	12. A criança monitoriza a compreensão			
	. Sabe sublinhar num texto as frases não compreendidas e as palavras desconhecidas.		X	
	13. A criança desenvolve o conhecimento da ortografia			
	. Escreve os grafemas em falta em diferentes palavras.		X	
	. Elabora e escreve frases simples, respeitando as regras fonema-grafema.		X	
	. Deteta eventuais erros ao comparar a sua produção com a frase escrita correctamente.		X	
	14. A criança mobiliza o conhecimento da pontuação			
	. Sabe identificar e utilizar adequadamente o ponto final e o ponto de interrogação.		X	
	15. A criança transcreve e escreve textos.			
	. Sabe transcrever um texto curto de letra de imprensa para letra manuscrita.	X		
	. Sabe legendar imagens.	X		
	. Escreve textos de 3 a 4 frases.	X		
	Resultado desejável:	Comportamento observável		
	A criança é competente ao nível da <u>Iniciação à Educação Literária</u>	Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
	16. A criança ouve ler e lê textos literários			
	. Ouve ler e lê obras de literatura para a infância	X		
	17. A criança compreende o essencial dos textos escutados e lidos			
	. Antecipa conteúdos com base no título e nas ilustrações e/ou em conhecimentos prévios.	X		
	. Identifica, em textos, palavras que rimam.	X		
	. Reconta uma história ouvida.	X		
	18. A criança lê para apreciar textos literários			
	. Expressa sentimentos e emoções provocados pela leitura de textos.		X	
	19. A criança lê em termos pessoais			
	. Lê, por iniciativa própria, textos disponibilizados na Biblioteca da sala/escola.	X		
	20. A criança diz e conta, em termos pessoais e			

PORTUGUÊS	criativos			
	. Diz trava-línguas, lengalengas e poemas memorizados.		X	
	. Conta pequenas histórias inventadas.	X		
	. Recria pequenos textos em diferentes formas de expressão: verbal, plástica, musical, gestual e corporal.	X		
	Resultado desejável: A criança é competente ao nível da Gramática	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
	21. A criança descobre regularidades no funcionamento da língua			
	. Forma femininos e masculinos de nomes e adjetivos (-o ou -a).		X	
	. Forma singulares e plurais de nomes e adjetivos que seguem a regra geral.		X	
	22. A criança compreende formas de organização do léxico			
	. Verifica, na oralidade, que há palavras sinónimas e antónimas.		X	
ÁREA DO PORTUGUÊS/ OBSERVAÇÕES:				
O Diogo revela um grande desenvolvimento da linguagem oral pois tem muito interesse em comunicar, em escutar e em ser ouvido. Gosta de lidar com as palavras, quer na oralidade quer no contacto com o código escrito, para o qual revela competências. É uma criança que se exprime muito bem ao nível da oralidade, sendo no entanto notório alguns problemas ao nível da articulação de algumas palavras. Tem de aprender também a colocar a voz.				
É uma criança que já sabe adequar a sua comunicação a situações diversas, respeitando regras de cortesia.				
Na escrita, o Diogo tem feito um percurso muito positivo, denotando progressos evidentes. É uma criança muito interessada e sempre pronta para aprender assim como para realizar as tarefas propostas, esmerando-se para as executar bem. Conhece as letras do alfabeto, tanto ao nível do fonema como do grafema. Escreve frases e pequenos textos com bastante facilidade, ainda sendo notório mas natural dar alguns erros ortográficos. Tem uma caligrafia regular.				

Área Curricular	Resultado desejável: <u>A criança é competente ao nível dos Números e Operações</u>	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
	. Compreende e representa o sistema de numeração.	X		
	. Domina as técnicas de cálculo das operações.		X	
	. Canta em conjunto com os colegas	X		
	. Distingue e reproduz sons	X		
	. Reproduz sequências rítmicas	X		
	1. A criança demonstra capacidade de criação e produção ao nível da expressão plástica			
	. Desenha de forma livre	X		
EXPRESSÕES: EXPRESSÃO PLÁSTICA	. É criativo nas suas representações	X		
	. Representa a figura humana em três partes (cabeça, tronco e membros) e pormenores (unhas, sobrancelhas, pestanas, etc)	X		
	. Tem atenção na utilização correta das cores nas suas representações	X		
	. Expressa as suas vivências através do desenho	X		
	. Identifica as formas geométricas	X		
	. Utiliza corretamente a tesoura	X		
	. Preenche corretamente espaços limitados.	X		
	. Realiza composições plásticas individuais e coletivas	X		
	. Respeita as criações dos colegas	X		
	. Utiliza adequadamente os materiais da sala	X		
ÁREA DAS EXPRESSÕES /OBSERVAÇÕES:				
O Diogo tem muita facilidade em expressar-se e isso é notório nas duas vertentes das expressões avaliadas: musical e plástica. É uma criança muito expressiva e comunicativa, conseguindo transmitir os seus desejos, receios, através, por exemplo de um desenho. Vibra com a expressão plástica, área onde tem muita facilidade de alcançar sucessos.				

Área Curricular	Resultado desejável: A criança é competente ao nível do conhecimento de si, dos outros e do Mundo	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
	1. A criança demonstra curiosidade e desejo natural em compreender o mundo que a rodeia			
	. Mostra curiosidade acerca do mundo que a rodeia	X		
	. Identifica as estações do ano e respetivas mudanças climáticas	X		
	. Distingue o vestuário adequado aos diferentes estados do tempo	X		
	. Desenvolve hábitos de higiene pessoais	X		
ESTUDO DO MEIO				

MATEMÁTICA	. Resolve problemas de um passo envolvendo situações de adição e subtração.		X	
	Resultado desejável: A criança é competente ao nível da Geometria e Medida	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
	. Reconhece, no espaço, figuras geométricamente iguais.		X	
	. Reconhece partes planas e não planas em objectos.	X		
	. Identifica, representa e descreve figuras e sólidos geométricos.	X		
	. Compreende unidades de medida e respectivas grandezas.		X	
	. Diferencia dias, semanas, meses e anos.	X		
	. Sabe os dias da semana e os meses do ano.	X		
	Resultado desejável: A criança é competente ao nível da Organização e Tratamento de Dados	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
	. Representa conjuntos e identifica os seus elementos.	X		
	. Recolhe, organiza, trata e interpreta dados, de diversas formas.	X		

ÁREA DA MATEMÁTICA/ OBSERVAÇÕES:				
O Diogo é uma criança que tem um bom raciocínio lógico-matemático. Como a matemática está ligada à linguagem e o Diogo tem facilidade em refletir sobre a linguagem, aprende com facilidade e com gosto as noções matemáticas, revelando facilidade nas aprendizagens deste área.				
Área Curricular	Resultado desejável: A criança demonstra capacidade de exploração de sons e ritmos	Comportamento observável		
		Adquirido	Em aquisição	Não adquirido
	. Memoriza e reproduz canções e lengalengas	X		
	. Distingue instrumentos musicais pelo seu som		X	
	. Usa instrumentos musicais de forma livre	X		
	. Explora as propriedades sonoras do corpo	X		
	. Acompanha canções com gestos	X		
	. Canta individualmente para colegas	X		
EXPRESSÕES: EXPRESSÃO MUSICAL				

	. Desenvolve o respeito por outras culturas	X		
	. Curiosidade de saber	X		
	. Atitude crítica	X		
	. Desejo de experimentar o que é novo	X		
	. Compreende e aplica os conteúdos acerca de si mesmo.	X		
	. Compreende e aplica os conteúdos acerca do ambiente natural.	X		
	. Compreende e aplica os conteúdos acerca das inter-relações entre espaços.			
	. Compreende e aplica os conteúdos acerca dos materiais e objectos.	X		
	. Compreende e aplica os conteúdos acerca das inter-relações entre a natureza e a sociedade.	X		
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO /OBSERVAÇÕES:				
O Diogo é muito curioso relativamente ao mundo que o rodeia. Quer sempre saber mais e o porquê de ser e acontecer. Quer pesquisar, quer ler, quer que o informem... quer saber e compreender. Uma mais valia para que compreenda melhor o mundo social e físico.				

DATA DA AVALIAÇÃO: 2014 / janeiro

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: _____

Anexo XXIII – Exemplo de uma carta destinada a Técnicos Especializados por forma a ser realizado um diagnóstico



**Informação para Técnicos:
Terapeuta da Fala / Psicólogo**

Nome da criança: J.P.
Idade: 6 anos
Nível de ensino: 1.º ano de escolaridade

Serve o presente relatório para facultar informações acerca do aluno J.P., e solicitar colaboração através da realização de uma avaliação diagnóstica.

O J.P. entrou, este ano letivo, para esta Instituição. Frequentou o ensino Pré-Escolar no Externato “Nossa Senhora da Conceição” do qual não tivemos acesso a qualquer tipo de processo que acompanhasse a criança, não se verificando qualquer articulação entre instituições e profissionais inerentes.

O J.P. desde que chegou ao Externato, não oralizou, nem com outras crianças nem com os adultos pertencentes ao contexto educativo. De qualquer forma, interage, não verbalmente, mas através de contacto físico e de expressões corporais. É uma criança dócil e meiga, que “pede” carinho mas não o dá explicitamente.

Em contexto de recreio, brinca e, atualmente, procura o próximo para interagir. As outras crianças estão constantemente a chamá-lo para brincar e a motivá-lo para falar. Por vezes, o J.P. parece estar a fazer um esforço para não verbalizar. Em contexto de sala de aula, o J.P. é uma criança que facilmente se distrai, o que não facilita a atenção e concentração nas tarefas propostas. De qualquer modo, realiza as mesmas com sucesso, exceto aquelas que pedem que oralize. Muitas das vezes, o João arranja forma de comunicar as respostas a dar através de várias situações, como o simples apontar para algo ou relacionar a resposta a dar apontando para letras ou imagens que a possam sugerir.

Em conversa informal com os pais do J.P., e somente quando foram solicitados para uma reunião, estes informaram-nos que, em casa, o J.P. fala e fala muito bem quer da escola como instituição quer dos colegas e professores. Diz gostar muito da escola e está sempre pronto para ir para a mesma. Mas, também nos informaram que já são recorrentes situações familiares nas quais o J.P. se recusa a verbalizar, inclusive na presença dos avós.

Como responsáveis que também somos pela educação e desenvolvimento da criança, fizemos algumas pesquisas sobre esta situação com que nos deparámos. Não querendo de modo algum avaliar diagnosticamente, aquela que nos pareceu mais pertinente relativamente ao contexto evidenciado, tem a ver com um quadro de “Mutismo Seletivo”.

Achamos fundamental uma atempada intervenção, caso se venham a confirmar as suspeitas que se evidenciaram, visto o aluno se encontrar no 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, onde a oralidade é fundamental para o desenvolvimento das competências na leitura e na escrita e porque as mesmas estão na base de todas as outras áreas curriculares. É de extrema importância o colmatar das dificuldades apresentadas pelo João na oralização, para que o aluno consiga ultrapassar esta barreira que se lhe impõe e, consequentemente, se impõe aos outros em relação ao J.P.

Para uma melhor interiorização dos comportamentos e competências do João nas várias áreas de conteúdo, seguirá em anexo, a avaliação diagnóstica do aluno realizada pela Professora Estagiária, pensando que a mesma se possa tornar pertinente para a avaliação diagnóstica solicitada.

A Professora Titular

A Professora Estagiária

(Novembro de 2013)